

AQUISIÇÃO DOS ARTIGOS EM PORTUGUÊS POR APRENDENTES CHINESES

ACQUISITION OF THE PORTUGUESE ARTICLES BY CHINESE LEARNERS

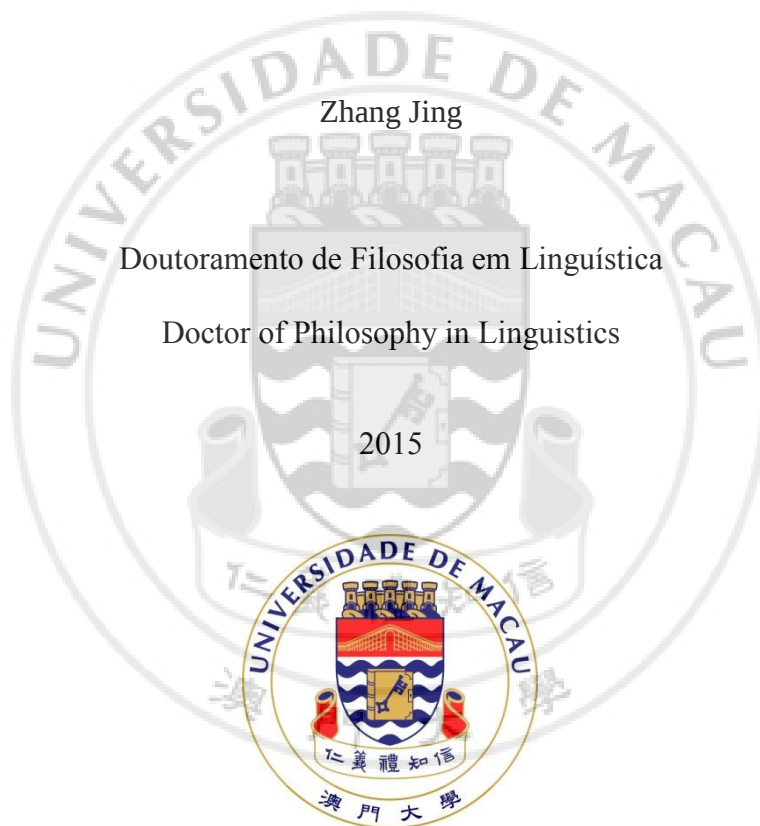
Por (By)

Zhang Jing

Doutoramento de Filosofia em Linguística

Doctor of Philosophy in Linguistics

2015



Faculdade de Letras

Faculty of Arts and Humanities

Universidade de Macau

University of Macau

AQUISIÇÃO DOS ARTIGOS EM PORTUGUÊS POR APRENDENTES CHINESES

ACQUISITION OF THE PORTUGUESE ARTICLES BY CHINESE LEARNERS

Por (By)

ZHANG, Jing

SUPERVISOR: Alan Norman Baxter

CO-SUPERVISOR: Ana Paula Cleto Godinho

Departamento de Português

Department of Portuguese

Doutoramento de Filosofia em Linguística

Doctor of Philosophy in Linguistics

2015

Faculdade de Letras

Faculty of Arts and Humanities

Universidade de Macau

University of Macau

Author's right 2015 by

ZHANG, Jing



Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço aos meus orientadores da tese: Professor Doutor Alan Norman Baxter e Professora Doutora Ana Paula Cleto Godinho, pelo apoio e inspiração no amadurecimento dos meus conhecimentos e conceitos que me levaram à execução e conclusão deste trabalho, pela maneira como me incentivaram a trilhar este caminho de investigação e me dirigiram para o alcance dos objectivos. A maior lição foi terem-me mostrado que não existem limites para se obter conhecimentos. Manifesto ainda um sincero agradecimento especial para a última professora, pelo seu carinho, auxílio, disponibilidade de tempo e material sempre com uma simpatia contagiante e amizade, que se construiu fora do espaço da universidade e, em particular, pelo seu paciente trabalho de orientação, correcção e revisão, o qual tornou possível a finalização desta tese.

Estendo os meus agradecimentos também aos Professores Doutores Maria Antónia Espadinha, Yao Jing Ming, Maria Fernanda Gil Costa e Maria José Grosso, que me apoiaram e me incentivaram nesta jornada em busca de novos horizontes.

Estou grata aos meus colegas, Dra. Ana, Dr. Aldino Dias, Doutora Ao Sio Heng, Dra. Augusta Bastos, Dra. Carla Lopes, Doutor Carlos Figueiredo, Doutor Custódio Martins, Dr. Francisco Antunes, Dra. Gao Li Li, Dr. Jorge Cavalheiro, Dra. Isabel Matos, Doutora Leonor Seabra, Doutor Máio Nunes, Dra. Paula Campos, Dra. Sara Santos, pelo apoio e solidariedade que me deram durante todo o trabalho,

em particular, pelo apoio na constituição dos *corpus* e pela disponibilização de materiais.

Os meus agradecimentos também vão para o Doutor Ng San Fan, que me deu apoio incondicional no fornecimento de materiais relacionados com a operação do programa estatístico SPSS e no esclarecimento de dúvidas, bem como para os secretários do Departamento de Português, Dra. Irene Abreu e Nuno Antunes, pelo convívio e apoio constantes.

Aos alunos que participaram directamente no trabalho de pesquisa e disponibilizaram o seu tempo para serem entrevistados e fazerem exercícios escritos no processo de recolha dos dados, o meu muito obrigado.

Por último, agradeço ao meu marido, Wang e aos meus filhos, Kun Teng, Kun Kei e Iok Seng, por me terem dado coragem e força para superar as dificuldades e, também, me fazerem sentir sempre a felicidade e a alegria de vida.

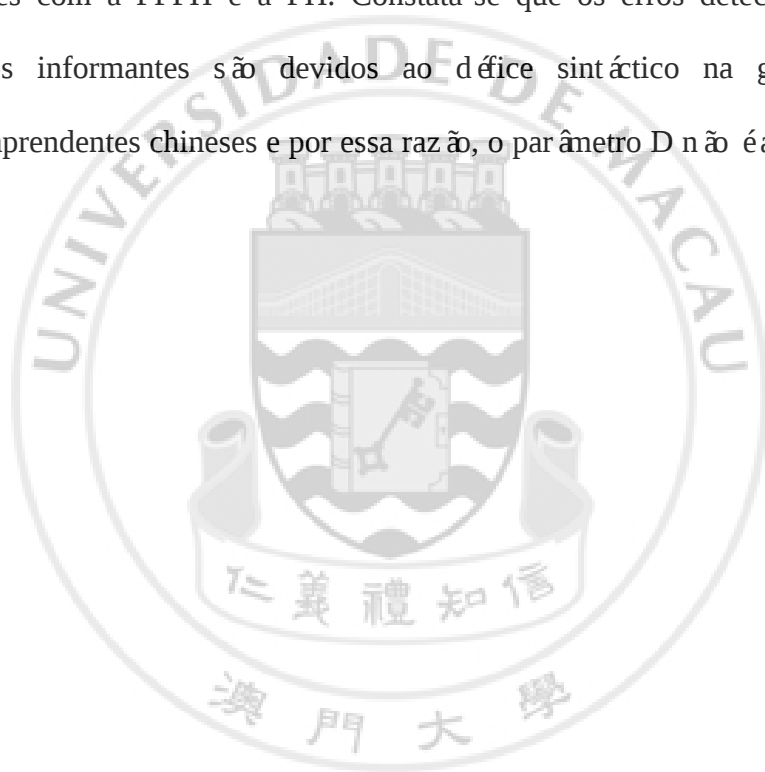
Resumo

Aquisição dos Artigos em Português por Aprendentes Chineses

Palavras-chave: aquisição, artigos em português, aprendentes chineses, restabelecimento de parâmetros

A presente tese investiga a variação na aquisição do artigo na *interlíngua* de aprendentes chineses adultos de português como L2, com o propósito de avaliar se a Gramática Universal (GU) é ainda acessível ao adulto para reconfiguração de um parâmetro morfossintático que, na língua portuguesa, possui um valor diferente daquele da sua língua materna. Após uma apreciação dos funcionamentos teóricos da GU, são apresentadas três hipóteses centrais na actual investigação da aquisição de L2: a Hipótese de Insucesso da Aquisição de Traços Funcionais (*Failed Functional Features Hypothesis*-FFFH), a Hipótese de Insucesso da Aquisição da Flexão Superficial (*Missing Surface Inflection Hypothesis*-MSIH) e a Hipótese da Flutuação (*Fluctuation Hypothesis*-FH). Para analisar a aquisição do artigo, a tese assume a Hipótese do Sintagma Determinante (SD) e realiza um estudo comparado das formas de representação de determinação nas línguas portuguesa e chinesa. Com base em investigações chave sobre a aquisição/uso do artigo, foram elaboradas onze hipóteses de trabalho sobre o condicionamento da aquisição dos artigos em português por aprendentes chineses. Para avaliar essas hipóteses, foram recolhidos dados do desempenho em português L2 de alunos universitários, por meios de três tarefas: recontar a parte de um filme, entrevista individual e elicitación forçada. No

tratamento dos dados, foi utilizado o procedimento ANOVA do pacote estatístico SPSS. O uso correcto do artigo foi tratado como variável dependente e foram avaliadas dez variáveis independentes, tanto linguísticas (semântica/pragmática do SD, posição sintáctica do SD, propriedades de nomes, estrutura interna do SD, estrutura externa do SD, traços binários) como extralinguísticas (anos de estudos, experiência escolar pré-universitária, vivência em países lusófonos, conhecimentos de outras línguas estrangeiras). Os resultados obtidos pelo tratamento dos dados estão consistentes com a FFFH e a FH. Constatase que os erros detectados no desempenho dos informantes são devidos ao défice sintáctico na gramática *interlíngua* dos aprendentes chineses e por essa razão, o parâmetro D não é adquirido totalmente.



Abstract

Acquisition of the Portuguese Articles by Chinese Learners

Keywords: acquisition, Portuguese articles, Chinese learners, parameters resetting

This thesis investigates variation in the acquisition of the article in the interlanguage of Chinese learners of Portuguese as L2, with the purpose of assessing whether Universal Grammar (GU) is still accessible to the adult for reconfiguration of a morphosyntactic parameter that, in Portuguese, has a different value from that of their mother tongue. After an assessment of the theoretical workings of GU, three central hypotheses are presented: the Failed Functional Features Hypothesis (FFFH), the Missing Surface Inflection Hypothesis (MSIH) and the Fluctuation Hypothesis (FH). To examine acquisition of the article, the thesis assumes the Determiner Phrase (SD) Hypothesis and performs a comparative study of the forms of representation of determination in Portuguese and Chinese. Based on key work in the research literature on article acquisition/use, eleven working hypotheses are proposed, concerning the conditioning of the acquisition of the Portuguese articles by Chinese learners. To evaluate these hypotheses, performance data were collected from L2 Portuguese university students, by means of three tasks: the retelling of part of a movie, individual interviews and forced elicitation. In processing the data, the ANOVA procedure of SPSS was used. The proper use of the article was treated as a dependent variable, and ten independent variables, both linguistic (semantic/pragmatic of SD, syntactic position of SD, property of nouns, internal structure of SD, external structure of SD, binary features) and extralinguistic (study

years, pre-university school experience, experience of living in Portuguese speaking countries, knowledge of other foreign languages) were evaluated. The results obtained are consistent with both the FFFH and FH. The errors detected in the performance of the informants are due to the syntactic deficit in the interlanguage grammar of Chinese learners and for this reason, the parameter D is not fully acquired.



Declaração

Declaro que a tese ora submetida é original, excepto no que se refere aos materiais de fontes explicitamente reconhecidas, e que esta tese, ou partes dela/dele, não foram submetidas anteriormente para obtenção de grau idêntico ou qualquer outro.

Declaro igualmente que estou ciente das Normas relativas à Desonestidade Académica e do Regulamento Disciplinar dos Estudantes da Universidade de Macau.



Índice

Agradecimentos	i
Resumo	iii
Declaração	vii
Índice	viii
Lista de Quadros	xvi
Lista de Figuras	xxxiv
Lista de Diagramas	xxxvi
Lista de Siglas e Abreviaturas	xxxviii

Introdução	1
-------------------------	----------

Capítulo 1 Aquisição de Segunda Língua e Restabelecimento de Valores Paramétricos

1.1 Teoria dos Princípios e Parâmetros e categorias funcionais da língua	11
1.2 Níveis de interface sintático-morfológica	16
1.3 Restabelecimento de valores paramétricos	21
1.4 Acessibilidade à Gramática Universal e restabelecimento de parâmetros	24
1.4.1 Acessibilidade à Gramática Universal	25
1.4.2 Possibilidade do restabelecimento de parâmetros	26
1.4.3 Impossibilidade do restabelecimento de parâmetros	31
1.5 Restabelecimento do valor paramétrico de definitude no processo da aquisição do português como segunda língua (L2) por aprendentes chineses	38

Capítulo 2 Estudo Sintático entre a Língua Portuguesa e a Língua Chinesa: Sintagma Determinante (SD), Sintagma Nominal e Sintagma Classificador

2.1 Hipótese do SD	42
2.1.1 Proposta da Hipótese do SD	42
2.1.2 Interação do traço de concordância com o determinante ...	47
2.2 SD em português	52

2.2.1	SD e posição sintática do artigo em português	52
2.2.2	Nomes nus em português	54
2.2.3	Natureza clílica do artigo em português	59
2.3	SD e sintagma classificador em chinês	61
2.3.1	SD em chinês	62
2.3.2	Sintagma classificador em chinês	64

Capítulo 3 Formas de Representação de Determinação em Português e em Chinês

3.1	Codificação da definitude e da especificidade e os traços binários ...	68
3.2	Representação de determinação em português	75
3.2.1	Sistema do artigo	76
3.2.1.1	Formas e funções do artigo	76
3.2.1.2	Artigo definido, artigo indefinido e artigo nulo ..	79
3.2.2	Interpretação de determinação em termos dos traços binários em português	81
3.3	Representação de determinação em chinês	84
3.3.1	Formas de representação de determinação em chinês	84
3.3.1.1	Léxico	84
3.3.1.2	Morfologia	91
3.3.1.3	Posição	91
3.3.2	Interpretação de determinação em termos dos traços binários em chinês	100
3.3.3	Traço de número em chinês	102

Capítulo 4 Estudos na Área da Aquisição do Artigo L2 e Proposta de Hipóteses para o Presente Estudo

4.1	Exemplificação cronológica de estudos relacionados com a aquisição do artigo L2	108
4.2	Estudos da aquisição do artigo na corrente pesquisa da aquisição de segunda língua	127
4.2.1	Hipótese de Insucesso da Aquisição de Traços Funcionais ..	128
4.2.2	Hipótese de Insucesso da Aquisição da Flexão Superficial ..	133
4.2.3	Hipótese da Flutuação	139
4.3	Proposta de hipóteses para o presente estudo	152

Capítulo 5 Metodologia

5.1	Interlíngua, variação e aplicação de métodos quantitativos em estudos da aquisição de segunda língua	154
5.2	Processo da recolha dos dados	159
5.2.1	A primeira experiência	161
5.2.1.1	Tarefa de recontar por escrito um filme	161
5.2.1.2	Tarefa de entrevista individual	162
5.2.2	A segunda experiência	164
5.2.2.1	Tarefa de elicitação forçada	165
5.3	Caracterização dos dados	167
5.3.1	Dados da primeira experiência	167
5.3.2	Dados da segunda experiência	170
5.4	Descrição das variáveis dependentes e independentes	175
5.4.1	Descrição das variáveis da primeira experiência	176
5.4.1.1	As variáveis dependentes	176
5.4.1.2	As variáveis independentes	177
5.4.2	Descrição das variáveis na segunda experiência	217
5.4.2.1	A variável dependente	217
5.4.2.2	A variável independente	217

Capítulo 6 Descrição e Análise dos Dados

6.1	Introdução	232
6.2	Descrição e discussão dos resultados da primeira experiência	235
6.2.1	Os três contextos linguísticos em que se distribui o artigo ..	235
6.2.2	A semântica/pragmática do SD definido	245
6.2.3	A semântica/pragmática do SD indefinido	256
6.2.4	O traço [+concreto] de nome	267
6.2.5	O traço [+contável] de nome	275
6.2.6	A posição do SD	278
6.2.7	Certas categorias na estrutura interna do SD que exercem influência sobre a aquisição do artigo	290
6.2.8	Certas categorias na estrutura externa do SD que exercem influência sobre a aquisição do artigo	299
6.2.8.1	A precedência da preposição em relação ao SD ..	300
6.2.8.2	A precedência do verbo em relação ao SD	305
6.2.9	Os traços binários	312

6.2.10	Experiências pessoais	315
6.2.10.1	Anos de estudo	315
6.2.10.2	Estudo em escolas luso-chinesas	322
6.2.10.3	Vivência em países lusófonos	324
6.2.10.4	Conhecimentos de outras línguas estrangeiras	325
6.3	Descrição e discussão dos dados da segunda experiência	326
6.3.1	O modelo proposto por Ionin <i>et al.</i> (2004) (doze contextos subespecificados adaptados)	326

Capítulo 7 Pontos Conclusivos e Considerações Finais

7.1	Resultados das análises	338
7.2	Descrição sucinta das características da gramática <i>interlíngua</i> dos aprendentes chineses no uso do artigo	349
7.3	Considerações finais na área da aquisição de segunda língua	352
7.3.1	Hipótese de Insucesso da Aquisição de Traços Funcionais ...	352
7.3.2	Hipótese de Insucesso da Aquisição da Flexão Superficial e Hipótese da Flutuação	355
7.3.3	Conclusão	358
7.4	Considerações finais	359
	Referências Bibliográficas	362
	Anexo I – Ficha Informativa	378
	Anexo II – Tarefa – Recontar um Filme	379
	Anexo III – Tarefa – Entrevista Individual 1	380
	Anexo IV – Tarefa – Entrevista Individual 2	381
	Anexo V – Tarefa – Elicitação Forçada	382
	<i>Curriculum Vitae</i> da Autora	388

Table of Contents

Acknowledgements	i
Abstract	iii
Declaration	vii
Table of Contents	viii
List of Tables	xvi
List of Figures	xxxiv
List of Diagrams	xxxvi
List of Acronyms and Abbreviations	xxxviii
 Introduction	 1
 Chapter 1 Second Language Acquisition and Resetting of Parametric Values	
1.1 Principles and Parameters Theory and functional categories of language	11
1.2 Syntactic and morphological interface levels	16
1.3 Resetting of parametric values	21
1.4 Accessibility of Universal Grammar and parameter resetting	24
1.4.1 Accessibility of Universal Grammar	25
1.4.2 Possibility of parameter resetting	26
1.4.3 Impossibility of parameter resetting	31
1.5 Resetting of the parametric value of definiteness in the process of acquisition of Portuguese as a second language (L2) by Chinese learners	38
 Chapter 2 Syntactic study of Portuguese and Chinese: Determiner Phrase (SD), Noun Phrase and Classifier Phrase	
2.1 Determiner Phrase Hypothesis	42
2.1.1 The SD proposal	42
2.1.2 Interaction of the inflection feature with the determiner	47
2.2 SD in Portuguese	52
2.2.1 SD and syntactic position of article	52

2.2.2	Bare noun	54
2.2.3	Clitic nature of the Portuguese articles	59
2.3	SD and classifier phrase in Chinese	61
2.3.1	SD in Chinese	62
2.3.2	Classifier phrase in Chinese	64

Chapter 3 Determination Representation Forms in Portuguese and Chinese

3.1	Definiteness and specificity encoding and the binary features	68
3.2	Determination representation in Portuguese	75
3.2.1	Article system	76
3.2.1.1	Article forms and functions	76
3.2.1.2	Definite article, indefinite article and null article	79
3.2.2	Determination interpretation in terms of the binary features in Portuguese	81
3.3	Determination representation in Chinese	84
3.3.1	Determination representation forms in Chinese	84
3.3.1.1	Lexicon	84
3.3.1.2	Morphology	91
3.3.1.3	Position	91
3.3.2	Determination interpretation in terms of the binary features in Chinese	100
3.3.3	Number feature in Chinese	102

Chapter 4 Studies in the Area of L2 Article Acquisition and Hypotheses Proposed for the Present Study

4.1	Chronological exemplification of studies related to L2 article acquisition	108
4.2	Article acquisition studies in the current research of L2 acquisition	127
4.2.1	Failed Functional Features Hypothesis	128
4.2.2	Missing Surface Inflection Hypothesis	133
4.2.3	Fluctuation Hypothesis	139
4.3	Hypotheses proposed for the present study	152

Chapter 5 Methodology primeira experiência

5.1	Interlanguage, variation and application of quantitative methods in studies of second language acquisition	154
5.2	Data collection process	159
5.2.1	The first experiment	161
5.2.1.1	Movie retelling in writing task	161
5.2.1.2	Individual interview task	162
5.2.2	The second experiment	164
5.2.2.1	Forced elicitation task	165
5.3	Data characterization	167
5.3.1	The first experiment data	167
5.3.2	The second experiment data	170
5.4	Description of dependent and independent variables	175
5.4.1	Description of the first experiment variables	176
5.4.1.1	Dependent variables	176
5.4.1.2	Independent variables	177
5.4.2	Description of the second experiment variables	217
5.4.2.1	Dependent variable	217
5.4.2.2	Independent variable	217

Chapter 6 Data Description and analysis

6.1	Introduction	232
6.2	Description and discussion of the first experiment results	235
6.2.1	The three linguistic contexts in which the article is distributed	235
6.2.2	Semantics/pragmatics of the definite SD	245
6.2.3	Semantics/pragmatics of the indefinite SD	256
6.2.4	The [+concrete] feature of noun	267
6.2.5	The [+countable] feature of noun	275
6.2.6	Position of the SD	278
6.2.7	Certain categories in the internal structure of the SD which influence the article acquisition	290
6.2.8	Certain categories in the outer structure of the SD which influence the article acquisition	299
6.2.8.1	The precedence of preposition in relation to the SD	300

6.2.8.2	The precedence of verb in relation to the SD	305
6.2.9	The binary features	312
6.2.10	Personall experiences	315
6.2.10.1	Study years	315
6.2.10.2	Study in Luso-Chinese Schools	322
6.2.10.3	Living in Portuguese speaking countries	324
6.2.10.4	Other foreign languages knowledge	325
6.3	Description and discussion of the second experiment results	326
6.3.1	The model proposed by Ionin <i>et al.</i> (2004) (twelve adapted underspecified contexts)	326
Chapter 7 Concluding Points and Final Thoughts		
7.1	Result of the analysis	338
7.2	Brief description of the Chinese learners' interlanguage grammar characteristics in the use of the article	349
7.3	Final consideration in the field of second language acquisition	352
7.3.1	Failed Functional Features Hypothesis	352
7.3.2	Missing Surface Inflection Hypothesis and Fluctuation Hypothesis	355
7.3.3	Conclusion	358
7.4	Final consideration	359
References		362
Appendix I – Informative Sheet		378
Appendix II – Movie Retelling Task		379
Appendix III – Individual Interview Task 1.....		380
Appendix IV – Individual Interview Task 2		381
Appendix V – Forced Elicitation Task		382
Author's Curriculum Vitae		388

Lista de Quadros

Número	Descrição	Pág.
Quadro 1	O contraste entre categorias lexicais e funcionais (Cook e Newson, 1996:187)	14
Quadro 2	A Roda Semântica adaptada por Humphrey (2007: 310-312)	69
Quadro 3	A interpretação de artigos em termos dos traços binários (Hawkins, 2001: 235)	72
Quadro 4	Os artigos em português e os seus equivalentes lexicais em chinês	77
Quadro 5	A interpretação do artigo em português em relação aos traços [$\pm$ def] e [$\pm$ esp]	82
Quadro 6	A interpretação de mecanismos da representação de referencialidade em chinês em relação aos traços [$\pm$ def] e [$\pm$ esp]	100
Quadro 7	A relação entre classes de nomes e tipos de classificadores (Zhang J.B., 2008:40)	104
Quadro 8	Duas possibilidades de agrupamento do artigo (Ionin <i>et al.</i> , 2004:18)	142
Quadro 9	Uso do artigo em inglês por aprendentes coreanos (Ionin <i>et al.</i> , 2003a, 2003b, 2004)	143
Quadro 10	Estudos feitos em função da Hipótese de Flutuação	149
Quadro 11	Informações pessoais dos informantes (Anexo I)	160
Quadro 12	Guião de recontar por escrito uma cena do filme “ <i>Limelight</i> ” de Chaplin (Anexo II)	162
Quadro 13	Lista com as perguntas dirigidas aos alunos do 2º ano na primeira entrevista (Anexo III)	163
Quadro 14	Lista com as perguntas dirigidas aos alunos do 4º ano na segunda entrevista (Anexo IV)	163
Quadro 15	Exercícios de elicitação forçada (Anexo V)	165
Quadro 16	Doze contextos classificados em termos dos traços binários [$\pm$ def] e [$\pm$ esp] aplicados no presente estudo	166
Quadro 17	Número de alunos por cada ano e suas participações nas tarefas da primeira experiência	168
Quadro 18	Distribuição dos dados escritos e orais por ano de estudo e número total de dados nas tarefas da primeira experiência	169
Quadro 19	Número de alunos por cada ano e suas participações na tarefa da segunda experiência	171
Quadro 20	Distribuição dos dados da tarefa de elicitação forçada por ano de estudo e número total de dados na segunda experiência	171
Quadro 21	Lista geral das informações dos alunos participantes e tarefas	172

	envolvidas	
Quadro 22	V1. A exactidão do uso do artigo	176
Quadro 23	V2. O uso do AD	176
Quadro 24	V3. O uso do AI	177
Quadro 25	V4. O uso do NA	177
Quadro 26	V5. Os três contextos em que se distribui o artigo	182
Quadro 27	V6. A semântica/pragmática do SD definido	187
Quadro 28	V7. A semântica/pragmática do SD indefinido	190
Quadro 29	V8. O traço [$\pm$ concreto] de N	193
Quadro 30	Número total de respostas correctas numa tarefa de juízo de gramaticalidade sobre o traço [$\pm$ contável] de nomes (Snape, 2006:167)	198
Quadro 31	V9. O traço [$\pm$ contável] de N	199
Quadro 32	V10. A posição do SD	202
Quadro 33	V11. Certas categorias na estrutura interna do SD que exercem influência sobre a aquisição do artigo	206
Quadro 34	V12.1. A precedência da preposição em relação ao SD	207
Quadro 35	V12.2. A precedência do verbo em relação ao SD	208
Quadro 36	V13. Os traços binários	212
Quadro 37	V14.1. Anos de estudo (no Curso de Licenciatura em Estudos Portugueses)	214
Quadro 38	V14.2. Estudo em escolas luso-chinesas	215
Quadro 39	V14.3. Vivência em países lusófonos	215
Quadro 40	V14.4. Conhecimentos de outras línguas estrangeiras	216
Quadro 41	V15. A escolha entre o AD e o AI	217
Quadro 42	V16. O Modelo proposto por Ionin <i>et al.</i> (2004) (Doze contextos subespecificados adaptados)	229
Quadro 43	A lista das variáveis dependentes e independentes	233
Quadro 44	A exactidão do uso do artigo nos três contextos – <i>Corpus I</i>	235
Quadro 45	A significância da exactidão do uso do artigo nos três contextos – <i>Corpus I</i>	235
Quadro 46	A exactidão do uso do artigo nos três contextos – <i>Corpus II</i>	236
Quadro 47	A significância da exactidão do uso do artigo nos três contextos – <i>Corpus II</i>	236
Quadro 48	O uso do AD nos três contextos - <i>Corpus I</i>	237
Quadro 49	A significância do uso do AD nos três contextos - <i>Corpus I</i>	237

Quadro 50	O uso do AD nos três contextos - <i>Corpus II</i>	237
Quadro 51	A significância do uso do AD nos três contextos - <i>Corpus II</i>	237
Quadro 52	O uso do AN nos três contextos – <i>Corpus I</i>	238
Quadro 53	A significância do uso do AN nos três contextos – <i>Corpus I</i>	239
Quadro 54	O uso do AN nos três contextos – <i>Corpus II</i>	239
Quadro 55	A significância do uso do AN nos três contextos – <i>Corpus II</i>	239
Quadro 56	O uso do AI nos três contextos – <i>Corpus I</i>	240
Quadro 57	A significância do uso do AI nos três contextos – <i>Corpus I</i>	240
Quadro 58	O uso do AI nos três contextos – <i>Corpus II</i>	240
Quadro 59	A significância do uso do AI nos três contextos – <i>Corpus II</i>	240
Quadro 60	A distribuição do AD em diferentes contextos definidos – <i>Corpus I</i>	246
Quadro 61	A distribuição do AD em diferentes contextos definidos – <i>Corpus II</i>	247
Quadro 62	A exactidão do uso do AD em diferentes contextos definidos - <i>Corpus I</i>	249
Quadro 63	A significância da exactidão do uso do AD em diferentes contextos definidos - <i>Corpus I</i>	249
Quadro 64	A exactidão do uso do AD em diferentes contextos definidos - <i>Corpus II</i>	250
Quadro 65	A significância da exactidão do uso do AD em diferentes contextos definidos - <i>Corpus II</i>	250
Quadro 66	O uso do AN em diferentes contextos definidos – <i>Corpus I</i>	251
Quadro 67	A significância do uso do AN em diferentes contextos definidos – <i>Corpus I</i>	251
Quadro 68	O uso do AN em diferentes contextos definidos – <i>Corpus II</i>	251
Quadro 69	A significância do uso do AN em diferentes contextos definidos – <i>Corpus II</i>	252
Quadro 70	A distribuição do AI em diferentes contextos indefinidos – <i>Corpus I</i>	257
Quadro 71	A distribuição do AI em diferentes contextos indefinidos – <i>Corpus II</i>	257
Quadro 72	A exactidão do uso do AI em diferentes contextos indefinidos - <i>Corpus I</i>	258
Quadro 73	A significância da exactidão do uso do AI em diferentes contextos indefinidos - <i>Corpus I</i>	259
Quadro 74	A exactidão do uso do AI em diferentes contextos indefinidos - <i>Corpus II</i>	259
Quadro 75	A significância da exactidão do uso do AI em diferentes contextos indefinidos - <i>Corpus II</i>	259
Quadro 76	A distribuição do AD em contextos indefinidos – <i>Corpus I</i>	260

Quadro 77	A significância da distribuição do AD em contextos indefinidos – <i>Corpus I</i>	260
Quadro 78	A distribuição do AD em contextos indefinidos – <i>Corpus II</i>	261
Quadro 79	A significância da distribuição do AD em contextos indefinidos – <i>Corpus II</i>	261
Quadro 80	A distribuição do AN em contextos indefinidos – <i>Corpus I</i>	262
Quadro 81	A significância da distribuição do AN em contextos indefinidos – <i>Corpus I</i>	262
Quadro 82	A distribuição do AN em contextos indefinidos – <i>Corpus II</i>	262
Quadro 83	A significância da distribuição do AN em contextos indefinidos – <i>Corpus II</i>	262
Quadro 84	A exactidão do uso do artigo em termos do traço [$\pm$ concreto] de N – <i>Corpus I</i>	267
Quadro 85	A significância da exactidão do uso do artigo em termos do traço [$\pm$ concreto] de N – <i>Corpus I</i>	267
Quadro 86	A exactidão do uso do artigo em termos do traço [$\pm$ concreto] de N – <i>Corpus II</i>	268
Quadro 87	A significância da exactidão do uso do artigo em termos do traço [$\pm$ concreto] de N – <i>Corpus II</i>	268
Quadro 88	A exactidão do uso do artigo nos três contextos do artigo em termos do traço [$\pm$ concreto] de N – <i>Corpus I</i>	269
Quadro 89	A significância da exactidão do uso do artigo nos três contextos do artigo com N [+concreto] – <i>Corpus I</i>	269
Quadro 90	A significância da exactidão do uso do artigo nos três contextos do artigo com N [-concreto] – <i>Corpus I</i>	269
Quadro 91	A exactidão do uso do artigo nos três contextos do artigo em termos do traço [$\pm$ concreto] de N – <i>Corpus II</i>	270
Quadro 92	A significância da exactidão do uso do artigo nos três contextos do artigo com N [+concreto] – <i>Corpus II</i>	271
Quadro 93	A significância da exactidão do uso do artigo nos três contextos do artigo com N [-concreto] – <i>Corpus II</i>	271
Quadro 94	A distribuição do AD nos três contextos do artigo em termos do traço [$\pm$ concreto] de N – <i>Corpus I</i>	272
Quadro 95	A significância do uso do AD nos três contextos do artigo com N [+concreto] – <i>Corpus I</i>	272
Quadro 96	A significância do uso do AD nos três contextos do artigo com N [-concreto] – <i>Corpus I</i>	273
Quadro 97	A distribuição do AD nos três contextos do artigo em termos do traço [$\pm$ concreto] de N – <i>Corpus II</i>	273
Quadro 98	A significância do uso do AD nos três contextos do artigo com N	274

	[+concreto] - <i>Corpus II</i>	
Quadro 99	A significância do uso do AD nos três contextos do artigo com N [-concreto] - <i>Corpus II</i>	274
Quadro 100	A exactidão do artigo em termos do traço [+contável] de N – <i>Corpus I</i>	276
Quadro 101	A significância da exactidão do artigo em termos do traço [+contável] de N - <i>Corpus I</i>	276
Quadro 102	A exactidão do artigo em termos do traço [+contável] de N - <i>Corpus II</i>	276
Quadro 103	A significância da exactidão do artigo em termos do traço [+contável] de N - <i>Corpus II</i>	276
Quadro 104	A exactidão do uso do artigo no contexto do AD em termos do traço [+contável] de N - <i>Corpus I e II</i>	277
Quadro 105	A significância da exactidão do uso do artigo no contexto do AD em termos do traço [+contável] de N - <i>Corpus I e II</i>	277
Quadro 106	A exactidão do uso do artigo em diferentes posições – <i>Corpus I</i>	278
Quadro 107	A significância da exactidão do uso do artigo em diferentes posições – <i>Corpus I</i>	278
Quadro 108	A exactidão do uso do artigo em diferentes posições – <i>Corpus II</i>	279
Quadro 109	A significância da exactidão do uso do artigo em diferentes posições – <i>Corpus II</i>	279
Quadro 110	O uso do AD nos três contextos do artigo com os SD na posição de sujeito – <i>Corpus I</i>	280
Quadro 111	A significância do uso do AD nos três contextos do artigo com os SD na posição de sujeito – <i>Corpus I</i>	280
Quadro 112	O uso do AD nos três contextos do artigo com os SD na posição de sujeito – <i>Corpus II</i>	281
Quadro 113	A significância do uso do AD nos três contextos do artigo com os SD na posição de sujeito – <i>Corpus II</i>	281
Quadro 114	O uso do AN nos três contextos do artigo com os SD na posição de sujeito – <i>Corpus I</i>	281
Quadro 115	A significância do uso do AN nos três contextos do artigo com os SD na posição de sujeito – <i>Corpus I</i>	281
Quadro 116	O uso do AN nos três contextos do artigo com os SD na posição de sujeito – <i>Corpus II</i>	282
Quadro 117	A significância do uso do AN nos três contextos do artigo com os SD na posição de sujeito – <i>Corpus II</i>	282
Quadro 118	A exactidão do artigo nos três contextos com os SD na posição de complemento verbal directo – <i>Corpus I</i>	283
Quadro 119	A significância da exactidão do artigo nos três contextos com os SD	283

	na posição de complemento verbal directo – <i>Corpus I</i>	
Quadro120	A exactidão do artigo nos três contextos com os SD na posição de complemento verbal directo – <i>Corpus II</i>	283
Quadro121	A significância da exactidão do artigo nos três contextos com os SD na posição de complemento verbal directo – <i>Corpus II</i>	283
Quadro 122	O uso do AD nos três contextos com os SD na posição de complemento verbal directo – <i>Corpus I</i>	284
Quadro 123	A significância do uso do AD nos três contextos com os SD na posição de complemento verbal directo – <i>Corpus I</i>	284
Quadro 124	O uso do AD nos três contextos com os SD na posição de complemento verbal directo – <i>Corpus II</i>	284
Quadro 125	A significância do uso do AD nos três contextos com os SD na posição de complemento verbal directo – <i>Corpus II</i>	284
Quadro 126	O uso do AN nos três contextos com os SD na posição de complemento verbal directo – <i>Corpus I</i>	285
Quadro 127	A significância do uso do AN nos três contextos com os SD na posição de complemento verbal directo – <i>Corpus I</i>	285
Quadro 128	O uso do AN nos três contextos com os SD na posição de complemento verbal directo – <i>Corpus II</i>	285
Quadro 129	A significância do uso do AN nos três contextos com os SD na posição de complemento verbal directo – <i>Corpus II</i>	285
Quadro 130	A exactidão do uso do artigo nos três contextos com os SD sem determinantes na posição de sujeito - <i>Corpus I e II</i>	286
Quadro 131	A significância da exactidão do uso do artigo nos três contextos com os SD sem determinantes na posição de sujeito - <i>Corpus I e II</i>	287
Quadro 132	A exactidão do uso do artigo nos três contextos com os SD sem determinantes na posição de complemento verbal directo - <i>Corpus I e II</i>	287
Quadro 133	A significância da exactidão do uso do artigo nos três contextos com os SD sem determinantes na posição de complemento verbal directo - <i>Corpus I e II</i>	287
Quadro 134	A exactidão do uso do artigo nos três contextos com os SD com modificadores diferentes – <i>Corpus I</i>	290
Quadro 135	A exactidão do uso do artigo nos três contextos com os SD com modificadores diferentes – <i>Corpus II</i>	291
Quadro 136	O uso do AD nos três contextos com os SD modificados por um nome preposicionado - <i>Corpus I e II</i>	294
Quadro 137	A significância do uso do AD nos três contextos com os SD modificados por um nome preposicionado - <i>Corpus I e II</i>	294
Quadro 138	O uso do AD nos três contextos com os SD modificados por um adjetivo - <i>Corpus I e II</i>	295

Quadro 139	A significância do uso do AD nos três contextos com os SD modificados por um adjetivo - <i>Corpus I e II</i>	295
Quadro 140	O uso do AN nos três contextos com os SD modificados por um adjetivo - <i>Corpus I e II</i>	295
Quadro 141	A significância do uso do AN nos três contextos com os SD modificados por um adjetivo - <i>Corpus I e II</i>	296
Quadro 142	O uso do AD nos três contextos com os nomes nus - <i>Corpus I e II</i>	298
Quadro 143	A significância do uso do AD nos três contextos com os nomes nus - <i>Corpus I e II</i>	298
Quadro 144	O uso do AN nos três contextos com os nomes nus - <i>Corpus I e II</i>	298
Quadro 145	A significância do uso do AN nos três contextos com os nomes nus - <i>Corpus I e II</i>	298
Quadro 146	A exactidão do uso do artigo nos três contextos com os SD precedidos de preposições diferentes - <i>Corpus I</i>	300
Quadro 147	A exactidão do uso do artigo nos três contextos com os SD precedidos de preposições diferentes - <i>Corpus II</i>	301
Quadro 148	O uso do AN nos três contextos do artigo com os SD precedidos da preposição “para”	303
Quadro 149	A significância do uso do AN nos três contextos do artigo com os SD precedidos da preposição “para”	303
Quadro 150	O uso do AD nos três contextos com os SD precedidos da preposição “com” ou “sem”	304
Quadro 151	A significância do uso do AD nos três contextos com os SD precedidos da preposição “com” ou “sem”	304
Quadro 152	O uso do AN nos três contextos com os SD precedidos da preposição “com” ou “sem”	304
Quadro 153	A significância do uso do AN nos três contextos com os SD precedidos da preposição “com” ou “sem”	304
Quadro 154	A exactidão do uso do artigo nos três contextos com os SD precedidos imediatos de um verbo - <i>Corpus I</i>	306
Quadro 155	A exactidão do uso do artigo nos três contextos com os SD precedidos imediatos de um verbo - <i>Corpus II</i>	307
Quadro 156	O uso do AD nos três contextos com os SD precedidos de verbos de percepção - <i>Corpus I e II</i>	310
Quadro 157	A significância do uso do AD nos três contextos com os SD precedidos de verbos de percepção - <i>Corpus I e II</i>	310
Quadro 158	O uso do AD nos três contextos com os SD precedidos de verbos volitivos - <i>Corpus I e II</i>	310
Quadro 159	A significância do uso do AD nos três contextos com os SD precedidos de verbos volitivos - <i>Corpus I e II</i>	310

Quadro 160	O uso do AD nos três contextos com os SD precedidos de verbos modais - <i>Corpus I e II</i>	311
Quadro 161	A significância do uso do AD nos três contextos com os SD precedidos de verbos modais - <i>Corpus I e II</i>	311
Quadro 162	A exactidão do uso do artigo em termos dos traços binários - <i>Corpus I</i>	312
Quadro 163	A significância da exactidão do uso do artigo em termos dos traços binários - <i>Corpus I</i>	312
Quadro 164	A exactidão do uso do artigo em termos dos traços binários - <i>Corpus II</i>	312
Quadro 165	A significância da exactidão do uso do artigo em termos dos traços binários - <i>Corpus II</i>	313
Quadro 166	A exactidão do uso do artigo em termos dos anos de estudo - <i>Corpus I</i>	315
Quadro 167	A significância da exactidão do uso do artigo em termos dos anos de estudo - <i>Corpus I</i>	315
Quadro 168	A exactidão do uso do artigo em termos dos anos de estudo - <i>Corpus II</i>	316
Quadro 169	A significância da exactidão do uso do artigo em termos dos anos de estudo - <i>Corpus II</i>	316
Quadro 170	A exactidão do uso do artigo em termos dos anos de estudo - <i>Corpus I e II</i>	316
Quadro 171	A significância da exactidão do uso do artigo em termos dos anos de estudo - <i>Corpus I e II</i>	317
Quadro 172	A exactidão do uso do artigo nos três contextos em termos dos anos de estudo - <i>Corpus I e II</i>	317
Quadro 173	A significância da exactidão do uso do artigo no contexto do AD em termos dos anos de estudo - <i>Corpus I e II</i>	318
Quadro 174	A significância da exactidão do uso do artigo no contexto do AI em termos dos anos de estudo - <i>Corpus I e II</i>	318
Quadro 175	A significância da exactidão do uso do artigo no contexto do AN em termos dos anos de estudo - <i>Corpus I e II</i>	318
Quadro 176	O uso do AD nos três contextos em termos dos anos de estudo - <i>Corpus I e II</i>	319
Quadro 177	A significância do uso do AD no contexto do AD em termos dos anos de estudo - <i>Corpus I e II</i>	319
Quadro 178	A significância do uso do AD no contexto do AI em termos dos anos de estudo - <i>Corpus I e II</i>	319
Quadro 179	A significância do uso do AD no contexto do AN em termos dos anos de estudo - <i>Corpus I e II</i>	319
Quadro 180	O uso do AI no contexto do AI em termos dos anos de estudo - <i>Corpus I e II</i>	320

Quadro 181	A significância do uso do AI no contexto do AI em termos dos anos de estudo - <i>Corpus I e II</i>	320
Quadro 182	A exactidão do uso do artigo em termos do estudo em escolas luso-chinesas - <i>Corpus I</i>	322
Quadro 183	A significância da exactidão do uso do artigo em termos do estudo em escolas luso-chinesas - <i>Corpus I</i>	323
Quadro 184	A exactidão do uso do artigo em termos do estudo em escolas luso-chinesas - <i>Corpus II</i>	323
Quadro 185	A significância da exactidão do uso do artigo em termos do estudo em escolas luso-chinesas - <i>Corpus II</i>	323
Quadro 186	A exactidão do uso do artigo em termos do estudo em escolas luso-chinesas - <i>Corpus I e II</i>	323
Quadro 187	A significância da exactidão do uso do artigo em termos do estudo em escolas luso-chinesas - <i>Corpus I e II</i>	323
Quadro 188	O uso do AD/AI nos doze contextos em termos dos diferentes grupos de informantes	326
Quadro 189	O uso do AD/AI nos quatro contextos - grupo do 2º ano	333
Quadro 190	O uso do AD/AI nos quatro contextos - grupo do 4º ano	334
Quadro 191	O uso do AD/AI nos quatro contextos - grupo de falantes nativos	335
Quadro 192	Onze hipóteses propostas e situações de validação	349

List of Tables

Number	Description	Pg.
Table 1	The contrast between lexical and functional categories (Cook e Newson, 1996:187)	14
Table 2	The Semantic Wheel adapted by Humphrey (2007: 310-312)	69
Table 3	Article interpretation in terms of binary features (Hawkins, 2001: 235)	72
Table 4	The Portuguese articles and its equivalents in Chinese	77
Table 5	Interpretation of the Portuguese articles in relation to the [$\pm$ def] and [$\pm$ esp] features	82
Table 6	Interpretation of Chinese referentiality representation mechanisms in relation to the [$\pm$ def] and [$\pm$ esp] features	100
Table 7	The relationship between noun class and classifier type (Zhang J.B., 2008:40)	104
Table 8	Two possibilities of article grouping (Ionin <i>et al.</i> , 2004:18)	142
Table 9	Use of the article in English by Korean learners (Ionin <i>et al.</i> , 2003a, 2003b, 2004)	143
Table 10	Studies based on the Fluctuation Hypothesis	149
Table 11	Informants' Personal Information (Appendix I)	161
Table 12	Script for retelling in writing of a scene of Chaplin's film "Limelight" (Appendix II)	163
Table 13	List of questions for the 2 nd year students in the first interview (Appendix III)	164
Table 14	List of questions for the 4 th year students in the second interview (Appendix IV)	164
Table 15	Forced elicitation exercises (Appendix V)	166
Table 16	Twelve contexts classified in terms of the binary [$\pm$ def] and [$\pm$ esp] features applied in the present study	167
Table 17	Number of students by year and their participation in the tasks of the first experiment	169
Table 18	Distribution of written and oral data by year of study and the total number of data in the tasks of the first experiment	170
Table 19	Number of students by year and their participation in the task of the second experiment	172
Table 20	Distribution of the forced elicitation task data by year of study and the total number of data in the second experiment	172
Table 21	General list of the participating students' social information and the	173

	tasks involved	
Table 22	V1. The accuracy of article use	176
Table 23	V2. The use of the AD	176
Table 24	V3. The use of the AI	177
Table 25	V4. The use of the AN	177
Table 26	V5. The three contexts in which the article is distributed	182
Table 27	V6. The semantics/pragmatics of the definite SD	187
Table 28	V7. The semantics/pragmatics of the indefinite SD	190
Table 29	V8. The [$\pm$ concrete] feature of N	193
Table 30	Total number of correct answers on a grammaticality judgment task about the [$\pm$ countable] feature of N (Snape, 2006:167)	198
Table 31	V9. The [$\pm$ concrete] feature of N	199
Table 32	V10. The position of the SD	202
Table 33	V11. Certain categories in the internal structure of the SD which influence article acquisition	206
Table 34	V12.1. SD preceded by a preposition	207
Table 35	V12.2. SD preceded by a verb	208
Table 36	V13. The binary features	212
Table 37	V14.1. Number of years of study (Bachelor of Portuguese Study)	214
Table 38	V14.2. Study in Luso-Chinese Schools	215
Table 39	V14.3. Living in Portuguese speaking countries	215
Table 40	V14.4. Other foreign languages knowledge	216
Table 41	V15. The choice between the AD and the AI	217
Table 42	V16. The model proposed by Ionin <i>et al.</i> (2004) (twelve adapted underspecified contexts)	229
Table 43	List of dependent and independent variables	233
Table 44	The accuracy of article use in the three contexts – Corpus I	235
Table 45	The significance of the accuracy of article use in the three contexts – Corpus I	235
Table 46	The accuracy of article use in the three contexts – Corpus II	236
Table 47	The significance of the accuracy of article use in the three contexts – Corpus II	236
Table 48	The use of the AD in the three contexts - Corpus I	237
Table 49	The significance of the use of the AD in the three contexts - Corpus I	237
Table 50	The use of the AD in the three contexts - Corpus II	237

Table 51	The significance of the use of the AD in the three contexts - Corpus II	237
Table 52	The use of the AN in the three contexts – Corpus I	238
Table 53	The significance of the use of the AN in the three contexts – Corpus I	239
Table 54	The use of the AN in the three contexts – Corpus II	239
Table 55	The significance of the use of the AN in the three contexts – Corpus II	239
Table 56	The use of the AI in the three contexts – Corpus I	240
Table 57	The significance of the use of the AI in the three contexts – Corpus I	240
Table 58	The use of the AI in the three contexts – Corpus II	240
Table 59	The significance of the use of the AI in the three contexts – Corpus II	240
Table 60	The distribution of the AD in different definite contexts – Corpus I	246
Table 61	The distribution of the AD in different definite contexts – Corpus II	247
Table 62	The accuracy of the use of the AD in different definite contexts - Corpus I	249
Table 63	The significance of the accuracy of the use of the AD in different definite contexts - Corpus I	249
Table 64	The accuracy of the use of the AD in different definite contexts - Corpus II	250
Table 65	The significance of the accuracy of the use of the AD in different definite contexts - Corpus II	250
Table 66	The use of the AN in different definite contexts – Corpus I	251
Table 67	The accuracy of the use of the AN in different definite contexts – Corpus I	251
Table 68	The use of the AN in different definite contexts – Corpus II	251
Table 69	The accuracy of the use of the AN in different definite contexts – Corpus II	252
Table 70	The distribution of the AI in different indefinite contexts – Corpus I	257
Table 71	The distribution of the AI in different indefinite contexts – Corpus II	257
Table 72	The accuracy of the use of the AI in different indefinite contexts - Corpus I	258
Table 73	The significance of the use of the AI in different indefinite contexts - Corpus I	259
Table 74	The significance of the use of the AI in different indefinite contexts - Corpus II	259

Table 75	The significance of the accuracy of the use of the AI in different indefinite contexts - Corpus II	259
Table 76	The distribution of the AD in indefinite contexts – Corpus I	260
Table 77	The significance of the distribution of the AD in indefinite contexts – Corpus I	260
Table 78	The distribution of the AD in indefinite contexts – Corpus II	261
Table 79	The significance of the distribution of the AD in indefinite contexts – Corpus II	261
Table 80	The distribution of the AN in indefinite contexts – Corpus I	262
Table 81	The significance of the distribution of the AN in indefinite contexts – Corpus I	262
Table 82	The distribution of the AN in indefinite contexts – Corpus II	262
Table 83	The significance of the distribution of the AN in indefinite contexts – Corpus II	262
Table 84	The accuracy of article use in terms of the [$\pm$ concrete] feature of N – Corpus I	267
Table 85	The significance of the accuracy of article use in terms of the [$\pm$ concrete] feature of N – Corpus I	267
Table 86	The accuracy of article use in terms of the [$\pm$ concrete] feature of N – Corpus II	268
Table 87	The significance of the accuracy of article use in terms of the [$\pm$ concrete] feature of N – Corpus II	268
Table 88	The accuracy of article use in the three contexts in terms of the [$\pm$ concrete] feature of N – Corpus I	269
Table 89	The significance of the accuracy of article use in the three contexts with [+concrete] N – Corpus I	269
Table 90	The significance of the accuracy of article use in the three contexts with [-concrete] N – Corpus I	269
Table 91	The accuracy of article use in the three contexts in terms of the [$\pm$ concrete] feature of N – Corpus II	270
Table 92	The significance of the accuracy of article use in the three contexts with [+concrete] N – Corpus II	271
Table 93	The significance of the accuracy of article use in the three contexts with [-concrete] N – Corpus II	271
Table 94	The distribution of the AD in the three contexts in terms of the [$\pm$ concrete] feature of N – Corpus I	272
Table 95	The significance of the use of the AD in the three contexts with [+concrete] N - Corpus I	272
Table 96	The significance of the use of the AD in the three contexts with [-concrete] N - Corpus I	273

Table 97	The distribution of the AD in the three contexts in terms of the [$\pm$ concrete] feature of N – Corpus II	273
Table 98	The significance of the use of the AD in the three contexts with [+concrete] N - Corpus II	274
Table 99	The significance of the use of the AD in the three contexts with [-concrete] N - Corpus II	274
Table 100	The accuracy of article use in terms of the [$\pm$ countable] feature - Corpus I	276
Table 101	The significance of the accuracy of article use in terms of the [$\pm$ countable] feature - Corpus I	276
Table 102	The accuracy of article use in terms of the [$\pm$ countable] feature - Corpus II	276
Table 103	The significance of the accuracy of article use in terms of the [$\pm$ countable] feature - Corpus II	276
Table 104	The accuracy of article use in the context of the AD in terms of the [$\pm$ countable] feature - Corpus I and II	277
Table 105	The significance of the accuracy of article use in the context of the AD in terms of the [$\pm$ countable] feature - Corpus I and II	277
Table 106	The accuracy of article use in different positions – Corpus I	278
Table 107	The significance of the accuracy of article use in different positions – Corpus I	278
Table 108	The accuracy of article use in different positions – Corpus II	279
Table 109	The significance of the accuracy of article use in different positions – Corpus II	279
Table 110	The use of the AD in the three contexts with the SD in subject position – Corpus I	280
Table 111	The significance of the use of the AD in the three contexts with the SD in subject position – Corpus I	280
Table 112	The use of the AD in the three contexts with the SD in subject position – Corpus II	281
Table 113	The significance of the use of the AD in the three contexts with the SD in subject position – Corpus II	281
Table 114	The use of the AN in the three contexts with the SD in subject position –Corpus I	281
Table 115	The significance of the use of the AN in the three contexts with the SD in subject position – Corpus I	281
Table 116	The use of the AN in the three contexts with the SD in subject position – Corpus II	282
Table 117	The significance of the use of the AN in the three contexts with the SD in subject position – Corpus II	282

Table 118	The accuracy of article use in the three contexts with the SD in direct object position – Corpus I	283
Table 119	The significance of the accuracy of article use in the three contexts with the SD in direct object position – Corpus I	283
Table 120	The accuracy of article use in the three contexts with the SD in direct object position – Corpus II	283
Table 121	The significance of the accuracy of article use in the three contexts with the SD in direct object position – Corpus II	283
Table 122	The use of the AD in the three contexts with the SD in direct object position – Corpus I	284
Table 123	The significance of the use of the AD in the three contexts with the SD in direct object position – Corpus I	284
Table 124	The use of the AD in the three contexts with the SD in direct object position – Corpus II	284
Table 125	The significance of the use of the AD in the three contexts with the SD in direct object position – Corpus II	284
Table 126	The use of the AN in the three contexts with the SD in direct object position – Corpus I	285
Table 127	The significance of the use of the AN in the three contexts with the SD in direct object position – Corpus I	285
Table 128	The use of the AN in the three contexts with the SD in direct object position – Corpus II	285
Table 129	The significance of the use of the AN in the three contexts with the SD in direct object position – Corpus II	285
Table 130	The accuracy of article use in the three contexts with the SD without determiner in subject position - Corpus I and II	286
Table 131	The significance of the accuracy of article use in the three contexts with the SD without determiner in subject position - Corpus I and II	287
Table 132	The accuracy of article use in the three contexts with the SD without determiner in direct object position - Corpus I and II	287
Table 133	The significance of the accuracy of article use in the three contexts with the SD without determiner in direct object position - Corpus I and II	287
Table 134	The significance of article use in the three contexts with the SD with different modifiers – Corpus I	290
Table 135	The significance of article use in the three contexts with the SD with different modifiers – Corpus II	291
Table 136	The use of the AD in the three contexts with the SD modified by a noun preceded by a preposition - Corpus I and II	294
Table 137	The significance of the use of the AD in the three contexts with the SD modified by a noun preceded by a preposition - Corpus I and II	294

Table 138	The use of the AD in the three contexts with the SD modified by an adjective - Corpus I and II	295
Table 139	The significance of the use of the AD in the three contexts with the SD modified by an adjective - Corpus I and II	295
Table 140	The use of the AN in the three contexts with the SD modified by an adjective - Corpus I and II	295
Table 141	The significance of the use of the AN in the three contexts with the SD modified by an adjective - Corpus I and II	296
Table 142	The use of the AD in the three contexts with the bare nouns - Corpus I and II	298
Table 143	The significance of the use of the AD in the three contexts with the bare nouns - Corpus I and II	298
Table 144	The use of the AN in the three contexts with the bare nouns - Corpus I and II	298
Table 145	The significance of the use of the AN in the three contexts with the bare nouns - Corpus I and II	298
Table 146	The accuracy of article use in the three contexts with the SD preceded by different prepositions - Corpus I	300
Table 147	The accuracy of article use in the three contexts with the SD preceded by different prepositions – Corpus II	301
Table 148	The use of the AN in the three contexts with the SD preceded by the preposition “para”	303
Table 149	The significance of the use of the AN in the three contexts with the SD preceded by the preposition “para”	303
Table 150	The use of the AD in the three contexts with the SD preceded by the preposition “com” or “sem”	304
Table 151	The significance of the use of the AD in the three contexts with the SD preceded by the preposition “com” or “sem”	304
Table 152	The use of the AN in the three contexts with the SD preceded by the preposition “com” or “sem”	304
Table 153	The significance of the use of the AN in the three contexts with the SD preceded by the preposition “com” or “sem”	304
Table 154	The accuracy of article use in the three contexts with SD immediately preceded by a verb – Corpus I	306
Table 155	The accuracy of article use in the three contexts with the SD immediately preceded by a verb – Corpus II	307
Table 156	The use of the AD in the three contexts with the SD preceded by a verb of perception - Corpus I and II	310
Table 157	The significance of the use of the AD in the three contexts with the SD preceded by a verb of perception - Corpus I and II	310

Table 158	The use of the AD in the three contexts with the SD preceded by a verb of volition - Corpus I and II	310
Table 159	The significance of the use of the AD in the three contexts with the SD preceded by a verb of volition - Corpus I and II	310
Table 160	The use of the AD in the three contexts with the SD preceded by a modal verb- Corpus I and II	311
Table 161	The significance of the use of the AD in the three contexts with the SD preceded by a modal verb - Corpus I and II	311
Table 162	The accuracy of article use in terms of the binary features - Corpus I	312
Table 163	The significance of the accuracy of article use in terms of the binary features - Corpus I	312
Table 164	The accuracy of article use in terms of the binary features - Corpus II	312
Table 165	The significance of the accuracy of article use in terms of the binary features - Corpus II	313
Table 166	The accuracy of article use in terms of study years - Corpus I	315
Table 167	The significance of the accuracy of article use in terms of study years - Corpus I	315
Table 168	The accuracy of article use in terms of study years - Corpus II	316
Table 169	The significance of the accuracy of article use in terms of study years - Corpus II	316
Table 170	The accuracy of article use in terms of study years - Corpus I and II	316
Table 171	The significance of the accuracy of article use in terms of study years - Corpus I and II	317
Table 172	The accuracy of article use in the three contexts in terms of study years- Corpus I and II	317
Table 173	The significance of the accuracy of article use in the AD context in terms of study years - Corpus I and II	318
Table 174	The significance of the accuracy of article use in the AI context in terms of study years - Corpus I and II	318
Table 175	The significance of the accuracy of article use in the AN context in terms of study years - Corpus I and II	318
Table 176	The use of the AD in the three contexts in terms of study years - Corpus I and II	319
Table 177	The accuracy of the use of the AD in the AD context in terms of study year - Corpus I and II	319
Table 178	The significance of the use of the AD in the AI context in terms of study years - Corpus I and II	319
Table 179	The significance of the use of AD in the AN context in terms of	319

	study years - Corpus I and II	
Table 180	The use of the AI in the AI context in terms of study years - Corpus I and II	320
Table 181	The significance of the use of the AI in the AI context in terms of study years - Corpus I and II	320
Table 182	The accuracy of article use in terms of study in Luso-Chinese Schools - Corpus I	322
Table 183	The significance of the accuracy of article use in terms of study in Luso-Chinese Schools - Corpus I	323
Table 184	The accuracy of article use in terms of study in Luso-Chinese Schools - Corpus II	323
Table 185	The significance of the accuracy of article use in terms of study in Luso-Chinese Schools - Corpus II	323
Table 186	The accuracy of article use in terms of study in Luso-Chinese Schools - Corpus I and II	323
Table 187	The significance of the accuracy of article use in terms of study in Luso-Chinese Schools - Corpus I and II	323
Table 188	The use of the AD/AI in the twelve contexts in terms of different groups of informants	326
Table 189	The use of the AD / AI in the four contexts - second year group	333
Table 190	The use of the AD / AI in the four contexts - fourth year group	334
Table 191	The use of the AD / AI in the four contexts – native speaker group	335
Table 192	Eleven proposed hypotheses and situations of validation	349

Lista de Figuras

Número	Descrição	Pág.
Figura 1	A ponte entre sons e significados (Cook e Newson, 1996:43)	17
Figura 2	A ponte entre a forma fonética e a forma lógica (Cook e Newson, 1996:43)	17
Figura 3	O Modelo – T (Cook e Newson, 1996:47)	19
Figura 4	<i>Spell-Out</i> na morfologia distribuída (adaptado a partir de Cook, <i>apud</i> Silva, 2010: 22)	20
Figura 5	Sintagma Determinante (adaptado de Abney, 1987)	43
Figura 6	Estrutura sintagmática de Flex em inglês	48
Figura 7	Estrutura sintagmática de Flex em português	48
Figura 8	Movimento sintático numa oração pequena para Conc	48
Figura 9	Estrutura sintagmática de Conc (adaptada de Godinho, 2005:134)	50
Figura 10	Comparação do movimento sintático em SD para Conc em inglês e em francês	51
Figura 11	Sintagma Determinante em português	53
Figura 12	Relação de regência nuclear de SD em português (adaptada de Mateus <i>et al.</i> , 2003:345)	60
Figura 13	Aplicação da Hipótese do SD em chinês (Yip, 2009:21)	63
Figura 14	SNum em chinês (Cheng e Sybesma, 1999: 529)	66
Figura 15	SCI em chinês (Cheng e Sybesma, 1999: 529)	66

List of Figures

Number	Description	Pg.
Figure 1	The bridge between sounds and meanings (Cook and Newson, 1996:43)	17
Figure 2	The bridge between phonetic form and the logical form (Cook and Newson, 1996:43)	17
Figure 3	The Model – T (Cook and Newson, 1996:47)	19
Figure 4	Spell-Out in distributed morphology (adapted from Cook, <i>in</i> Silva, 2010: 22)	20
Figure 5	Determiner Phrase (adapted from Abney, 1987)	43
Figure 6	Phrase structure of Flex in English	48
Figure 7	Phrase structure of Flex in Portuguese	48
Figure 8	Syntactic movement of a small sentence to Conc	48
Figure 9	Phrase structure of Conc (adapted from Godinho, 2005:134)	50
Figure 10	Comparison of syntactic movement in SD to Conc in English and French	51
Figure 11	Portuguese determiner phrase	53
Figure 12	Relation of nuclear regency in Portuguese SD (adapted from Mateus <i>et al.</i> , 2003:345)	60
Figure 13	Application of SD Hypothesis in Chinese (Yip, 2009:21)	63
Figure 14	Chinese SNum (Cheng and Sybesma, 1999: 529)	66
Figure 15	Chinese SCl (Cheng and Sybesma, 1999: 529)	66

Lista de Diagramas

Número	Descrição	Pág.
Diagrama 1	A distribuição do AD em diferentes contextos definidos – <i>Corpus I</i>	247
Diagrama 2	A distribuição do AD em diferentes contextos definidos – <i>Corpus II</i>	248
Diagrama 3	A distribuição do AI em diferentes contextos indefinidos – <i>Corpus I</i>	257
Diagrama 4	A distribuição do AI em diferentes contextos indefinidos – <i>Corpus II</i>	258
Diagrama 5	O uso do AD/AI nos quatro contextos – grupo do 2º ano	333
Diagrama 6	O uso do AD/AI nos quatro contextos – grupo do 4º ano	334
Diagrama 7	O uso do AD/AI nos quatro contextos – grupo de falantes nativos	335



List of Diagrams

Number	Description	Pg.
Diagram 1	Distribution of the AD in different definite contexts – Corpus I	247
Diagram 2	Distribution of the AD in different definite contexts – Corpus II	248
Diagram 3	Distribution of the AI in different indefinite contexts – Corpus I	257
Diagram 4	Distribution of the AI in different indefinite contexts – Corpus II	258
Diagram 5	Use of the AD/AI in the four contexts – second year group	333
Diagram 6	Use of the AD/AI in the four contexts – fourth year group	334
Diagram 7	Use of the AD/AI in the four contexts – native speakers group	335



Lista de Siglas e Abreviaturas

ACP	-	Parâmetro da Escolha do Artigo
AD	-	artigo definido
AI	-	artigo indefinido
AN	-	artigo nulo
ASL	-	aquisição de segunda língua
ASSOC	-	associativo <i>de</i>
BA	-	preposição <i>ba</i>
C	-	complementador
Cl	-	classificador
Conc	-	concordância
D	-	determinante
DM	-	Morfologia Distribuída
DUR	-	durativo <i>zhe, zai</i>
FH	-	Hipótese da Flutuação
FFFH	-	Hipótese de Insucesso de Traços Funcionais
Flex	-	flexão
GEN	-	genitivo <i>de</i>
GU	-	gramática universal
ILG	-	gramática <i>interlíngua</i>
L1	-	primeira língua/língua materna
L2	-	segunda língua/língua estrangeira
LA	-	língua alvo
LC	-	língua chinesa
LP	-	língua portuguesa
MF	-	marcador do tempo futuro
MP	-	marcador de presença/ocorrência <i>you</i>
MSBH	-	Hipótese da Construção Estrutural Modulada
MSIH	-	Hipótese de Insucesso da Aquisição da Flexão Superficial
N	-	nome
NMP	-	Parâmetro do Mapeamento Nominal
NOM	-	nominalizador <i>de</i>

Num	-	propriedade n úmero de um nominal
PAE	-	part ícula aspecto experimental <i>guo</i>
PAP	-	part ícula aspecto perfectivo <i>le</i>
PERA	-	part ícula estado revelante actualmente <i>le</i>
S ₀	-	o n ível do estado inicial do saber lingu ístico do ser humano
S _s	-	o n ível do estado final do saber lingu ístico do ser humano
SC	-	sintagma complementador
SCI	-	sintagma classificador
SConc	-	sintagma concord ância
SD	-	sintagma seterminante
SFlex	-	sintagma flex ão
SMA	-	An álise Sint áctica Errada
SN	-	sintagma nominal
SV	-	sintagma verbal
V	-	verbo
[+arg]	-	argumentativo
[-arg]	-	n ão-argumentativo
[+art]	-	com o sistema do artigo
[-art]	-	sem o sistema do artigo
[+def]	-	definido
[-def]	-	indefinido
[+esp]	-	espec fico
[-esp]	-	n ão-espec fico
[+HK]	-	referente conhecido pelo ouvinte
[-HK]	-	referente n ão conhecido pelo ouvinte
[+pred]	-	predicativo
[-pred]	-	n ão-predicativo
[+SR]	-	referente espec fico
[-SR]	-	referente n ão-espec fico

List of Acronyms and Abbreviations

ACP	-	Article Choice Parameter
AD	-	definite article
AI	-	indefinite article
AN	-	null article
ASL	-	second language acquisition
ASSOC	-	associative <i>de</i>
BA	-	preposition <i>ba</i>
C	-	complementizer
Cl	-	classifier
Conc	-	concordance
D	-	determiner
DM	-	distributed morphology
DUR	-	durative <i>zhe, zai</i>
FH	-	Fluctuation Hypothesis
FFFH	-	Failed Functional Features Hypothesis
Flex	-	inflection
GEN	-	genitive <i>de</i>
GU	-	universal grammar
ILG	-	interlanguage grammar
L1	-	first language/mother tongue
L2	-	second language/foreign language
LA	-	target language
LC	-	Chinese
LP	-	Portuguese
MF	-	marker of future tense
MP	-	marker of presence/occurrence <i>you</i>
MSBH	-	Modulated Structure Building Hypothesis
MSIH	-	Missing Surface Inflection Hypothesis
N	-	noun
NMP	-	Nominal Mapping Parameter
NOM	-	nominalizer <i>de</i>

Num	-	noun number
PAE	-	particle of experimental aspect <i>guo</i>
PAP	-	particle of perfective aspect <i>le</i>
PERA	-	particle of currently relevant state <i>le</i>
S ₀	-	the level of the initial state of human linguistic knowledge
S _s	-	the level of the final state of human linguistic knowledge
SC	-	complementizer phrase
SCI	-	classifier phrase
SConc	-	concordance phrase
SD	-	determiner phrase
SFlex	-	inflection phrase
SMA	-	Syntactic Misanalysis Account
SN	-	noun phrase
SV	-	verb phrase
V	-	verb
[+arg]	-	argumentative
[-arg]	-	non-argumentative
[+art]	-	with article system
[-art]	-	without article system
[+def]	-	definite
[-def]	-	indefinite
[+esp]	-	specific
[-esp]	-	non-specific
[+HK]	-	hearer's knowledge
[-HK]	-	without hearer's knowledge
[+pred]	-	predicative
[-pred]	-	non-predicative
[+SR]	-	specific
[-SR]	-	non-specific

Introdução

A aquisição do artigo pelos aprendentes de segunda língua/língua estrangeira (L2), em particular pelos que têm a primeira língua/língua materna (L1) sem o sistema de artigos, é sempre problemática. O estudo na área do uso/aquisição de artigos é desafiador porque pode envolver aspectos sintáticos, morfológicos e semântico-pragmáticos. Até hoje, têm sido realizados muitos estudos e investigações na área da aquisição dos artigos, no sentido de identificar traços semânticos, interfaces sintático-morfológicas, interfaces sintático-pragmáticas, combinação entre significados e formas fonéticas, entre outros. Estudar o processo da aquisição dos artigos contribuirá para reflectir sobre o processo geral da aquisição de segundas línguas (ASL), tentando responder às questões envolvidas na gramática universal (GU), tais como se as gramáticas da *interlíngua* (*Interlanguage Grammar* - ILG) são condicionadas pela GU; se os aprendentes têm acesso total à GU e se conseguem restabelecer os parâmetros facultados pela GU e quais são as fontes de dificuldade na aquisição de L2. No caminho de identificar como os aprendentes adquirem o sistema de artigos, evidencia-se a sua importante contribuição no aspecto pedagógico. Por isso, este tipo de estudo serve não só para mostrar as variações ocorridas no processo da aquisição de L2, mas também ajudar a encontrar formas de ensino mais apropriadas de modo a facilitar a aquisição do sistema de artigos pelos aprendentes de L2.

Na gramática tradicional, as categorias lexicais merecem mais atenção do que as categorias funcionais porque constituem os núcleos das suas projecções máximas: Sintagma Nominal (SN), Sintagma Verbal (SV), Sintagma Adjectival, e Sintagma

Adverbial. As categorias menores, em que se inclui Determinante (D), funcionam como especificadores das categorias lexicais. No entanto, nas perspectivas actuais da linguística generativa, Complementador (C) e Flexão (Flex) também servem como núcleos sintáticos do Sintagma Complementador (SC) e do Sintagma Flexão (SFlex). Seguindo a mesma linha de raciocínio, Abney (1987) observou que existem muitas semelhanças entre o domínio nominal e o domínio frásico, tendo apresentado a Hipótese do Sintagma Determinante. Esta hipótese postula que D é considerado o núcleo de um Sintagma Determinante (SD), que selecciona o SN como complemento. O que é proposto é que uma expressão nominal referencial pode ser descrita por um SD, tendo como núcleo D, significando isto que a função do SD é atribuir valores referenciais do tipo [+definido] ([+def]) ou [-definido] ([-def]) ao complemento do SD. Segundo esta hipótese, Raposo (1992:210) afirma que os SN são na realidade Grupos de Determinante, projecções de D e não de Nome (N), tal como Abney (1987:59) descreve “*under the DP-analysis, the noun phrase is DP, not NP. DP is subject to the Case Filter and θ -Criterion; DP undergoes Passives and Wh-movement, leaving behind DP-traces*”. Nesta circunstância, o papel reservado à projecção de N é o de complemento de D, tal como o SV é o complemento de Flex e o SFlex é o complemento de C. Baxter *et al.* (1997:10) resumem que a existência de um paralelismo entre a estrutura do SN (que inclui SD – Concordância/Acordo – SN) e a estrutura de SC – SFlex – SV que representa a frase, seria preferível, em termos de aquisição, dado que as crianças não teriam de reconhecer diferentes mecanismos de flexão para cada categoria. Portanto, esta existência de concordância interna na estrutura que está em paralelo com a flexão encontrada ao nível de frase é uma evidência morfológica para a Hipótese do SD.

A proposta da Hipótese do SD facilita a re-examinação de vários aspectos do SN. Por exemplo, Baxter *et al* (1997:8,) declaram que o fenómeno da flexão nominal não pode ser observado como um facto que ocorre dentro do SN (o domínio das relações léxico-temáticas). Com esta nova posição, o artigo, em vez de especificador do SN, passou a ser o núcleo do SD. As categorias lexicais são hierarquicamente subordinadas a categorias funcionais, ficando os parâmetros de variação linguística circunscritos aos traços formais das categorias funcionais¹. Assim, o artigo ganhou um novo estatuto na gramática. O acesso aos traços do artigo por aprendentes de L2 tornou-se um novo ponto de foco em estudos da ASL e, como tal, o estudo da aquisição do artigo tem assumido uma maior importância em comparação com os estudos anteriormente feitos nesta área.

Chomsky propõe que o ser humano possui uma faculdade inata para formular hipóteses sobre o funcionamento da sua L1. Esta faculdade, designada como GU, consiste num conjunto de princípios linguísticos geneticamente determinados que operam ao nível do estado inicial (S0) do saber linguístico do ser humano, e vai orientando as crianças no processo de construção e reestruturação da gramática. Qual é o papel da GU no processo da ASL? Nas primeiras investigações na área da ASL, a atenção focou-se principalmente na questão de se a GU e os princípios disponibilizados por ela operam ou não. Hoje em dia, a importância da GU, que disponibiliza os princípios para a construção da gramática inicial de uma L2 tanto de forma directa ou através da L2 (de forma indirecta) é para a maioria dos linguistas da área da ASL, indubitável. Além disso, o Modelo de Princípios e Parâmetros de Chomsky defende que os falantes detêm um conjunto de princípios que são comuns a todas as línguas e parâmetros que variam dentro de limites definidos de uma língua

¹ Cf. Name e Corrêa, 2003:5 e Radford, 1997:15-16, *apud* Godinho, 2005:135

para outra. Partindo deste pressuposto, Raposo (1992:54-55) conclui que a aquisição é completamente identificada com o crescimento e a maturação da GU, que passa de um estado apenas parcialmente especificado (com parâmetros por estabelecer) a um estado completamente especificado (com os parâmetros estabelecidos), funcionando então como um sistema computacional. O processo da ASL começa, no nível S0, com o parâmetro já estabelecido numa das duas posições possíveis. Aqui, se a língua à qual a criança está exposta tem, para esse parâmetro, valor idêntico ao da ligação inicial, a criança não procede a nenhuma alteração; se, pelo contrário, a língua aprendida tem o valor oposto para o parâmetro, a criança terá de mudar o valor inicial com base nas expressões que ouve (Raposo, 1992:57). Assim, a criança tem de restabelecer o parâmetro. Então, o que nos interessa neste estudo é tentar observar se os aprendentes de L2 conseguem restabelecer os parâmetros porque os informantes chineses, que têm a L1 sem o sistema de artigos ([-art]), estão a aprender a língua portuguesa, uma L2 com o sistema do artigo ([+art]). Neste estudo, as estruturas descritas são sistematicamente ultrageneralizadas pela ILG, que é o produto da interação das propriedades sintáticas e semânticas da L1 e da L2 conjuntamente com universais linguísticos. Nesta circunstância, será que os aprendentes de português L2 têm, realmente, acesso total à GU e conseguem ter uma *performance* como falantes nativos, ou seja, conseguem no final restabelecer os parâmetros?

Entre os linguistas que não defendem o acesso total à GU, uns consideram a impossibilidade de acesso à GU porque esta não está presente na ASL (Clahsen e Muysken 1986, Clahsen 1988, Meisel 1991, 1997), outros defendem o acesso parcial à GU por aprendentes de L2 (Tsimplici e Roussou 1991, Tsimplici e Smith 1991, Smith e Tsimplici, 1995, Hawkins e Chan 1997, Hawkins 2001, Franceschina 2002, 2003,

Godinho 2005). Este ponto de vista sustenta que um subconjunto dos traços da GU, especificamente os traços sintáticos não interpretáveis, desaparecem do inventário da GU se não são activados durante a aquisição da linguagem primária, por isso, os aprendentes de L2, potencialmente, possuem um *deficit* neste domínio. Hawkins e Chan (1997) propõem a Hipótese de Insucesso da Aquisição de Traços Funcionais (*Failed Functional Features Hypothesis* - FFFH), segundo a qual, os aprendentes de L2 não têm acesso total à GU e, quando a L2 e a L1 diferem nos traços funcionais específicos, os aprendentes não são capazes de determinar o significado funcional total daquele novo material morfofonológico. Isto significa que os aprendentes de L2 não conseguem restabelecer os traços que não se encontram instanciados na L1, e o acesso à GU não é total. Portanto, os aprendentes de L2 que têm L1 [-art], não vão conseguir adquirir totalmente o sistema do artigo.

Ao contrário, há estudiosos que defendem o acesso total à GU e a possibilidade do restabelecimento de parâmetros (White, 1985, 1989, 1990, 2003a, 2003b, Schwartz e Sprouse, 1996, Flynn, 1996, Vainikka e Young-Scholten, 1994, Haznedar e Schwartz 1997, Prévost e White, 1999, 2000, Ionin *et al*, 2003a, 2003b, 2004, 2008, Montrul, 2004). A teoria do acesso total assume que os aprendentes de L2, em princípio, têm todos os recursos da faculdade da linguagem disponíveis para a construção de uma gramática de L2. Com base nessa ideia, Prévost e White (2000) propõem a Hipótese de Insucesso da Aquisição da Flexão Superficial (*Missing Surface Inflection Hypothesis* - MSIH), afirmando que os aprendentes de L2 têm dificuldades na realização aberta² da morfologia e variam nas suas ILG no uso de morfologia flexional devido a uma dificuldade de mapeamento entre as formas fonológicas e as representações sintáticas abstractas que realizam. Além disso, entre

² Tradução de “overt”.

os linguistas com a mesma posição, Ionin *et al* (2003a, 2003b, 2004) apresentam a Hipótese da Flutuação (*Fluctuation Hypothesis* - FH), defendendo que, tendo em conta a existência de línguas que se baseiam na especificidade e outras que se baseiam na definitude, os falantes de L2 acedem a ambos os valores do parâmetro proposto – Parâmetro da Escolha do Artigo (*Article Choice Parameter* - ACP), flutuando entre dois valores, quer eles sejam marcados para a língua em aquisição quer não. Os aprendentes flutuam entre a escolha do artigo em função da definitude e da especificidade e conseguem optar por um artigo correcto à medida que estão mais expostos à língua alvo (LA). Para eles, os aprendentes de L2 têm acesso total aos diferentes valores paramétricos. A explicação por que os aprendentes não manifestaram uma *performance* como nativos assenta em outras explicações, por exemplo, a falha na combinação da forma fonética com a representação mental.

Partindo das duas posições distintas anteriormente mencionadas em termos do restabelecimento de parâmetros, o presente estudo visa observar como os aprendentes-adultos chineses que têm L1 [-art] adquirem os artigos em português, detectando as variações existentes na sua ILG e mostrando a *performance* dos aprendentes chineses na aquisição dos artigos em português, de modo a verificar a (im)possibilidade da aquisição total dos artigos por aprendentes de L2 que têm L1 [-art]. A partir daqui, procuraremos saber qual é a posição que a evidência fornecida por este trabalho suporta, ou seja, tentaremos ver se a aquisição do português L2 por aprendentes chineses comprova que existe o acesso total à GU e se os parâmetros podem ser restabelecidos. O estudo é feito em redor da aquisição dos artigos especificamente no sentido de identificar os traços sintáctico-semânticos. O traço morfológico (a flexão nominal) não constitui objecto do presente estudo por uma

questão de limitação de tempo, não significando isto, porém que este ponto deixado não seja incluído em futuros estudos.

No estudo linguístico cruzado entre a língua portuguesa (LP) e a língua chinesa (LC), encontramos duas posições opostas em relação à aplicação da Hipótese do SD na LC. Dentro dos defensores, Tang (1990) propõe uma categoria intermediária Classificador (Cl) que selecciona um SN e o Sintagma Classificador (SCL) é um complemento de D. Outro defensor, Yip (2009) afirma que, embora não haja determinantes abertos em chinês, os SN chineses exibem uma função de D. Por outro lado, Cheng e Sybesma (1998, 1999), oponentes representativos, argumentam que o núcleo de um Cl chinês pode assumir as funções de D em línguas do tipo inglês e o SCL pode ser o equivalente do SD e assim domina o SN. Então os SN devem ser SCL em vez de SD. Cheng (2011) também critica a Hipótese do SD na LC, declarando que não há SD por cima das projecções máximas nominais em chinês mandarim e a Hipótese do SD não é aplicável ao chinês mandarim. A discussão sobre a aplicação da Hipótese do SD na LC é importante para o nosso estudo. Se a hipótese é aplicável, isto significa que o traço abstracto D existe na L1 dos nossos informantes e o restabelecimento paramétrico é um processo em que os informantes têm que mapear este traço abstracto a novas formas fonológicas (diferentes das suas da L1). Assim o restabelecimento paramétrico é possível. Ao contrário, se a hipótese não é aplicável na LC, os nossos informantes nunca conseguem restabelecer o parâmetro, dado que, segundo a FFFH, os aprendentes de L2 não conseguem adquirir totalmente os traços funcionais não instanciados na sua L1. Enquanto na LP é o artigo que codifica a definitude e representa a determinação do SD, na LC existem outros mecanismos para representar as mesmas propriedades.

O estudo é feito junto de cento e vinte e cinco alunos chineses do Curso de Licenciatura de Estudos Portugueses da Universidade de Macau. São feitas duas experiências, sendo a primeira a fornecer dois tipos de dados. O primeiro tipo de dados, *Corpus I*, é constituído por dados escritos, resultado de uma composição em que os informantes recontam por escrito a parte inicial de um filme mudo de Chaplin. O segundo tipo de dados, *Corpus II*, é feito com base nos dados orais recolhidos através da gravação e depois transcrição das entrevistas individuais com duração de 40 a 50 minutos em que os alunos falam da sua vida, do seu estudo e também as suas opiniões pessoais sobre vários aspectos da sociedade em que vivem. As duas tarefas fornecem dados recolhidos em ambientes naturais, com base nos quais, tentaremos descrever e explicar um grupo de variáveis linguísticas e extralinguísticas consideradas influenciadoras na aquisição dos artigos em português, particularmente o artigo definido (AD) e o artigo indefinido (AI), na *interlíngua* de aprendentes chineses, visando procurar o desenvolvimento estrutural da aquisição desse elemento morfossintático. A segunda experiência é uma tarefa de elicitação forçada adaptada de um exercício aplicado por Ionin *et al.* (2003a, 2003b, 2004) com o objectivo de testar se o fenómeno de flutuação que, em muitos estudos, tem sido verificado no processo da aquisição dos artigos em L2 por aprendentes com L1 [-art], também é aplicável aos alunos chineses. Os dados obtidos nesta experiência, *Corpus III*, também consolidam o estudo relacionado com o uso do AD e AI no processo da aquisição, o objectivo principal da presente pesquisa. Trata-se de estudos diacrónicos, em que comparamos os dados recolhidos em momentos diferentes que correspondem ao 2º e 4º ano do estudo de licenciatura. Daí se revelará o processo de evolução da aquisição.

A análise da variação será feita através de um método quantitativo com recurso ao programa estatístico SPSS que permite investigar situações em que uma ou mais variáveis em estudo são influenciadas por outros vários elementos de contextos, ou seja, múltiplas variáveis independentes. Sendo um programa pelo qual se podem calcular probabilidades para cada factor, a sua aplicação neste estudo tem como objectivo mostrar como os traços sintácticos e semânticos sob observação estão a ser incorporados na *interlíngua* dos aprendentes chineses através da determinação dos efeitos relativos de factores linguísticos e extralinguísticos na aquisição do artigo em português. Para o presente estudo, são definidas variáveis, através do estudo das quais se testa se as diversas variáveis independentes exercem influência sobre o uso dos artigos em português, com a finalidade de se provarem onze hipóteses propostas. Os dados obtidos nas três tarefas, posteriormente organizados e codificados, irão ser analisados pelo suporte estatístico ANOVA (do SPSS), com a finalidade de revelar como os informantes chineses desempenham no uso dos artigos e se as nossas hipóteses propostas vão ser confirmadas, assim se evidenciando as características das ILG que os mesmos possuem.

O significado do presente estudo é importante por causa da sua contribuição para a área de estudo no que respeita à aquisição do sistema de artigos e consequentemente para o conhecimento geral da aquisição da língua. Devido à complexidade que existe no processo da ASL, a importância do estudo dos problemas que os aprendentes de L2 encaram na aprendizagem de uma L2 ajuda a compreender os processos mentais subjacentes à aquisição de língua em geral e como a aquisição de línguas é desenvolvida ao longo do processo de aquisição. A explicação da variação linguística inerente ao aprendente de L2 contribui para a adopção, de forma mais adequada, de métodos de ensino/aprendizagem.

A tese é composta da forma seguinte: o Capítulo 1 descreve os fundamentos teóricos, contém noções e ideias fundamentais pertinentes que servem como base teórica a partir da qual o presente trabalho irá ser desenvolvido; o Capítulo 2 explora como a definitude é representada sintacticamente na LA e na L1 de aprendentes chineses, informantes do estudo, especificamente explicitando os SD na LP e os SCl na LC; o Capítulo 3 aborda dois traços semânticos de referencialidade: definitude e especificidade e como a LP e a LC recorrem a diferentes mecanismos para representar a referencialidade. Além disso, mostra-se a interpretação da referencialidade em termos dos traços binários [+definido] ([+def]) e [+específico] ([+esp]) nas duas línguas; o Capítulo 4 descreve os estudos realizados na área da aquisição do sistema de artigos em L2, incluindo os estudos concluídos junto de aprendentes chineses, com o propósito de estabelecer o ponto de partida para a presente pesquisa, e ainda uma descrição de algumas hipóteses que têm sido aplicadas em estudos na área da aquisição do SD na corrente pesquisa da ASL. Neste capítulo, são construídas hipóteses para o nosso estudo que focaliza a questão da aquisição dos artigos em português por aprendentes chineses que têm a sua L1 [-art]; O Capítulo 5 descreve o método quantitativo adoptado para o presente estudo. Depois, são identificados os informantes, descritas as tarefas aplicadas e caracterizados os dados recolhidos. Também são colocadas variáveis que é suposto condicionarem o uso do artigo; o Capítulo 6 trata e analisa os dados pelo SPSS, revelando a *performance* dos informantes no uso do artigo e tentando confirmar as hipóteses propostas. Os resultados obtidos servem para a elaboração dos Pontos Conclusivos e Considerações Finais, a última parte da tese.

Capítulo 1 Aquisição de Segunda Língua e Restabelecimento de Valores Paramétricos

Neste capítulo, apresentaremos noções e ideias fundamentais pertinentes que servem como base teórica a partir da qual o presente trabalho irá ser desenvolvido.

1.1 Teoria dos Princípios e Parâmetros e categorias funcionais da língua

Sabemos que, um ser humano, em circunstâncias normais, consegue, com base na faculdade inata que possui para a linguagem verbal, formular hipóteses sobre o funcionamento da sua língua materna (L1). Esta faculdade designada por Chomsky (1986:3) de Gramática Universal (GU) pode ser considerada como a caracterização da faculdade da linguagem geneticamente determinada e consiste num conjunto de princípios linguísticos determinados que operam ao nível do estado inicial (S_0)³ do saber linguístico do ser humano. O resultado dessa evolução é a gramática final e estável (S_s)⁴, que caracteriza os conhecimentos linguísticos do falante adulto. Por outro lado, A teoria da GU afirma que os falantes detêm um conjunto de princípios que são comuns a todas as línguas e parâmetros que variam dentro de limites determinados de uma língua para outra. Este pressuposto teórico é definido como a teoria dos Princípios e Parâmetros da GU⁵ (Chomsky, 1981, Chomsky e Lasnik,

³ Usamos o símbolo S_0 de Raposo (1992:47)

⁴ Usamos o símbolo S_s de Raposo (1992:47)

⁵ Aqui, os princípios são propriedades de construção gramatical invariáveis universalmente, e os parâmetros as especificações de variação possível. Os princípios definem a arquitectura estrutural da língua humana. A variação entre línguas particulares ou variedades da língua é explicada por um número pequeno de parâmetros da variação permitida dentro do modelo global definido pelos princípios (Chomsky, 1981, 1986).

1993), a qual, segundo Faria *et al.* (1996:17), preconiza que, a par de universais substantivos e formais como os princípios, existem princípios abertos, i.e., não completamente especificados, que podem assumir dois valores (positivo ou negativo). Neste quadro, a variação entre línguas deriva dos valores que cada uma fixa para cada parâmetro. Faria *et al.* (1996:18) exemplificam que existe na GU um parâmetro que estipula que as frases finitas podem/não podem ter sujeitos sem realização lexical (o Parâmetro de Sujeito Nulo). Se uma língua fixa o valor positivo para este parâmetro, como nos casos da língua portuguesa (LP) e da língua chinesa (LC), podem ocorrer nessas línguas frases como: (1) *Fomos ao cinema.* (2) *Ni (tu) qu (ir) bu (não) qu (ir) kan (ver) dianying (filme)? Qu (ir).* Se uma língua fixa o valor negativo para este parâmetro, como acontece com o inglês, é excluída uma frase como * *Went to the cinema.* Baseado nas suas observações, Jaeggli e Safir (1989, *apud* Faria *et al.* 1996:19) concluem que as línguas que fixam o valor positivo para o Parâmetro de Sujeito Nulo ou têm uma morfologia verbal muito rica em pessoa e número (como acontece com o português, o espanhol e o italiano) ou não têm pura e simplesmente morfologia verbal de pessoa e número (como é o caso do chinês e do japonês). Pelo contrário, nas línguas que fixam o valor negativo para este parâmetro existe morfologia verbal de pessoa e número não uniformemente – exemplificando o que acontece no presente do indicativo em francês e em inglês. Esta constatação leva à formulação da seguinte hipótese: a propriedade do *input* linguístico que leva as crianças, durante o processo de aquisição de linguagem, a fixarem o valor positivo para o Parâmetro de Sujeito Nulo é a existência de paradigmas flexionais verbais uniformes. Desta forma, teremos a GU a definir propriedades universais da linguagem humana e para cada gramática particular serão fixados parâmetros num dado valor previsto pela GU, sob uma mesma estrutura com

opções condicionadas.

Tomemos um outro exemplo de parâmetros – o Parâmetro do Núcleo⁶, que lida com a forma pela qual os sintagmas em si próprios são estruturados. Todos os sintagmas têm um elemento central chamado núcleo; no caso de um Sintagma Nominal (SN), o núcleo é o nome, no caso de um Sintagma Verbal (SV), o núcleo é o verbo, no caso de um Sintagma Determinante (SD), o núcleo é o determinante (D). Uma dimensão pela qual as línguas variam é a posição do núcleo relativamente aos outros elementos contidos no sintagma, chamados complementos. O português é uma língua com o núcleo na primeira posição⁷ porque o núcleo do sintagma aparece antes dos seus complementos. O chinês por seu lado, é uma língua com o núcleo pós-posto⁸, porque os complementos precedem o núcleo dentro do sintagma.

Assim, a diferentes línguas corresponde uma mudança paramétrica. Como referem Cook e Newson (1996: 1-2), “a teoria da UG sustenta que os falantes conhecem um conjunto de princípios que se aplicam a todas as línguas e parâmetros que variam dentro de limites claramente definidos de uma língua para outra (...) a aquisição de língua significa aprender como esses princípios se aplicam a uma determinada língua e que valor é apropriado para cada parâmetro.”⁹

Chomsky (1995, 2000) argumenta que o cerne da linguagem humana é o léxico¹⁰, que contém categorias lexicais e funcionais específicas das línguas. As categorias lexicais, como nomes, verbos, adjectivos, etc., são conhecidas como morfemas que contêm um significado específico. Em português, segundo Mateus *et*

⁶ “head parameter”

⁷ “head-first”

⁸ “head-last”

⁹ A tradução de “UG theory holds that the speaker knows a set of principles that apply to all languages, and parameters that vary within clearly defined limits from one language to another...acquiring language means learning how these principles apply to a particular language and which value is appropriate for each parameter.” (Cook e Newson, 1996: 1-2)

¹⁰ “Lexicon”, definido por Chomsky (1995:6)

al. (2003), as categorias lexicais são as seguintes: Nome (N), Adjectivo, Preposição, Verbo (V) e Advérbio. Cada uma destas categorias lexicais constitui o núcleo das seguintes categorias sintagmáticas: sintagma nominal (SN), sintagma adjectival, sintagma preposicional, sintagma verbal (SV) e sintagma adverbial. Essas categorias sintagmáticas são a projecção máxima de núcleos N, Adjectivo, Preposição, V e Advérbio. Por outro lado, a informação gramatical para pessoa, número, concordância, caso, negação, tempo, aspecto está codificada em categorias funcionais¹¹, como por exemplo, a categoria Flexão (Flex), projecção máxima de informações de Tempo e Concordância (Conc) (*apud* Godinho, 2005:99). Quando uma unidade pertence a um leque reduzido de palavras ou unidades morfológicas da língua e o seu significado remete para noções mais abstractas como a conexão entre frases, a determinação, a quantificação, o tempo, o modo, o aspecto, estamos na presença de categorias funcionais (Mateus *et al.*, 2003:326). A estrutura destes sintagmas funcionais é basicamente a mesma dos sintagmas lexicais, e podem ser representados da mesma forma. Assim temos sintagma determinante, sintagma quantificador (Mateus *et al.*, 2003:345), etc.

As diferenças entre as categorias lexicais e funcionais estão sumarizadas na seguinte tabela, baseadas nos estudos de Abney (1987) e Ouhalla (1991).

Quadro 1 – O contraste entre categorias lexicais e funcionais (*apud* Cook e Newson, 1996:187)

Grupo funcional	Grupo lexical
Classe fechada de núcleos	Classe aberta de núcleos
Foneticamente dependente	Foneticamente independente
Normalmente não enfatizado	Potencialmente enfatizado
Tem um complemento singular, não um argumento	Tem um ou mais complementos
Complemento inseparável	Complemento separável
Sem conteúdo descritivo, não ligado ao mundo real	Com conteúdo descritivo, ligado ao mundo real
Tem traços gramaticais	Não tem traços gramaticais
Ligado aos parâmetros	Não ligado aos parâmetros

¹¹ “As partes lexicais do discurso fornecem o “conteúdo” da frase (...) as partes funcionais do discurso, pelo contrário, fornecem as informações gramaticais. Os itens funcionais são a “cola” que mantém uma frase junta” (Carnie, 2007:45)

A partir da tabela acima colocada, entende-se que é impossível inventar um elemento funcional novo por o número de elementos funcionais ser limitado. Por exemplo, a categoria Conc é fechada. Por outro lado, a categoria lexical N é aberta, uma vez que qualquer pessoa pode formular um novo item lexical. Em muitos casos, os elementos funcionais dependem fonologicamente de outras coisas, por exemplo, se são clíticos ou não, mas os elementos lexicais não. Os elementos funcionais não são enfatizados enquanto os lexicais normalmente são. Os núcleos funcionais seleccionam uma camada muito restrita de complementos e não podem ser separados dos mesmos. As categorias funcionais marcam significados gramaticais e as categorias lexicais têm todas um conteúdo descritivo actual e referem-se às coisas. Ouhalla (1991, *apud* Cook e Newson, 1996:186) acrescenta à lista a propriedade de que só as categorias funcionais têm traços gramaticais, tais como número, pessoa, *etc*, e também a maior suposição de que só as categorias funcionais têm parâmetros. Esta teoria é designada como Hipótese da Parametrização Funcional, segundo a qual os parâmetros não pertencem aos princípios, mas sim às categorias funcionais. De acordo com esta suposição, as línguas diferenciam-se nas propriedades que seleccionam para as suas categorias funcionais. As categorias lexicais são universais e uniformes dentro de todas as línguas.

Sob este ponto de vista, as línguas são diferentes umas das outras só porque os seus léxicos são diferentes, e tudo o que a aquisição da língua envolve é a aprendizagem do léxico. Os princípios abstractos subjacentes a todas as línguas humanas já estarão especificados no módulo computacional e a tarefa encontrada pelas crianças será aprender o léxico da língua que os rodeia, bem como as configurações aplicadas àquela língua. Esta ideia sugere que os parâmetros estão

contidos, à partida, nas categorias funcionais. Assim, uma criança, durante o processo de aquisição de L1, precisa de adquirir o léxico e os parâmetros da sua língua materna, isto é, o conjunto de propriedades sintácticas e semânticas abstractas das categorias funcionais. Aprender uma segunda língua (L2) consiste em adquirir os parâmetros da língua-alvo (LA), uma vez que os princípios são invariáveis entre as línguas e, por esse motivo, não necessitam de ser adquiridos (Godinho 2005:100-101).

Por isso, os parâmetros pertencem às categorias funcionais e as línguas diferenciam-se nas propriedades que seleccionam para as suas categorias funcionais enquanto as categorias lexicais são universais e uniformes dentro de todas as línguas.

Antes de entrarmos na discussão sobre a possibilidade do restabelecimento de parâmetros na aquisição de línguas, veremos alguns conceitos no que respeita à questão de como os diferentes níveis de interface sintáctico-morfológica se representam.

1.2 Níveis de interface sintáctico-morfológica

Começamos por colocar a questão como é que os sons se combinam com os significados para formar uma palavra? A resposta é que o “sistema computacional”¹² presente na mente humana relaciona os significados com as sequências dos sons numa direcção e as sequências dos sons com os significados na outra (Chomsky, *apud* Cook e Newson, 1996:43). Para descrever uma frase, é preciso um caminho para descrever sons actuais, designado como uma representação fonética; um

¹² “Computational system” (Chomsky, *apud* Cook e Newson, 1996:43).

caminho para representar significados, designado como uma representação semântica, e; um caminho para descrever a estrutura sintáctica que liga os primeiros dois caminhos, sendo designado como uma representação de nível sintáctico. A estrutura desempenha um papel mediador central entre a forma física e o significado abstracto. A figura seguinte mostra esta ponte que liga os sons aos significados via sistema computacional interveniente da sintaxe.

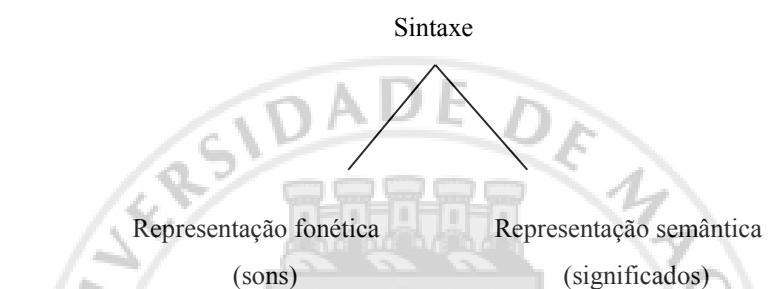


Figura 1 – A ponte entre sons e significados (Cook e Newson, 1996:43)

A teoria de Princípios e Parâmetros capta esta ponte entre sons e significados através das construções técnicas, a Forma Fonética¹³, realizada com sequências dos sons e a Forma Lógica¹⁴, representações de certos aspectos de significados, as quais são ligadas via sintaxe. O modelo é representado na seguinte figura.

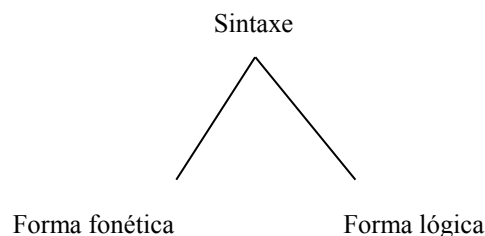


Figura 2 – A ponte entre a forma fonética e a forma lógica (Cook e Newson, 1996:43)

¹³ “*Phonetic Form*”

¹⁴ “*Logical Form*”

De acordo com Cook e Newson (1996: 43-45), a forma fonética e a forma lógica têm as suas próprias naturezas, estabelecendo o contacto entre a gramática e outras áreas. Os mesmos linguistas citam Chomsky (1986, *apud* Cook e Newson, 1996:44), exprimindo que “a Forma Fonética e a Forma Lógica constituem a “interface” entre a língua e outros sistemas cognitivos, produzindo a representação directa dos sons, por um lado, e significados por outro lado, como a língua e outros sistemas interagem...”¹⁵ Aqui, as formas fonética e lógica são conhecidas como níveis de interface. A teoria dos Princípios e Parâmetros concentra-se mais na componente sintáctica central do que nas formas fonética e lógica. Por isso, o problema linguístico central na aquisição da língua reside no facto de como os aprendentes adquirem a interface sintáctica, mais do que sons e significados.

No entanto, a teoria dos Princípios e Parâmetros considera necessário usar mais do que estes dois níveis de interface. Nesta circunstância, são propostos mais dois níveis, sendo um de Estrutura-D em que todos os elementos na frase estão nos seus lugares originais e um de Estrutura-S em que os mesmos elementos já foram movidos. Exemplificam-se definições citadas do livro de Cook e Newman (1996:46): “a Estrutura-D onde a forma subjacente da frase é dada antes do movimento” e “a Estrutura-S onde a forma relacionada da frase após o movimento é descrita, incluindo traços (t) das posições originais dos itens movidos”¹⁶. O nível da ponte que liga sons e significados é a Estrutura-S, que tem uma Forma Fonética, e uma Forma Lógica. A Estrutura-S é relacionada através do movimento com a Estrutura-D que expressa as relações-chave estruturais na frase. A Estrutura-S é apenas um ponto de

¹⁵ A tradução de “Phonetic Form e Logical Form constitute the “interface” between language and other cognitive systems, yielding direct representation of sound on the one hand and meanings on the other as language and other systems interact...”(Chomsky,1986, *apud* Cook e Newson, 1996:44)

¹⁶ A tradução de “D-structure where the underlying form of the sentence is given before movement” e “S-structure where the related form of the sentence after movement is described, including traces (t) of the original positions of the moved items.”(Cook e Newson, 1996:46)

interacção dentro de três níveis fundamentais. Então, teremos um novo esquema que representa as relações entre os níveis de interface.

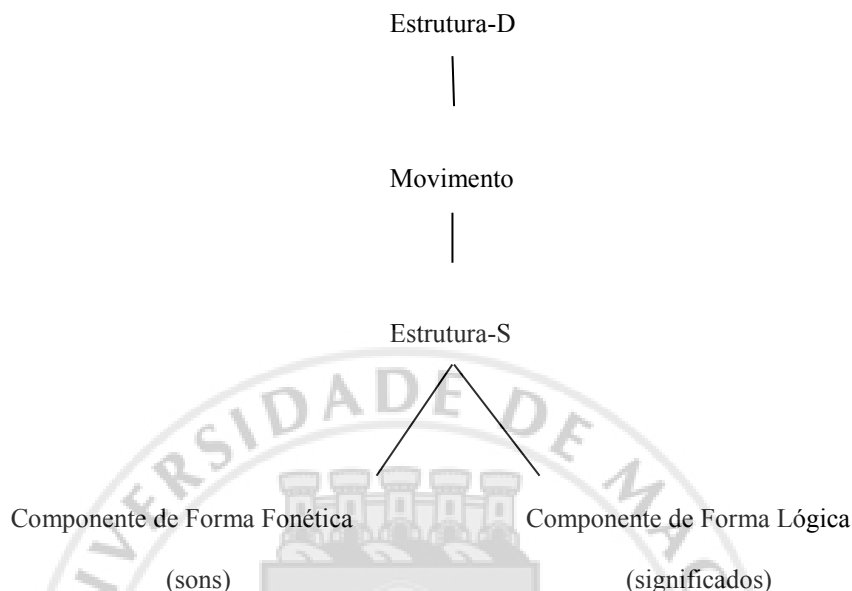


Figura 3 – O Modelo – T (Cook e Newson, 1996:47)

Partindo destes pressupostos teóricos, passamos a perceber as relações entre os níveis da sintaxe. Agora observamos as propriedades que atendem ao pressuposto no que respeita à interface sintático-morfológica – Modelo de Morfologia Distribuída que começou a desenvolver-se a partir dos inícios dos anos 90.

Silva (2010: 21-22) resume no seu estudo três propriedades fundamentais no modelo de Morfologia Distribuída¹⁷ (DM), identificadas por Halle e Marantz (1993): a Inserção Tardia¹⁸, a Subespecificação¹⁹ e a Estrutura Sintáctica Top-Down²⁰. O autor explica que a Inserção Tardia significa que só depois da sintaxe é que são inseridas todas as expressões fonológicas. Assim sendo, as categorias sintácticas são

¹⁷ A tradução de “*Distributed Morphology*”

¹⁸ A tradução de “*Late insertion*”

¹⁹ A tradução de “*Underspecification*”

²⁰ A tradução de “*Hierarchical Structure All the Way Down*”

abstractas, sem conteúdo fonológico e, anteriormente a qualquer expressão ser inserida, temos apenas traços morfossintáticos. Por subespecificação de itens de vocabulário compreende-se que as expressões fonológicas não precisam de estar totalmente especificadas para as posições sintáticas onde irão ser inseridas. A última é a construção hierárquica dos elementos da sintaxe e da morfologia que se combinam e entram no mesmo tipo de estrutura de constituintes. O modelo da teoria é representado no seguinte esquema.

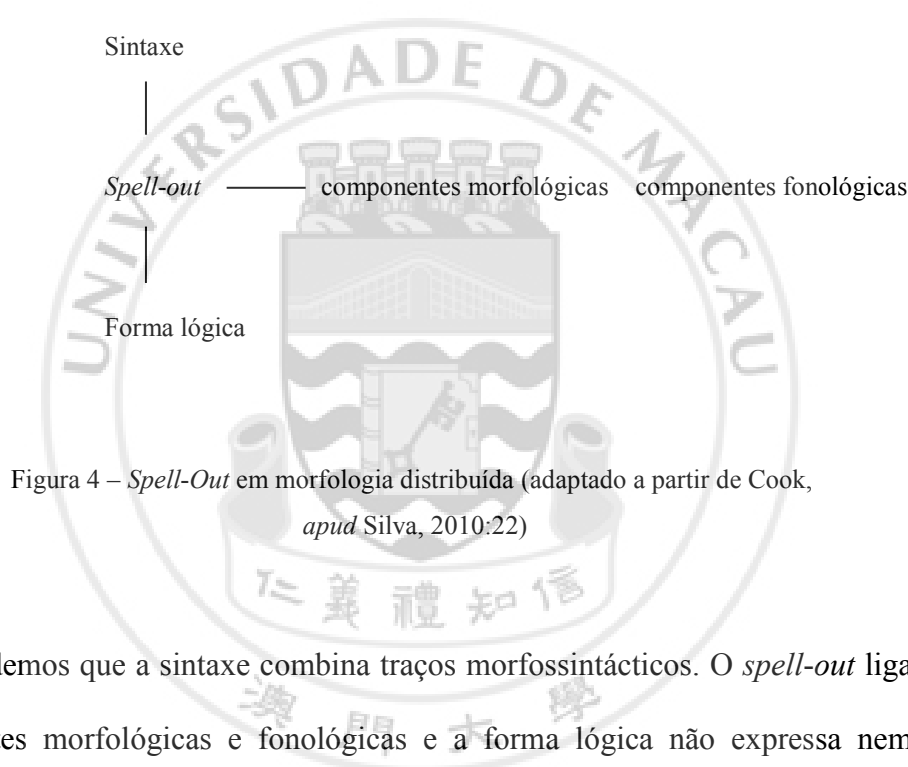


Figura 4 – *Spell-Out* em morfologia distribuída (adaptado a partir de Cook, *apud* Silva, 2010:22)

Entendemos que a sintaxe combina traços morfossintáticos. O *spell-out* liga as componentes morfológicas e fonológicas e a forma lógica não expressa nem representa significado, sendo apenas um nível de representação que exhibe determinadas relações estruturais relacionadas com o significado das expressões. Neste modelo, a estrutura interna das palavras acontece a partir das operações sintáticas, e em especial do movimento de núcleo (Silva, 2010:23).

1.3 Restabelecimento de valores paramétricos

Adquirir uma língua significa aprender como os princípios da GU são aplicados a uma língua particular e qual o valor apropriado a cada parâmetro. Portanto, os parâmetros, são definidos como um sistema de princípios abertos, tratando-se de uma espécie de “comutadores linguísticos” cujo valor final e definitivo apenas é atingido durante o processo de aquisição, através do seu estabelecimento (ou ligação) numa de duas posições possíveis com base na informação obtida a partir do meio linguístico ambiente (Raposo, 1992:54-55). Segundo o mesmo autor, a aquisição pela criança da gramática final da sua língua, consiste essencialmente em dois aspectos: a aprendizagem das formas lexicais da língua, com as propriedades fonológicas, sintáticas e semânticas determinadas pelo <<dicionário mental>> e a atribuição aos vários parâmetros da GU do valor que possuem nessa língua. Aqui, a aquisição é identificada com a maturação da GU, que passa de um estado apenas parcialmente especificado (com os parâmetros por fixar) a um estado completamente especificado (com os parâmetros fixados). Neste sentido, o processo de aquisição de línguas é considerado como o processo de fixação adequada de parâmetros.

Como se atribui o valor aos parâmetros? A resposta é: a informação linguística contida nos dados primários simples ao alcance da criança permite-lhe decidir qual posição a atribuir a cada parâmetro. Recorremos ao exemplo do parâmetro de Sujeito Nulo para ilustrar o processo de estabelecimento do valor paramétrico. Partindo de um princípio da GU, que determina a existência da posição de sujeito, mas não determina o preenchimento necessário dessa posição por um SN com conteúdo fonético, as crianças vão escolher entre a realização fonética

obrigatória (valor não-*pro-drop*)²¹ vs. a realização fonética opcional (valor *pro-drop*)²² do sujeito da oração. Isto é, as crianças, em S₀, têm de fixar o parâmetro com duas posições possíveis. A fixação é feita baseada naquilo que as crianças recebem. Por exemplo, uma criança portuguesa não tem dificuldade em fixar o parâmetro na posição *pro-drop* enquanto uma criança inglesa fixa o valor do parâmetro na posição não *pro-drop*. Na sequência deste exemplo, ficamos a saber que uma criança tem de decidir a partir da sua experiência linguística qual das duas posições possíveis pode fixar (Raposo, 1992:57). Trata-se normalmente do caso da aquisição de L1.

A outra possibilidade que se encontra é de que o processo de aquisição comece, em S₀, com o parâmetro já estabelecido numa das duas posições possíveis. Neste caso, estamos perante o processo da aquisição de L2 (ASL). Aqui, se a língua à qual a criança está exposta tem para esse parâmetro valor idêntico ao da ligação inicial, a criança não procede a nenhuma alteração; se, pelo contrário, a língua que está a aprender tem o valor oposto para o parâmetro, a criança terá de mudar o valor inicial com base nas expressões que ouve (Raposo, 1992:57). Assim, a criança tem de restabelecer o parâmetro.

No entanto, o estabelecimento de alguns parâmetros é mais marcado do que o de outros. No caso do parâmetro de Sujeito Nulo, se as crianças começam com este estabelecimento, isto significa que o não sujeito-nulo é mais marcado. As crianças que começam com o estabelecimento não marcado dos parâmetros têm que restabelecer esses valores que são mais marcados na língua que estão a aprender. Além disso, a questão do estabelecimento de parâmetros ser marcado ou não relaciona-se com a evidência disponível (Cook e Newson, 1996: 119). Os estabelecimentos não marcados de parâmetros são aqueles que as crianças

²¹ Segundo a referência de Raposo (1992: 56, rodapé)

²² Segundo a referência de Raposo (1992: 56, rodapé)

conseguem adquirir a partir de uma quantidade mínima da evidência positiva²³. Os aprendentes portugueses não necessitam de evidência para estabelecer o parâmetro de Sujeito Nulo porque desde o princípio eles têm o estabelecimento correcto.

Concluimos, aqui, recorrendo à afirmação de Raposo (1992:62), que os parâmetros são propriedades abstractas da GU que não se encontram em correspondência biunívoca com propriedades simples (directamente observáveis) dos sistemas linguísticos. O exemplo do parâmetro de Sujeito Nulo mostra que a formulação exacta do parâmetro não refere necessariamente a propriedade concreta da omissão/não omissão do sujeito, mas sim uma propriedade mais abstracta da GU que tem como efeito a possibilidade (ou impossibilidade) de omitir o sujeito. Por outro lado, esta noção de parâmetro prediz que a omissão do sujeito é apenas uma das propriedades concretas que se encontram associadas ao estabelecimento do parâmetro de Sujeito Nulo. Esta noção de parâmetro traz novas ideias e implicações importantes, sobretudo, para os estudos de gramática comparativa, em que se torna possível reduzir feixes de diferenças superficiais entre dois sistemas linguísticos à fixação de valores opostos num número muito reduzido de parâmetros. Daí abrir uma nova janela para os estudos de gramática comparativa que têm o seu peso na investigação no que respeita à ASL.

Continuando a abordar a questão de restabelecimento de parâmetros na ASL, sabemos que, ao começarem a aprender uma L2, os aprendentes possuem já um sistema linguístico perfeitamente desenvolvido com os parâmetros estabelecidos, adquiridos antes da aprendizagem do segundo sistema. Então, necessitam, em muitos casos, de restabelecer os parâmetros que são diferentes ou não instanciados na L1. Por exemplo, a categoria funcional Conc contém uma forma “género” em línguas

²³ “Significa a quantidade de informação à qual a criança está exposta naturalmente e que constitui o *input* linguístico que recebe” (Godinho, 2005:90, nota de rodapé).

como o francês ou o português, mas não noutras como o inglês e o chinês. Isto significa que os indivíduos ingleses e chineses a aprender as línguas francesa e portuguesa têm de restabelecer os parâmetros ausentes das suas L1. Mas será que os aprendentes conseguem restabelecer os parâmetros? Se a resposta for afirmativa, por que motivo se mantêm os erros até à S_s do desenvolvimento linguístico de aprendentes de L2²⁴, fossilizando-se²⁵ por vezes?

Portanto, encontra-se uma divergência em relação à questão da existência ou não da possibilidade de restabelecimento de parâmetros na ASL. Nesta circunstância, passamos a descrever no próximo ponto várias hipóteses relacionadas com a aquisição de parâmetros em contexto de L2.

1.4 Acessibilidade à Gramática Universal e restabelecimento de parâmetros

Antes de entrarmos na discussão sobre a disponibilidade para o restabelecimento de parâmetros, falaremos um pouco sobre a acessibilidade à GU.

²⁴ Godinho (2005:104-105) considera que a diferença mais importante entre a aquisição de L2 e de L1 é o facto de que, normalmente, é impossível adquirir na plenitude a gramática da língua que se está a aprender. Muitas vezes as gramáticas da interlíngua caracterizam-se pela fossilização de alguns aspectos da língua que persistem até ao estado quase final, ou mesmo final da L2. A mesma linguista recorre à posição de Hawkins *et al.* (1993) que defendem que uma proficiência quase nativa na L2 é algo impossível de atingir e que poderá ser mais aparente do que real.

²⁵ A fossilização, segundo Selinker, é um insucesso relativo em relação à aquisição de uma língua. Sob esta noção, o estado final é visto como uma gramática que difere da gramática da língua alvo na medida em que apresenta retenção permanente de formas desviantes, apesar da oportunidade que o falante tem para melhorar o seu desempenho (Long, 2003:487-488)

1.4.1 Acessibilidade à Gramática Universal

Perante o problema relacionado com o acesso ou não à GU na aquisição de L2 (ASL), os linguistas defendem posições próprias que se distinguem entre eles. White, 1985, 1989, 1990, 2003a, 2003b, Schwartz e Sprouse, 1996, Flynn 1996, Vainikka e Young-Scholten, 1994, Haznedar e Schwartz 1997, Prévost e White, 1999, 2000, Ionin *et al*, 2003a, 2003b, 2004, 2008, Montrul, 2004, defendem que os aprendentes de L2 têm acesso total à GU do mesmo modo como acontece na aquisição de L1. Neste sentido, os parâmetros podem ser restabelecidos na ASL. Outros, como Clahsen e Muysken, 1986, Clahsen, 1988, Meisel, 1991, 1997, consideram que a GU já não está presente na aquisição de L2, significando isto que não há acesso à GU. Ainda um outro grupo, representado por Tsimpli e Roussou, 1991, Tsimpli e Smith, 1991, Smith e Tsimpli, 1995, Hawkins 1993, 2001, Hawkins e Chan 1997, Franceschina 2002, 2003, Godinho 2005, defende o acesso parcial à GU. Os últimos dois grupos de teóricos admitem que os parâmetros não se podem restabelecer.

Antes de começarmos a tratar da possibilidade de restabelecimento de parâmetros, que será objecto de estudo no presente estudo, é importante referir uma hipótese defendida pelos investigadores que consideram que a GU, passado um certo tempo de maturidade, deixa de estar disponível para a aprendizagem das línguas. Esta hipótese é designada como Hipótese de Período Crítico²⁶. Levantada por Lenneberg em 1967, a Hipótese de Período Crítico pressupõe que existe um período durante o qual a mente humana é capaz de aprender facilmente línguas. Depois do

²⁶ A tradução de “*Critical Period Hypothesis*”.

período crítico as línguas não podem ser adquiridas de uma maneira natural. Apoiando-se nesta hipótese, os linguistas a trabalhar com o quadro teórico da GU, consideram que a GU não está disponível depois de um período particular de maturação. Newport (2002:739), no seu estudo sobre os períodos críticos no desenvolvimento linguístico, explica que os períodos críticos e sensíveis em muitas áreas de comportamento envolvem declínios graduais na aprendizagem com algumas capacidades de aprendizagem reduzidas mas não ausentes, e maior variação individual na maturação dos órgãos. Cook e Newson (1996) atribuem o fenómeno aos desenvolvimentos físicos tais como perda de plasticidade cerebral (Penfield e Roberts, 1959)²⁷ e a especialização de funções cerebrais a um hemisfério (Lenneberg, 1967)²⁸, ou desenvolvimento cognitivo tal como a transição para a fase de pensamento formal e operacional de Piaget (Tremaine, 1975; Félix, 1978)²⁹. Hawkins e Chan (1997) defendem que a aquisição de L2 não é possivelmente total, se os aprendentes já passaram uma certa idade (o período crítico para a aquisição de linguagem) quando começaram a aprender uma L2.

No ponto seguinte, descreveremos as teorias que procuram ilustrar as diferentes posições que os linguistas defendem em termos da possibilidade do acesso à GU e do restabelecimento de parâmetros.

1.4.2 Possibilidade do restabelecimento de parâmetros

Para os defensores do acesso à GU no processo da ASL, a GU funciona desde sempre tanto para os adultos como para as crianças, não existindo nenhum período

²⁷ Cf. Cook e Newson, 1996:301

²⁸ Cf. Cook e Newson, 1996:301

²⁹ Cf. Cook e Newson, 1996:301

crítico depois do qual a GU deixa de operar. As categorias funcionais, mesmo não instanciadas na L1, podem ser plenamente adquiridas.

Uma hipótese de acesso total de Flynn (1996), designada **Acesso Total Sem Transferência**³⁰, defende que a GU é o estado inicial em L2 e L1. Neste sentido, a gramática de L1 está dissociada das ILG, ou seja, o acesso total sem transferência. Os princípios e parâmetros com traços abertos para a aquisição de L1 por crianças também estão disponíveis para os aprendentes de L2. A gramática de L2 é construída pelo aprendente adulto da mesma maneira que a gramática de L1 adquirida pela criança. A GU deve ser directa e inteiramente activada, indiferentemente de certos princípios da GU estarem instanciados na L1 ou não. Os aprendentes de L2, tal como os aprendentes nativos da língua, recriam a gramática de L2, ignorando a de L1. Neste sentido, o papel da transferência de L1 está extinto nesta hipótese. Em resumo, a hipótese implica que o estado inicial de L2 não é a gramática de L1. A GU é o estado inicial, disponibilizando categorias lexicais e funcionais, tanto como traços e força dos traços. Não há desenvolvimento necessário em propriedades abstractas de categorias funcionais. Flynn (1996) provou que os aprendentes japoneses de inglês L2 podem restabelecer com sucesso o parâmetro da direcção do núcleo. A autora reclama também que estes aprendentes podem instanciar princípios que não operam em japonês, como por exemplo o princípio da Subjacência³¹ que controla o movimento-Q³² em inglês, isto é, a forma pela qual movemos o sintagma Q para o início da frase; e que podem adquirir categorias funcionais, supostamente não existentes em japonês.

³⁰ A tradução de “*Full Access No Transfer*”

³¹ Conhecido como Teoria das Fronteiras, o princípio da Subjacência formula-se da seguinte forma: o movimento de um constituinte por Mover α não pode atravessar mais do que um nó-fronteira. O objectivo deste princípio consiste precisamente em caracterizar de um modo explícito a distância que um constituinte pode percorrer quando é deslocado por Mover α . (Raposo, 1992: 398)

³² São constituintes interrogativos ou pronomes relativos movidos para uma posição periférica da frase nas orações interrogativas parciais e nas orações relativas (Raposo, 1992:122).

White (1985) recorre ao problema lógico de aquisição de línguas no contexto de L2, argumentando que ambos os aprendentes adultos e crianças são confrontados essencialmente com a mesma tarefa: construir uma gramática que é subdeterminada pelo *input* disponível. Aqui o *input* pode funcionar como um gatilho³³ para a mudança gramatical no processo da sua reestruturação. A autora (1989, 2003a, 2003b) sugere que os aprendentes de L2 desenvolvem frequentemente ILG que são diferentes das gramáticas dos falantes nativos, mas que são, no entanto, condicionadas pela GU e isto deve-se às propriedades do *input* em interacção com a GU e com a gramática da L1. Seguindo a mesma linha, Schwartz e Sprouse (1996) propõem a Hipótese de **Transferência Total Acesso Total**³⁴, acreditando que os aprendentes têm acesso total aos princípios e parâmetros da GU, quer eles estejam ou não presentes na gramática da L1. Neste ponto de vista, julga-se que os aprendentes de L2 transferem todos os parâmetros da sua L1 no estado inicial e vão, subsequentemente, revendo as suas hipóteses à medida que vão verificando que aqueles não estão conforme a L2. Os aprendentes desenvolvem, então, novas hipóteses que são governadas pela GU. Por isso, o estado inicial da L2 é a gramática da L1.

Embora concordando que o estado inicial é uma gramática com representações baseadas na L1, em contraste com a Hipótese de Transferência Total Acesso Total, a Hipótese de **Árvores Mínimas**³⁵, proposta por Vainikka e Young-Scholten (1994), argumenta que estão disponíveis inicialmente na representação gramatical de L2 só as projecções lexicais que são transferidas da sua L1, apesar dos conhecimentos de aprendentes de L2 sobre as categorias funcionais da L1. Os

³³ A tradução de “*trigger*”.

³⁴ A tradução de “*Full Transfer Full Access*”

³⁵ A tradução de “*Minimal Trees*”

conhecimentos de categorias funcionais não se transferem. Antes, a aquisição da estrutura frásica alargada na L2 é baseada na análise do *input*. Uma vez que as posições estruturais estão adquiridas, a sua existência é reflectida nos dados de produção. Neste sentido, a produção de dados serve como evidência para estruturas frásicas subjacentes.

Eubank (1993/1994) propõe uma outra hipótese no que respeita ao estado inicial de *interlíngua* – **Traços sem Valores**³⁶. Diferente da Hipótese de Árvores Mínimas, esta hipótese mantém a mesma posição do acesso total, defendendo que tanto as categorias lexicais como as funcionais são transferidas muito cedo. Porém, as categorias funcionais não possuem traços como tempo e concordância e estão presentes apenas como marcadores sintácticos, por exemplo, as flexões podem estar ausentes, mas há lugares para as operações sintácticas associadas a estas categorias. O autor considera uma transferência “fraca”, dado que, embora as categorias funcionais sejam transferidas da L1, a força dos traços não. Então, de acordo com esta hipótese, o estado inicial de *interlíngua* é uma gramática extraída da gramática de L1 que contém categorias lexicais e funcionais, como também traços. A força dos traços é inerte e vai ser adquirida durante o curso de desenvolvimento ao longo do qual os paradigmas morfológicos são adquiridos.

Haznedar e Schwartz (1997) e Prévost e White (1999, 2000) defendem que o facto de os aprendentes não conseguirem realizar as categorias morfológicas não instanciadas na gramática da L1 na aquisição de L2 não significa que eles não tenham acesso a esses conhecimentos. A falha está no domínio da correspondência entre traços abstractos e manifestação morfológica superficial, mais do que se deve a qualquer défice em traços funcionais. Isto é, os aprendentes de L2 têm dificuldades

³⁶ A tradução de “*Valueless Features*”

com a realização explícita da morfologia. Haznedar e Schwartz (1997), defensores da posição, observaram os dados recolhidos de crianças turcas aprendentes de inglês L2. Os autores argumentam que não há evidência para o déficit sintáctico, tal como subespecificação de T (*Tense*). Em vez disso, a morfologia não-finita das crianças é indicador de falta de flexão. Seguindo Haznedar e Schwartz (1997), Prévost e White (1999, 2000) emendam a primeira proposição **Hipótese de Insucesso da Aquisição da Flexão Superficial** (*Missing Surface Inflection Hypothesis* - MSIH), a fim de esclarecer que é ao nível morfológico superficial que a flexão é assumida ausente, mais do que ao nível dos traços abstractos. Esta variação ocorre porque os aprendentes de L2 enfrentam o problema de seleccionar a forma flexionada mais correcta. Esta hipótese tenta explicar variações nas *interlínguas* dos aprendentes a partir da dissociação encontrada entre os traços abstractos e as formas morfofonológicas superficiais, isto é, os aprendentes de L2 podem ter domínio (competência) total das propriedades sintácticas distribucionais dos elementos funcionais, mas não são capazes de as produzir sistematicamente, devido à incapacidade de fazer corresponder as características sintácticas às formas morfofonológicas.

Estudos recentes de Ionin *et al.* (2003a, 2003b, 2004) sobre a aquisição do sistema do artigo L2 junto de aprendentes russos e coreanos de inglês L2, que têm L1 [-art], mostram que estes flutuam entre a marcação de traços de definitude e especificidade. De acordo com estes estudos, o facto de as línguas usarem o artigo para codificar a definitude ou a especificidade é uma propriedade parametrizada da GU. Os autores defendem que os aprendentes de L2 investigados (russos e coreanos) têm acesso ao parâmetro, mas as gramáticas em desenvolvimento das suas *interlínguas* flutuam no estabelecimento do parâmetro para o inglês, que possui o

parâmetro [+det]. A flutuação é uma característica deste tipo de aprendentes, contudo ela é temporária e é considerada uma propriedade do desenvolvimento de L2. Com uma exposição prolongada à L2, os aprendentes vão conseguir restabelecer o valor apropriado. Trata-se da **Hipótese da Flutuação** (*Fluctuation Hypothesis* – FH) (Ionin *et al.*, 2003a, 2003b). Embora seja detectada a flutuação nos aprendentes de L2 no uso do artigo, existem ainda muitos problemas por resolver, um dos quais ligado ao facto de muitos aprendentes de L2 com elevada proficiência parecerem incapazes de restabelecer o parâmetro. Para eles, a dificuldade assenta na combinação dos traços de itens de vocabulário (os expoentes fonéticos) aos nós terminais.

Podemos ver que a argumentação que está subjacente a estes pressupostos advém da demonstração de que os aprendentes têm acesso à GU e, ainda, do facto de serem capazes de restabelecer com sucesso os traços parametrizados não instanciados na gramática da L1.

1.4.3 Impossibilidade do restabelecimento de parâmetros

Existe uma outra posição que defende a impossibilidade do restabelecimento de parâmetros na aquisição de L2.

Primeiro, começamos com a perspectiva de que alguns tipos de evidência demonstram o facto de **Não Acesso à GU**. Os defensores desta posição advogam que existe o tal “período crítico” para a aquisição das línguas no desenvolvimento das crianças e que os aprendentes adultos de L2 têm que recorrer a outros mecanismos para a aprendizagem de L2. A gramática de L2 é basicamente diferente da gramática

de L1 porque já não está mais condicionada pela GU. Segundo Clahsen e Muysken (1986) e Clahsen (1988), a aprendizagem de L2 é muito diferente da L1. Enquanto na L1, a GU é operativa, na L2, o processo de aprendizagem envolve exclusivamente o uso das estratégias de aprendizagem indutivas. Nesta perspectiva, depois de desempenhar o seu papel na aquisição de L1, a GU já não está mais disponível para a aquisição de uma L2 por adultos. Os aprendentes de L2 não podem aceder aos princípios universais ou restabelecer parâmetros. Clahsen e Muysken (1986) encontraram diferentes sequências de aquisição de ordens de palavras em alemão para L1 e para L2: os aprendentes de L1 começam com a ordem SOV subjacente correcta e os aprendentes de L2 com a ordem SVO. A sequência L2 demonstra a carência do acesso à GU.

Um outro maior defensor, Meisel (1997), num estudo sobre a aquisição da negação em francês e alemão por aprendentes espanhóis, propõe a hipótese de que “os aprendentes de L2, em vez de usarem as operações da dependência estrutural constrangidas pela GU, recorrem a estratégias de sequenciamento linear que se aplicam às estruturas de superfície”³⁷ (Meisel, 1997:258). O autor esclarece que os aprendentes de francês ou alemão, que têm conhecimento do facto de a negação ser colocada pós-verbalmente na LA, são capazes de proceder a esta operação sem ter em conta a distinção [$\pm$ finita]. Esta é a razão por que explica a ultrageneralização da colocação final da negação com verbos não finitos. Consequentemente, reclama que um dos princípios fundamentais da dependência estrutural não está mais disponível na aquisição de L2.

Os estudos que adoptam esta posição tendem a basear-se nas diferenças entre

³⁷ A tradução de “the second language learners, rather than using structure-dependent operations constrained by UG, resort to linear sequencing strategies which apply to surface strings” (Meisel, 1997:258)

a aquisição de L1 e de L2 e nas diferenças no fim do processo de aquisição. Existem muitas razões para adotar esta posição, mas talvez a mais conveniente seja a de que é do conhecimento geral que os filhos dos imigrantes geralmente se tornam falantes nativos da sua L2 e os pais deles não. Mitchell e Myles (2004:84-85) citam na sua pesquisa um estudo de Johnson e Newport (1989) em que é descoberto o facto de os imigrantes que tinham chegado aos Estados Unidos antes dos sete anos mostrarem uma *performance* linguística semelhante aos nativos. Os indivíduos que chegaram com mais idade cometeram mais erros.

No entanto, o facto de os parâmetros não poderem ser restabelecidos não significa que os aprendentes de L2 não tenham acesso à GU. A gramática de L1 continua condicionada pela GU no sentido em que não viola os princípios e os parâmetros da GU, mas só os que estão instanciados na L1 dos aprendentes estão disponíveis. Em diante, discutiremos as posições que ditam o acesso à GU, embora de uma forma parcial, e a persistência na hipótese da impossibilidade do restabelecimento de parâmetros.

Segundo as teorias descritas na parte inicial do capítulo, os parâmetros estão associados às categorias funcionais. A variação paramétrica³⁸ é exclusivamente determinada pela variação dos valores associados a estas. Segundo Tsimpli e Smith (1991), as categorias funcionais formam uma componente independente da GU, o léxico da GU. Quanto à aquisição de L1, é este módulo da GU que está sujeito à maturação. No caso da aquisição de L2, os aprendentes não têm acesso a este módulo. Quando a L2 se diferencia da L1, em termos de valores paramétricos, haverá erros de transferência pelo menos nas primeiras fases da ASL. Dado que o

³⁸ No Programa Minimalista (Chomsky, 1995, 2000), a variação paramétrica é alojada no Lexicon, primeiro entre as categorias funcionais, que são caracterizadas por um conjunto de formas funcionais que variam e l íngua para l íngua, provocando as variadas diferenças superficiais na ordem de palavras, morfologia, etc...

módulo funcional não está acessível aos aprendentes de L2, os valores paramétricos da L1 são impostos na L2, o que origina erros de transferência. Nas fases mais avançadas da aprendizagem de L2 em que os aprendentes de L2 parecem adotar pela escolha paramétrica correcta, pressupõe-se que é o resultado de mecanismos de aprendizagem gerais a analisar correctamente os dados de *input*. O estudo de opções associadas ao fenómeno de *pro-drop* fornece uma evidência forte para esta teoria de L2 (Tsimpli e Roussou, 1991). Resumindo, a teoria exclui a possibilidade do restabelecimento de parâmetros devido à inacessibilidade da componente funcional que é responsável pela variação paramétrica. O que é acessível é a componente da gramática que inclui os Princípios da GU. Então há duas opções na construção da gramática de uma L2: a primeira envolve a transferência do valor paramétrico de L1 para os dados de L2, o que origina erros de transferência. A outra opção é explorar a possibilidade disponibilizada directamente pela GU, o que, no entanto, não origina a opção gramatical real que a LA adota (Tsimpli e Roussou, 1991:159).

Portanto, Smith e Tsimpli (1995) reclamam que há um período crítico para a aquisição de L2. Se as propriedades parametrizadas não estão instanciadas na gramática de L1, então os traços específicos de categorias funcionais são defectivos ou ausentes na aquisição de L2 por adultos. As conclusões obtidas por Hawkins e Chan (1997) e Franceschina (2002, 2003) estão em conformidade com esta hipótese. Eles esclarecem que os princípios invariáveis permanecem acessíveis na aquisição de uma L2, mas os parâmetros não podem ser restabelecidos: os aprendentes adultos de L2 só têm acesso às categorias funcionais da sua L1. “Os aprendentes de L2 não terão acesso a toda a gama de opções virtuais disponibilizadas por categorias funcionais aos estudantes de línguas dentro do período crítico, porque, pela hipótese,

tais opções desapareceram”³⁹ (Hawkins e Chan, 1997:189).

Esta hipótese passa a ser denominada por Hawkins e Chan (1997:216) como **Hipótese de Insucesso da Aquisição de Traços Funcionais** (*Failed Functional Features Hypothesis* - FFFH). A partir desta hipótese, as categorias funcionais (traços) não podem ser restabelecidos na L2. Godinho (2005:108) exemplifica um estudo levado a cabo por Hawkins e Chan (1997) com aprendentes chineses de inglês a adquirir orações relativas restritivas, no qual é detectado que estes aprendentes desenvolvem um conhecimento gramatical diferente dos falantes nativos e falham no restabelecimento do parâmetro. A explicação para isto é o facto de os aprendentes de L2 não terem acesso ao acervo total das opções virtuais disponibilizadas pelas categorias funcionais para além do período crítico porque estas opções desaparecem, com excepção das que estão já codificadas nas entradas de itens lexicais específicos. Dado que, segundo a reclamação da teoria, nem todos os parâmetros estão disponíveis para os aprendentes de L2, os aprendentes de L2 vão tentar acomodar a gramática de uma L2 no conjunto de parâmetros que eles já possuem para a L1. Então, os aprendentes, na primeira fase de aquisição, ligam formas morfofonológicas da L2 a especificações de traços da L1. Nesta circunstância, mostrar-se-ão possivelmente propriedades de uma gramática muito típica da aprendizagem de L2 desta fase: sintaxe de L1 com itens lexicais de L2. Posteriormente, ao longo de contactos contínuos com a L2, o desempenho dos aprendentes aproxima-se progressivamente do dos falantes nativos da L2.

Mas, para fazer isto, dado que os traços funcionais diferentemente estabelecidos não são totalmente acessíveis, os aprendentes vão estabelecer

³⁹ A tradução de “L2 learners will not have access to the full range of virtual options made available by functional categories by to language learners within the critical period because by hypothesis such options have disappeared” (Hawkins e Chan, 1997:189).

representações gramaticais que divergem das dos falantes nativos e das suas próprias L1, mas que são, porém, restringidas pelos princípios da GU, isto é, são gramáticas possíveis. Esta teoria é muito importante por fornecer uma explicação para a observação de que muitos aprendentes adultos de L2, mesmo tendo sido expostos durante muito tempo à L2, nunca conseguem adquirir as mesmas representações sintáticas dos falantes nativos (Godinho, 2005:109).

Uma defensora da FFFH, Franceschina (2002), realizou um estudo junto de aprendentes de espanhol de nível avançado com L1 variadas sobre a aquisição de concordância de género e número. Os aprendentes foram colocados em dois grupos distintos, sendo um constituído por aprendentes franceses, alemães, gregos, italianos e portugueses, cujas L1 possuem a categoria gramatical da concordância em género e número; outro por aprendentes ingleses, cuja L1 não possui o traço de género. A conclusão tirada está conforme à FFFH, isto é, os aprendentes cujas L1 possuem o traço de género não têm problema na marcação enquanto aqueles cuja L1 não possui este traço continuam a ter o problema, mesmo no caso de nível muito avançado de língua. Godinho (2005) refere, ainda, um estudo de Young (1989)⁴⁰, revelando que mesmo no nível avançado, os aprendentes chineses de inglês continuam a manifestar dificuldades na aplicação da concordância de número.

No seu estudo “A Aquisição da Concordância de Plural no Sintagma Nominal por Aprendentes Chineses de Português Língua Estrangeira”, Godinho (2005, 384-385) observa a variação da concordância de número entre os elementos flexionáveis do sintagma nominal na *interlíngua* de aprendentes chineses de Português L2. Segunda a autora, “os traços de número são dificilmente adquiridos por aprendentes de L2 se não estiverem presentes no conjunto de traços funcionais das suas línguas

⁴⁰ Cf. Godinho, 2005:110

maternas. Como o traço de número – [-interpretável] – é seleccionado opcionalmente pelas línguas, e tendo em consideração que há línguas, como por exemplo, o chinês, que não têm concordância em número, os falantes nativos desta língua encontram obstáculos na aquisição destes traços quando aprendem uma língua como o português, em que esses traços constituem parâmetros dessa língua”. Conclui que os princípios invariáveis permanecem acessíveis na ASL, mas os parâmetros dificilmente são restabelecidos, ou seja, o aprendente chinês de português L2 evidencia dificuldade no acesso às categorias funcionais da L1.

Ao continuar o estudo, Hawkins (2001) levanta a **Hipótese da Construção Estrutural Modulada** (*Modulated Structure Building Hypothesis* - MSBH)⁴¹, defendendo que os aprendentes começam com “*minimal trees*”, isto é, projecções lexicais determinadas pela L1. As projecções funcionais desenvolvem-se gradualmente, com as categorias funcionais da L1 a transferir-se para a L2, mas apenas nas situações em que as representações sintácticas relevantes se encontram suficientemente elaboradas para instanciar a propriedade em questão.

No caso da ausência de evidência positiva do *input*, os aprendentes mantêm simplesmente o seu conhecimento já possuído, isto é, da L1, em relação ao restabelecimento de cada parâmetro.⁴² É nesta circunstância que a interferência da L1

⁴¹ A ideia de que os aprendentes começam as suas gramáticas mentais de L2 com projecções lexicais e acrescentam categorias funcionais com base na evidência positiva da L2 é a parte “*structure building*” da teoria e é idêntica à proposta “*minimal trees*” neste aspecto. Apenas quando são estabelecidas categorias funcionais na gramática da L2, a influência de categorias funcionais da L1 torna evidente e mesmo somente nos pontos relevantes de desenvolvimento. A parte “modulada” da teoria é a construção estrutural é influenciada por propriedades da L1 no ponto relevante na construção de uma gramática e não antes. Este é o ponto de divergência da proposta “*full transfer/full access*”. A transferência de L1 é relevante mas apenas quando as representações sintácticas são suficientemente elaboradas para iniciar a propriedade em questão.

Na teoria da MSBH, a gramática do estado inicial consiste, em princípio, em projecções lexicais com as propriedades estruturais de uma gramática da língua materna dos aprendentes, mas não projecções funcionais. (Hawkins, 2001)

⁴² Os parâmetros já estabelecidos pela L1 causam o que são chamados erros de transferência.

tem o seu lugar no processo da ASL, sobretudo no estado inicial. Pode-se concluir que os valores paramétricos de L1 afectam a aprendizagem de L2, o que é particularmente evidente quando os valores paramétricos de L2 são diferentes dos valores adoptados pela gramática de L1.

Então, os defensores desta posição supõem que os aprendentes de L2 têm acesso parcial à GU, falhando no restabelecimento de traços paramétricos, ou na aquisição de traços específicos da L2 devido a alguns tipos de défices na componente sintáctica. Portanto, alguns tipos de valores paramétricos associados a categorias funcionais não são acessíveis totalmente na aquisição de L2 e existem áreas em que os aprendentes de L2 diferem persistentemente dos falantes nativos de L2. Tal como Hawkins (2004) afirma, não há possibilidade do restabelecimento de parâmetros, uma vez que a sintaxe dos aprendentes de L2 é selectivamente deficiente, carecendo dos traços formais parametrizados não presentes na L1 que nunca são acessíveis após um período crítico de aquisição.

1.5 Restabelecimento do valor paramétrico de definitude no processo da aquisição do português como segunda língua (L2) por aprendentes chineses

Comparando-se as hipóteses anteriormente levantadas, as considerações diferem na possibilidade do restabelecimento de parâmetros em L2. O primeiro grupo de hipóteses supõe que os aprendentes de L2 têm, em princípio, todas as fontes da faculdade da linguagem disponíveis para a construção de uma gramática L2, quer instanciadas na L1 quer não, isto é, os parâmetros podem ser restabelecidos. Pelo

contrário, de acordo com o segundo grupo de hipóteses, tanto o caso de os aprendentes não terem acesso à GU como o caso de apenas um subconjunto dos traços da GU (especialmente traços funcionais) ser acessível na *interlínqua* de L2 dado que está instanciado na L1, de ambos os casos provém a impossibilidade do restabelecimento de parâmetros na ASL.

A discussão apresentada sobre a disponibilidade da GU e a possibilidade do restabelecimento de parâmetros constitui a base teórica para a investigação sobre a aquisição do artigo português por aprendentes chineses⁴³. O facto que temos aqui é que a L1, o chinês, tem uma configuração negativa para o traço D enquanto na LA, o português, se verifica o valor positivo. Nesta circunstância, as línguas de partida e de chegada distinguem-se entre si por causa da opcionalidade de estabelecimento de valores.

Liceras (1989) observa os estados não marcados para o valor Sujeito Nulo com respeito aos dados da L2. Se um falante de uma língua *pro-drop* aprende uma L2 não *pro-drop*, então, o parâmetro tem que ser restabelecido do valor não marcado para o marcado. Na situação inversa, particularmente quando um falante de uma língua não *pro-drop* aprende uma L2 *pro-drop*, então, o parâmetro em questão é restabelecido do valor marcado para o não marcado. A implicação com respeito ao estado diferente de valores paramétricos é que no primeiro caso o restabelecimento é relativamente mais lento do que no segundo caso. O problema que se levanta no presente estudo é que a língua de partida, o chinês, é [-art] e a língua de chegada, o português, é uma língua [+art]. Então, o problema seria menor se se partisse de uma língua com valor positivo para uma aquisição de L2 com valor negativo, mas o caso aqui em análise é exactamente o oposto.

⁴³ Neste caso trata-se de aprendentes chineses adultos.

Baseando-se nas implicações teóricas descritas neste estudo, sabemos que o traço D pertence à categoria de parâmetros. Por outro lado, recorrendo à definição de Lyons (1999), a definitude é um conceito gramatical relativo a meios gramaticais formais através dos quais os referentes definidos ou indefinidos são codificados distintamente na língua. Os meios gramaticais formais incluem mecanismos fonológicos, lexicais, morfológicos e posicionais, entre outros, cuja função é indicar se a expressão substantiva é interpretada como determinada ou indeterminada. Neste seguimento, Chen (2004:1132) descreve que a determinação é marcada pelos morfemas tipicamente gramaticais ou funcionais, por afixos, clíticos, ou formas atenuadamente livres morfofonologicamente (tal como o artigo definido (AD)), que se trata de “definidos simples”. Por outro lado, a determinação é indicada principalmente por formas tais como nomes próprios, demonstrativos, pronomes pessoais e possessivos, chamados “definidos complexos”, ou por outros meios gramaticais como, por exemplo, a ordem das palavras. A maior diferença entre estes dois grupos assenta no facto de que, além da autonomia morfológica e peso fonológico, os mecanismos de codificação do primeiro grupo, independentemente das suas derivações em diacronia, têm sofrido pleno processo de gramaticalização e desenvolvido usos altamente especializados para indicar a definitude de entidades, enquanto os do segundo grupo codificam principalmente, além da definitude, outros traços gramaticais, tais como deíctico, pessoa, topicalização, entre outros. Por isso, concluímos que o artigo é um traço paramétrico com valores que se distinguem entre línguas. Esta categoria gramatical encontra-se presente em algumas línguas (línguas com o sistema do artigo [+art]), aqui o português, e ausente em outras línguas (línguas sem o sistema do artigo [-art]), exemplificando o chinês.

Na aquisição do sistema do artigo em português, os aprendentes chineses

precisam de restabelecer o valor paramétrico, ou seja, passar de representar o traço de definitude através dos mecanismo próprios da L1 para o parametrizar com os mecanismos da língua portuguesa, nos quais se inclui o sistema do artigo.

* * * * *

Na perspectiva das noções teóricas da GU, os estudos focalizados nas gramáticas L2 centralizam-se principalmente em três aspectos: (1) a influência de L1 e a interacção entre a transferência e a GU; (2) a discussão sobre a possibilidade do restabelecimento de parâmetros *versus* impossibilidade do restabelecimento de parâmetros ou acesso parcial *versus* acesso total que se relaciona com a possibilidade de os aprendentes poderem, com sucesso, superar efeitos de transferência de L1 e alcançarem uma gramática L2 como nativos; (3) a natureza das representações *interlíngues* por si e a questão de as gramáticas *interlíngues* (*interlanguage grammar* - ILG) serem deficientes ou não, e se esta deficiência é local ou global, se é temporária ou permanente. Neste capítulo, abordámos particularmente várias hipóteses no que respeita ao restabelecimento de parâmetros na aquisição de L2, com o propósito de esboçar os fundamentos teóricos para o presente trabalho que tem como objectivo principal estudar se há possibilidade do restabelecimento do traço paramétrico D no processo da ASL que envolve o facto de a L2 (língua portuguesa) adoptar valores paramétricos diferentes da L1 (língua chinesa). Ou seja, mais especificamente, procuraremos descobrir se os aprendentes chineses de português L2 conseguem adquirir completamente o sistema do artigo em português.

Capítulo 2 Estudos Sintáticos entre a Língua Portuguesa e a Língua Chinesa: Sintagma Determinante (SD), Sintagma Nominal e Sintagma Classificador

Ao começarmos a explorar como os aprendentes chineses se comportam na aquisição do artigo em português, importa entender como é que a definitude é representada sintacticamente nas duas línguas envolvidas.

2.1 Hipótese do SD

Neste capítulo, descrevemos a Hipótese do SD apresentada por Abney (1987), porque, a categoria D, que cobre o elemento gramatical artigo, recebeu um novo estatuto na gramática. Começamos por abordar a constituição estrutural de SD e suas funções através da apresentação da Hipótese do SD.

2.1.1 Proposta da Hipótese do SD

A Hipótese do SD postula que o D⁴⁴ é considerado o núcleo de uma categoria funcional SD, que selecciona SN como complemento. O nome constitui o núcleo da parte lexical da categoria. Neste sentido, como Abney resume no seu estudo (1987:3),

⁴⁴ O termo ‘determinante’ cobre uma classe limitada de elementos que precedem o nome e que servem para construir valores referenciais de individualização das expressões nominais (Mateus *et al*, 2003:346). Com este termo se designam os artigos, os demonstrativos e os possessivos.

esta hipótese defende que o núcleo de um SN é um elemento funcional (isto é uma categoria não-lexical), que se identifica com o D. Então o que se está a propor é que uma expressão nominal referencial pode ser descrita por um SD, tendo como núcleo a categoria funcional D, e que a parte lexical da categoria, que contém N e eventualmente complementos de N, se passa a designar SN.

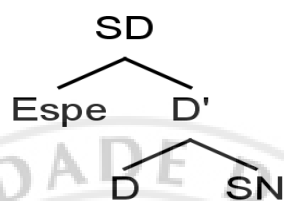


Figura 5 – Sintagma Determinante (adaptado de Abney, 1987)

Na teoria X-barra de Chomsky (1970), as únicas categorias que projectam (que obedecem ao princípio de endocentricidade) são as categorias lexicais principais Verbos, Nomes, Adjectivos e Preposições. As categorias menores como Determinantes, Possessivos, Quantificadores, ou os morfemas flexionais de tempo/acordo, por outro lado, funcionam como especificadores das categorias lexicais, apesar de a situação ter sido alterada em Chomsky (1981), onde se propõe que as categorias gramaticais Infl⁴⁵ e C(omp) também projectam (Raposo, 1992:175). De acordo com a Hipótese do SD, as determinadas categorias menores também projectam. A categoria D projecta de acordo com os princípios da teoria X-barra. De acordo com o ilustrado, sabemos que o SN, a projecção máxima de um nome, não

⁴⁵ “Flex” neste estudo.

contém o determinante⁴⁶. Pelo contrário, é o SD que domina o SN. Segundo esta hipótese, Raposo (1992:210) afirma que os SN são na realidade Grupos de Determinante, projecções da categoria D e não da categoria N, tal como Abney (1987:59) descreve que “*under the DP-analysis, the noun phrase is DP, not NP. DP is subject to the Case Filter and θ -Criterion; DP undergoes Passives and Wh-movement, leaving behind DP-traces*”. Portanto, o papel reservado à projecção de N é o de complemento de D, tal como SV é o complemento de Flex e SFlex é o complemento de C.

Há várias evidências para mostrar a adopção da Hipótese:

- Primeiro, Abney (1987:18) explica que “na frase, o Conc é assumido como ocupando uma posição flexionada fora da projecção sintáctica máxima de V. A hipótese óbvia sobre o Conc no sintagma nominal é que ele ocupa uma posição flexionada semelhante”⁴⁷. Deste modo, a estrutura do SN assemelha-se à estrutura da frase, cujo núcleo é o nó Flex, no âmbito da Teoria da Regência e Ligação. A função do SD é atribuir valores referenciais do tipo [+def] ou [-def] ao sintagma nominal complemento, e é estruturalmente paralelo ao Sintagma Complementador (SC) no domínio SV⁴⁸. Esta existência de concordância interna na estrutura que está em paralelo ao da flexão encontrada no nível de frase é a evidência morfológica para a Hipótese do SD.
- A segunda evidência está na área da sintaxe. Recorremos ao exemplo de línguas românicas em que a ordem superficial Nome – Adjectivo é o

⁴⁶ Hawkins descreve que “os SN são a projecção de nomes sem determinantes.” (2001:241)

⁴⁷ A tradução de “*in the sentence, Agr is assumed to occupy an Inflectional position outside the maximal syntactic projection of V. The obvious hypothesis concerning Agr in the noun phrase is that it occupies a similar Inflectional position;*” (Abney, 1987:18)

⁴⁸ Cf. Godinho (2005:131)

resultado da elevação de Nome através de Adjectivo para o núcleo funcional situado no caminho de N para D. O ponto importante aqui é “considerar o movimento de N para o núcleo funcional mais elevado no domínio nominal (isto é D) equivalente ao movimento de V para o núcleo funcional mais elevado no domínio frásico (isto é, C)”⁴⁹ (Bernstein, 2001:542).

- Segundo as propriedades semânticas de SN, os não-argumentos correspondem a SN e os argumentos a SD, ou seja, os SN são não-referenciais e os SD são referenciais⁵⁰ (Bernstein, 2001:543). Baxter, *et al* (1997) assumem que o SD é necessário para que o SN possa funcionar como um argumento de um verbo da frase. Assim, o núcleo D teria a função de subordinador, semelhante ao do C que constitui o núcleo das frases encaixadas.

A importância da proposta da Hipótese do SD é manifestada em diversos aspectos: em primeiro lugar, o D era considerado especificador do SN, o que estava inconsistente com, pelo menos, dois aspectos da teoria X-barra: i) a ideia de que os elementos lexicais como funcionais projectam para o nível sintagmático; ii) a noção de que as posições de especificadores alojam categorias sintagmáticas. Nesta circunstância, a Hipótese do SD “tinha a vantagem imediata de resolver os problemas

⁴⁹ A tradução de “*take N-raising to the highest functional head in the nominal domain (i.e., D) to be equivalent to V-raising to the highest functional head in the clausal domain (i.e., C)*” (Bernstein, 2001:542).

⁵⁰ Embora em muitas línguas europeias, por exemplo, os nomes plurais e massivos funcionem como argumentos, o que está sujeito à variação paramétrica na distribuição e interpretação (Bernstein, 2001:544)

colocados para a teoria X-barra pela caracterização tradicional do SN, e de unificar o tratamento de frases e orações substantivas”⁵¹ (Bernstein, 2001: 536).

O maior motivo por que é adoptada a Hipótese do SD é conceptual, porque “nos permite preservar a mesma caracterização restritiva da teoria X-barra que motiva o SFlex - análise da oração”⁵². A hipótese “envolve a atribuição de determinantes na análise que se assemelha à análise actual de outros elementos funcionais, tais como complementadores e modais”⁵³ e “fornece ‘espaços’ para toda a gama de especificadores encontrados nos sintagmas nominais”⁵⁴ (Abney, 1987:351).

A proposta da Hipótese facilita a re-examinação de vários aspectos de SN. Por exemplo, Baxter *et al* (1997:8) declaram que o fenómeno da flexão nominal não pode ser observado como um facto que ocorre dentro do SN (o domínio das relações léxico-temáticas). A distribuição dos marcadores de género e número, no nome ou em outros elementos, são processos sintácticos que envolvem relações entre os elementos lexicais do SN e os elementos funcionais do SD. O SD, enquanto extensão funcional do SN, especifica o domínio onde tais relações ocorrem⁵⁵. Mateus *et al*. (2003:345) declaram ainda que esta estrutura e o seu desenvolvimento permitem descrever com maior adequação a estrutura sintáctica das expressões nominais em português.

Finalmente, a Hipótese do SD ajuda a esclarecer vários pontos envolvidos no processo da aquisição de línguas, particularmente de L2. De acordo com o princípio

⁵¹ A tradução de “*had the immediate advantage of resolving the problems posed for X'-theory by the traditional characterization of NPs, and of unifying the treatment of noun phrases and clauses*” (Bernstein, 2001: 536).

⁵² A tradução de “*permits us to preserve the same restrictive characterization of X-bar theory which motivates the IP-analysis of the sentence*” (Abney, 1987:351).

⁵³ A tradução de “*involves assigning determiners in analysis which parallels current analysis of other functional elements, such as complementizers and modals*” (Abney, 1987:351).

⁵⁴ A tradução de “*provides “rooms” for the full range of specifiers found in the noun phrases*” (Abney, 1987:351).

⁵⁵ Cf. Godinho (2005:133)

de que a projecção de núcleos funcionais com um complemento lexical provê posições estruturais relevantes para a caracterização do comportamento sintático de categorias lexicais, as categorias lexicais são hierarquicamente subordinadas a categorias funcionais, ficando os parâmetros de variação linguística circunscritos aos traços formais das categorias funcionais (Godinho, 2005:135). A tarefa das crianças na aquisição da linguagem, tal como os aprendentes de uma L2, seria a de fixar o valor desses parâmetros. No ponto de vista de Baxter *et al.* (1997:10) - a existência de um paralelismo entre a estrutura do SN (que inclui SD – Concordância/Acordo – SN) e a estrutura de SC – SFlex – SV que representa a frase, seria preferível, em termos de aquisição, dado que as crianças não teriam de reconhecer diferentes mecanismos de flexão para cada categoria.

2.1.2 Interação do traço de concordância com o determinante

A categoria sintáctica Flex é uma das categorias sintácticas que a GU disponibiliza para a formação da gramática por aprendentes de uma língua. O princípio da projecção frásica (Teoria X-barra) permite que a Flex projecte opcionalmente para Flex' e SFlex. Quando projecta para Flex', selecciona SV como seu complemento; quando Flex' projecta para SFlex, o especificador é o sujeito da oração. A categoria Flex contém o tempo e traços de Concordância (Conc) dos verbos (tempo, pessoa, número), e que constitui o núcleo de SFlex. As formas associadas a estas categorias funcionais podem ser tanto fracas como fortes, com implicações para as propriedades sintácticas dessa língua. Por exemplo, a Flexão em inglês é fraca enquanto em línguas românicas é forte, o que causa a deslocação dos verbos finitos da sua posição para a posição Flex para recolherem os seus traços de

tempo, número e concordância em línguas românicas, mas não em inglês, como se mostra nas seguintes figuras (adaptadas de Mitchell e Myles, 2004:69).

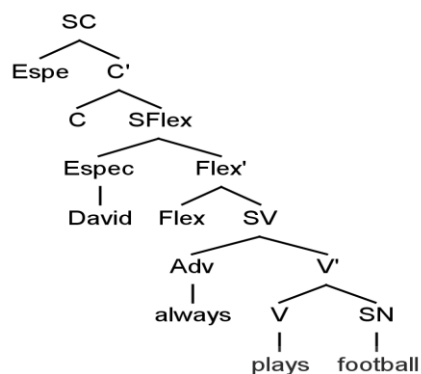


Figura 6 – Estrutura sintagmática de Flex em inglês

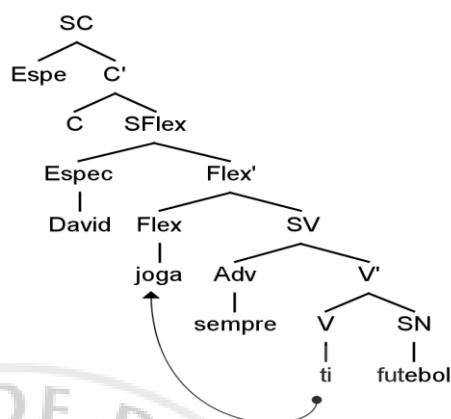


Figura 7 – Estrutura sintagmática de Flex em português

Tomemos agora um exemplo de Silva (2010:16) que ilustra o movimento sintático na oração pequena⁵⁶ para atender à questão das propriedades de Conc. O autor recorre à seguinte estrutura para mostrar como os predicativos adjetivais são representados por Chomsky (1995:175)⁵⁷ no Programa Minimalista.

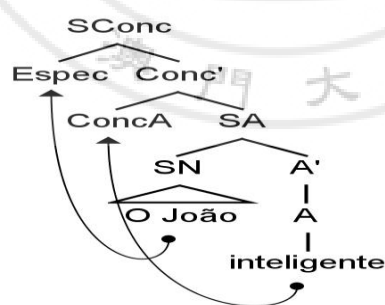


Figura 8 – Movimento sintático na oração pequena para Conc

⁵⁶ Segundo Silva (2010:11), uma oração pequena é um complemento dos verbos predicativos.

⁵⁷ Cf. Silva, 2010:16

Na figura 8 proposta, ConcA representa uma mnemónica de um conjunto de traços- Φ associados ao adejectivo. SN sobe para Espec e A sobe para ConcA, gerando a estrutura de Conc interna entre SN-A nas frases predicativas. Na estrutura-S, o complemento de SV [_{SN} O João] sobe para receber Caso Nominativo e Conc verbal. Daí que temos a estrutura “O João é inteligente” e o SN “o João” a entrar em três relações: 1. uma relação de caso com [T Conc_S], daí resultando a relação verbal [[T Conc_S] V]; 2. uma relação de concordância com Conc_S, originando a complexidade verbal de “ser”; 3. uma relação de concordância com Conc, estabelecendo uma complexidade adjectival (Silva, 2010:17). Neste tipo de construções, o SN está fora do SA e a sintaxe na OP para a concordância estabelece paralelismo como o movimento de N para Conc no SD que vamos abordar seguidamente.

Segundo Ouhalla (1991), na extensão funcional do SN, Sintagma Concordância (SConc) é uma categoria intermédia existente entre o SN e o SD. De acordo com a Teoria de Projecção Alargada, o nome, núcleo alargado de todo o SD que inclui SConc, está interrelacionado com o núcleo de SConc, Conc, que tem os traços de número e género a serem verificados pelo nome por meios de movimento núcleo para o núcleo. Quando a flexão é forte morfológicamente, o nome, núcleo de todo o SD, desloca-se para o núcleo do SConc, licenciando a marcação de traços em outros constituintes do SD. No caso de a flexão ser fraca, não há movimento do nome para o Conc para expandir o domínio mínimo, o que impede a marcação dos traços de género e número. Portanto, a noção de concordância é reflexo de uma relação sintáctica local, isto é a concordância é computada entre os elementos do SD por acções de uma relação de C-comanda a partir do D, com vista a acontecer o mapeamento e consequentemente pareamento de traços. A categoria de Conc é também responsável pela atribuição do caso genitivo para argumentos do SN que se

deve deslocar da posição original a fim de ocupar o Espec do SConc, onde recebe o caso. A estrutura formada pelo SN e sua extensão funcional em que se inclui SConc encontra-se representada no seguinte.

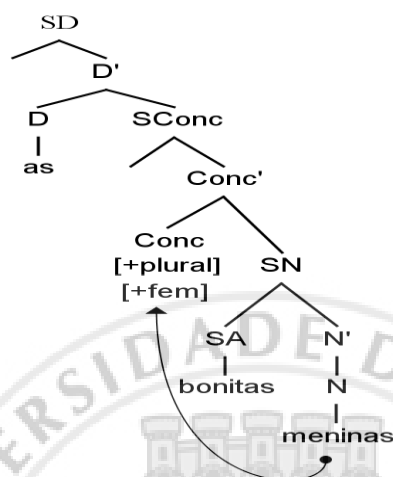


Figura 9 - Estrutura sintagmática de Conc (adaptada de Godinho, 2005:134)

Assim, o fenómeno da flexão nominal não é observado como um facto que ocorre dentro do SN (o domínio das relações léxico-temáticas). A distribuição dos marcadores de género e número, no nome ou nos outros elementos, são processos sintáticos que envolvem relações entre os elementos lexicais do SN e os elementos funcionais do SD. O SD, enquanto extensão funcional do SN, especifica o domínio onde tais relações ocorrem. Neste caso, reforçamos que o mecanismo de funcionamento de Conc entre o SD e o SN é o mesmo que o de Flex entre SC e SV.

Embora o Conc seja uma categoria contida na extensão de SD, apresenta variação paramétrica disponibilizada pela GU. Podemos evidenciar este aspecto através do lugar de adjetivos em relação ao nome (Hawkins, 2001:248). Por exemplo, nas línguas românicas, os traços de Conc são fortes e atraem nomes. Por isso, os nomes têm de se elevar de N para Conc, sobre quaisquer adjetivos que

possam estar presentes na estrutura, a fim de verificarem os traços. Desta operação resulta a ordem normal destas línguas, Nome – Adjectivo. Ao contrário, em inglês, por exemplo, os traços são fracos e os nomes não se deslocam para verificarem os traços. Os adjectivos funcionam como especificadores em SN. Assim, temos a ordem das palavras Adjectivo – Nome (Godinho, 2005:134). Abaixo está mostrado como é que a força dos traços contidos no Conc afecta a ordem das palavras (adaptado de Hawkins, 2001:248). Em comparação com o que está anteriormente ilustrado, verificamos que o mecanismo de deslocação de N para Conc é o mesmo de deslocação de V para Flex.

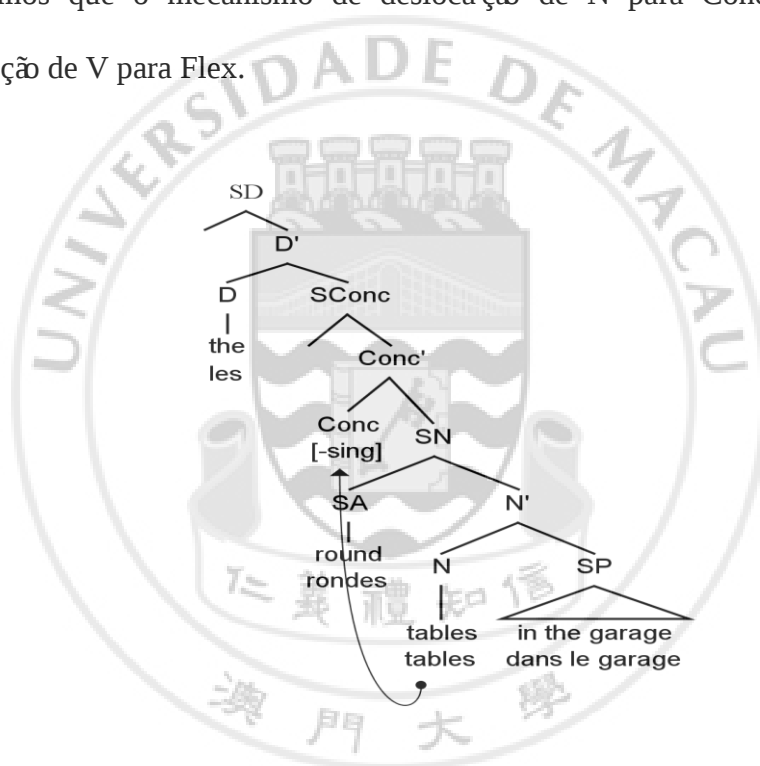


Figura 10 - Comparação do movimento sintático em SD para Conc em inglês e em francês

Segundo um exemplo ilustrado por Hawkins e Franceschina (2004:175 e 176), a concordância de género é um reflexo morfofonológico da verificação dos traços de género não interpretáveis, o qual ocorre durante a construção da derivação pelo componente sintático-computacional. Quando os falantes nativos de línguas românicas adquirem traços de género não interpretáveis como parte das entradas

lexicais para determinantes no curso do desenvolvimento, o mesmo não acontece aos aprendentes adultos dessas línguas L2, como por exemplo aprendentes ingleses. Então, o Conc é um parâmetro, e não é um princípio.

2.2 SD em português

Agora, iremos abordar questões envolvidas no SD de modo a ilustrarmos sintacticamente como é que o artigo desempenha o papel de representação de definitude na LP.

2.2.1 SD e posição sintáctica do artigo em português

Em português, um SD consiste de duas partes: a parte funcional que contém artigos, demonstrativos e possessivos como o seu núcleo, e a parte lexical, que contém o nome e eventualmente os complementos do nome, que é designada SN. O N constitui o núcleo do SN. O SD selecciona SN como complemento. O valor de SD é atribuir valores referenciais do tipo [+def] ou [-def] ao SN complemento, e é estruturalmente paralelo ao SC no domínio SV⁵⁸. Adoptando o princípio da endocentricidade das categorias, será a seguinte a estrutura de SD em português (Mateus *et al.* 2003:345).

⁵⁸ Mateus *et al.* 2003:345; Szabolcsi, 1994:208-209; Baxter *et al.* 1997:8, *apud* Godinho, 2005:131

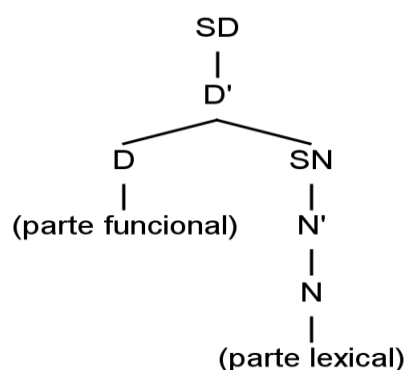


Figura 11 - Sintagma Determinante em português

Dentro desta perspectiva, a projecção máxima de SN não contém o determinante. Pelo contrário, é o SD que domina o SN e que é necessário para que o SN possa funcionar como um argumento do verbo da frase. Assim, o núcleo D teria a função de subordinador, semelhante ao do C que constitui o núcleo das frases encaixadas. Portanto, a concordância nominal ocorre dentro do SD em português e a distribuição dos marcadores de género e número por todos os constituintes da projecção do SN são processos sintáticos que envolvem relações entre os elementos lexicais do SN e os elementos funcionais do SD (Godinho, 2005:132-133).

Como outras línguas românicas, o português é uma língua morfologicamente flexionada. No SD é exigida a concordância entre o N e o D quanto ao número e ao género. Recorrendo à Figura 9, nota-se que, sob o efeito da força dos traços alojados no Conc, o núcleo de todo o SD “meninas” se desloca, através do adjetivo “bonitas”, para o núcleo de SConc para verificar os traços de género e número, neste caso, [+fem] e [+plural]. Baxter *et al.* (1997:28) descrevem que, segundo Grimshaw (1991), a concordância entre o nome e o determinante é realizada por meio de

migrações de traços e as informações de género e número são projectadas das categorias mais baixas para as mais altas por meios de um tipo de percolação. Portanto, os traços no Conc migram para o núcleo de SD. Deste modo, são atribuídos os traços [+fem] e [+plural] ao determinante que, aqui é apresentado fonologicamente como “as”. É através desta migração que o licenciamento da morfologia ocorre nos determinantes e que o Conc interage com o D em português.

Sabemos que o nome em português pode ser eclítico. Quanto ao núcleo da parte funcional do SD, será que pode ser a mesma, isto é o SD existir á sem nenhum determinante? De facto, o português tem nomes nus⁵⁹ sem determinantes. Como outras línguas românicas (excepto o francês moderno), o português é uma língua com um sistema rigoroso de nomes nus, os quais mostram uma distribuição lexicalmente governada e estão privados de conteúdos de traços intrínsecos (Bernstein, 2001:592). No próximo ponto, iremos tratar dos nomes nus em português.

2.2.2 Nomes nus em português

Segundo a Teoria X-barra, um argumento é um constituinte sintáctico que possui um papel temático. Por isso, o SN corresponde a não-argumento⁶⁰ e o SD a argumento. No caso da ausência do artigo, como é que os SN funcionam como argumentos? Em português, além de nomes definidos e indefinidos, existe um sistema de nomes nus – nome nu massivo e contável plural, e às vezes contável singular – que funcionam como argumentos, sendo sujeitos à variação paramétrica em

⁵⁹ A tradução de “bare nouns”.

⁶⁰ Em aforismo, provérbio e frases feitas, é frequente ocorrerem expressões de quantificação universal distributiva sobre conjuntos construídos pelo discurso, com o especificador omitido (Mateus *et al.*, 2003:232, rodapé).

distribuição e interpretação. Então, vamos abordar o tema nas áreas sintática e semântica, respectivamente.

Em primeiro lugar, podemos observar os nomes nus cujo licenciamento e interpretação de SN estão ligados a uma posição-D perdida ou categoria vazia. Também podemos dizer que o SN não tem um nó de projecção superior. De acordo com Baxter *et al.* (1997:8, nota 14), o facto de um nome poder ocorrer sem o determinante não significa necessariamente que não há projecção do SD. O SD pode ser foneticamente vazio, contudo, continua a conter as propriedades referenciais e de especificação do SN. Bernstein (2001:594 e 594) explica que o movimento de N para D é para verificar os traços de definitude não especificados na posição D vazia. Assim, verifica-se que os nomes nus não perdem função de referência. Trata-se da presença de uma categoria vazia com o determinante invisível. Por isso, Bernstein (2001:544) assume que as expressões nominais nuas são argumentos introduzidos por um determinante destituído de conteúdo lexical.

Segundo o mesmo autor (2001:585), há valores interpretativos não marcados (indefinido) e marcados (definido). Em muitas línguas, os nomes argumento sem determinantes são limitados ao valor de interpretação *default* (indefinido), pelo que aos nomes nus portugueses é atribuído o valor indefinido *default*. Como a posição sujeito, que se inclina mais para o definido em contraste com a posição objecto que se inclina mais para indefinido, os nomes nus portugueses são confinados a posições de complemento e quase excluídos de posições sujeito pré-verbais. Bernstein (2001:589) formula um fenómeno geral em línguas românicas, isto é se N mover para um D foneticamente vazio, então será referência de objecto. O D foneticamente vazio é forte em línguas românicas, pelo que atrai nomes de referência de objecto. Baxter e Lopes (2009:322) argumentam que o SN singular sem artigo é interpretado

preferencialmente como definido, quando ocorre em posição de sujeito, e como indefinido, quando ocorre em posição de objecto. Alexandre e Hagemeijer (2007:3-5) afirmam que, ao nível gramatical, os nomes nus em posição de objecto em santomense fornecem nova informação e são tipicamente interpretados como indefinidos plurais, enquanto os nomes nus em posição de sujeito são preferivelmente interpretados como definidos singulares. Os nomes nus que renderão referência plural indefinida, ocorrem numa posição lexicalmente governada e constituem nova informação. Portanto, a posição de objecto é tipicamente associada a informações novas e denota uma noção indefinida (em E1). O nível gramatical não mostra a distribuição livre dos nomes nus em português, antes restringe-os à posição de objecto. Vale a pena mencionar casos não muito frequentes (em E2) em que nomes nus ocupam na posição de sujeito para denotar uma referência genérica. Segundo o Parâmetro de Mapeamento Nominal que visa captar variação semântica inter-linguística em termos de propriedades referenciais da categoria sintáctica de SN, proposto por Chierchia (1998:353-357), as línguas românicas em que se inclui o português, são consideradas [-arg, +pred] e são classificadas como línguas em que se convertem SN como argumentos com a projecção D. O autor explica a razão de o D nulo em línguas [-arg, +pred] ocupar principalmente a posição de objecto: “o italiano tem um D nulo, e o D nulo precisa de ser licenciado por um núcleo lexical. Assim, na posição de objecto, o D nulo será licenciado pelo núcleo verbal. Mas na posição de sujeito, não há um núcleo adequado que pode actuar como um licenciador”⁶¹ (Chierchia, 1998:356). Porém, no português brasileiro, é comum que os nomes nus plurais e singulares na posição de sujeito sejam expressões de referência de tipo (Alexandre e Hagemeijer, 2007:28, nota 21).

⁶¹ A tradução de “*Italian has a null D⁰, and null D⁰s need to be licensed by a lexical head. Thus in object position the null D⁰ will be licensed by the verbal head. But in subject position there is no suitable head that can act as a licenser*” (Chierchia, 1998:356)

E1 Leio livros todos os dias.

E2 Lagartos são anfíbios.

Agora, vamos ver como as funções de referência são transportadas pelos nomes nus portugueses em termos de diferentes tipos de nomes.

Sabemos que a distinção entre os nomes contáveis e os não-contáveis é relacionada com o número: os nomes contáveis podem ser atomizados, enquanto os nomes massivos não. Se os nomes massivos não podem projectar mais que SN, a sua interpretação deverá ser ambígua e a leitura genérica será disponível.

E3 Costumo beber vinho ao jantar.

E4 Bebi um copo de vinho ao jantar.

Todas as expressões designam uma parte quantitativa distinguida em todo o contínuo “vinho”. A expressão nominal no singular (E3) indica apenas que foi distinguida em “vinho” uma parte quantitativa e não dá qualquer precisão sobre a quantidade ou porção dessa parte. Em E4, a parte quantitativa considerada é quantificada através da medida do seu volume. Isto distingue-se do seguinte exemplo.

E5 Comi bolo ao jantar.

Embora o nome “bolo” seja contável, ele é recategorizado, como massivo.

Quanto aos nomes nus contáveis plurais, a propriedade de quantificação pode ser dada simplesmente pela forma plural do nome. É frequente, em português, a ocorrência deste tipo de nomes nus, quer específica quer não-especificamente.

E6 Comprei cebolas na loja do João.

E7 Espero encontrar garoupas na peixaria Kun Kei.

O uso específico de “cebolas” (E6) pode ser o primeiro elemento de uma cadeia anafórica, é compatível com a ocorrência de “certos/algumas cebolas”. Em E7, o nome “garoupas” tem uma leitura genérica. A leitura genérica dos plurais simples é, de qualquer modo, uma opção marcada no português, só surgindo em função de certos factores contextuais, com o uso de auxiliares do tipo de “dever”, o uso de “sempre” e o tempo presente (Mateus *et al.*, 2003:361).

De um modo geral, uma expressão plural com o artigo indefinido tem uso específico, embora seja mais natural com modificações.

E8 Vi uns quadros bonitos na exposição.

Segundo a definição de Chierchia (1998: Nota 2), não existem nomes nus contáveis singulares em português. O que temos é um nome contável categorizado, tal como em E5, o nome “bolo” já perde a sua propriedade de descontinuidade.

E9 Ele quer comprar casa.

E10 Ele quer comprar uma casa.

No exemplo E9, o nome “casa”, contém uma noção abstracta sem individualização. Explicamos isto, recorrendo ao exemplo E5, em que o nome se encontra recategorizado e se torna um nome massivo. Diferente do E10, o artigo indefinido “uma” funciona, além de indefinitização, como um numeral, indicando a cardinalidade “um”.

Relativamente ao que foi anteriormente discutido, concluímos que, devido às várias facetas das funções dos nomes nus portugueses, a interface entre os níveis gramatical e extra-gramatical é crucial para derivar a interpretação correcta⁶². Em

⁶² Vale a pena referir que em português, os nomes próprios que designam indivíduos pertencentes à memória histórico-cultural colectiva ocorrem sem especificador e sem complementos nem modificadores de valor restritivo. Ex. Galileu nasceu em Paris. (Mateus *et al.*, 2003:213)

português, a posição sintáctica disponibiliza uma leitura preferível aos nomes nus. Outros traços gramaticais, tal como flexão verbal, e ainda a semântica dos nomes nus (exemplo E6 e E7) entram em jogo para verificar se as designações são específicas ou não específicas. Divididos em massivos e contáveis plurais, e possivelmente contáveis singulares, os nomes nus portugueses são marcados principalmente pela ocupação da posição de objecto e pela interpretação indefinida. Concluimos que o português é uma língua com o sistema relativamente restritivo de nomes nus, os quais mostram uma distribuição lexicalmente governada e estão privados de conteúdos de traços intrínsecos. Para acabar, salientamos que os nomes nus não são verdadeiramente nus: eles estão incorporados numa estrutura inteiramente desenvolvida SD, com um núcleo D vazio.

2.2.3 Natureza clílica do artigo em português

Em português, os artigos possuem uma propriedade de serem átonos, e por isso, dependentes de itens lexicais com acentuação própria. É esta propriedade que determina a impossibilidade de qualquer destas subclasses de palavras surgir isoladamente no discurso (Mateus *et al.* 2003:829).

- E11 a. - Ele ter árido o livro ou a revista?
 *- **A** vs. - A revista.
 b. - Ele falou a alguém quando entrou na sala?
 *- **Me!** Vs. - A mim!

De acordo com o conceito de regência proposto por Chomsky (1981), para uma relação estrutural, segundo a Regência Nuclear, tem que existir entre a categoria regente e a categoria regida, nomeadamente, a relação de m-comando. Esta relação

de regência proposta tem resultado em muitas estruturas consideráveis, uma das quais se encontra entre D e seu complemento dentro de SD. Tomemos um exemplo, “o aluno”, que se encontra ilustrado na figura a seguir:

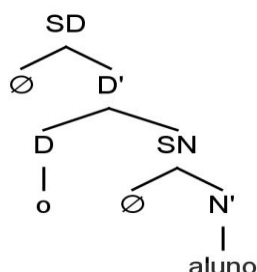


Figura 12 – Relação de regência nuclear de um SD em português
(adaptada de Mateus *et al.*, 2003:345)

Com base na Hipótese do SD, D constitui o núcleo de um SD, que projecta para nó frásico e tem um complemento como outras categorias. Contendo os traços de Conc, o D, artigo definido⁶³, c-comanda N, “aluno”. Não existe nenhuma barreira que exclui a categoria D e domina N, não intervindo entre elas nenhum núcleo que c-comanda N e não c-comanda D. A situação está conforme às condições de regência. O artigo definido aqui especifica a referência do nome, “aluno”. Daí se construir uma relação de dependência entre o D e o N. Assim, o artigo definido é a parte funcional do SD, e o seu complemento SN, aqui “aluno”, constrói a parte lexical do SD.

- E12 a. Ele comprou _{SD[D os SN]} livros que se encontravam em promoção.
 b. Eu gosto d _{SD[D o SN]} vestido verde].

⁶³ Em português os artigos definidos provêm do acusativo do demonstrativo latino *ille, illa, illud*. “No latim clássico não havia o artigo. Com o tempo, começou a empregar-se, na linguagem falada, o pronome demonstrativo *ille, illa* ... para indicar de que se tratava: *ille pater* (o pai), *illa mater* (a mãe). Na antiga língua existia ainda em português o artigo *el*: *el gado* (o gado). Hoje esta forma só se usa na expressão: *el – rei* (= o rei)”. (Areal, 1992:88)

Os dois exemplos E12a e E12b ilustram a natureza clílica do artigo, pois, os artigos definidos aqui estão dependentes acentualmente dos SN que se lhes seguem imediatamente.

2.3 SD e sintagma classificador em chinês

Acabada a abordagem relativamente ao SD em português, voltamo-nos para a LC, língua que não tem artigos, mas sim classificadores (Cl)⁶⁴, que, segundo muitos investigadores, possuem funções idênticas aos artigos. Neste contexto, é difícil encontrar evidências directas para a posição de D. Segundo o ponto de vista minimalista, o pressuposto de SD é universal. De facto, em paralelo disso, existem oponentes que negam a Hipótese do SD em chinês. Em diante, iremos descrever alguns estudos através dos quais se ilustram essas duas posições opostas em termos da existência da projecção de D em chinês.

⁶⁴ Segundo Hua (2001:107), os classificadores são divididos em duas classes: “those that precede and modifier nouns and those that follow and complement verbs in a number-CLS phrase”. E os classificadores tratados aqui pertencem ao primeiro grupo.

Yip (2009:22-23) divide os classificadores numerais em dois grupos: classificador “sortal” e “mensural”. Os classificadores do primeiro grupo, como em (1) “individuates whatever it refers to in terms of the kind of entity that it is” e os do segundo grupo, como em (2) “individuates in terms of quantity”

1. *yí zhāng zhǐ*
um Cl papel
“um papel”
2. *yí bēi shuǐ*
um Cl água
“um copo de água”

Ainda inclui *gōngjīn* (quilograma), *mǐ* (metro)...em terceiro grupo de classificadores com a denominação “true measures”, que “represent a unit of measure like dimensions (weight, height and length), length of time, etc...”.

3. *yí mǐ bù*
um Cl pano
“um metro de pano”

2.3.1 SD em chinês

Entre os defensores de que o chinês também tem SD, Tang (1990) propõe uma categoria funcional intermediária CI que selecciona um SN. O SCl é um complemento de D. Ele observa que cada classificador chinês só pode co-ocorrer com um tipo seleccionado de nomes, por exemplo, *ren* (pessoa) apenas pode ser usado com o classificador genérico *ge*, e *qianbi* (lápis) usado com o classificador *zhi*. Esses exemplos sugerem um tipo de relação de concordância ou selecção entre os classificadores e os nomes.

Uma outra defensora, Yip (2009), fornece argumentos para suportar a Hipótese do SD em chinês, comentando que, embora não haja determinantes “abertos” em chinês, os SN chineses exibem uma função de D. Explica que a estrutura de um SN chinês é diferente da de um SN inglês, especialmente com a presença de um classificador, a ausência de flexão morfológica do plural e a carência de determinantes. A LC recorre a outros mecanismos para expressar a definitude e a propriedade genérica sem o uso de determinantes “abertos”. Por exemplo, num SN indefinido, recorre-se a numerais, *yi* (um)

E13 *yi ge nanhai*
 um CI rapaz

e num SN definido, a demonstrativos, por exemplo, *na* (aquele).

E14 *na ge nanhai.*
 aquele CI rapaz

Enquanto as diferenças entre o determinante *um* e o numeral *yi* (um) são mínimas, as diferenças entre demonstrativos e determinantes são significantes.

Normalmente os demonstrativos são deícticos e os determinantes não são. *Na* (aquele) é definido, deíctico e específico e então é considerado mais como um demonstrativo. Os nomes nus podem ser definidos, indefinidos e genéricos. A autora pretende mostrar que, mesmo com a ausência de artigos, a definitude ainda pode ser expressada pelas construções Num-CI-SN e Dem-CI-SN. Os nomes nus podem expressar a propriedade genérica e a definitude. Yip apresenta evidências para provar que a ausência de artigos em chinês não significa que a projecção de SD não esteja presente.

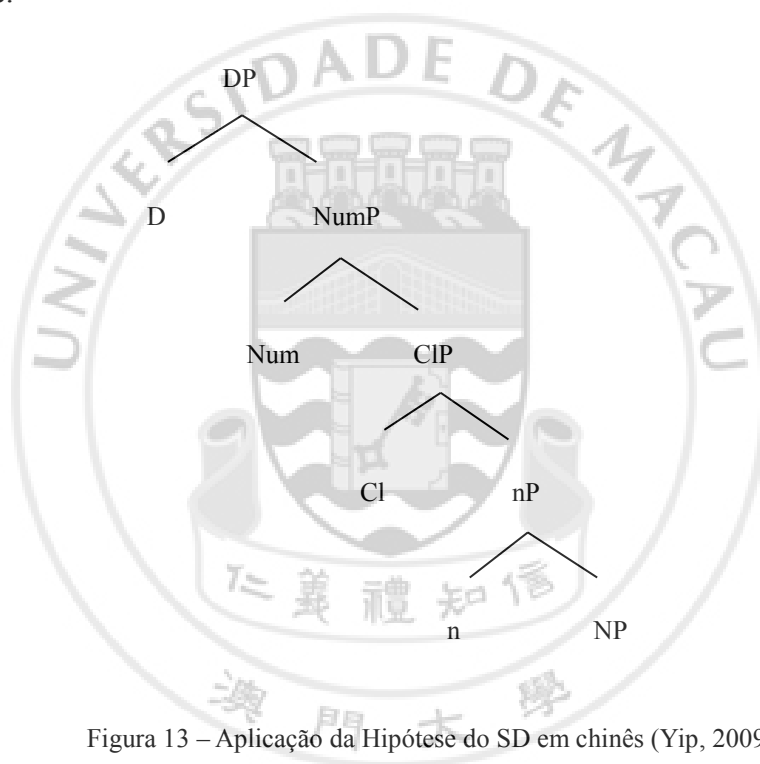


Figura 13 – Aplicação da Hipótese do SD em chinês (Yip, 2009:21)

Segundo a explicação de Yip (2009), de acordo com *Bare Phrase Structure* (Chomsky 1994)⁶⁵, as projecções de *Spec* não estão presentes. O estudo de Yip mostra, ainda, que mesmo sem a presença de artigos, a hipótese do SD pode ser aplicada à LC. Os três tipos de dados a favor da declaração de Yip incluem:

⁶⁵ Cf. Yip, 2009:21

- “(i) O movimento de SN para [spec, DTopP] a resultar na ordem de SN-Num-Cl;
- (ii) A base-geração de um tópico vazio em [spec, DTopP] que se identifica com um nome nu;
- (iii) O movimento de constituintes a modificar da posição B [spec, nP] para a posição A [spec, DFocP].”

(Yip, 2009: 73)⁶⁶

2.3.2 Sintagma classificador em chinês

Os oponentes representativos de SD são Cheng e Sybesma (1998, 1999) que argumentam que o núcleo de um classificador chinês pode assumir as funções de D como línguas do tipo inglês e o SCl pode ser o equivalente do SD e assim domina o SN. Então os SN devem ser SCl em vez de SD.

Uma das provas que Cheng e Sybesma (1998) fornecem é que a função de individualização de Cl é idêntica à de D. A língua chinesa é uma língua de classificadores. Chierchia (1998) declara que os SN chineses são considerados massivos e os classificadores são como “palavras de medidas” que tornam nomes massivos contáveis. É por isso que o chinês pede SCl para mapear denotações de nomes massivos para dentro de conjuntos de átomos (Chierchia, 1998:347). Wu (2004:13) descreve que “todos os nomes em mandarim se comportam como substantivos massivos em inglês, por isso, um classificador (ou uma palavra de medida) é necessário na contagem. Por exemplo, para contar ‘*glasses*’ ou ‘*water*’,

⁶⁶ A tradução de “(i) Movement of NP to [spec, DTopP], resulting in the NP-Num-Cl order;
(ii) base-generation of an empty topic in [spec, DTopP] which identifies with an null noun (Topic-drop);
(iii) Movement of modifying constituents from position B [spec,nP] to position A [spec, DFocP].”

(Yip, 2009: 73)

pode-se usar ‘*a pair of glasses*’ e ‘*two drops of water*’ em inglês.⁶⁷”⁶⁸ O autor exemplifica o classificador mais usado, *ge*.

E15 *wo chi le yi ge pingguo.*
Eu comer PAP um Cl maçã
‘Comi uma maçã’.

Este classificador é definido como “classificador individual” (Wu, 2004:14). O nome seguido do Cl é um nome contável que denota um objecto que normalmente não tem grande volume mas tem que ser uma entidade separável no mundo físico⁶⁹.

Além disso, os classificadores em algumas variantes do chinês também codificam a definitude. Em cantonês, a sequência Cl-N pode ocorrer na posição nominal-inicial e recebe uma interpretação definida (Cheng e Sybesma, 1998, 1999). Esta posição exemplifica-se no seguinte exemplo:

E16. *Go sin-saang mou lei.*
CL teacher not-have come.
‘The teacher didn’t come’
(Cheng e Sybesma, 1999:524)

Para Cheng e Sybesma (1999), a interpretação indefinida está ligada à presença de um SNum. Superficialmente, um SN, tal como *yi ge xuesheng*, é interpretado como “um estudante”. Porém, quando os classificadores são considerados como singularizadores, *yi ge xuesheng* é mais adequadamente parafraseado como “uma instância do (tipo) estudante”.

⁶⁷ A tradução de “*mandarin nouns all behave like mass nouns in English in the respect that a classifier (or a measure word) is needed in counting. For example, to count ‘glasses’ or ‘water’, one could use ‘a pair of glasses’ and ‘two drops of water’ in English.*” (Wu, 2004:13)

⁶⁸ Esta posição de a distinção contável-massiva ser gramaticalmente codificada no nível dos classificadores está a ser criticada por investigadores que levaram a cabo estudos ligados aos classificadores chineses. Este ponto irá ser abordado com pormenores no seguinte capítulo 3.3.3.

⁶⁹ Os nomes que podem combinar-se com o classificador *ge* têm que ser nomes contáveis, o que fornece uma prova para contrariar a suposição de o chinês ser uma língua com distinção contável-massiva gramaticalmente no nível de classificadores.

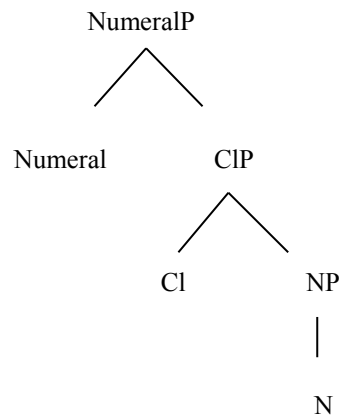


Figura 14 – SNum em chinês (Cheng e Sybesma, 1999: 529)

Quanto à interpretação indefinida de nomes nus, eles não só têm um núcleo de Cl vazio, mas também um núcleo de Numeral vazio.

A interpretação definida está ligada à presença de um SCl. Assim os SN nus definidos são SCl e a sua definitude decorre do operador *t* que pode ser considerado como um artigo definido. O numeral aparentemente tem o efeito de desfazer a definitude, “*just as with [Cl’N] phrases preceded by a numeral*” (Cheng e Sybesma, 1999:528).

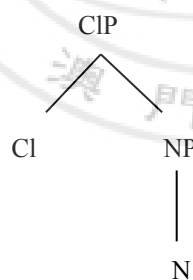


Figura 15 – SCl em chinês (Cheng e Sybesma, 1999: 529)

Sob esta consideração, as formas [Cl’N] têm duas representações diferentes: [Cl’N] com uma leitura indefinida é um SNum, e com uma leitura definida é um SCl. Ou seja, as duas estruturas supramencionadas são, de facto, as estruturas para SN

indefinidos (superfície: Num-Cl-N, Cl-N, N) e SN definidos (superfície: Cl-N, N), respectivamente.

Cheng (2011) critica a hipótese do SD na LC, tendo examinado dados do chinês mandarim e investigado se o chinês mandarim pode dizer alguma coisa sobre a Hipótese do SD e o parâmetro SD/SN. As conclusões estão sumarizadas assim: não há SD por cima das projecções máximas nominais em chinês mandarim e a Hipótese do SD não é aplicável ao chinês mandarim. Os classificadores em chinês mandarim têm o núcleo nas suas projecções e bloqueiam o domínio de ligação do c-comando. Por isso, não são apenas coadjuvantes adjacentes a SN. Ainda os factos de ligação sugerem que os classificadores em chinês mandarim são clíticos e pedem um hospedeiro precedente.

* * * * *

Em conclusão, apesar de existirem as controvérsias sobre a Hipótese do SD na LA, tanto na primeira interpretação de o chinês ter SD como na segunda que não suporta a presença de um SD em chinês, é indubitável o facto de o chinês não ter artigos e existir SCl nesta língua. Além de SN nus, os SN chineses são obrigados a ter classificadores, que são hospedados pelo seu núcleo funcional que selecciona um SN como complemento. Daí se destacar a importância de Cl para os SN chineses.

Capítulo 3 Formas de Representação de Determinação em Português e em Chinês⁷⁰

Neste capítulo, começamos por abordar dois conceitos básicos ligados à referencialidade de SD, a definitude e a especificidade.

3.1 Codificação da definitude e da especificidade e os traços binários

Em 1981, Bickerton propôs dois universais de referência de SN: semântico e discursivo. O universal semântico é quando os falantes indicam se um SN se refere a uma entidade específica ou se a sua referência não é específica [*±Specific Referent*] ([*±SR*]). O universal discursivo é quando os falantes indicam se eles assumem que o referente de um SN é conhecido para o ouvinte ou, alternativamente, não conhecido para o ouvinte [*±Hearer Knowledge*] [*±HK*]. Por isso, todos os SN no discurso em todas as línguas podem ser classificados como um dos resultados da combinação destes dois traços. Assim temos quatro contextos linguísticos classificados: [*+HK, +SR*], [*+HK, -SR*], [*-HK, +SR*] e [*-HK, -SR*].

Numa análise longitudinal dos dados recolhidos através das falas espontâneas feitas de três em três semanas no espaço de um ano, Huebner (1983, 1985) mostrou como um falante nativo do Laos conseguiu diferentes soluções para o problema de como marcar um nome com um AD em fases diferentes do seu desenvolvimento da *interlínqua*. Descobriu que, inicialmente, o informante ultrageneralizou o AD em

⁷⁰ Parte do conteúdo deste capítulo encontra-se no trabalho apresentado pela autora para o livro - O Português na China, sob a coordenação de Maria José Grosso e Ana Paula Cleto Godinho, Lisboa: Lidel, 2014.

nomes, tanto nas posições de tópico como de não tópico. Este fenómeno de “inundação” (ultrageneralização) do AD em SN nas primeiras fases da *interlíngua* é também notado por Master (1987), Chaudron e Parker (1990) e Young (1996). Gradualmente, o fenómeno da inundação decresceu em situações [-HK, -SR], e só usou o AD exclusivamente em casos [+HK, +SR] e [+HK, -SR]. Baseado nisto, o autor sugeriu que o seu informante, inicialmente, associou *the* ao traço [+HK]. Com base no modelo de Bickerton (1981), Huebner fez uma classificação semântica do sistema do artigo intitulada “Roda Semântica”, segundo a qual, a referencialidade é classificada pelos dois traços binários: referente específico [$\pm$ SR] e conhecimento pelo ouvinte [$\pm$ HK].

Baseando-se na Roda Semântica de Huebner, Humphrey (2007:310-312), no seu estudo na área de aquisição do sistema do artigo em inglês L2 por aprendentes japoneses, dividiu os itens de um *cloze teste* em cinco categorias. Além de manter o modelo original intacto (com certas adaptações), acrescentou a quinta categoria, que o autor designou “colocações”⁷¹, e que é composta por frases fixas⁷², usos idiomáticos que envolvem os artigos, e outras colocações fortes.

Quadro 2 – A Roda Semântica adaptada por Humphrey (2007: 310-312)

[+SR, +HK] definido referencial [<i>the</i>]	[-SR, +HK] genérico: [<i>a/an</i>], [<i>the</i>], [$\emptyset$]
[<i>the</i>] Unique in all contexts: <u>The</u> pope is from Poland. [<i>the</i>] Anaphoric reference: She...debuted with a single called "...". <u>The</u> single was a success. [<i>the</i>] Specific by entailment: John caught a trout and a salmon. Then he put <u>the</u> fish into a basket. [<i>the</i>] Exophoric: Can I use <u>the</u> car tonight? [<i>the</i>] Specific by definition: Utada climbed to <u>the</u> top.	[<i>a/an</i>]: [<i>the</i>]: [$\emptyset$]: $\emptyset$ Dogs make $\emptyset$ good pets.

⁷¹ “collocations” (Humphrey, 2007: 310)

⁷² “set phrases” (Humphrey, 2007: 310)

[+SR, -HK] indefinido referencial, primeira menção: [a/an], [ø] [a/an] Referential indefinite: She...debuted with <u>a</u> single called "...". The single was a success. [ø] Referential indefinite: She started writing <u>ø</u> songs in English.	[-SR, -HK] não referencial: [a/an], [ø] [a/an] Non-specific indefinite: If I won the /-Takarakuji, I'd buy <u>a</u> mansion in Tokyo. [ø] Non-specific indefinite: What <u>ø</u> video would you recommend?
Colocação forte [a/an], [the], [ø] [a/an] Strong collocations: Set <u>a</u> record; In <u>the</u> space of a... [the] Strong collocations: Do you have <u>the</u> time? [ø] Strong collocations	

O autor incluiu no [+SR, -HK] o uso de primeira menção num discurso⁷³. A categoria [-SR, -HK] incluiu SN que são interrogativos, negativos, ou no escopo da irrealidade⁷⁴ (primeiro caso do [-SR, -HK]). O autor refere ainda que : “tem havido muito debate entre os linguistas sobre se alguns SN devem ser classificados como genéricos ou se devem ser classificados como não-específicos [...]. De acordo com Quirk *et al.* (1985:265), os SN genéricos referem-se geralmente a toda a classe ou espécie”⁷⁵ (Humphrey, 2007: 312).

Hawkins (2001) ilustrou, exemplificada e brevemente, como os artigos são interpretados em relação aos dois traços binários:

Tipo 1. [+SR] [+HK] - Quando um SN se refere a uma entidade específica que o ouvinte consegue identificar a partir do que foi dito antes ou do contexto, *the* é usado.

⁷³ Por exemplo: My apartment has a tatami room. (Humphrey, 2007: 311)

⁷⁴ A tradução de “irrealis”.

⁷⁵ A tradução de “there has been much debate among linguists as to whether some NPs should be classed as generic or whether they should be classed as non-specific [...]. According to Quirk *et al.* (1985:265), generic NPs are referring to the whole class or species generally” (Humphrey, 2007: 312).

E17 A: *How will you get a ticket for the England-France match?*

B: *I have a contact.*

A: *Is that the same contact who failed to get you tickets for Wimbledon?*

(Hawkins, 2001:234)

Tipo 2. [-SR] [+HK] - Quando um SN se refere a uma entidade não específica ou entidades identificadas pelo ouvinte a partir do conhecimento geral da própria entidade, temos um caso de interpretação genérica. Todos os três artigos *the/a/Ø* podem ser usados com nomes para produzir uma interpretação genérica. Mas em caso de *the*, o nome tem que ser contável e singular.

E18 A: *I saw a rabbit eating my carrots yesterday.*

B: *The rabbit can cause problems for the gardener.*

A rabbit can cause problems for a gardener.

Ø Rabbits can cause problems for Ø gardeners.

(Hawkins, 2001:235)

Tipo 3. [+SR] [-HK] - Quando um SN se refere a uma entidade específica que o ouvinte não consegue identificar a partir do que foi dito ou do contexto, *a/Ø* são usados.

E19 A: *How will you get a ticket for the England-France match?*

B: *I have a contact / I have Ø contacts*

(Hawkins, 2001:233)

Tipo 4. [-SR] [-HK] - Quando um SN se refere a uma entidade não específica que o ouvinte não consegue identificar a partir do que foi dito ou do contexto, *a/Ø* também são usados.

E20 A: *What does she want to do when she's married?*

B: *Have a baby / Have Ø babies.*

(Hawkins, 2001:234)

Resume-se a interpretação dos artigos associada aos traços na tabela a seguir (extraída do estudo de Hawkins, 2001: 235)

Quadro 3 – A interpretação de artigos em termos dos traços binários (Hawkins, 2001: 235)

[+SR, +HK] <i>She had the baby at home</i> <i>Goldilocks ate the porridge</i> <i>She presented the evidence</i>	[-SR, +HK] <i>The rabbit is a nuisance*</i> <i>A rabbit is a nuisance*</i> <i>Ø Rabbits are a nuisance*</i> <i>Ø Theories must always be supported by Ø evidence</i> <i>(* Interpreta ção gen érica)</i>
[+SR, -HK] <i>I have a contact</i> <i>I have Ø contacts</i> <i>They reached an understanding</i> <i>She presented Ø evidence</i>	[-SR, -HK] <i>She hopes to have a baby</i> <i>She wants to write Ø books</i>

O autor acrescentou dois casos especiais dentro da categoria [+SR] e [+HK]:

1. Os nomes que são específicos e que fazem parte do conhecimento geral compartilhado pelo falante e ouvinte, ex. *the Sun, the Moon...*;
2. Os nomes partitivos e locativos que podem ser determinados como “conhecidos” em virtude de ser uma parte de outro nome a que eles estão associados, ex. *The bow of a ship came into view* (partitivo); *Write your name on the back of an envelope* (locativo).

Ionin *et al.* (2004) explicaram os mesmos traços apenas no universal discursivo, ou seja, se o referente de um SN é conhecido pelo falante e/ou pelo ouvinte no discurso. Nos seus estudos, os traços, ambos relacionados com o discurso, são designados: [$\pm$ específico] e [$\pm$ definido]. O primeiro traço reflecte o estado de conhecimento apenas do falante, enquanto o segundo reflecte o estado de conhecimento de ambos o falante e o ouvinte (Ionin, *et al.* 2004:5). Recorrendo às definições dos mesmos linguistas, temos o seguinte:

Definição informal

Um DP⁷⁶ que tem um D (determinante) como projecção máxima e um NP⁷⁷ como seu complemento é:

a.[+definido], quando tanto o locutor como o alocutário pressupõem a existência de uma entidade única num conjunto denotado pelo NP em questão.

b.[+específico], quando o locutor tem intenção de referir uma única entidade num conjunto denotado pelo NP e considera que esta entidade detém uma propriedade exclusiva.

(Ionin, *et al.* 2004:5, tradução de BALDÉ, 2011:13)

Os artigos podem codificar interlinguisticamente traços semânticos diferentes. Estes linguistas preocupam-se particularmente com os traços Definitude e Especificidade⁷⁸, achando que, apesar de o segundo termo ter recebido definições múltiplas na literatura, eles usam-no em todos os estudos. “Num sentido muito preciso, a especificidade como a que os locutores se pretendem referir”⁷⁹ (Ionin, *et al.* 2004:5).

Na interpretação do artigo, o traço [+definido] recebe expressão morfológica na língua inglesa através do artigo *the* e [-definido] através do *a*. O inglês coloquial, por outro lado, não tem um marcador de especificidade, significando isto que o artigo indefinido *a* pode ser usado em contextos indefinidos tanto [+específico] como [-específico]. A conclusão obtida é de a distinção de especificidade ser independente da distinção de definitude. As condições na especificidade podem ser satisfeitas, ou não satisfeitas, em ambos contextos definido e indefinido (Ionin, *et al.* 2004:6-9). Assim temos os quatro contextos classificados [+definido, +específico], [+definido, -específico] [-definido, +específico] [-definido, -específico] (em abreviaturas, [+def, +esp], [+def, -esp] [-def, +esp] [-def, -esp]).

⁷⁶ SD usado neste estudo.

⁷⁷ SN usado neste estudo.

⁷⁸ A tradução de “*If a Determiner Phrase (DP) of the form [D NP] is (a) [+definite], then the speaker and hearer presuppose the existence of a unique individual in the set denoted by the NP. (b) [+specific], then the speaker intends to refer to a unique individual in the set denoted by the NP, and considers this individual to possess some noteworthy property*” (Ionin *et al.*, 2004:5).

⁷⁹ A tradução de “*in a very precise sense, specificity as speaker intent to refer*” (Ionin, *et al.*, 2004:5).

Começando-se com Huebner (1983), muitos trabalhos sobre a aquisição do artigo em inglês L2 tratam a especificidade essencialmente com correspondência à existência no mundo actual. O ponto de vista de Ionin, *et al.* (2004) em relação ao termo de especificidade é mais restritivo, “que envolve a intenção do locutor de se referir a uma pessoa que existe no mundo real”⁸⁰ (Ionin, *et al.*, 2004:9). No quadro desta explicação, o traço [+esp] não é idêntico ao escopo amplo. Nas duas frases em E21, por exemplo, o SD tem escopo amplo. E as duas afirmam a existência de um “*particular Merchant banker*”.

- E21 a. *Peter intends to marry a/this merchant banker – even though he doesn't get on at all with her.*
 b. *Peter intends to marry a/#this merchant banker; I have no idea who it is.*

No entanto, apenas E21a tem uma propriedade adicional de “notabilidade”⁸¹ em anexo ao SD, e licencia o uso do referencial *this*, pelo que o SD é [+esp]. Se o falante tem a intenção de se referir a um indivíduo particular no mundo actual, ele deve existir no mundo. O inverso não é, porém, correcto. No caso de E21b, o SD com o escopo amplo, é [-esp]. Considerando este facto, os indefinidos com o escopo amplo e os indefinidos específicos não são idênticos.

Mateus *et al.* (2003) consideram que as operações de definitização fazem corresponder a uma dada expressão linguística um único objecto identificado para o locutor, e pressuposto por este como identificável pelo(s) interlocutor(es). Quanto às operações com indefinidos, explicaram que as expressões são indefinidas quando na parte singular considerada não há identificação de um indivíduo no discurso, de

⁸⁰ A tradução de “it involves speaker intent to refer to an individual who exists in the actual world.” (Ionin, *et al.*, 2004:9).

⁸¹ A tradução de “noteworthiness”.

modo que o interlocutor não conhece qual, de todas as entidades singulares possíveis do conjunto considerado, é aquela a que o discurso se refere (Mateus *et al.*, 2003:222-224).

Comparando diferentes maneiras de tratamento dos mesmos traços, a de Ionin *et al* (2003a, 2003b, 2004) mostra a sua vantagem de revelar mais clara e concretamente a classificação dos contextos linguísticos ao nível discursivo, o que facilitaria a colocação de SD em contextos adequados, ou seja, os aprendentes estariam mais orientados na escolha do artigo. Quando o traço de especificidade é tratado ao nível discursivo, sabemos que, se o referente é conhecido pelo falante, é específico e que caso contrário, não é específico. Então a especificidade revela a focalização no estado de conhecimento apenas do falante e a definitude no estado de conhecimento de ambos o falante e o ouvinte. Por esta consideração, seguiremos no nosso estudo o critério da classificação contextual pelos traços binários [$\pm$ def] e [$\pm$ esp] adaptados da interpretação de Ionin *et al.* (2003a, 2003b, 2004), especialmente sobre o traço de especificidade.

3.2 Representação de determinação em português

O português é uma língua que codifica apenas a definitude e o núcleo de SD em português pode ser constituído por determinantes que incluem artigos, demonstrativos e possessivos. Esses são elementos que precedem o nome e que servem para construir valores referenciais de individualização das expressões nominais. Neste estudo interessa-nos a categoria Artigo.

3.2.1 Sistema do artigo

Os artigos são não-dênticos, diferentes dos demonstrativos e possessivos dênticos. Por outro lado, os artigos definidos aproximam-se dos demonstrativos, visto ocorrerem em distribuição complementar e serem semanticamente definidos, em contraste com os possessivos, que co-ocorrem com artigos ou demonstrativos e não são inerentemente definidos (Mateus *et al.* 2003:346). Os artigos em português servem para determinar as ideias que os substantivos expressam e identificam o genérico e o específico, além de indicar o gênero e o número do substantivo, pelo que concordam com os nomes em função de gênero e número. Não podem ser usados sozinhos, ocorrendo sempre junto de substantivos ou palavras, locuções e orações substantivas.

3.2.1.1 Formas e funções do artigo

Os artigos em português classificam-se em definidos (AD) e indefinidos (AI). Os AD indicam que o ser ou ideia introduzidos no discurso estão tomados de modo preciso (num sentido determinado). Por seu lado, os AI indicam que o ser ou ideia introduzidos no discurso estão tomados de modo vago (num sentido indeterminado) (Areal, 1992:87). A *Nova Gramática do Português Contemporâneo* de Cunha e Cintra (2002:212) descreve que “a determinação dos substantivos vai-se tornando mais precisa à medida que se passa do ARTIGO INDEFINIDO para o ARTIGO DEFINIDO...”

Os artigos têm flexão em género e em número, apresentando-se em quatro formas básicas. O quadro 4 mostra os artigos em português e os seus “equivalentes” lexicais em chinês:⁸²

Quadro 4 – Os artigos em português e os seus equivalentes lexicais em chinês

	AD ⁸³	AI ⁸⁴
Masculino Singular	o - o homem (zhe / na + Cl nanren)	um - um homem (yi + Cl nanren)
Feminino Singular	a - a mulher (zhe / na + Cl nǚren)	uma - uma mulher (yi + Cl nǚren)
Masculino Plural	os - os homens (zhexie / naxie nanren(men) ⁸⁵)	uns - uns homens (yixie nanren(men))
Feminino Plural	as - as mulheres (zhexie / naxie nǚren(men))	umas - umas mulheres (yixie nǚren(men))

Em relação às suas funções principais, o artigo:

1) Serve para indicar que o ser ou ideia apresentados pelo substantivo são determinados/indeterminados ou conhecidos/desconhecidos, como, por exemplo:

E22 Eu vi **o** médico
(wo kanjian le (na wei) yisheng.)
eu ver PAP (aquele Cl) médico

E23 Eu vi **um** médico.
(wo kanjian le yi wei yisheng.)
eu ver PAP um Cl médico

No exemplo E22, “o médico” que o falante viu é identificado, ou porque o

⁸² Adaptado da *Gramática da Língua Portuguesa* de Wang Suoying e Lu Yanbin (1999:93)

⁸³ Quando se traduzem textos de Português para Chinês, os AD podem não ser traduzidos, ou muitas vezes, é impossível traduzi-los. Podem, porém, em outros casos, ser traduzidos como *zhege* (este/esta + Cl), *nage* (aquele/aquela + Cl) em número singular ou *zhexie* (estes/estas), *naxie* (aqueles/aquelas) em número plural, conforme os contextos.

⁸⁴ Os AI singulares, equivalentes a *yige* (um + Cl), podem ou não ser traduzidos contextualizadamente quando se traduzem de Português para Chinês.

⁸⁵ Em certos casos, uns nomes que indicam pessoas podem levar o sufixo *men*, que indica número plural, como *nanrenmen* (homem + *men*), *nǚrenmen* (mulher + *men*). Mas é preciso notar que, se antes do nome que indica pessoa, houver um numeral classificador, ou se já existir na frase outro elemento indicativo de plural, não é possível acrescentar a desinência de plural (Zhao, 1996:18), pelo que não se pode dizer **zhexienanrenmen* (estes homens + *men*).

conhece ou porque é a pessoa de que se fala. No exemplo E23, é indeterminado e desconhecido.

2) Precede palavras de outras classes com a função de substantivação de outros elementos (exemplos E24 e E25).

E24 **um** “não sei quê”
(*yi zhong shuo bu chu de ganjue.*)
um Cl dizer não fora NOM sensação

E25 Não sei **o** que fazes.
(*wo bu zhidao ni zuo shenmo.*)
eu não saber tu fazer o que

3) Pode ser responsável pela indicação das categorias gramaticais, neste caso, referente a género e número:

E26 **um** artista
(*yi wei*) *yishujia*
um Cl artista

uma artista
(*yi wei*) *yishujia*⁸⁶
uma Cl artista

o lápis
(*zhe/na zhi*) *bi*
este/aquele Cl lápis

os lápis
(*zhexie / naxie*) *bi*
estes / aqueles lápis

Verifica-se ainda que tanto no AD como no AI, a sua utilização é evitada em

⁸⁶ Além de os nomes chineses não terem flexão em género e número, é normal também que o género dos nomes não seja marcado através de outros elementos, excepto em casos particulares. Tanto “um artista” como “uma artista” são traduzidos como *yi wei yishujia* (um + Cl + artista), sendo impossível identificar se é do sexo masculino ou feminino na expressão chinesa.

certos casos, tratando-se de um fenómeno linguístico relativamente comum.

Em diante, debruçar-nos-emos sobre o uso do AD, do AI e da não ocorrência do artigo⁸⁷, com destaque para a sua relação com diferentes tipos de substantivos⁸⁸ (Casteleiro, 1988; Areal, 1992; Vilela, 1995; Faria, 1996; Bechara, 1999; Wang e Lu, 1999; Neves, 2000; Arruda, 2002; Cunha e Cintra, 2002; Mateus *et. al.*, 2003; Azevedo, 2005).

3.2.1.2 Artigo definido, artigo indefinido e artigo nulo

O AD – “o”, “a”, “os”, “as” – deriva do acusativo do demonstrativo latino *illum, illam, illos, illas*, cuja evolução foi a seguinte: *illu(m) > elo > lo > o; illa(m) > ela > la > a*, etc.⁸⁹ Pela origem, “o”, “a”, “os”, “as” estão ligados ao antigo demonstrativo latino (o que lhe garante o valor de demonstrativo atenuado). Antepõem-se a substantivos, com reduzido valor semântico demonstrativo e com função precípua de adjunto desses substantivos (Bechara, 1999: 153).

Os AD são sempre antepostos ao substantivo no grupo nominal. Quando existem outros determinantes no grupo nominal, os AD ocupam sempre a posição inicial, excepto quando são precedidos pelos quantificadores “todo”, “toda”, “todos”, “todas” e “ambos”, “ambas”, ou são precedidos de outros quantificadores a que se ligam pela preposição “de”.

⁸⁷ “omissão do AD e do AI” (cf. Cunha e Cintra, 2002: 214, 242); “o artigo nulo” (cf. Vilela, 1995:161); “não –emprego do AD (artigo zero)” (cf. Neves, 2000:430); “A omissão do AI” (cf. Neves, 2000:530); “omitir o artigo...” “ausência do artigo...” (Bechara, 1999:153-161)

⁸⁸ Embora designada também por “nome”, adoptamos, o termo “substantivo”, seguindo Cunha e Cintra (2002).

⁸⁹ “No latim clássico não havia o artigo. Com o tempo, começou a empregar-se, na linguagem falada, o pronome demonstrativo *ille, illa* ... para indicar de que se tratava: *ille pater* (o pai), *illa mater* (a mãe). Na antiga língua existia ainda em português o artigo *el*: *el gado* (o gado). Hoje esta forma só se usa na expressão: *el – rei* (= o rei)” (Areal, 1992:88).

- E27 Todos **os** homens são mortais, mas não é mortal a humanidade.
 (mei ge ren dou shi yao si de, dan zheng ge renlei bu hui si qu.)
 cada Cl pessoa todo ser MF morrer NOM mas inteiro Cl
 humanidade não poder morrer ir
- E28 Ele segurou a fruta com ambas **as** mãos.
 (ta shuang shou peng zhe shuiguo.)
 ele dois mãos segurar DUR fruta
- E29 Muitos **dos** alunos da Turma 1 vieram à aula.
 (yi ban de xuesheng henduo dou you lai shang ke.)
 um turma ASSOC alunos muito todo MP vir ter aula

Por outro lado, o AI – “um”, “uma” – deriva do numeral latim *unum*, *unam* cuja evolução foi a seguinte: *unum* > *ũu* > *ũ* > *um*; *unam* > *una* > *ũa* > *uma* (Areal, 1992:88). A partir daí as formas plurais foram desenvolvidas com o sentido de “pequeno número indefinido de”: *uns*, *umas* (Azevedo, 2005:159).

Colocam-se sempre em posição pré-nominal:

- E30 Ele trabalha **numa** fábrica de papéis em Xangai.
 (ta zai shanghai yi jia zao zhi chang gongzuo.)
 ele em Xangai uma Cl produzir papel fábrica trabalhar

Além disso, quando o artigo não é usado quando se pretende marcar a distinção da forma individualizada de um referente, consideramos o uso do artigo nulo (AN). Ocorre antes de substantivos não contáveis, massivos e substantivos contáveis no plural. Em certas situações, pode ocorrer antes de substantivos contáveis no singular. Vejamos agora dois exemplos, em que o substantivo contável no plural (E31) e o substantivo massivo no singular (E32) não são precedidos do artigo, sendo interpretados como indefinidos, no contraste paradigmático com os

mesmos substantivos precedidos do AD.

- E31 Hoje à tarde, vou à livraria comprar livros.
(*jintian xiawu wo yao qǔ shudian mai shu.*)
hoje tarde eu MF ir livraria comprar livro
- E32 Bebi vinho ao jantar.
(*wanfan de shihou, wo he le jiu.*)
jantar NOM tempo eu beber PAP vinho

Vale a pena citarmos a observação de Cunha e Cintra (2002:223) através da qual se mostra como a ocorrência ou não do artigo afecta o sentido referencial do substantivo.

“Diz-se **o dono (ou a dona)** da casa para indicar, com precisão, seja o proprietário do prédio, seja o chefe da família. Em sentido vago, dir-se-á, porém: **uma boa dona de casa.**”

O uso do AN é condicionado por um conjunto de regras bastante complexas, pelo que não cabe aqui discuti-lo.

3.2.2 Interpretação de determinação em termos dos traços binários em português

A distribuição do artigo em português é semelhante em inglês, isto é, o sistema de referencialidade representado pela categoria gramatical chamada Artigo codifica a definitude, mas não a especificidade. Além de codificar a informação

semântica, os artigos codificam informação morfológica de género e número⁹⁰. Tendo como referência os modelos de Bickerton (1981), Huebner (1983, 1985), Hawkins (2001), Ionin *et al* (2003a, 2003b, 2004), ilustraremos a co-ocorrência dos artigos, aqui em português, e contextos linguísticos de SN.

Quadro 5 – A interpretação do artigo em português em relação aos traços [$\pm$ def] e [$\pm$ esp]

Contextos	Artigos aplicados	Exemplos
[+def,+esp]	AD	Em que dia nasceu o bebé? (ying'er na tian chusheng de.) bebé que dia nascer NOM
[+def,-esp]	AD	O boxe é um desporto famoso. (quanji shi yi xiang chuming de yundong.) boxe ser um CI famoso NOM desporto
	AI	Um cão saudável tem sempre o pelo lúcido. (yi tiao jiankang de gou yiban dou you faliang de mao) um CI saudável NOM cão normalmente todos ter lúcido NOM pelo
	NA	Não gosto de beber o água às refeições. (wo bu xihuan jiucan de shihou he shui.) eu não gostar comer NOM tempo beber água
[-def, +esp]	AI	O João conhece uma praia linda perto de Lisboa. (yuehan shuxi lisiben fujin de yi ge meili shatan.) João conhecer Lisboa perto NOM um CI lindo praia
	NA	O Sr. João viu o vizinho a apanhar o peras. (yuehan xiansheng kanjian linju zai zhai lizi.) João senhor ver vizinho DUR apanhar peras.
[-def, -esp]	AI	O João tem de escrever uma carta aos amigos. (yuehan yao xie feng xin gei ta de pengyou.) João MF escrever CI carta dar ele GEN amigo
	NA	O Carlos e o José são o estudantes na nossa universidade. (kaluosi he yuese shi women dacue de xuesheng.) Carlos e José ser nós universidade ASSOC estudante

⁹⁰ O aspecto morfológico flexional não é estudado neste trabalho.

Então, encontra-se uma interação entre a co-ocorrência do artigo e SN, determinada pela interpretação dada ao SN em termos de ser definido ou não, específico ou não, ou seja, conhecido por ambos o falante e o ouvinte ou apenas pelo falante, e também pelas propriedades do nome como $[\pm\text{contável}]$, $[\pm\text{singular}]$ e $[\pm\text{massivo}]$. A distinção entre o AI e o AN em contextos assenta na interpretação do traço Número de SN.

A designação do traço $[\pm\text{contável}]$ de um nome na *interlíngua* pode diferenciar muito significativamente da LA (Young, 1991). No estudo sobre o traço $[\pm\text{contável}]$ na aquisição do artigo, Young (1996) descobriu que alguns erros que os aprendentes cometeram no uso do artigo são originados a partir de um erro lógico prévio: mal-especificação do traço $[\pm\text{contável}]$. O número singular é um factor forte na promoção do AI. O peso do factor $[-\text{contável}]$ é significativo e favorece a marcação do AN. No entanto, os nomes não contáveis e especialmente plurais inibem o AI.

As características diferentes entre nomes massivos e contáveis podem ser explicadas pela noção de “ser delimitado”⁹¹ $([+b])$ (Jackendoff, 1992). Os nomes contáveis singulares são $[+b]$ porque eles denotam entidades com uma fronteira muito clara. Os nomes de substância e agregados são considerados $[-b]$ porque estes nomes não têm fronteiras claras. Os nomes plurais são também incluídos nesta categoria. Por isso, a distinção contável/massivo é muito importante porque determina se um nome selecciona o AI ou o AN em contextos indefinidos.

⁹¹ A tradução de “boundedness” (Jackendoff, 1992).

3.3 Representação de determinação em chinês

Perante a situação de o português empregar determinantes para indicar valores referenciais de SN, como é que a língua chinesa funciona neste sentido? Discutimos no ponto seguinte a mesma questão.

3.3.1 Formas de representação de determinação em chinês

O contraste determinação/indeterminação é codificado de uma forma mais complexa em chinês. Chen (2004:1151) apresentou três grandes tipos de traços linguísticos para indicar ou sugerir ao ouvinte se a expressão nominal deve ser interpretada como referência determinada ou indeterminada, sendo eles: léxico, morfologia e posição. Adoptamos no presente estudo esta perspectiva, a qual constitui a linha principal da interpretação do sistema chinês de determinação/indeterminação.

3.3.1.1 Léxico

Em chinês, não existe o AD, pelo que se recorre a outros caminhos para marcar a determinação do substantivo, tais como os demonstrativos, os possessivos e os quantificadores universais.

a) demonstrativos

Os demonstrativos são as fontes mais comuns das quais derivam os AD ou os determinantes homólogos; O chinês não é excepcional. Com a redução fonológica e a componente de rítmica no seu sentido atenuado em vários graus, os demonstrativos *zhe* e *na*, e as suas formas plurais *zhexie* e *naxie*⁹², são mais próximos dos AD portugueses. Vejamos, então, o uso desses demonstrativos nos seguintes exemplos:

- E33 *qing ba zhe / na zhang yizi ban dao na jian fangjian qu.* [situacional]
 favor BA esta/aquela Cl cadeira deslocar para aquele Cl
 quarto ir
 (É favor deslocar esta/aquela cadeira para dentro daquele quarto.)
- E34 *ta xiang huiqu? zhe ni bu neng daying!* [deítico - discurso]
 ele querer voltar este tu não poder dar permissão
 (Ele quer voltar para lá? De certeza que tu não permites isso!)
- E35 *yi ge nanhaizi pengdao le yi ge nühaizi... zhe ge nanhaizi you kan le na ge nühaizi yi yan.*
 [anafórico - contrastivo]
 um Cl menino encontrar PAP uma Cl menina este Cl
 menino outra vez ver PAP aquela Cl menina uma olhada
 (Um menino encontrou uma menina... O menino deu outra olhada na menina.)
- E36 *you yi ge lieren yang zhe yi zhi gou. zhe zhi gou hen dongshi.* [anafórico – não contrastivo]
 haver um Cl caçador criar DUR um Cl cão este Cl cão muito
 esperto
 (Há um caçador que tem um cão. O cão é muito esperto.)
- E37 *zhe tianqi zhen guai.* [partilha do conhecimento geral]
 este tempo muito esquisito
 (O tempo está muito esquisito.)

⁹² *zhe/na*, e as suas formas plurais *zhexie/naxie*, reúnem todas as funções de demonstrativos portugueses.

E38 *ta mai le yi jian chenshan. na yanse zhen piaoliang.*

[referência indirecta por associação]

ela comprar PAP um CI blusa aquela cor muito bonito

(Ela comprou uma blusa. A cor é muito bonita.)

E39 *ta gei le na ge huan ta maozi de xiao nanhai san*
ge li. [associação com cláusula relativa restritiva que segue]

ele dar PAP aquele CI devolver ele chapéu NOM pequeno rapaz três
CI peras

(Ele deu três peras ao rapaz que lhe tinha devolvido o chapéu)

A partir dos exemplos dados, concluímos que os demonstrativos chineses, quando a sua função deíctica é atenuada, são usados como marcadores de determinação. De facto, eles são empregues em alguns contextos em que os AD portugueses são regularmente usados como marcadores de determinação e os demonstrativos, normalmente, não são permitidos. Pode-se dizer que os demonstrativos chineses estendem o seu uso para AD, revestindo-se de algumas funções que são próprias do AD. Isto significa que os demonstrativos chineses funcionam, em certas situações, como AD. Estes dois demonstrativos chineses, *zhe* e *na*, já começaram o caminho de gramaticalização para AD, mostrando, porém, que estão ainda longe da sua linha de chegada, uma vez que, embora usados em contextos deicticamente neutros, a sua função primária não é servir como marcador de determinação deicticamente neutra como os AD portugueses.

Então, entre *zhe* e *na*, homólogos do AD, qual é a diferença? Distinguimo-los a partir do seu uso no texto.

Em primeiro lugar, na situação em que é usado anaforicamente, *zhe* é preferido para um referente que acaba de ser introduzido no discurso. Quando o referente volta a aparecer no discurso, particularmente após a intervenção de outros referentes, *na* é mais usado do que *zhe*.

Em segundo lugar, quando não há elemento de tíico envolvido e o referente depende da oraçaõ relativa acompanhada que o determina, *na* é mais usado. Chen (2004:1155) explica que “*na* é o mais gramaticalizado, ou não marcado, determinante de definitude para referentes que são neutros em relaçaõ às distinções deicticamente baseadas, e, portanto, mais adequado para usos com nomes modificados por orações relativas restritivas ... o demonstrativo distante (*na*) é mais apropriado para aquele referente do que o demonstrativo próximo (*zhe*).”⁹³

Além disso, quer um quer outro são pouco usuais em estruturas consideradas prototípicas do AD, sobretudo no que se refere à determinaçaõ respeitante à partilha do conhecimento específico ou geral ou à referência indirecta por associaçaõ.

b) possessivos

Em português, se o substantivo acompanhado de um possessivo é definido ou indefinido, depende da presença de um AD ou AI, e um AI não se pode colocar entre o possessivo e o substantivo. Ao contrário disso, o possessivo chinês impõe a interpretaçaõ de determinaçaõ do substantivo quando este não é acompanhado de nenhum marcador de determinaçaõ ou indeterminaçaõ⁹⁴.

E40 *wo de qianbi bujian le.*
 eu GEN lápis desaparecer PAP
 (O meu lápis desapareceu.)

⁹³ A traduçaõ de “*na* is the more grammaticalized, or unmarked, determiner of definiteness for referents which are neutral with respect to the deictically based distinctions, and is thus more appropriate for uses with nouns modified by restrictive relative clauses...the distal demonstrative (*na*) is more appropriate for that referent than the proximal demonstrative (*zhe*).” Chen (2004:1155)

⁹⁴ Designa-se como *bare NP* em inglês.

E41 *zhe shi wo de yi ge pengyou song gei wo de.*
isto ser eu GEN um Cl amigo oferecer dar eu NOM
(Isto foi um amigo meu que me ofereceu.)

No exemplo E41, o marcador indefinido *yi*⁹⁵, separa o substantivo do possessivo, indicando a indeterminação do substantivo. Por outras palavras, se os substantivos não acompanhados de possessivos são interpretados como determinados ou indeterminados, tal vai depender da presença ou ausência do marcador indefinido *yi* entre eles.

c) quantificadores universais

São também marcadores definidos os quantificadores universais chineses, incluindo quantificadores universais colectivos *suoyou/yiqie* (todo) e distributivo *mei* (cada).

E42 *yiqie yinsu dou yinggai kaolǔ jin qu.*
todo fator todo dever considerar entrar ir
(Todos os fatores devem ser considerados.)

E43 *mei ge xuesheng dou you ziji de fangjian.*
cada Cl aluno todo ter próprio GEN quarto
(Cada aluno tem o seu próprio quarto.)

Existem interrogativos chineses como *shenme* (que), *shui* (quem), *na* (qual), que na sua forma enfática, são usados como quantificadores escolha-livre⁹⁶. Eles são considerados marcadores definidos a par dos quantificadores universais.

⁹⁵ Apresentaremos este marcador adiante com mais pormenores.

⁹⁶ Em inglês *free-choice quantifiers*.

E44 *ta shenme cai dou chang le yidianer.*
 ele que prato todo experimentar PAP bocado
 (Ele experimentou todos os pratos.)

Tendo sido descritos os marcadores definidos chineses, vejamos agora os determinantes indefinidos chineses.

d) determinantes indefinidos

Em primeiro lugar, distinguimos o maior marcador indefinido: *yi* + Cl⁹⁷, no qual *yi* é numeral e pode ser usado em todas as situações em que ocorrem outros numerais em chinês. Segundo Chen (2004:1159), *yi* + Cl sofreu o processo de gramaticalização para marcador de indeterminação, manifestando no seu uso todas as características de cinco fases do desenvolvimento de um numeral para um marcador indefinido gramatical, fases essas que são propostas por Givón e Heine (Chen, 2004:1159). São ilustrados nos seguintes exemplos:

E45 *wo zhi yao yi ge pingguo. [numeral]*
 eu só querer uma Cl maçã
 (Quero apenas uma maçã)

E46 *yi ge nanren zou jin shangdian. [marcador introdutório]*
 um Cl homem andar entrar loja
 (Um homem entrou na loja.)

⁹⁷ Os classificadores, denominados *liangci* em chinês, denotam as unidades de coisas ou ações e podem ser divididos entre os que classificam os nomes e os que classificam os verbos. (Gao, 2001:21). Os classificadores mencionados no presente estudo pertencem aos do primeiro grupo. Um classificador fica geralmente numa posição intermédia, ou seja, depois do numeral, demonstrativo, certos quantificadores e antecedendo o substantivo

E47 *weile zhe jian shi, wo qing le (yi) ge⁹⁸ gongchengshi lai.*
[referência específica indeterminada]

para este Cl assunto eu convidar PAP (um) Cl engenheiro vir
(Para este assunto, convidei um engenheiro.)

E48 *kuai qu jiao (yi) ge ren lai.*[referência não específica indeterminada]

rápido ir chamar (um) Cl pessoa vir
(Despacha-te e chama alguém.)

E49 *ta xiang (yi) ge baofahu.* [artigo generalizado]

ele parecer (um) Cl novo-rico.
(Ele parece um novo-rico.)

Os exemplos demonstram as cinco fases por ordem do desenvolvimento do numeral para AI. No primeiro exemplo (E45), *yi* aparece numa forma enfática, enquanto que nos últimos três (E47-E49), *yi* pode ser omitido. De entre eles, *yi*, usado como marcador de referência não específica indeterminada, manifesta mais tendência a ser omitido do que quando usado como marcador de referência específica indeterminada. Do mesmo modo, *yi* usado como artigo generalizado tende a ser menos forte morfológica e fonologicamente em comparação com os outros. Isto significa que a redução fonológica do numeral chinês *yi* se correlaciona perfeitamente com a ordem do seu desenvolvimento através das cinco fases ao longo da continuidade de gramaticalização. Deste modo, podemos concluir que a palavra próxima do AI português em chinês é *yi*⁹⁹, aqui *yi*, com um peso morfológico e fonológico atenuado, tendendo a ser omitido.

⁹⁸ Normalmente, um classificador isolado não se pode constituir em elemento de frase, porém, segundo Gao (2001:30), pode desempenhar funções de modificador atributivo antes do núcleo de complemento. Considera-se que se omite o numeral *yi* antes do classificador.

⁹⁹ Mantém um grau mais alto de autonomia morfológica do que o AI plenamente gramaticalizado da LP, uma vez que aquele tem o uso atributivo e pronominal e este não. Portanto, não é conveniente dizer que o equivalente chinês do AI português é *yi*.

Há ainda outros determinantes chineses *yixie* (alguns) , *ji + Cl* (alguns), que podem ser traduzidos como o AI plural (uns), sendo, porém, considerados mais como um modificador de expressão cardinal.

E50 *zhuozi shang you (yi)xie xin shu.*
 mesa em haver uns novo livros
 (Há uns livros novos na mesa.)

3.3.1.2 Morfologia

Alguns classificadores monossilábicos e, em certos casos, substantivos monossilábicos são reduplicados, ganhando, assim, a função de quantificadores universais distributivos, ou seja, são marcadores de determinação¹⁰⁰.

E51 *zhongzhong yinsu dou yinggai kaolu jin qu.*
 todo fator todo dever considerar entrar ir
 (Todos os factores devem ser considerados.)

3.3.1.3 Posição¹⁰¹

Acabámos de verificar, na secção anterior, que os marcadores lexicais chineses se dividem em dois grupos, definidos e indefinidos. Os substantivos

¹⁰⁰ O valor morfológico aqui mencionado é tónico minúsculo que é preferível ser ignorado.

¹⁰¹ Quanto à formação estrutural, a ordem das palavras e relações intra-frases são, em grande parte, determinadas pela estrutura sintáctica na LP. Na LC, são mais considerados factores semânticos e pragmáticos. Por outro lado, a LC manifesta uma relação do tipo *topic-prominent* na construção de frases, e a LP é uma língua *subject-prominent* (Wu, 2004:8). Segundo o mesmo autor, com o conceito de tópico, o falante fixa a estrutura individual de referência dentro da qual o trecho posterior do discurso é interpretado. Então, é o falante, não as frases nem o texto, que tem tópicos. Portanto, a noção de tópico pode ser considerada como colocada na estrutura do conhecimento do ouvinte. Assim, é assegurado que o ouvinte é levado a partilhar a sua interpretação mental. A partir daí a expressão nominal na posição de tópico é conhecida pelo ouvinte.

marcados lexicalmente definidos ou indefinidos são interpretados como referência determinada ou indeterminada no discurso, independentemente da posição que ocupam. No caso dos substantivos não serem acompanhados de nenhum marcador definido ou indefinido, nem estarem submetidos ao processo de gramaticalização de reduplicação, ou os substantivos são modificados por um numeral ou um quantificador. A interpretação de determinação destas expressões sem determinantes é indicada pela posição das expressões na frase. Ilustram-se, a seguir, os exemplos:

E52 *ren* *lai* *le*.
 pessoa vir PAP
 (A pessoa veio.)

E53 *lai* *ren* *le*.
 vir pessoa PAP
 (Uma pessoa veio.)

Tendo em conta o que foi discutido previamente, o tópico da frase chinesa representa uma informação que é conhecida pelo falante e assumido pelo mesmo que é conhecida pelo ouvinte. *ren* é sujeito e ocupa a posição de tópico (E52), mas também é interpretado como definido. Então, este exemplo pode ser interpretado como “A pessoa de quem estamos à espera veio”. A mesma palavra *ren*, que ocorre em posição pós-verbal no exemplo (E53), é interpretada como indefinido (pelo menos, desconhecido pelo ouvinte).

Os substantivos chineses mostram uma forte inclinação para serem interpretados como definidos em posições propensas para a determinação e uma forte inclinação para serem indefinidos em posições propensas para a indeterminação. Então, quais são essas posições? Chen (2004:1168) enumera, no seu artigo, as seguintes:

Posições inclinadas para a determinação: sujeito, *Ba*¹⁰² + objecto, objecto pré-verbal, e primeiro objecto do verbo bitransitivo¹⁰³

Posições inclinadas para a indeterminação: objecto do verbo existencial *you*¹⁰⁴, substantivo pós-verbal em frases introdutórias¹⁰⁵, substantivo pós-verbal em frases existenciais, e segundo objecto do verbo bitransitivo

Como a determinação/indeterminação dos substantivos acompanhados de determinantes já está indicada pelos marcadores (abordados anteriormente), a relação entre eles e a posição na frase não é alvo do presente estudo. Deste modo, permitenos ver como a definitude de substantivos sem determinantes é codificada através de posições.

a) Em primeiro lugar, os substantivos sem determinantes são interpretados como definidos ou genéricos, como nos exemplos E54 e E55, respectivamente, quando estão na posição de tópico. Em virtude da característica do tópico, não ocorre um substantivo indefinido como tópico.¹⁰⁶

E54 *gou wo yijing kan guo le.*
cã eu já ver PAE PERA
(O cã, já ó vi.)
* (Um cã, já ví.)

¹⁰² *Ba*, é uma preposição que se liga a um nome, ou a um pronome, formando com eles uma locução preposicional, que funciona como modificador adverbial do verbo. Usa-se para mostrar e dar ênfase ao modo como se lida com, como se dispõe de determinada coisa e qual é o resultado desse “lidar com” ou desse “dispor de”. Nas frases de *Ba*, esta preposição e o seu objecto – a coisa da qual se dispõe – têm de vir a seguir ao sujeito e antes do verbo (Zhao, 1996:164-165).

¹⁰³ É com verbo transitivo directo e indirecto, que pede dois objectos: um é o objecto directo e o outro é o objecto indirecto (Li e Thompson, 1989:165).

¹⁰⁴ *You* quando é o elemento principal do predicado da frase, denota posse ou existência, e traz, frequentemente, um objecto (Zhao, 1996:45).

¹⁰⁵ Na LC, existe um tipo de construção frásica em que ocorrem duas estruturas, uma com verbo existencial *you* ou verbo que transmita a noção da postura de um ser animado (tais como: *zhan* (ficar de pé), *shui* (dormir), *zhu* (residir), *ting* (parar), *piao* (flutuar) e outra com verbo de movimento. As construções frásicas deste tipo emolduram na categoria de frases introdutórias, enquanto os verbos que transmitam a noção da posição encaixam na classe dos verbos de posição (Li e Thompson, 1989:509 - 510).

¹⁰⁶ Existem três tipos de excepções: 1. *Yi ge ren jiu gou le.* (Basta uma pessoa) – *yi* refere-se mais a um numeral do que a um indefinido; 2. *Yi tiao tui duan le.* (Uma das pernas partiu-se) – O substantivo refere-se a algo que é parte de uma entidade conhecida pelo ouvinte; 3. *Yi ge ren chi yi kou.* (Cada um come um bocado) – *yi* é interpretado como “cada” (Li e Thompson, 1989: 167-168).

E55 *mao xihuan he nai.*
 gato gostar beber leite
 (O gato gosta de beber leite.)

No caso da frase em que o sujeito e o tópico são o mesmo, o sujeito reúne todas as propriedades do tópico, sendo que uma delas é a determinação, ou seja, o referente na posição de sujeito é conhecido tanto pelo falante como ouvinte.

E56 *jiabin yijing dao le.*
 convidados já chegar PAP.
 (Os convidados já chegaram.)

b) Vejamos agora a interpretação de objectos. Se o falante quer enfatizar que o objecto é definido, o substantivo do exemplo E58, *shu* é colocado na posição tópico pré-verbal ou marcado pela preposição *ba* (E59), ocorrendo na posição pré-verbal. A posição pós-verbal inclina-se para o indefinido, pelo que o mesmo substantivo no exemplo E57 é indeterminado.

E57 *wo zai mai shu.*
 eu DUR comprar livro.
 (Estou a comprar um livro / livros.)

E58 *shu wo mai le.*
 livro eu comprar PAP
 (O(s) livro(s), comprei-o(s).)

E59 *wo ba shu mai le.*
 eu BA livro comprar PAP
 (Comprei o(s) livro(s).)

O objecto da frase de *Ba*, é sempre algo previamente definido na mente do falante (E59). Por outro lado, o substantivo antecedido de *Ba* é definido também como genérico no exemplo E60. O referente “sal” não se refere a sal específico que o

falante e o ouvinte conhecem, mas refere-se a um tipo de entidade denominada “sal”. O falante pode supor que o ouvinte conhece “sal” como uma classe genérica de entidade.

E60 *ta youshi ba yan dang tang chi.*
 ele às vezes BA sal como a çúcar comer
 (Ele às vezes come sal, pensando que é a çúcar.)

c) A construção de frases introdutórias em questão, tem como função introduzir uma expressão nominal que representa uma entidade num discurso. Esta entidade é indefinida e representa uma nova informação, pois o falante pressupõe que o ouvinte ainda não teve acesso à mesma. A referida expressão é habitualmente, usada depois do verbo principal. Como se referiu anteriormente, há duas situações em que a frase introdutória pode ocorrer: aquela que contém um verbo existencial (E61) ou um verbo de posição (E62), descrevendo onde algo foi posto ou colocado, como seu verbo principal¹⁰⁷; e aquela em que o substantivo pode ser introduzido por um verbo de movimento¹⁰⁸, seguindo-se aquele imediatamente a este (E63).

E61 *cheng li you gongyuan.*
 cidade em haver parque
 (Há parques na cidade.)

E62 *shu li piao zhe mutou.*
 água em flutuar DUR madeira
 (Está a flutuar madeira na água.)

E63 *fei jin lai wenzi le.*
 voar entrar vir mosquitos PERA
 (Voaram mosquitos para dentro.)

¹⁰⁷ Este tipo de frase também é designado por “frase existencial”.

¹⁰⁸ Os verbos de movimento em frases introdutórias geralmente são verbos intransitivos (Li e Thompson, 1989:517), tais como *tiao* (saltar), *lai* (vir), *qu* (ir), *pa* (travar), *fei* (voar), *dou* (tremar)...

Os exemplos E61, E62 e E63 ilustram a posição pós-verbal em frases introdutórias inclinadas para a indeterminação em chinês, *gongyuan*, *mutou*, *wenzi* sendo interpretados como indeterminados.

d) Em construções bitransitivas, o objecto indirecto é sempre animado porque indica um ser humano, um animal, ou o nome de uma instituição social, enquanto o directo não é animado. O objecto directo e o objecto indirecto podem ocorrer de duas formas: o objecto indirecto precede o directo, ou vice-versa. Li e Thompson (1989:372) mencionam uma explicação para esta diferença funcional entre a frase com a primeira ordem, e a outra com a segunda, isto é se o objecto indirecto se refere à informação que foi mencionada, então, o objecto indirecto precede o directo, indirecto + directo; se o objecto directo se refere à informação que foi mencionada, então, o objecto directo precede o indirecto, directo + indirecto.

E64 *wo mai le shu gei xuesheng.*
eu comprar PAP livros dar alunos
(Comprei os livros aos alunos.)

E65 *wo gei xuesheng mai le shu.*
eu dar alunos comprar PAP livros.
(Comprei livros aos alunos.)

Comparando as duas frases, o mesmo substantivo, “livros” mostra uma inclinação mais forte para a determinação quando está em posição de primeiro objecto (E64).

e) Enquanto os substantivos chineses são colocados em posições de duas categorias distintas em relação à inclinação para expressões definidas ou indefinidas, os falantes indicam aos ouvintes se os substantivos devem ser interpretados como definidos ou indefinidos. No entanto, é de salientar que as posições na frase, diferentes da codificação lexical e morfológica, funcionam de forma ambígua, tal

como acontece no exemplo E66, em que a interpretação do substantivo é condicionada pelo contexto. Se no contexto, “a fruta” foi discutida anteriormente, ou conhecida pelos interlocutores, *shuiguo* é definida. Caso contrário, é indefinida.

E66 *wo mai le shuiguo le.*
eu comprar PAP fruta PERA
(Comprei a fruta/algumas frutas.)

Pode-se concluir que as posições favorecem expressões definidas ou indefinidas, o que não significa que se trata de um factor decisivo absoluto. Em relação aos substantivos sem determinantes, embora em alguns casos estejam mais inclinados para a determinação, noutros casos sugerem a indeterminação, ou seja, raramente impõem categoricamente a leitura de determinação ou indeterminação.

Em conclusão, línguas como o chinês têm definitude semântica/pragmática (via marcador de tópico, ordem de palavras, classificador, ou demonstrativo) para marcar alguma coisa ou alguém como identificável dentro do discurso, enquanto outras línguas como o português, têm definitude gramatical. A definitude gramatical é um processo em que uma língua gramaticaliza o conceito de referencialidade. O artigo português não tem uma entrada lexical para a definitude. É sempre expletivo (semanticamente vago) e só é seleccionado se um SD ou SN é projectado.

Convém fazermos a comparação entre substantivos sem determinantes chineses e substantivos sem serem acompanhados dos artigos portugueses. Os substantivos contáveis no plural e massivos no singular não precedidos de artigos são sempre interpretados como indefinidos, no contraste paradigmático com os mesmos substantivos precedidos de AD. Ao contrário disso, a interpretação dos substantivos sem determinantes chineses, no que diz respeito à determinação, liga-se

proximamente, mas imperfeitamente, à sua posição gramatical na frase. No entanto, às vezes, é ambíguo.

Tendo observado os exemplos, vamos resumir como é que a definitude do substantivo é codificada em chinês. Em que aspectos os determinantes chineses são semelhantes ou diferentes do artigo português?

A distinção pragmática entre a determinação e a indeterminação é expressa em chinês em termos da codificação distintiva lexicalmente e morfologicamente, bem como a posição do substantivo na frase.

Sendo os principais determinantes definidos em chinês, os demonstrativos *zhe*, *na*, *zhexie*, *naxie*, além de preservarem a sua força de ênfase, desenvolvem funções dos AD portugueses, marcando referentes cuja determinação é estabelecida através da partilha de conhecimento, e do uso anafórico e associativo. *zhe*, *na*, porém, quer um quer outro, são pouco usuais em estruturas consideradas prototípicas do AD, sobretudo no que se refere à determinação respeitante à partilha do conhecimento específico ou geral ou à referência indirecta por associação. O maior marcador de indeterminação chinês é *yi*, que engloba todas as funções principais do AI português. Quanto mais forte é a tendência que *yi* mostra para marcar a indeterminação do substantivo, mais possibilidades tem de ser omitido. Entre *yi* e *zhe*, *na*, o primeiro encontra-se mais gramaticalizado do que os outros. Apesar disso, em chinês os determinantes definidos *zhe*, *na*, *zhexie*, *naxie* e indefinido *yi* não implicam um estado pleno de marcadores especificamente gramaticalizados de determinação e indeterminação, tal como acontece com os artigos em português. Os possessivos chineses impõem a interpretação de determinação dos substantivos quando estes não são acompanhados de nenhum marcador de determinação ou indeterminação.

Quando o marcador de indeterminação *yi* se coloca entre o possessivo e o substantivo, o segundo é identificado como indefinido.

Além disso, quando os classificadores e substantivos monossilábicos em chinês são reduplicados, obtêm significados adicionais como quantificadores universais, os quais são considerados como marcadores definidos.

O que marca a distinção fundamental entre os determinantes chineses e o artigo português é a existência de expressões sem determinantes e a relação entre a interpretação de definitude e entre estas expressões e as suas posições nas frases. Em chinês, certas posições inclinam-se mais fortemente para substantivos determinados e outras para substantivos indeterminados. Em relação a expressões sem determinantes, existe um forte, mas não absoluto, relacionamento entre a interpretação no que respeita à definitude de referência e à inclinação da posição ocupada pelas expressões na frase. Quando o artigo em português serve para fazer a distinção entre o conhecido e o desconhecido, em chinês, o estado pragmático de definitude é expresso quando o referente é codificado em termos de determinante lexical ou morfológico, e a interpretação de substantivo sem determinante é esperada pelo falante e deduzida pelo ouvinte na base da topicalidade da posição ocupada pelo substantivo. Tudo isto demonstra que os traços definidos e indefinidos são bem marcados¹⁰⁹ pelo artigo em português, mas em chinês os mesmos são fornecidos pela codificação distintiva lexical, bem como pela posição do substantivo na frase, tornando esta inequívoca.

¹⁰⁹ Excepto o caso da não ocorrência do artigo.

3.3.2 Interpretação de determinação em termos dos traços binários em chinês

Através da explicação anterior, sabemos que, em vez do artigo, a LC recorre a outros mecanismos através dos quais se representa a referencialidade de SN. O quadro seguinte resume a co-ocorrência destes mecanismos e contextos linguísticos de SN.

Quadro 6 – A interpretação de mecanismos da representação de referencialidade em chinês em relação aos traços $[\pm\text{def}]$ e $[\pm\text{esp}]$

Contextos	Mecanismos de representação de referencialidade	Exemplos
[+def,+esp]	Demonstrativo + Cl + nome	<i>qíng ba zhe/na zhang yizi ban dao na jian fangjian qu.</i> favor BA este/aquele Cl cadeira deslocar para aquele Cl quarto ir (É favor deslocar esta/aquela cadeira para dentro daquele quarto.)
	Possessivo + nome	<i>wo de qianbi bu jian le.</i> eu GEN lápis desaparecer PAP (O meu lápis desapareceu.)
	Quantificador Universal + nome	<i>yiqie yinsu dou yinggai kaolǔ jin qu.</i> todo factor todos dever considerar entrar ir (Todos os factores devem ser considerados.)
	Nome nu	<i>wo ba shu mai le.</i> eu BA livro comprar PAP (Comprei o(s) livro(s).)
[+def,-esp]	Nome nu	<i>mao xihuan he nai.</i> gato gostar beber leite (Os gatos gostam de beber leite.)
[-def, +esp]	Possessivo + um + Cl + nome	<i>zhe shi wo de yi ge pengyou song gei wo de.</i> isto ser eu GEN um Cl amigo oferecer dar eu NOM (Isto foi um amigo meu que me ofereceu.)
	(Um)* + Cl + nome	<i>ta xiang (yi) ge baofahu.</i> ele parecer (um) Cl novo-rico. (Ele parece um novo-rico.)
	Nome nu	<i>cheng li you gongyuan.</i> cidade em haver parque (Há parques na cidade.)

[-def, -esp]	(Um)* + Cl + nome	<i>kuai qu jiao (yi) ge ren lai.</i> rápido ir chamar (um) Cl pessoa vir (Despacha-te e chama algu ém.)
	Nome nu	<i>wo qu mai shu le.</i> eu ir comprar livro PERA (Eu vou comprar um livro/livros.)

* Opcional

Comparando os Quadros 5 e 6, resumimos como pontos de conclusão: no contexto [+def,+esp] é usado o AD em português. O chinês recorre a marcadores lexicais (demonstrativo, possessivo ou quantificador universal) ou apenas ao uso de nomes nus para indicar a propriedade de SN. No contexto [+def, -esp] em que se exprime predominantemente o sentido genérico de SN, o português usa todos os tipos do artigo, isto é o AD, o AI, ou o AN enquanto que, em chinês, só se permitem nomes nus. Nos contextos [-def, +esp] e [-def, -esp], usam-se ambos o AI e o AN em português e por outro lado, em chinês, são usados (Um)* + Cl ou apenas nomes nus para se referenciar à indeterminação de SN, tanto específica como não específica.

Na sequência disto, o AD é representado em chinês pelos demonstrativos, possessivos e quantificadores (universais) e o AI pela estrutura “(um) + Cl”. Ao mesmo tempo, na situação de os nomes nus aparecerem em todos os contextos de SN chineses, a posição é extraordinariamente importante na distinção da referencialidade, por exemplo, os SN em posição pré-verbal, que é inclinada para a determinação, são interpretados como [+def].¹¹⁰ Além disso, no caso de o factor “posição” não ter efeito, já são os contextos linguístico e extralinguístico que ajudam no julgamento de determinação/indeterminação de SN.

¹¹⁰ *wo ba shu mai le.*
Eu BA livro comprar part ícula
Comprei o livro.

3.3.3 Traço de número em chinês

Como já foi afirmado no 3.2.2 que a interpretação do traço número de SN contribui para o uso correcto do artigo em português, especialmente na distinção entre o AI e o AN, então como é que a LC funciona? Esta distinção do traço [$\pm$ contável] de SN também se encontra enraizada em chinês, língua que não tem o sistema do artigo? Vamos tentar dar algumas respostas recorrendo aos pontos conclusivos, muitas vezes distintas, resultantes de alguns estudos já concluídos.

Na literatura de CL, tem sido declarado que não há distinção contável-massiva em nomes chineses, ou, todos os nomes em chinês são massivos *default* (Krifka, 1995, Chierchia, 1998). Zhang N. N. menciona no seu estudo (2009) que Borer (2005, 2009) e Pelletier (2009) afirmam que universalmente o contraste contável-massivo está num nível de projecção funcional (por exemplo, SD) em vez do nível próprio de nomes¹¹¹. Neste ponto de vista, todos os SN dessas línguas envolvem classificadores porque os seus nomes, como nomes massivos, pedem que as expressões de medida se combinem com numerais. “Estas línguas não desenhavam nenhuma distinção gramatical de número. Não têm artigos. E não têm homólogos de “*many*” e “*much*”, que dizem respeito a número e quantidade, respectivamente. (...) Além disso, os nomes de línguas que têm classificadores, ao que parece, não se podem combinar directamente com numerais”¹¹² (Yi, 2009:3).

Chierchia (1998) propôs um sistema que permite certa variação semântica em termos de como a referência da categoria sintáctica de SN é estabelecida - Parâmetro

¹¹¹ Cf. Zhang N.N., 2009:32

¹¹² A tradução de “*These languages draw no grammatical number distinction. They have no articles. And they have no exact counterparts of many and much, which pertain to number and quantity, respectively. (...) Moreover, nouns of classifiers languages, it seems, cannot directly combine with numerals.*” (Yi, 2009:3, rodapé)

do Mapeamento Nominal (*Nominal Mapping Parameter* - NMP), que é uma propriedade parametrizada da GU. As distinções são capturadas pelo uso dos traços primitivos [+arg] e [+pred]: Se todos os SN podem referir-se directamente a tipos, (por exemplo, podem ser usados genericamente), são [+arg] possíveis em expressões sintácticas. São [+pred] os que precisam de ser acompanhados por um determinante. No quadro desta proposta, existem três tipos de línguas: a) o inglês e o alemão são [+arg, +pred]: L1 com o artigo (in)definido, marcação de número para nomes, nomes massivos nus; b) o japonês, o chinês e o tailandês são [+arg, -pred]: L1 carente do sistema do artigo, sem marcação de número para nomes; c) o espanhol, o italiano e o grego são [-arg, +pred]: L1 com o artigo (in)definido, marcação de número para nomes, sem existência de nomes massivos nus; A opção [-arg, -pred] é obviamente excluída porque isto poderia impedir um SN de ter qualquer interpretação. Segundo a declaração de Chierchia (1998), o chinês, como o japonês, o tailandês... é uma língua [+arg, -pred] que não tem distinção contável nem o sistema de artigos. O NMP visa capturar variação semântica inter-linguística em termos de propriedades referenciais da categoria sintáctica de SN (as línguas podem ser classificadas em três tipos: línguas do tipo-chinês, sem o artigo e sem marcação de número em nomes e todos os nomes lexicais são massivos; línguas do tipo-espanhol, com o AD e o AI e marcação de número em nomes e os nomes nus plurais/massivos são altamente restritos ou totalmente impossíveis; línguas do tipo-inglês com o AD e o AI e com a distinção contável/massivo para nomes e os nomes nus plurais/ massivos são gramaticais. A declaração de Chierchia (1998) suporta a hipótese de os nomes chineses serem todos massivos.

Zhang J. B. (2008) defende a existência do traço [$\pm$ contável] em chinês, comentando que “o fato de o chinês ser uma língua em que os nomes podem ocorrer

sem marca ção de contabilidade n ão significa que esta l íngua n ão possua distin ção lexical entre nomes cont áveis e massivos” (2008:32). A distin ção lexical dos nomes cont áveis e massivos est á relacionada com as rela ções entre nomes e classificadores. O autor dividiu os classificadores em seis grupos, sendo classificador individual, colectivo, de medida, indefinido, provis ório¹¹³ e verbal e os nomes s ão agrupados em nome cont ável, massivo, colectivo, abstracto e pr óprio. Menciona-se aqui o quadro em que se sintetizam as classifica ções de nomes e de classificadores.

Quadro 7 – A rela ção entre classes de nomes e tipos de classificadores (Zhang J.B., 2008:40)

	Cl individual	Cl colectivo	Cl de medida	Cl indefinido	Cl Provis ório
Nome cont ável	+	+	+	+	+
Nome massivo	-	+	+	+	+
Nome colectivo	-	+	-	+	+
Nome abstracto	-	-	-	+	+
Nome pr óprio	+	-	-	-	-

No mesmo estudo, foram detectadas duas evid ências para o tra ço [+cont ável] dos nomes do chin ês. A primeira relaciona-se com o emprego de Cl. O autor referiu as afirma ções de dois estudiosos (Li, 2000; Doetjes, 1996) para suportar o seu ponto de vista. Para Li (2000), um classificador é utilizado para expressar quantidade de pessoas ou coisas. Doetjes (1996) prop ôs que os numerais s ó s ão permitidos com os nomes que podem passar por uma individualiza ção sem ântica e a fun ção de classificador é exactamente fazer a individualiza ção da denota ção dos nomes¹¹⁴. Descreveu ainda, que o fenómeno do uso de repeti ção de classificadores para expressar uma quantidade indefinida tamb ém ajuda a apoiar a prova de o classificador ser uma evid ência do tra ço Num dos nomes do chin ês.

Outra evid ência é o morfema “*men*”. Quanto a este morfema, ele é primeiramente marcador colectivo que transporta a leitura definida ou espec fica e

¹¹³ Neste caso, s ão os nomes que servem como classificadores.

¹¹⁴ Cf. Zhang, J.B., 2008:44

pode manifestar, de algum modo, a pluralidade de nome. Portanto, os SN do chinês, embora não tenham distinção contável/massiva morfologicamente, na realidade têm a propriedade de Num.

Outro defensor, Yi, propõe uma conjectura contrária à declaração de que todos os nomes em chinês são massivos.

“Línguas com classificadores têm substantivos contáveis, bem como substantivos massivos. Eles têm dispositivos morfossintáticos para distinguir substantivos contáveis de substantivos massivos.”

(Yi, 2009:3)

No seu estudo, mencionou um bom teste realizado por Yuen Ren Chao há mais que quatro décadas (Yi, 2009:5-6): o classificador individual *ge* não pode ser aplicável aos nomes massivos, por exemplo, *shui* (água), *niunai* (leite), *rou* (carne). Os nomes que podem combinar-se com o classificador *ge* têm que ser nomes contáveis.

Zhang N.N. (2009) deu exemplos para mostrar como o contraste entre nomes massivos e contáveis é representado em chinês.

E67 *zhexie* *xigua* *henduo* *xigua*
 this.amount watermelon *a lot* *watermelon*
 ‘this amount of watermelons’ *‘many watermelons’*
 ‘this amount of watermelon stuff’ *‘much of watermelon stuff’*

(Zhang N. N., 2009:32)

O autor explicou que o chinês não tem marcadores de plural como o inglês nem o contraste de quantificadores “*many*” e “*much*”. O demonstrativo e o quantificador usados podem ocorrer com ambos os nomes massivos e contáveis, o que mostra que, neste caso, a distinção não é sintática, antes está ligada ao discurso. Foram ainda exemplificadas duas provas para mostrar como se faz a leitura da

distinção contável e massiva sintacticamente em chinês. Primeiro, os nomes massivos não podem ser directamente modificados por um adjectivo de tamanho.

E68	* 3 wan da shui	* 3 gu da zhengqi
	3 bowl big water	3 Cl big steam

(Zhang N.N., 2009:33)

Segundo, o sufixo do diminutivo *-zi* em chinês mandarim nunca ocorre em nomes massivos.

E69	* shui-zi	bei-zi
	water-DIM	cup-DIM

(Zhang N.N., 2009:33)

Os exemplos mostram uma evidência que a distinção de número dos nomes chineses é tanto sintáctica como semântica.

* * * * *

Ao contrário da posição de o chinês não possuir o traço Num, há defensores de que os nomes chineses têm a distinção contável-massiva. Neste trabalho, iremos tentar estudar como os aprendentes chineses superam, no processo da aquisição do artigo em português, a dificuldade descrita no 3.2.2, de modo a poder fornecer provas para confirmar se a LC tem o traço Num. Outro maior problema que enfrentamos é aplicar correctamente o sistema do artigo com base na interpretação dada ao SN em termos de ser definido ou não, específico ou não, o que constrói o objecto principal

do presente estudo. Então, os aprendentes chineses têm que passar do recurso, principalmente, aos mecanismos de marcadores lexicais e posição pelos quais se indica a referencialidade de SN na L1, para o uso do artigo para indicar a referencialidade de SN na L2. Trata-se de um processo de restabelecimento do parâmetro que não está instanciado na L1. Da íse destacar a finalidade do estudo, que é testar a (im)possibilidade de os aprendentes chineses restabelecerem o parâmetro, isto é conseguirem adquirir totalmente este traço gramatical português.



Capítulo 4 Estudos na Área da Aquisição do Artigo L2 e Proposta de Hipóteses para o Presente Estudo

Tendo sido feita uma análise comparativa no contexto sintático e semântico em termos da representação de determinação nas duas línguas envolvidas, começamos este capítulo por descrever estudos realizados na área da aquisição do artigo L2, destacando os que foram realizados junto de aprendentes chineses com o propósito de estruturar a presente pesquisa. Além disso, listam-se hipóteses relevantes que têm sido levantadas sobre a aquisição do artigo nos estudos correntes da ASL, sendo acompanhadas dos conteúdos principais relacionados e algumas tentativas de validação. A partir dos estudos considerados pertinentes, iremos formular as hipóteses específicas a serem testadas ao longo do presente estudo, de modo a que se possa provar, como objectivo final, a validade das hipóteses amplamente aplicadas presentemente no âmbito da ASL.

4.1 Exemplificação cronológica de estudos relacionados com a aquisição do artigo L2

Entre muitos estudos realizados na área da aquisição do artigo L2, um dos pioneiros é o de Larsen-Freeman (1975), que constatou o facto de os aprendentes japoneses apresentarem muitas inadequações no uso do artigo em inglês.

Em 1982, um estudo de Zobl comparou a aquisição do AD em inglês por uma criança chinesa e outra espanhola, tendo descoberto que a trajectória da aquisição não é idêntica para os falantes de línguas diferentes. Para a criança chinesa, a

primeira evidência da marcação da função de determinantes é *this*. Em situações em que os nativos preferem o AD *the*, a chinesa omite-o ou troca-o por *this*. A criança chinesa apresenta uma alta produção de *this* para a substituição do AD, o que é diferente do caso da espanhola que mostra o uso frequente de ambos e não troca de *the* por *this* como a criança chinesa faz.

Numa análise longitudinal dos dados recolhidos das falas espontâneas feitas de três em três semanas dentro de um ano, Huebner (1983, 1985) mostrou como um falante nativo do Laos conseguiu diferentes soluções para o problema de como marcar um nome com um AD em fases diferentes do desenvolvimento da sua interlíngua. Na primeira fase, o aprendente usou o AD para marcar SN não tópicos. Os tópicos eram indicados pela sua posição na frase e assim, nesta posição, o AD era redundante. Numa fase seguinte, o aprendente marcou todos os SN com o AD e em duas fases mais avançadas, ele tirou o AD progressivamente dos contextos em que não era pedido em inglês. O fenómeno de “inundação” (ultrageneralização) do AD em SN, nas primeiras fases de *interlíngua*, é também notado por Master (1987), Chaudrone Parker (1990) e Young (1996).

Schmidt e Frota (1986) acompanharam, durante cinco meses, o processo da aquisição de português L2 por um falante de inglês, um dos próprios autores do trabalho. Conforme o registo de diálogos, o uso do artigo é mais problemático na aquisição de português. Os erros principais assentam na omissão. A dificuldade específica com o uso do artigo em contracção com preposições parece ter sido resolvida com o tempo. Outras conclusões obtidas resumem-se da seguinte forma: nos casos em que não se usa o artigo em português e em inglês se usa, o participante usa o artigo; o participante omite o AI mais frequentemente do que o AD. Como o participante tem um excelente domínio de árabe, língua que não possui o AI, os

pesquisadores pressupuseram que o seu português é influenciado pela transferência de árabe.

Master (1987) fez um estudo junto de um grupo de aprendentes adultos que foram tirados de três grupos de falantes de línguas [-art] (chinês, japonês e russo) e dois grupos de falantes de línguas [+art] (espanhol e alemão), tendo feito entrevistas informais com eles. Uma entrevista informal foi conduzida para estimular a fala espontânea de cada informante. Verificou-se a ultrageneralização de Ø, o que foi causado pelo facto de a língua materna dos falantes de L1 [-art] não possuir artigos. No estudo de 1997, Master observou que os aprendentes de L2 cuja L1 tem artigos (línguas [+art]) adquirem o sistema de artigos em inglês mais rapidamente do que os de línguas [-art]. Sugeriu também o Esquema Hierárquico de Seis-Pontos (1990, 1997), no qual se encontra a instrução sistemática do artigo na sequência hierárquica seguinte: a distinção entre contável/não-contável, definido/indefinido, pré-modificado/pós-modificado, específico/genérico, comum/próprio, idiomático/não idiomático.

Parrish (1987) recolheu dados no uso de *the*, *a* e Ø por uma falante japonesa chamada Mari com dezanove anos, que se encontrava no nível inicial, pedindo-lhe para contar histórias e descrever lugares de dez em dez dias no período de quatro meses. Nas transcrições das produções da informante, todos os contextos do uso do artigo foram classificados de acordo com os traços binários [$\pm$ SR] e [$\pm$ HK], de modo a avaliar o desempenho da informante no emprego do artigo. Os dados revelaram que há um modelo de uso de *the* em contextos [+SR, +HK] e *a* em [+SR, -HK], consistente com o modelo nativo. *The* é tipicamente usado para marcar SN com referência específica. Quando *a* é usado, ele marca categoricamente o facto que o SN não é conhecido do ouvinte. No entanto, o grau relativo do uso de *a* em contextos

obrigatórios é mais baixo do que o uso de *the*. O artigo $\emptyset$ é ultrageneralizado amplamente e funciona como um artigo “*default*”.

Tarone e Parrish (1988) investigaram a frequência dos quatro contextos discursivos em duas tarefas (entrevistas e narrativas) e relacionaram os seus achados com a exactidão no uso do artigo por aprendentes de L2 nas duas tarefas. Descobriram que os genéricos [-SR, +HK] (*a/an*, *the*, e $\emptyset$) são mais usados na entrevista mas muito pouco usados na narrativa. Ao contrário, os definidos referenciais [+SR, +HK] (*the*) são usados frequentemente na narrativa mas muito pouco frequentes na entrevista. Encontraram uma tendência para os definidos referenciais serem usados com mais exactidão na narrativa do que na entrevista. Possivelmente a explicação é que a procura pelos referentes de vestígio anafórico é maior numa narrativa do que numa entrevista e, como consequência, os aprendentes, quando narraram histórias, aproximaram-se mais do uso nativo no seu uso do artigo para fins anafóricos.

Thomas (1989) fez um estudo sobre a aquisição do artigo em inglês junto de 30 adultos de nove línguas nativas diferentes (1 francês, 1 alemão, 2 italianos, 2 espanhóis, 1 grego, 23 japoneses, 6 chineses, 3 coreanos e 1 finlandês) divididos em dois grupos: 23 no grupo de línguas [-art] e 7 no grupo de línguas [+art]. Cada grupo contém três níveis de proficiência: baixo, médio e alto. Os informantes foram colocados em pares para completarem uma tarefa de descrição de um quadro. Os resultados mostraram um modelo semelhante de desenvolvimento entre o francês, alemão, italiano, espanhol e grego (línguas [+art]) e o japonês, chinês, coreano e finlandês (línguas [-art]). $\emptyset$ é ultrageneralizado consideravelmente mais pelo grupo [-art] do que [+art], por isso, concluiu que a ultrageneralização de $\emptyset$ se deve à transferência da L1. Ainda, os aprendentes do primeiro grupo forneceram o artigo

mais frequentemente do que os do segundo grupo com *the* e *a* em contextos apropriados. Os resultados de Thomas suportam a hipótese de que os aprendentes associam *the* a [+SR] não a [+HK] e seleccionam correctamente *a* para contextos [-HK]. O investigador considerou que a influência de L1 está presente e que os aprendentes de L2 com o sistema do artigo na sua L1 têm mais vantagens do que aqueles que não têm. Apesar disso, os aprendentes de L2 sem o artigo usam o artigo em inglês nos contextos apropriados, mas como um resultado da transferência da L1 há mais ocorrência de Ø.

Hiki (1990) investigou como os aprendentes japoneses distinguem os nomes contáveis dos não contáveis em inglês. O foco do estudo assenta na selecção de *a* ou Ø e como escolher um artigo correcto relacionado com a classe de nomes e o seu traço [$\pm$ contável]. 61 informantes testados residiam todos no Japão e todos tinham no mínimo sete anos de instrução de EFL¹¹⁵. Foram incluídos também oito nativos para controle. A tarefa era composta por 23 usos inadequados de *a* em contextos obrigatórios de Ø e 23 usos inadequados de Ø em contextos obrigatórios de *a*. Os resultados mostraram que há um efeito principal do traço [$\pm$ contável] e uma interacção entre a classe de nomes e o traço [$\pm$ contável] ($p < 0.001$). Os aprendentes julgaram correctamente se levava *a* ou não mas não tinham a certeza quando deviam usar Ø. Num contexto não contável, o uso de Ø é favorecido antes dos nomes materiais e próprios. Os informantes recusaram o uso de *a* em contextos contáveis, por exemplo, *a Bob Knight*, *a IBM*, *a Tokyo*. Ao descobrir que os erros ligados à classe de nomes e ao traço [$\pm$ contável] estavam espalhados entre quase todos os itens, Hiki concluiu que os dois factores são considerados variáveis importantes na aquisição do artigo.

¹¹⁵ A abreviatura de “English as a Foreign Language”.

Na investigação de Chaudron e Parker (1990) sobre como os aprendentes de inglês adquirem o sistema do artigo para marcar SN [+HK], estes autores descobriram que os aprendentes japoneses de inglês de todos os níveis de proficiência mantêm uma distinção entre três contextos discursivos [+SR,+HK], o tópico corrente; [+SR, +HK], o tópico conhecido mas não corrente; [+SR, -HK], uma nova personagem através do uso de pronomes, sujeitos-nulos, artigo definido e indefinido para diferentes fases. Concluíram que os seus resultados suportam a universalidade de uma distinção entre esses contextos. Observaram ainda que em japonês os tópicos correntes são marcados por *Ø* anáfora, os referentes conhecidos são introduzidos como tópicos com a pós-posição – *wa*, e os referentes novos por meio da pós-posição – *ga*. Também identificaram que os aprendentes japoneses decodificam a determinação antes da indeterminação a fim de distinguir contextos [+HK]. Os de nível de proficiência mais baixa tendem a marcar contextos [-HK] pelo AN e [+HK] pelo AD, e acrescentam o uso de *a* para codificar indeterminação à medida que a proficiência aumenta.

Os problemas que os aprendentes de uma L2 enfrentam na aquisição do sistema do artigo são muito evidentes e difíceis. Young (1996) entrevistou em Praga e Bratislava, no inverno de 1990, três falantes nativos de checo e três falantes nativos de eslovaco em duas fases diferentes de desenvolvimento da *interlíngua*, pretendendo descobrir como os informantes usavam o sistema do artigo em inglês para marcar os traços [+HK] e [+SR]. No estudo foram codificados 1.442 SN. Cada SN foi codificado em relação a 8 grupos de factores. A variável dependente era um dos cinco elementos fornecidos pelo aprendente: artigo definido, artigo indefinido, artigo zero, demonstrativo ou quantificador. As sete variáveis independentes eram: (1) a proficiência do aprendente, medida através do TOEFL, (2) o artigo requerido

em inglês padrão, (3) o tipo de SN baseado na especificidade da referência e contexto do discurso, (4) o traço [+contável] do SN na IL, (5) tematicidade, (6) posição na frase e (7) a estrutura interna do SN como um simples SN ou o núcleo, ou um SN pós-modificado. Os resultados foram obtidos a partir de uma análise dos dados VARBRUL, revelando que o tipo de SN (traços semânticos e discursivos) influencia a escolha do artigo e os demonstrativos são usados amplamente para indicar a referência anafórica. Além disso, os dados mostraram que os traços discursivos e semânticos codificados no grupo de factores do tipo de SN não afectaram significativamente a produção de *the* por aprendentes de baixa proficiência. Mas para os aprendentes de elevada proficiência, o grupo de factor do tipo de SN é significativo. O estudo mostrou o efeito importante das relações entre forma-função no desenvolvimento da *interlíngua*. Nas suas hipóteses iniciais sobre o sistema do artigo em inglês, os aprendentes tentam combinar sentidos de L1 com formas de L2. No caso dos demonstrativos anafóricos, a correspondência é altamente sistemática. É também sistemático quando os aprendentes combinam categorias do traço [+contável] e número com o AI. A relação forma-função torna-se acidental no caso do AD porque os aprendentes não têm formas da L1 correspondentes. Nas fases mais avançadas do desenvolvimento da *interlíngua*, os aprendentes parecem preferivelmente associar traços semânticos e discursivos universais a diferentes artigos. Esta correspondência entre a forma e a função não coincide com o sistema-alvo.

Wakabayashi (1997) comparou, numa tarefa de juízo de gramaticalidade, o desempenho de dois grupos de aprendentes de inglês, 44 japoneses e 15 espanhóis, na aquisição dos traços Num (indefinido *a* e plural – *s*) no SD. A tarefa foi feita com o apoio do computador e os juízos e reacções de tempo foram gravados. O autor

descobriu que o parâmetro de variação permitido dentro da GU, que é estabelecido diferentemente entre D em japonês e D em inglês e espanhol, é a origem da diferença existente no desenvolvimento linguístico dos respectivos falantes. Enquanto em inglês e em espanhol a categoria D é sempre obrigatória, e marca sempre o contraste entre o singular e o plural em que são envolvidos nomes contáveis, em japonês a categoria D é opcional. A ausência da categoria D na ausência de numerais significa que os falantes japoneses devem adquirir a especificação da categoria D em inglês desde o princípio, e por isso, adquirem *a/-s* mais tarde do que os falantes espanhóis. Como D é uma categoria funcional, será uma evidência de que a L1 influencia o desenvolvimento de categorias funcionais. Num outro estudo (1998), o mesmo autor examinou o uso do AD por 55 falantes japoneses, baseando a classificação de tipos de definitude em Hawkins (1978). Numa tarefa de preenchimento de lacunas, pediu aos 55 participantes para fornecerem o AD ou o AI num texto extraído de um manual usado nas escolas secundárias no Japão, de forma a testar se os aprendentes de L2 transferem o estabelecimento opcional de D para as suas ILG. Os resultados revelaram que os usos específicos culturalmente do AD são mais difíceis com o uso associativo anafórico. Os falantes japoneses tiveram um melhor desempenho no fornecimento do AD quando os SN eram singulares. O autor concluiu que os falantes japoneses conseguem adquirir o AD, embora tenham ainda dificuldades com certos usos pragmáticos do AD em contextos obrigatórios e não transferiram o demonstrativo japonês *sono* (*that*).

Em 1997, Murphy fez um estudo sobre a aquisição do artigo que envolveu 30 adultos coreanos e espanhóis de inglês L2. As tarefas eram compostas por uma componente oral e escrita, um *cloze-type passage*, uma tarefa metalinguística e uma entrevista. Concluiu que ambos os grupos são menos correctos no uso do AI *a*, e os

coreanos têm ainda mais dificuldades. A ultrageneralização de *the* pelos coreanos e espanhóis foi encontrada nos contextos [+SR, -HK]. A omissão do artigo pelos coreanos constitui o maior tipo de erros. Os aprendentes espanhóis mostraram uma *performance* melhor do que os coreanos, o que se deve provavelmente à transferência do espanhol para o inglês.

Num teste de juízo de gramaticalidade que envolveu 100 aprendentes japoneses de inglês, Kuribara (1999) examinou a *performance* dos participantes em três construções agramaticais inglesas: adj. + nome sem determinante (*AN sem D); adj. + determinante + nome (*ADN); determinante + determinante + nome (*DDN). Descobriu que os aprendentes de níveis intermédio (avançado) e superior tiveram um bom desempenho nas construções de *ADN e *DDN. Declarou que os aprendentes tinham adquirido as características distributivas do artigo. “Os aprendentes de L2... não são capazes de adquirir os itens de D como propriedades do determinante do núcleo funcional, e portanto, eles baseiam-se no seu conhecimento de L1 e nos mecanismos gerais de aprendizagem” (1999:20). Como o japonês não tem um D como núcleo funcional, os aprendentes transferem o seu quadro da L1 e falham na aquisição do D como núcleo em inglês.

Em 2000, Robertson fez uma investigação experimental sobre o uso variável do AD e do AI por 18 falantes de origem chinesa, estudantes de pós-graduação na Universidade de Leicester, numa tarefa originalmente esboçada por Gillian Brown e seus colegas em Edinburgh nos 1970s. Um falante descreveu um diagrama e outro reproduziu-o. Cada par participou em quatro diálogos, dois em inglês e dois em chinês. A partir dos *corpora* os SN foram descodificados, com o uso da taxonomia baseada na descrição de Hawkins (1978) sobre o artigo e os demonstrativos em inglês.

O autor identificou que três princípios podem ser usados para explicar a omissão do artigo pelos aprendentes chineses: 1. princípio sintático “omissão de determinante”. 2. princípio “recuperação”. 3. princípio de transferência lexical. Todos os princípios podem ser unidos sob um princípio de “remapeamento”¹¹⁶. Esses princípios podem ser considerados as reflexões da necessidade de um aprendente chinês de se mover de uma gramática do tipo discurso-orientado para a do tipo sintaxe-orientada. A característica distintiva de uma gramática do tipo discurso-orientado é que os traços gramaticais (definitude, pessoa, número e tempo) não são marcados pelo uso de traços morfológicos explícitos, excepto se a informação levada por esses traços não puder ser recuperada a partir do contexto. Numa língua do tipo sintaxe-orientada, esses traços gramaticais têm que receber uma realização morfológica explícita, quer a informação levada por esses traços seja recuperável a partir do contexto quer não. O autor verificou que a variação não sistemática no uso do artigo revelou que a qualidade de opção no uso do artigo se deve à dificuldade de adquirir o mapeamento correcto entre os traços superficiais de definitude e de referencialidade e os traços abstractos do SN.

Num estudo sobre a produção escrita de inglês por universitários coreanos, Park *et al.* (2000) mostraram que o uso do artigo em inglês é para os aprendentes coreanos, a categoria que revela mais inadequações. Os universitários coreanos continuaram a omitir artigos após 6 anos de estudo. As autoras apresentaram as seguintes razões para explicar as inadequações que ocorrem na aquisição do artigo em inglês por coreanos: a) interferência da L1; b) estágio de desenvolvimento. Os erros são desenvolvimentais e revelam um conhecimento imaturo em relação à língua inglesa. Ainda que sejam corrigidos no momento em que produzem a inadequação,

¹¹⁶ A tradução de “remapping”.

os aprendentes continuam a cometer os mesmos erros, a não ser que passem para um novo estágio de desenvolvimento. Por outro lado, encontrou-se a ultrageneralização do artigo em contextos em que Ø é pedido.

Num estudo de Lu (2001), foram examinados 55 falantes de chinês-mandarim (26 homens e 29 mulheres, com idade entre 17 e 37, 34 de Taiwan e 21 do Interior da China). A tarefa era um *multiple-choice cloze-test* retirado de Master (1994) composto por duas partes: frases soltas e um parágrafo descritivo. Foi solicitado aos participantes que preenchessem as lacunas com *a*, *an*, *the* e Ø. Trata-se de um teste no qual se incluem as quatro categorias semânticas [+SR, +HK]. No processo da análise através do teste ANOVA¹¹⁷, Lu adoptou a teoria do Modelo de Roda Semântica e as medidas SOC (Fornecimento em contextos obrigatórios)¹¹⁸, TLU (Uso como nativo)¹¹⁹ e UOC (Uso em contextos obrigatórios)¹²⁰. O autor concluiu que a medida SOC revela uma ordem de aquisição: *the*=*a*>Ø dentro dos grupos, ou seja, o uso obrigatório de *the* ou *a* é adquirido mais cedo do que Ø; a exactidão do uso do artigo cresce com a proficiência num modelo semelhante dentro dos grupos; e a medida TLU revela uma ordem de aquisição: *the*>*a*>Ø dentro dos grupos, isto significando que o uso de *the* é mais correcto do que *a*, e o uso de *a* mais correcto do que Ø; Comparando os dados obtidos pelas duas medidas, a TLU provavelmente mostra uma ordem de aquisição mais segura do que a SOC. Por fim, a medida UOC mostra que os aprendentes do nível básico e intermédio têm mais dificuldade na escolha do artigo entre *a* e Ø. Em muitos casos, tendem a usar excessivamente *a* em contextos de Ø; *the* não é ultrageneralizado em contextos [+HK], mas tende a ser ultrageneralizado em contextos [+SR, -HK]. Baseando-se na investigação em

¹¹⁷ A tradução de “two-way analysis of variance”

¹¹⁸ A tradução de “supplied in obligatory contexts”

¹¹⁹ A tradução de “target-like use”

¹²⁰ A tradução de “used in obligatory contexts”

contextos [+SR, -HK], foram identificadas áreas de dificuldade que estão subjacentes à escolha do artigo por aprendentes chineses: aprendentes chineses usam incorrectamente *the* em vez de *a* ou $\emptyset$ porque eles têm dificuldade em distinguir os contextos [+SR, -HK] dos contextos [+SR, +HK]. Mesmo quando conseguem distinguir [$\pm$ HK], os aprendentes usam incorrectamente *a* em vez de $\emptyset$, e vice-versa, devido à sua dificuldade em distinguir [$\pm$ contável]. Em conclusão, os aprendentes chineses têm dificuldade em distinguir os traços [$\pm$ HK] e [$\pm$ contável]. Além disso, o autor também identifica a ordem de aquisição dos aprendentes chineses de nível superior (*the* > *a* > $\emptyset$, revelada pela medida TLU).

Para explicar de uma forma melhor como funciona o traço D em línguas naturais, Hawkins (2001) afirma que há dois paralelos entre as propriedades D e Flex. O traço Flex deve estar ligado a um Operador-Flex que dá uma referência temporal à oração com respeito ao resto do discurso e o mesmo acontece ao traço D que está ligado a um D-Operador. Quando a categoria funcional D selecciona SN como seu complemento, o D é interpretado por referência para um Operador-D. Abney (1987) propôs que, em inglês, os artigos *the*, *a*, $\emptyset$, pronomes *my*, *your*, *her*, etc., e demonstrativos *this*, *that*, etc., pertencem à classe D. Se um determinante não está co-indexado com o operador-D e a sua interpretação é [-HK], *a* e $\emptyset$ são seleccionados. Se um determinante está co-indexado com o Operador-D e a sua interpretação é [+HK], então alguns determinantes são possíveis: *the*, *a*/ $\emptyset$, *this*, *that*, e etc. (2001:241 e 242). Descreveu ainda que, na aquisição de SD, os aprendentes começam com nomes nus. E depois, aparece *the* no estabelecimento da categoria D. Porque é que *the* aparece antes de *a*? Primeiro, *the* coloca restrições mínimas no tipo de complemento de SN que selecciona. O SN pode ser contável e não-contável, singular ou plural. Segundo, o uso precoce de *the* por falantes de L2 parece marcar a

especificidade do SN que o artigo acompanha. A especificidade é uma modificação local do sentido do SN, ao contrário daquele que se distingue se o SN é conhecido para o ouvinte ou não, que envolve o D-Operador. Então, a introdução de *a* numa gramática de aprendentes estabelece um contraste com *the* em termos de [+HK]. Este pede um D mais especificado. Primeiro, *a* é mais selectivo nos complementos de SN. Só pode seleccionar um SN singular e contável. Os aprendentes têm que adquirir a distribuição complementar de *a* e $\emptyset$ nesses ambientes. Segundo, [+HK] é uma relação não-local, envolvendo co-indexação e contra-indexação com o D-Operador. Finalmente na construção do tipo-possessivo 's, está envolvida uma relação especificador-núcleo. Então o conhecimento de SD, neste caso em inglês, de aprendentes L2 desenvolve-se de forma aumentativa. O autor verificou as semelhanças entre o processo de desenvolvimento de conhecimentos de L2 de SD e o do caso de SFlex (Hawkins, 2001:245 e 246).

No estudo de Liu e Gleason (2002), o uso do AD por aprendentes de inglês L2 foi testado num *cloze test* em que os tipos do AD eram reagrupados em quatro tipos principais. O instrumento do teste era composto por 91 frases para as quais os informantes forneceram o AD. Os dados foram recolhidos junto de um grupo de 101 informantes oriundos da China, Coreia e Japão e de outro grupo de 27 das línguas indo-europeias, divididos em três níveis (elementar, intermédio e avançado) e a frequentar programas intensivos de inglês em diversas universidades nos EUA. Os autores descobriram que existem diferenças significativas entre dois grupos na omissão de *the* nos usos cultural e de situação. No entanto, os resultados revelaram que os aprendentes de L2 parecem ter adquirido tipos do AD por ordem de dificuldade. Ou seja, certos usos são mais fáceis de adquirir. A ordem de aquisição

dos tipos do AD é o seguinte: primeiro, uso situacional, depois usos estrutural e textual, e o último, uso cultural.

White (2003a) fez um estudo baseado nos dados produzidos por um falante de turco que tinha recebido instrução mínima de língua estrangeira na Turquia. Com 40 anos imigrou para o Canadá com a família e começou a estar exposto ao inglês. Ele estava na fase final de aprendizagem e encontrava-se fossilizado na sua gramática inglesa. O objectivo do estudo era pesquisar propriedades funcionais nominais (fornecimento do artigo, conhecimento de definitude e número) na ILG do falante. Os dados tirados de uma produção oral espontânea mostraram que a morfologia plural foi correctamente fornecida pelo informante em muitas situações. Por outro lado, houve muita omissão incorrecta do AD e do AI e ultrageneralização do artigo em contextos do AN. Também foi detectada a substituição do AD pelo AI e vice-versa. O autor argumentou que esses resultados indicaram fortemente que o falante tinha conhecimento inconsciente da distinção entre o AD e o AI e, pelo menos na construção, a sua manifestação superficial do uso do artigo era extremamente apropriada (2003a:137).

No estudo comparativo referente a diferentes *performances* dos aprendentes japoneses e espanhóis de inglês L2, White *et al.* (2004) explicaram que o espanhol tem um núcleo D e o AD e o AI como o inglês. Portanto, quando adquirem o inglês, os aprendentes espanhóis já têm o núcleo funcional D nas suas ILG devido à transferência total da L1.

Lardiere (2004) encontrou que, nos dados recolhidos junto de uma chinesa chamada Patty a adquirir inglês, houve mais erros de omissão do que os de substituição e que ela usa o AD de forma mais correcta do que o AI em ambos os dados orais e escritos. Os aprendentes de L2 que têm variabilidade nas suas ILG

produzem erros de omissão como resultado de um problema de mapeamento entre o componente da forma fonética e a sintaxe.

O trabalho de Kim (2005) em que recolheu dados longitudinalmente através de entrevistas com 6 falantes coreanos a aprender português como segunda língua, em Porto Alegre, teve como objectivos principais investigar o processo da aquisição do AD em português como segunda língua por aprendentes coreanos e comparar a realização do AD por brasileiros e por coreanos no caso de uso opcional. As funções do AD foram categorizadas assim: uso em primeira menção, uso em segunda menção e uso genérico. Em seguida, foram analisadas as características e as inadequações do processo da aquisição, sendo comparado o uso diante de possessivos e de antropónimos com dados de dois brasileiros. Os resultados mostraram que os aprendentes coreanos dominavam o uso do artigo zero, o que pode reflectir uma transferência do sistema da L1 ou a esquiwa ao uso de artigo devido à diferença entre o coreano e o português e à complexidade do próprio sistema. Verificou, ainda, o uso muito frequente da contracção do AD com preposições, o que poderia ser originado pelo facto de os coreanos interpretarem a forma Preposição + AD como um único morfema. Por outro lado, isso poderia estar a sinalizar a marcação de género, outro sistema inexistente em coreano, já que com a preposição, essa marcação torna fonologicamente mais saliente.

Um estudo da aquisição do artigo em inglês por chineses foi conduzido por Hua e Lee (2005) em que testaram três grupos de aprendentes numa tarefa de juízo de gramaticalidade em contextos contáveis - massivos. Encontrou-se uma diferença significativa na aceitação entre nomes abstractos e concretos em contextos massivos. Em caso da ocorrência de nomes massivos em contextos contáveis, o juízo é mais correcto para nomes concretos massivos. Por isso, os aprendentes chineses de inglês

são sensíveis à distinção entre nomes concretos contáveis e nomes concretos massivos, tendo conhecimento de que o traço [+contável] representa uma denotação de contável, por exemplo, objectos individuais e o massivo denota substância.

Um outro estudo foi realizado em 2007 por Humphrey, tendo como objectivo explicar como os estudantes de inglês L2 usam o artigo em inglês. Três grupos de informantes fizeram parte do estudo: estudantes japoneses da escola secundária, estudantes japoneses universitários e falantes nativos (como controladores). O teste era composto por duas secções. A primeira era um discurso que se baseava num cantor japonês muito famoso de *pop* que todos os informantes conheciam bem, e a segunda focava-se principalmente no material de uma conversa. A maioria dos estudantes japoneses em ambos os grupos não atingiu a compreensão do uso discursivo do artigo em inglês. O seu processo de selecção não foi arbitrário. A escolha *default* de um artigo dependeu da consideração local de um item lexical pelos informantes, que são influenciados pela vogal de um item lexical a seguir ou até a terminação *-est*. Os resultados do estudo mostram alguma oscilação, mas não muita, entre os traços [+SR] e [+HK], devido à influência dos itens lexicais antes ou depois do artigo.

Em 2009, Mayo e Hawkins publicaram uma série de estudos em que se incluem dados novos, perspectivas novas e pontos de vista novos na área de aquisição do artigo: o estudo de Mayo (2009) junto de dois grupos espanhóis de inglês L2 visava investigar a interacção entre oscilação e a transferência de L1 na *performance* de falantes cuja L1 não tem o artigo. Os resultados suportam a segunda possibilidade que Ionin *et al* (2008) propuseram: a transferência ultrapassa a oscilação, dados em que a L1 e a LA dos falantes se distinguem entre contextos definidos e indefinidos. Quanto à “direccionalidade” que Mayo denominou para se

referir ao fenómeno de o uso do AD ser mais correcto do que o do AI, o estudo mostrou que num nível de proficiência mais baixo, foi detectado este fenómeno. No entanto, num nível de proficiência mais alto, os efeitos de “direccionalidade” já não existem mais. Sarko (2009) também testou se os falantes árabes ou franceses mostram evidência de transferência ou oscilação no uso do artigo em inglês. As descobertas estão consistentes com a hipótese de transferência total. Quando a L1 tem o sistema de artigo que codifica definitude, mesmo que a distribuição (morfofonológica) do artigo se diferencie da do artigo L2, os aprendentes não oscilam entre dois traços do ACP. O estudo de Sarko (2009) foi realizado com dois grupos de falantes cujas L1 codificam definitude apesar de possuírem distribuição morfofonológica diferente da LA, numa tarefa de recontar oralmente uma história e numa tarefa de eliciação. Os resultados suportam a hipótese de a transferência ultrapassar a flutuação no caso de as L1 terem o sistema do artigo, ou seja, provaram a proposta de transferência inteira das propriedades de L1 e de acesso total aos recursos da GU. Tryzna (2009) investigou a hipótese do Parâmetro da Escolha do Artigo (*Article Choice Parameter* – ACP) e da FH, defendendo uma versão reduzida do ACP baseada nos resultados de um estudo sobre a língua de Samoan. Neste estudo verificou-se que os indefinidos específicos, definidos não específicos e definidos específicos na língua de Samoan pedem o mesmo artigo específico *le*. Baseado no uso do artigo por falantes polacos e chineses, examinou o poder preditivo da FH e demonstrou que o uso do artigo L2 em inglês é melhor caracterizado pela variabilidade do que pela flutuação. E ainda propôs um caminho de desenvolvimento da aquisição do artigo. Kim e Lakshmanan (2009) investigaram o papel do processamento do ACP junto de falantes coreanos de inglês L2 através de uma tarefa *on-line* e uma tarefa *off-line*. Os resultados da tarefa *on-line* indicaram que os

aprendentes de L2 de nível intermédio aderiram à especificidade enquanto os de nível avançado flutuaram entre a definitude e a especificidade. Os resultados da tarefa *off-line* indicaram que os aprendentes de nível intermédio flutuaram entre os dois valores do ACP mas os de nível avançado aderiram ao valor de definitude. Concluíam que, quando há mais tempo para processar os aspectos semânticos da escolha do artigo, tal como o caso da tarefa *off-line*, a *performance* dos participantes de L2 também melhora. Trenkic (2009) apresentou uma alternativa para o ponto de vista de que os aprendentes de L2 têm acesso ao ACP fornecido pela GU, argumentando que as línguas [-art] não instanciam a categoria D. Os aprendentes com L1 [-art] não têm acesso à categoria D nem ao ACP. Quando adquirem *the* e *a*, usam-nos como “adjectivos processuais”¹²¹ (uma categoria que inclui demonstrativos, possessivos e numerais). Como resultado, *the* e *a* não são obrigatórios. Combinando esta ideia com a “Hipótese de Carga de Informação”¹²², a autor argumentou que um número de observações sobre o uso do artigo por aprendentes de L2 pode ser explicado da seguinte forma: (1) mais omissão do artigo com SN cujos referentes são mencionados previamente ou salientes de contextos não linguísticos, (2) mais omissão do artigo em posições de tópico do que posições não tópico e (3) mais omissão do artigo quando outros adjectivos estão presentes do que quando não estão. Também observou que o artigo, considerado como adjectivo, possui estado de modificador, o que prediz a ocorrência das substituições do artigo.

Na mesma publicação de Mayo e Hawkins (2009), também foram mencionados outros trabalhos no que respeita a outros itens na representação e uso do artigo por aprendentes L2. Ionin e Montrul (2009) estudaram o papel do AD na interpretação genérica de SN em inglês, examinando como os falantes coreanos com

¹²¹ A tradução de “*procedural adjectives*”.

¹²² A tradução de “*Information Load Hypothesis*”.

proficiência linguística de inglês básica, intermédia e avançada interpretavam nomes plurais nus e nomes plurais anteceditos do artigo em contextos genéricos com o recurso à tarefa de julgamento de valor correcto. Os resultados revelaram que a maioria dos participantes mostrou comportamento nativo, isto é só aceitou SN plurais nus com referência genérica e outros permitiram que os SN nus tivessem interpretações definidas. No entanto, há 22% dos participantes que têm gramática do tipo espanhol que permite interpretação genérica tanto em plurais anteceditos de artigo como plurais nus. Então concluíam que os achados são resultados de uma interacção entre propriedades da GU (o artigo pode ou não codificar referência genérica) e o *input*. Jin *et al.* (2009) fizeram um estudo sobre a produção do AD em norueguês e as flexões adjectivas atributivas por aprendentes chineses e inglês, em que utilizaram uma tarefa de produção oral. Argumentaram que nem a hipótese de *deficit* representacional nem a questão do “problema de *output*” (dificuldade no mapeamento entre formas morfofonológicas e representações sintácticas, ou na acomodação das representações sintácticas dentro das estruturas prosódicas transferidas de L1) podem explicar por que alguns dos informantes têm desempenhos como nativos e outros não. No entanto, o desempenho que os participantes não têm como nativos não é causado pelos problemas assentes no mapeamento de formas às representações ou prosódia transferida de L1, mas sim pelo *deficit* representacional sintáctico que as ILG possuem. Goad e White (2009) forneceram evidência para o papel persistente da estrutura prosódica de L1 em determinar se os falantes de inglês L2 produzem o artigo em inglês na fala. Os resultados mostraram que o artigo em inglês é mapeado dentro da estrutura prosódica turca por falantes turcos de inglês L2 na forma de harmonia vocálica. Ao mesmo tempo, nenhum dos informantes mostrou exclusivamente a harmonia vocálica, tendo recorrido, porém, a outras maneiras

diferentes para representar a estrutura prosódica inglesa. Então, os falantes de inglês L2 empregaram mais do que uma representação prosódica para o artigo em inglês. Jaensch (2009) examinou os efeitos potenciais da aprendizagem de uma L2 na aquisição do artigo numa terceira língua, junto de um grupo de falantes japoneses com conhecimento de inglês como L2 que estavam a adquirir alemão num ambiente de imersão. Os resultados estão consistentes com a Hipótese de Insucesso da Aquisição da Flexão Superficial¹²³, isto é os aprendentes têm dificuldade em fazer corresponder as formas morfofonológicas às representações de traços abstractos. E também suportam que os falantes codificam a definitude em vez da flutuação entre a definitude e a especificidade, o que é resultado da transferência da L2, aqui a língua inglesa que tem a categoria do artigo.

Além dos estudos que acabámos de mencionar, iremos exemplificar mais estudos realizados na corrente pesquisa da ASL que contribuem, de uma forma comparativamente mais saliente, para o estudo no que respeita à aquisição do artigo L2.

4.2 Estudos da aquisição do artigo na corrente pesquisa da aquisição de segunda língua

Neste ponto, descrevemos algumas hipóteses que têm sido aplicadas em estudos na área da aquisição do artigo na corrente pesquisa da ASL.

¹²³ A tradução de “*Missing Surface Inflection Hypothesis*”.

4.2.1 Hipótese de Insucesso da Aquisição de Traços Funcionais¹²⁴

Inspirada nas hipóteses de Smith e Tsimpli (*apud* Hawkins e Chan, 1997: 1888) de que uma subparte particular da GU não está acessível na ALS por adultos, nomeadamente traços associados a categorias funcionais, Hawkins e Chan (1997) desenvolveram a hipótese denominada **Hipótese de Insucesso da Aquisição de Traços Funcionais** (*Failed Functional Features Hypothesis* - FFFH). Com base nesta hipótese, os aprendentes de nível inicial, na primeira fase de aquisição, ligam formas morfofonológicas da L2 a especificações de traços da L1. Posteriormente, ao longo de contactos contínuos com a L2, os aprendentes aproximam-se progressivamente do desempenho de falantes nativos da L2 e afastam-se da sua L1. Mas para fazer isto, dado que os traços funcionais diferentemente fixados não são inteiramente acessíveis, os aprendentes vão estabelecer representações gramaticais que divergem das de falantes nativos e das suas próprias L1s, mas que são, porém, restringidos pelos princípios da GU: gramáticas possíveis. Neste sentido, os aprendentes adultos de L2 não têm acesso total à GU e quando a L2 e a L1 diferem em traços funcionais específicos, os aprendentes não são capazes de determinar o significado funcional total daquele novo material morfofonológico. Portanto, a sintaxe dos aprendentes de L2 é selectivamente deficiente, carecendo dos traços formais parametrizados não presentes na L1 que nunca são acessíveis após um período crítico de aquisição (Hawkins, 2004).

Hawkins (1998) estudou os dados (recolhidos por Bazergui *et al.* 1990) das produções orais transcritas de dez estudantes que recontaram um filme animado. Os

¹²⁴ A tradução de “*Failed Functional Features Hypothesis*”.

estudantes eram universitários no último ano de um curso de licenciatura em francês no Reino Unido, que estiveram seis meses em França, e dez estudantes universitários no Canadá que experimentaram um programa de imersão em francês na escola secundária. O autor descobriu que embora os informantes tivessem feito distinção entre nomes masculinos e femininos, não o fizeram de uma forma assimétrica. A interpretação pode ser que os informantes têm uma forma *default* do AD e do AI (a forma de ultrageneralização) que eles usam quando não têm certeza sobre o gênero de um nome. A variabilidade entre indivíduos e a falta de combinação do AD e do AI ultrageneralizados nas mesmas gramáticas individuais indicaram que não há traço de gênero “covert” em Num que controla a concordância de gênero entre D e N como há em francês. Os falantes de inglês L1 podem não adquirir o traço gênero de Num em francês e espanhol L2, mesmo em fases muito avançadas, em que as suas gramáticas de L2 já estão muito próximas do seu estado final. Os mesmos podem adquirir a flexão forte de Num em francês que obriga N a subir. Por isso, concluiu também que os aprendentes de L2 têm dificuldade em estabelecer um traço de gênero em Num que não existe na sua L1.

Parodi *et al.* (1997) concordaram que a natureza de categorias funcionais associada a SN na L1 influencia o desenvolvimento dessas categorias na L2. Eles estudaram a aquisição do SD em alemão por três grupos de informantes de L1 diferentes: falantes de coreano, de turco e de línguas românicas. Como as primeiras línguas não têm o artigo, os falantes dessas línguas têm que estabelecer uma especificação nova para uma categoria funcional. É mais fácil os falantes das últimas línguas adquirirem o artigo em alemão. Segundo, as línguas românicas têm movimento de N e as línguas coreana, turca e alemã não têm. Os falantes de línguas românicas têm que perder esta propriedade da sua L1 (movimento de N) quando

estão a adquirir o SD em alemão. O estudo apontou que há uma influência de L1 na percentagem da omissão de determinantes em contextos obrigatórios. Os falantes espanhóis omitem menos determinantes do que os falantes coreanos. Os falantes coreanos do nível elementar fornecem apenas um quarto dos elementos D pedidos, mesmo no grupo mais avançado, isto só aumenta para a metade. Por isso, Parodi *et al.* (1997) sugeriram que “estas diferenças desafiam a hipótese de *“minimal trees”*, uma vez que as *interlínguas* de todos os adultos que estão a adquirir uma L2 não gerariam os SD inicialmente e assim, as taxas de omissão de D deveriam ser semelhantes especialmente em estádios especiais iniciais de desenvolvimento”¹²⁵ (1997:38).

Pelos resultados do estudo, Parodi *et al.* (1997) declararam que as categorias funcionais não são influenciadas pela L1 mas desenvolvem apenas em resposta à evidência positiva da L2. Hawkins (2001:252) considerou que os mesmos resultados não estão consistentes com a possibilidade de que as gramáticas iniciais de L2 consistem em projecções lexicais *“in principle”*, permitindo, porém, o estabelecimento de categorias funcionais desde muito cedo se se encontra uma evidência apropriada para elas – o ponto de vista da Hipótese da Construção da Estrutura Modulada¹²⁶. Se as propriedades transferidas da L1 têm o efeito de sensibilizar aprendentes de L2 para a existência de categorias funcionais na L2, a ocorrência muito cedo de uma categoria D na gramática de falantes espanhóis pode ser o efeito de um D obrigatório em espanhol. A ocorrência tardia de D na gramática de falantes coreanos pode ser o efeito da sua construção gramatical para o sistema de D em alemão com base apenas no *input* de LA.

¹²⁵ A tradução de “these differences challenge the minimal trees hypothesis, since the interlanguages of all (adult) L2 acquirers are said not to generate DPs initially and therefore D-omission rates should be similar at especially early stages of development” (Parodi *et al.* 1997:38)

¹²⁶ A tradução de “Modulated Structure Building Hypothesis”

Kuribara (1999) examinou a aquisição de SD por aprendentes japoneses, descobrindo que “os aprendentes de L2... não são capazes de adquirir os itens de D como propriedades do determinante do núcleo funcional e portanto, eles baseiam-se no seu conhecimento de L1 e nos mecanismos gerais de aprendizagem” (1999:20). Como o japonês não tem um núcleo D, os aprendentes transferem o seu quadro da L1 e falham na aquisição do núcleo D em inglês. A proposta da FFFH é muito importante, uma vez que, em primeiro lugar, fornece um contributo confiável para a observação de que muitos aprendentes adultos de L2, apesar dos contactos longos com a L2, nunca adquirem totalmente as mesmas representações sintáticas dos falantes nativos; segundo, fornece a possibilidade de reconciliar tais observações com aquelas de outros investigadores que descobriram que as representações sintáticas de aprendentes adultos de L2 parecem indistinguíveis daquelas de falantes nativos; terceiro, a hipótese traz um novo olhar aos estudos prévios ligados ao conhecimento dos aprendentes de L2 sobre restrições tal como Subyacência, em que está afirmado que os aprendentes não têm acesso aos princípios da GU.

O fenómeno de os aprendentes de L2 falharem na aquisição de traços parametrizados não instanciados na sua L1 evidencia o acesso parcial à GU e a impossibilidade de restabelecimento de parâmetros. Entre outras hipóteses que estão na mesma posição de defesa, vale a pena mencionar uma hipótese proposta por Trenkic (2007), denominada como Análise Sintática Errada (*Syntactic Misanalysis Account* - SMA)¹²⁷. Segundo a SMA, os aprendentes com L1 [-art] não têm acesso à categoria D dado que a D não está instanciada nas línguas [-art]. Quando adquirem *the* e *a*, tratam-nos erradamente como “adjectivos processuais” (uma categoria que inclui demonstrativos, possessivos e numerais). Isto é analisam as diferentes formas

¹²⁷ A tradução de “*Syntactic Misanalysis Account*”.

do artigo erradamente como modificadores nominais. Nota-se uma assimetria no estudo entre o fornecimento do artigo para nomes modificados por adjetivos (Art + Adj + N), e para aqueles sem adjetivos modificadores (Art + N). Nos dados orais do estudo, a omissão do artigo é significativamente mais elevada nos nomes modificados por adjetivos do que nos nomes sem modificadores adjetivos. Esta variação no fornecimento do artigo deve-se às limitações de processamento pragmaticamente motivadas. Um artigo pode aparecer numa produção oral se o aprendente tem registado uma necessidade para expressar a “identificabilidade do referente ao nível conceptual, o nível que está aberto à cognição geral”¹²⁸ (Trenkic, 2007:315-316). É proposto que os aprendentes prestam mais atenção a partes mais salientes e significativas da elocução e que o artigo tem algum significado lexical para o aprendente baseado no *input* e/ou instruções explícitas que indicam algum conceito semântico de identificabilidade do referente. Como resultado, os aprendentes pretendem controlar o discurso produzido, com a finalidade de incluir o artigo. No entanto, a implicação é que tais decisões estratégicas exigirão um controlo considerável, e a omissão ocorrerá sempre que os recursos cognitivos forem excedidos, sempre mais cedo nos contextos de Art + Adj + N, porque os aprendentes têm de processar um elemento adicional de significado (Jaensch, 2009:235).

Terminada a descrição dos princípios que sustentam a impossibilidade do restabelecimento de parâmetros, e do acesso parcial à GU, iremos discutir hipóteses levantadas por defensores de que os aprendentes de L2 têm acesso total a todos os traços disponibilizados pela GU.

¹²⁸ A tradução de “*identifiability of the referente at the conceptual level, the level that is open to general cognition*” (Trenkic, 2007:315-316).

4.2.2 Hipótese de Insucesso da Aquisição da Flexão Superficial¹²⁹

Lardiere (1998) defende que há evidência de que as falhas encontradas nas ILG se originam do problema de mapeamento entre a componente morfológica ou forma fonológica e a sintaxe, significando isto que os aprendentes de L2 têm dificuldades com a realização aberta de morfologia. Originalmente formulada por Haznedar e Schwartz (1997) e alargada por Prévost e White (2000), a **Hipótese de Insucesso da Aquisição da Flexão Superficial** (*Missing Surface Inflection Hypothesis* - MSIH), afirma que os aprendentes de L2 que têm variação nas suas ILG no uso de morfologia flexional não cometem erros casuais na produção. As variações devem-se à quebra na relação entre a gramática subjacente num nível abstracto e sua realização morfológica aberta. Os aprendentes de L2 são sempre incapazes de fazer corresponder “os traços (morfo)sintácticos aos seus reflexos (morfo)fonológicos”¹³⁰ (Lardiere, 2000:103). Os aprendentes de L2 têm acesso total aos recursos da GU, mas têm dificuldade no mapeamento entre formas fonológicas e as representações sintácticas abstractas que realizam.

Robertson (2000) verificou que, no seu estudo com informantes chineses, o insucesso se deve à dificuldade em adquirir a correspondência correcta entre os traços superficiais de definitude e os traços abstractos do SD. White (2003a) fez um estudo baseado nos dados produzidos por um aprendente turco de inglês. A omissão do AD e do AI foi muito frequente, mas o artigo foi proporcionado nos contextos apropriados. “Estes resultados sugerem fortemente que o SD tem conhecimento inconsciente da distinção entre a determinação e a indeterminação e que nessa

¹²⁹ A tradução de “*Missing Surface Inflection Hypothesis*”

¹³⁰ A tradução de “*(morpho)syntactic features into their (morpho)phonological reflexes*” (Lardiere, 2000:103).

construção, pelo menos, a manifestação superficial do uso do artigo é altamente apropriada”¹³¹ (White, 2003a:137).

Em 2003b, White reviu os dados recolhidos junto de uma aprendente turca de inglês L2. Os resultados orais mostraram que a informante omitiu o AD num quarto dos contextos obrigatórios e o AI em quase 40% de contextos indefinidos. No entanto, nos dados escritos, a informante manifestou um desempenho cem por cento como os nativos. White argumentou que a gramática da informante está consistente com a MSIH, porque, embora as omissões sejam elevadas, quando fornece o artigo, o artigo é apropriado. As ocasiões em que não é fornecido o artigo equivaleriam a um valor *default*¹³², o que está em conformidade com a proposta da Morfologia Distribuída¹³³ de Halle e Marantz (1993).

Snape (2005) levou a cabo um estudo junto de 18 aprendentes japoneses, 18 aprendentes espanhóis de inglês e 9 falantes nativos para controlo, todos estudantes pós-graduados na Universidade de Essex. Pediu aos informantes para ouvirem treze histórias curtas e depois recontarem as histórias, usando palavras dadas. O japonês é uma língua sem sistema de artigos e sem marcação de número em SN, enquanto o espanhol tem artigos e marcação de número obrigatórios. Os resultados mostraram que há diferenças significativas entre os aprendentes japoneses e os espanhóis em ambos os níveis de proficiência. Os aprendentes japoneses continuam a omitir o AD *the* e o AI *a* em contextos em que os falantes nativos os usam. Ocorrem alguns erros em contextos do indefinido massivo com a ultrageneralização do AI *a*. Os

¹³¹ A tradução de “*These results strongly suggest that SD has unconscious knowledge of the definiteness/indefiniteness distinction and that, in this construction at least, her surface manifestation of article usage is highly appropriate*” (White, 2003:137).

¹³² “*Note that the phonological content of a Vocabulary Item may be any phonological string, including zero or Ø. The featural content or content of insertion may be similarly devoid of information: in such cases we speak of the default or ‘elsewhere’ Vocabulary Item*” (Harley e Noyer, 1999:6, *apud* Jaensch, 2009:238)

¹³³ A Morfologia Distribuída encontra-se explicada com pormenores no 1.2 do Capítulo I.

aprendentes japoneses têm mais problemas de mapeamento do que o *deficit* sintático enquanto os espanhóis não têm nenhuns problemas. Snape (2005) argumentou que os resultados com informantes japoneses e espanhóis estão consistentes com a MSIH. Mas esta hipótese parece uma caracterização correcta de falantes com L1 sem artigos e não para falantes com L1 com artigos. Isto sugere que a MSIH não é universal para todos os falantes de L2. Antes, é dependente da L1.

Na sua tese de doutoramento, Snape (2006) focalizou mais uma vez a investigação na aquisição do SD em inglês por aprendentes japoneses e espanhóis adultos, em particular a sintaxe, a semântica e a fonologia do uso do artigo e a distribuição de nomes (singulares, plurais e massivos). Os resultados tirados de uma série de tarefas mostraram que os aprendentes japoneses de inglês L2 conseguem distinguir entre nomes contáveis e não contáveis, continuando, porém, a ter dificuldades com o AD em contextos plurais e massivos e o AI em contextos contáveis singulares, o que está consistente com a afirmação de que os aprendentes japoneses e espanhóis conseguem restabelecer o parâmetro da Correspondência Nominal¹³⁴. A substituição do AD pelo AI e vice-versa não é o resultado da incapacidade de estabelecer o parâmetro da escolha do artigo. Os aprendentes japoneses de L2 têm acesso total aos inventários dos traços da GU, não conseguindo, porém, escolher os traços correctos para o artigo em inglês. “O problema para os aprendentes de inglês L2, cujas línguas maternas não têm artigos, é o uso de artigos

¹³⁴ *Nominal Mapping Parameter*, proposto por Chierchia (1998). É um sistema que permite certa variação semântica em termos da referência da categoria sintática de SN. Trata-se de uma propriedade parametrizada da GU. Nesta perspectiva, três tipos de línguas são distinguidas em termos dos traços primitivos [$\pm arg$] e [$\pm pred$]: o SN inglês é [$+arg$, $+pred$], enquanto o japonês é [$+arg$, $-pred$] e o espanhol [$-arg$, $+pred$]. Se todos os SNs podem referir-se directamente a tipos, por exemplo, podem ser usados genericamente, são argumentativos possíveis em expressões sintáticas. São predicativos os que precisam de ser acompanhados por um determinante.

no discurso. O resultado é um *déficit* na interface sintáctico-pragmática”¹³⁵ (Snape, 2006:280-281).

Em 2006, Kaku, com base no estudo de Ionin e Wexler (2003), investigou o uso do artigo *the* por aprendentes japoneses e examinou o restabelecimento de traços na *interlíngua* destes aprendentes, tendo levado a cabo duas tarefas, uma de elicitacão e a outra de traduçã. Os participantes do estudo foram cinco adultos aprendentes de inglês, sendo três de nível avançado e dois de nível intermédio. Além disso, foi envolvido um grupo de dois falantes nativos de inglês. Os resultados mostraram que os aprendentes de nível intermédio são sensíveis à referencialidade. A análise da relação entre os demonstrativos japoneses e o artigo em inglês sugere que ambos os traços pedidos para o AD *the* estejam presentes em japonês apesar de eles serem expressos por formas linguísticas diferentes (marcadores de caso e demonstrativos). Os achados sugerem que a tarefa dos aprendentes possa não consistir em incorporar novos traços mas em restabelecer os traços associados ao item lexical dado na gramática de L2. Isto indica que a variabilidade na escolha de um artigo correcto não se deve à incapacidade dos aprendentes em estabelecer o parâmetro correcto. Antes, é porque os aprendentes estão no processo de restabelecer os traços dos quais o sistema do artigo em inglês é feito.

Bergeron-Matoba fez um estudo em 2007, tendo focalizado o seu estudo em oito aprendentes japoneses cuja L1 é [-art] e um controlador nativo, na perspectiva da MSIH. Na parte do estudo em que descreveu os estudos já feitos na aquisição do sistema do artigo em inglês na área da SLA, o linguista mencionou que os estudos consistentemente relatam a ultrageneralização do artigo Ø em ILG mesmo numa fase avançada, não tendo referido, porém, que o problema da omissão do artigo possa

¹³⁵ A tradução de “*The problem for L2 learners of English from L1 article-less languages, is the use of articles in discourse. The result is a deficit at the syntax-pragmatic interface*” (Snape, 2006:280-281).

assentar nas formas superficiais ou no conhecimento relevante tais como distinções de determinação/indeterminação, e contável/massivo. Por isso, levantou, antes do estudo, três questões importantes para examinar o sistema do artigo na *interlíngua* dos aprendentes japoneses. No estudo, foi aplicada uma tarefa de eliciação forçada replicada de Hawkins *et al.* (2005) em que se pedia aos informantes para preencherem lacunas através da escolha do AI, AD e AN. Havia cinco contextos a serem examinados: usos anafóricos, usos enciclopédicos e usos de situação mais alargada.¹³⁶ São todos contextos específicos definidos (o artigo alvo é *the*) e contextos indefinidos específicos e não específicos (escolha entre *a* e $\emptyset$). Cada contexto inclui nomes contáveis singulares e plurais, e massivos.

Os resultados mostraram que os aprendentes japoneses têm conhecimento de que os nomes contáveis singulares em inglês pedem um artigo desde as primeiras fases do desenvolvimento do seu sistema de artigos. A omissão do artigo, que é muito comum na aprendizagem de L2, é mais frequente com nomes plurais e massivos. Há uma tendência de os aprendentes japoneses fornecerem *a* nos contextos *de re* [+esp] e *de re* [-esp], enquanto $\emptyset$ nos contextos *de dicto*. Parece que os aprendentes japoneses são sensíveis à distinção ligada ao uso de *a* com nomes massivos, e consideram nomes em contextos *de re* como [+bounded], pelo que os tratam como usos contáveis dos nomes. Segundo as observações, os aprendentes de nível avançado usam *the* e *a*/ $\emptyset$ para distinguir a definitude uma vez que usam *the* apenas nos contextos definidos. Por outro lado, com os de nível mais baixo, a distinção de *the* e *a*/ $\emptyset$ parece depender da especificidade. Usam *the* em ambos contextos [+def. +esp] e [-def. +esp], e raramente o usam em contextos [-def. -esp]. Neste sentido, o achado de Bergeron-Matoba está consistente com o de Ionin *et. al*

¹³⁶ A tradução de “*larger situation*”.

(2003a, 2003b) que verificaram uma tendência semelhante nos seus estudos de aprendentes coreanos e russos de inglês: os aprendentes de L1 [-art] marcam mais a especificidade do que a definitude.

O autor tirou ainda a conclusão de que a ausência de formas superficiais na produção de L2 não significa necessariamente que o conhecimento subjacente correspondente está ausente na gramática dos aprendentes (Haznedar e Schwartz 1997; Lardiere 1998, 2000; Prévost e White 2000). Os aprendentes japoneses têm conhecimento subjacente de distinções de definitude e de contável/massivo apesar do facto de não se empregar o artigo em japonês. A omissão do artigo na produção de L2, que é uma característica comum do sistema de artigos em ILG, não implica que as ILG não tenham traços relevantes para a aquisição do sistema de artigos em inglês, tal como distinções de determinação/indeterminação e contável/massivo. O verdadeiro problema para aprendentes japoneses de inglês assenta mais nas formas superficiais próprias do que o conhecimento subjacente associado ao artigo em inglês.

O autor também argumentou que, segundo Chierchia (1998)¹³⁷, os nomes são argumentativos [+arg], ou predicativos [+pred]. Por isso, o inglês é classificado como uma língua [+arg, +pred] e o japonês [+arg, -pred]. Isto implica que todos os nomes em japonês são considerados [+arg], isto é, massivos. Mencionou ainda a explicação de Snape¹³⁸ que um nome simples em japonês não distingue entidades definidas das indefinidas, contáveis das massivas. Aliás, as distinções são feitas no SCl em japonês. Isto implica que os traços de definitude e os traços que estão subjacentes às distinções contáveis/massivas estão presentes na gramática japonesa L1. Portanto, o argumento é que os aprendentes japoneses de inglês têm um conhecimento subjacente de distinções de determinação/indeterminação e de

¹³⁷ Cf. Bergeron-Matoba, 2007:3-4

¹³⁸ Cf. Bergeron-Matoba, 2007:11-12

contável/massivo apesar do facto de o japonês não empregar o artigo. Aliás, o problema para os aprendentes é combinar o conhecimento com as formas superficiais do artigo, o que está consistente com a MSIH. Aqui o autor propõe estudos mais profundos necessários para examinar se as distinções de determinação/indeterminação e contável/massivo são linguisticamente codificadas também em outras línguas [-art]. Portanto, o problema de todos os aprendentes de línguas [-art] é a aprendizagem de formas superficiais, ou a aquisição dessas distinções próprias é apenas um problema para aprendentes de inglês L2 de outras línguas [-art] (Bergeron-Matoba, 2007:21).

Em conclusão, a proposta da MSIH afirma que os aprendentes de L2 têm acesso total à GU e a transferência total da L1 e que a *performance* não como nativos se deve à dificuldade que têm no mapeamento entre as formas superficiais de referencialidade e os traços abstractos do SD. Além disso, vamos discutir uma outra hipótese que também está na mesma posição de defesa e que dá outra explicação, do ponto de vista semântico, para o insucesso dos falantes de L2 em ter o desempenho como nativos. Trata-se de uma hipótese proposta por Ionin *et al.* (2003a, 2003b, 2004), que tem sido ultimamente muito discutida e testada.

4.2.3 Hipótese da Flutuação¹³⁹

Estudos recentes de Ionin *et al.* (2003a, 2003b, 2004) sobre a aquisição do sistema de artigos em L2 junto de aprendentes russos e coreanos de inglês L2 cuja L1 não possui sistema de artigos mostraram que os aprendentes de L2 flutuam entre a marcação de traços de definitude e especificidade, i.e., ora optando por um

¹³⁹ A tradução de “*Fluctuation Hypothesis*”

determinante definido ora por um determinante indefinido, permitindo que ambos codifiquem determinação definida ou indefinida¹⁴⁰. De acordo com estes estudos, (1) o facto de as línguas usarem o artigo para codificar a definitude ou a especificidade é uma propriedade parametrizada da GU e (2) o artigo pode codificar a definitude ou a especificidade, mas não ambas. Os autores defendem que os aprendentes de L2 investigados (russos e coreanos) têm acesso ao parâmetro, mas as gramáticas em desenvolvimento das suas *interlínguas* flutuam no estabelecimento do parâmetro para o inglês, que possui o parâmetro [+art]. A flutuação é uma característica deste tipo de aprendentes, contudo ela é temporária e é considerada uma propriedade do desenvolvimento da L2. Com uma exposição prolongada à LA, os aprendentes de L2 vão conseguir estabelecer o valor apropriado. Também o estudo de Snape (2006) comparou dados de aprendentes japoneses de inglês L2 e aprendentes espanhóis de inglês L2 e os resultados revelaram a flutuação entre a definitude e a especificidade em contextos [-def, +esp] e [+def, -esp] por parte dos japoneses e a não-ocorrência da flutuação por parte dos aprendentes espanhóis.

Finer e Broselow (1986, *apud* Ionin *et al.* 2004:16) mostraram originalmente evidência de que, primeiro, os aprendentes de L2 têm acesso aos traços que não estão instanciados nem na sua L1 nem na sua L2, mas são opções possibilitadas pela GU, segundo, os aprendentes de L2 têm adesão opcional aos parâmetros, isto é, eles adoptam, por vezes, um parâmetro e, outras vezes, um outro. Os autores propuseram uma hipótese que envolve duas descobertas, chamada **Hipótese da Flutuação** (*Fluctuation Hypothesis* - FH): (1) os aprendentes de L2 têm acesso total aos princípios e parâmetros da GU e (2) os aprendentes de L2 flutuam entre diferentes estabelecimentos de parâmetros até o *input* os conduzir a estabelecerem o valor

¹⁴⁰ Cf. Hawkins *et al.* (Eurosla Yearbook, 2006)

apropriado. Sob esta hipótese, o estado da gramática L2 é condicionado pela GU. Os erros de aprendentes de L2 não são vistos como casuais mas reflectem a possibilidade de estabelecimento de parâmetros. A FH afirma que os erros de L2 nos dados se originam da flutuação dos aprendentes entre dois ou mais parâmetros, alguns dos quais não são apropriados para a LA.

De acordo com Ionin *et al.* (2003a, 2003b, 2004), os traços de definitude e especificidade são duas escolhas de um Parâmetro da Escolha do Artigo (*Article Choice Parameter* - ACP)¹⁴¹. Os falantes de L2 que não têm como L1 [-art] flutuam entre dois traços do ACP. O ACP é um parâmetro semântico com dois valores: [$\pm$ def] e [$\pm$ esp]. As línguas que têm o sistema de dois-artigos seleccionam um valor ou o outro. O inglês e as línguas românicas, tal como o português, seleccionam o valor [$\pm$ def] e o samoan e as línguas polinésias seleccionam o outro [$\pm$ esp] (Ionin *et al.* 2004).

I. “O Parâmetro da Escolha do Artigo (para as línguas com dois tipos de artigos.)

Uma língua que tem dois tipos de artigos distingue os artigos como o seguinte:

O traço de definitude: os artigos são distintos na base da definitude.

O traço de especificidade: os artigos são distintos na base da especificidade.”

(Ionin, *et al.* 2004:12)

Pela combinação da FH com o ACP, surge a predição de que os aprendentes de L2 flutuam inicialmente entre o estabelecimento de parâmetros com base na definitude e na especificidade para o artigo. Descreve-se a respectiva definição no seguinte:

¹⁴¹ “*Article Choice Parameter*”: Um elemento sob esta consideração é que o ACP é uma declaração apenas sobre função discursiva do artigo. Não declaram que a definitude e a especificidade são as únicas propriedades que o artigo codifica, mas “*they are the only discourse-related features that underlie article choice*” (Ionin *et al.*, 2004:12, rodapé).

II. “A FH para a escolha do artigo em inglês L2:

- a. Os aprendentes L2 têm acesso total à GU e aos dois traços da ACP.
- b. Os aprendentes L2 flutuam entre os dois traços da ACP até o *input* os conduzir a estabelecer o valor apropriado a este parâmetro.”

(Ionin, *et al.* 2004:17)

Ionin (2004) considera que existem duas possibilidades no que acontece com os aprendentes de L2 - 1ª possibilidade: a flutuação ultrapassa a transferência, isto é, todos os aprendentes de L2, cuja L1 não tem artigos, flutuam entre a definitude e a especificidade na sua escolha do artigo L2; 2ª possibilidade: a transferência ultrapassa a flutuação, isto é, os aprendentes de L2 cuja L1 tem artigos transferem a semântica dos artigos da sua L1 para a L2 (usam correctamente *the* sem o efeito de especificidade). Os aprendentes de inglês L2 cuja L1 não tem artigos flutuam entre as duas possibilidades indicadas no Quadro 8: às vezes dividem os artigos na base da definitude e outras vezes dividem-no na base da especificidade. Com o *input* suficiente, os aprendentes conseguem estabelecer o ACP que é apropriado em inglês e dividem os artigos em inglês somente na base da definitude. O Quadro 8 mostra o facto de que no caso do estabelecimento de parâmetro pela definitude, são agrupados o específico e o indefinido com o não-específico e indefinido, e o não-específico definido com o específico definido. No caso do estabelecimento pela especificidade é exactamente o oposto. As duas células sombreadas mostram a situação em que os dois estabelecimentos do ACP estão em conflito.

Quadro 8 – Duas possibilidades de agrupamento do artigo (Ionin *et al.*, 2004:18)

	[+def]	[-def]
[+esp]		
[-esp]		

Ionin *et al.* (2003a, 2003b, 2004) examinaram a aquisição do artigo em inglês *the* [+ def] e de *a* [-def] por falantes adultos russos e coreanos. Como as suas L1 não têm artigos, esses aprendentes enfrentaram a tarefa da aquisição dos artigos em inglês sem nenhuma hipótese de transferência/ajuda das suas L1. Os erros que cometeram foram de dois tipos:

Quadro 9 – Uso do artigo em inglês por aprendentes coreanos (Ionin *et al.*, 2003a, 2003b, 2004)

	[+def] (alvo: <i>the</i>)	[-def] (alvo: <i>a</i>)
[+esp]	uso correcto de <i>the</i>	ultra-uso de <i>the</i>
[-esp]	ultra-uso de <i>a</i>	uso correcto de <i>a</i>

De acordo com os autores, no caso dos coreanos, os aprendentes têm acesso total aos universais semânticos – a definitude e a especificidade – proporcionados pela GU, não sabendo, porém qual deles é mais relevante para a escolha de *the* vs *a*. Por isso, os aprendentes flutuam entre duas escolhas: às vezes, consideram que *the* marca a (in)determinação e por outras marca a (não-)especificidade. Quando a definitude e a especificidade estão em conflito, ou seja, nas categorias de determinação indefinida específica e determinação definida não específica, os aprendentes usam *the* e *a* permutavelmente. À medida que os aprendentes estão mais expostos ao *input* da L2, vão descobrindo que o artigo em inglês codifica mais a definitude do que a especificidade.

Em 2008, Ionin *et al.* levaram a cabo um estudo junto de 23 falantes adultos de russo, 24 falantes adultos de espanhol e um grupo de 6 falantes nativos adultos. Os participantes fizeram um teste de elicitação de uso dos artigos em inglês, o qual é composto por 60 diálogos pequenos, e um *cloze-test* (criado por William Rutherford) de proficiência de L2. Os aprendentes foram divididos em três grupos de proficiência (iniciados, intermédios e avançados) com base nos resultados do seu *cloze test*; A divisão em três níveis foi feita através da análise *K-means cluster* em SPSS. Também

participaram numa tarefa de produção oral (que não foi incluído no estudo). Os resultados mostraram que os falantes de russo tiveram a mesma *performance* como os falantes de russo envolvidos no estudo de Ionin *et al.* (2003a, 2003b, 2004): dois tipos de erros são o uso ultrageneralizado de *the* no contexto indefinido específico e *a* no contexto definido não específico. Os falantes de espanhol são muito correctos no contexto definido e no indefinido. Como falantes nativos de inglês, não mostram modelos particulares de desvio no uso do artigo. No estudo descobriram três factores relevantes para a aquisição dos artigos em inglês: transferência de L1, *input* e GU. Os falantes de língua materna espanhola são capazes de transferir a semântica dos artigos da sua L1 para a L2. Os falantes de língua materna russa que não têm artigos não são capazes de fazer isso. A sua aprendizagem procede através da combinação de acesso à GU e procedimento de *input*. A GU dá aos aprendentes modelos possíveis da escolha do artigo que podem aparecer nas línguas naturais e o *input* diz-lhes quais são as especificações dos artigos que a LA actualmente usa. Os aprendentes flutuam entre esses modelos – a definitude e a especificidade – até o *input* lhes demonstrar que só um desses modelos é apropriado para o inglês.

Ionin *et al.* (2008) explicaram que o conhecimento linguístico inato proporciona aos aprendentes especificações possíveis de uso do artigo mas não lhes diz como escolher as especificações particulares para a sua L2. Crucialmente, é aqui que o *input* começa a desempenhar um papel importante: a fim de decidir se o artigo em inglês é distinto com base mais na definitude do que na especificação, os aprendentes de L2 precisam de dar atenção aos gatilhos de *input*. Os gatilhos relacionados com a escolha do artigo são baseados no discurso: eles não se movimentam para a frente da configuração sintáctica. Ambos os artigos definidos e específicos podem, em princípio, aparecer nos mesmos ambientes. A fim de

determinar se *the* é [+def] ou [+esp], os aprendentes precisam de avaliar a situação do discurso e decidir se *the* está a marcar a pressuposição de unicidade (2008:19). No entanto, os gatilhos relacionados com o ACP são particularmente difíceis do ponto de vista da aquisição de L2 porque eles não surgem (pelo menos não obviamente) da configuração sintática. Para determinar se *the* é [+def] ou [+esp], os aprendentes de L2 precisam de avaliar a situação discursiva e decidir se *the* está a marcar a pressuposição de unicidade (da perspectiva do ouvinte) ou a existência de uma propriedade notável (da perspectiva do falante). Muitas vezes os gatilhos discursivos relacionados com o ACP são sempre muito ambíguos (Ionin *et al.*, 2008:51 e 52).

Com a finalidade de testar a FH proposta por Ionin *et al.* (2004) na população japonesa de falantes L2 de inglês cuja L1 carece de artigos, e também testar se os falantes gregos com uma L1 que tem artigos marcam a definitude e mostram a mesma tendência de flutuação, além de reconsiderar a interpretação a ser dada ao desempenho individual de falantes e como se relaciona com a flutuação aparente em resultados de grupos, Hawkins *et al.* (2006) fizeram um estudo com 12 falantes japoneses, 12 gregos e 5 controladores nativos, tendo pedido aos informantes para completarem uma tarefa de elicitación forçada semelhante àquela usada por Ionin *et al.* (2004), que consiste em pequenos diálogos que envolvem três voltas de conversa, com uma lacuna na terceira volta em posição de objecto. Três escolhas possíveis são dadas para se preencher a lacuna: *the*, *a/an*, e $\emptyset$.

Os resultados mostraram que os informantes flutuam entre a definitude e a especificidade. Os casos mais relevantes são contáveis indefinidos singulares e plurais que são específicos ou não específicos. Os informantes flutuam entre o uso de **the* e *a* em contextos específicos singulares, entre o uso de **the* e $\emptyset$ em contextos específicos plurais. Os falantes japoneses, como um grupo, flutuam entre a

interpretação de *the* como marcador de definitude ou especificidade. Pelo contrário, os falantes gregos predominantemente escolhem *the* e *a* para marcar determinação/indeterminação. Isto sugere que a flutuação não é um fenómeno geral da L2. Os falantes de L1 que usam o artigo para marcar a definitude parecem estabelecer muito cedo que o artigo em inglês marca a definitude. O facto de os falantes japoneses manifestarem uma forma de flutuação semelhante à dos russos e coreanos consolida a declaração de Ionin *et al.* (2004), isto é os falantes de línguas [-art] passam por uma fase de desenvolvimento que permite uma opção que não é oferecida nem pela L1 nem pela L2. Mas os resultados individuais não revelaram o fenómeno de flutuação. As conclusões tiradas são as seguintes: as ILG são derivadas da UG. Neste caso, os falantes têm acesso ao inventário de traços interpretáveis que incluem [$\pm$ def], e [$\pm$ esp], e a uma organização de representações gramaticais que envolve inserção tardia¹⁴². As ILG dos falantes japoneses diferenciam-se das gramáticas dos falantes nativos porque eles identificaram traços diferentes como relevantes tanto na especificação de itens lexicais que entram em computações sintáticas, como na especificação dos contextos de inserção de exponentes fonológicos no vocabulário. Como os aprendentes podem não ter gramáticas do estado final, é possível que a exposição futura ao inglês os conduza a determinar que apenas [$\pm$ def] é relevante para o artigo em inglês. Os falantes gregos, por terem transferido a propriedade da definitude da sua L1, não encontraram evidência em inglês que os conduza a alterar esta representação, e continuavam a identificar [$\pm$ def] como traços únicos relevantes. Hawkins *et al.* (2006) assumiram que os traços [$\pm$ def] e [$\pm$ esp] não estão gramaticalizados em japonês, e os falantes têm acesso a eles directamente do inventário da GU. A proposta aqui feita está consistente com a GU e

¹⁴² A tradução de “late insertion”

segue uma organização da gramática em que os expoentes fonológicos são separados dos itens lexicais manipulados por operações sintáticas, como na DM.

Tendo em vista testar a FH proposta por Ionin *et al* (2003a, 2003b, 2004), Snape *et al.* (2006) recorreram a vários estudos já feitos. Um estudo semelhante foi conduzido por Ting (2005) no qual foram incluídos 8 chineses (falantes de mandarim) e espanhóis, tendo descoberto que, ao contrário dos japoneses, os chineses não flutuam entre a definitude e a especificidade em contextos [-def, +esp] e [+def, -esp]. De facto, a ultrageneralização de *a* é encontrada inesperadamente em contextos [+def, +esp]. Os espanhóis não flutuam em quaisquer contextos predicados. Coll (2005) usou a mesma tarefa de eliciação forçada que Hawkins *et al.* usaram em 2006 e descobriu que os aprendentes chineses de nível intermédio flutuam entre a definitude e a especificidade como previsto e ultrageneralizam *the* em contextos [-def, +esp] singulares (27.5%) e plurais (47.5%). Mas a ultrageneralização é encontrada também em contextos [-def, -esp] plurais (27.5%), e não em contextos [-def, -esp] singulares. Isto não está previsto sob a FH porque a ultrageneralização de *the* está prevista apenas em contextos [+esp] singulares e plurais. Karafistan (2005) utilizou a mesma tarefa de eliciação forçada com os falantes turcos e descobriu que os aprendentes de nível superior e intermédio flutuam entre os traços [$\pm$ def] e [$\pm$ esp] e ultrageneralizam *the* em contextos [-def, +esp] singulares e plurais. Gürel (2005) também examinou o uso do artigo por aprendentes turcos em fase final de aprendizagem e encontrou muito pouca flutuação numa tarefa semelhante de eliciação forçada. Reid *et al.* (2006) testaram 14 japoneses e 9 espanhóis numa tarefa de eliciação forçada, verificando que os japoneses flutuam entre a definitude e a especificidade em contextos [-def, +esp] e [+def, -esp]. Os espanhóis tiveram desempenho idêntico aos ingleses nativos. Perante este fenómeno do desempenho

distanciado dos falantes de L1 diferentes, Snape *et al.* observaram que “isso é surpreendente, dado que, tradicionalmente, os linguistas agrupam todas as línguas que têm o sistema de artigos sob o mesmo guarda-chuva e as implicações para a SLA, independentemente de um quadro teórico, são que os alunos de L2 inglês que falam qualquer língua que não tenha o sistema de artigos como a sua L1 enfrentariam, essencialmente, os mesmos problemas de omissão e comissão na aquisição do sistema de artigo em inglês...”¹⁴³ e ofereceram uma solução possível “baseada na gramaticalização e na transferência, como uma tentativa para explicar a observação interessante”¹⁴⁴(2006:138).

Em 2008, Ionin *et al.* descobriram no seu estudo que os falantes de espanhol mostram uma exactidão muito mais elevada na sua escolha do artigo do que os russos. É evidência empírica muito clara de que a transferência de L1 opera em todos os níveis da semântica do artigo.

Além dos trabalhos realizados pelos próprios Snape (2006) e Balde (2011) acima referidos, os mesmos autores também fizeram um apanhado, nos seus trabalhos, de estudos que tentariam confirmar a mesma hipótese. Ainda, Mayo e Hawkins (2009) compilaram um livro em que se juntam alguns trabalhos a testar e avaliar a FH. Partindo das fontes de Snape (2006)(a), de Mayo e Hawkins (2009) (b) e de Balde (2011) (c), fizemos um quadro em que resumimos alguns estudos já feitos com o objectivo de investigar a flutuação na escolha do artigo L2.

¹⁴³ A tradução de “*this is surprising, given that traditionally linguists have grouped all articles languages under the same umbrella and the implication for SLA irrespective of a theoretical framework has been that learners of L2 English who speak any articleless language as their L1 would essentially face the same problems of omission and commission in the acquisition of the English article system...*” (Snape *et al.*, 2006:138)

¹⁴⁴ A tradução de “*based on grammaticalization and transfer, as an attempt to explain the interesting observation*” (Snape *et al.*, 2006:138).

Quadro 10 – Estudos feitos em função da Hipótese da Flutuação

Ano	Autores	Infor- mantes	L1 [<u>±</u> art]	Achados	Confirmação da FH ¹⁴⁵
2004	Ionin, Ko e Wexler	russo coreanos	russo [-art] coreano [-art]	Os aprendentes russos e coreanos de inglês L2 ultrageneralizaram <i>the</i> mais com [+esp] do que [-esp] indefinidos e <i>a</i> mais com [-esp] do que [+esp] definidos. É verificado o facto de a ultrageneralização de <i>the</i> com indefinidos e <i>a</i> de <i>a</i> com definidos estarem relacionadas.	+
2005 (a)	Ting	chineses espanhóis	chinês [-art] espanhol [+art]	Os falantes espanhóis dos grupos intermédios e avançados não flutuaram entre a definitude e a especificidade porque os mesmos transferem a semântica do artigo da sua L1. Os falantes chineses omitiram mais artigos em contextos obrigatórios do que generalizaram <i>a</i> em [-esp] e <i>the</i> [+esp].	+/-
2005 (a)	Coll	chineses	chinês [-art]	Os resultados indicam que os falantes chineses do grupo intermédio ultrageneralizaram <i>the</i> em contextos [-def, +esp] singular e plural, e [-def, -esp] plural, pelo que foi confirmada parte da hipótese por <i>the</i> apenas ser ultrageneralizado em contextos [+esp] singular e plural.	+/-
2005 (a)	Karafistan	turcos	turco [-art]	Os aprendentes turcos do nível intermédio/avançado flutuam entre os traços [+def] e [+esp] e ultrageneralizaram <i>the</i> em contextos [-def, +esp] singular e plural.	+
2005 (a)	Gürel	turcos	Turco [-art]	Os aprendentes turcos do estado final mostraram muito pouca flutuação.	-
2006 (c)	Snape, Leung e Ting	chineses, japoneses e espanhóis	espanhol [+art] chinês [-art] japonês [-art]	Os dados de sujeitos de japonês L1 e de espanhol L1 vão ao encontro da Hipótese de Flutuação. Enquanto os falantes de espanhol têm desempenho semelhante aos falantes nativos de inglês, os falantes de japonês têm uso abusivo do <i>the</i> em contextos [-def, +esp] e <i>a</i> em contextos [+def, -esp]. Os falantes de chinês L1 não mostram o padrão de flutuação.	+/-
2006 (a)	Hawkins <i>et al.</i>	gregos	grego [+art]	Não há flutuação com os aprendentes gregos de inglês porque a transferência ultrapassa a flutuação.	+

¹⁴⁵ Nesta coluna é marcada através dos sinais a confirmação ou não da Hipótese de Flutuação de Ionin *et al.* (2004). Por exemplo, + significa a confirmação total; +/- representa a confirmação parcial e, - mostra a discordância com a hipótese.

2006 (a)	Hawkins <i>et al.</i>	japoneses	japonês [-art]	Os aprendentes japoneses de nível intermédio em inglês flutuaram entre a definitude e a especificidade em contextos [-definido, +específico] singular e plural contável.	+
2006 (a)	Reid <i>et al.</i>	japoneses espanhóis	japonês [-art] espanhol [+art]	Os japoneses flutuaram entre a definitude e a especificidade em contextos [-definido, +específico] e [+definido, -específico]. Os espanhóis desempenharam da mesma maneira como ingleses nativos.	+
2006 (a)	Snape	japoneses espanhóis	japonês [-art] espanhol [+art]	Os japoneses flutuaram entre a definitude e a especificidade, tendo ultrageneralizado <i>the</i> em contextos [-definido, +específico] e <i>a</i> em [+definido, -específico]. Os espanhóis não flutuaram.	+
2008 (c)	Ionin, Zubizarreta e Maldonado	espanhóis russos	espanhol [+art] russo [-art]	Os sujeitos de russo L1 flutuam entre a definitude e a especificidade, isto é, ultrageneralizaram <i>the</i> em contextos [-def, +esp] e <i>a</i> em contextos [+def, -esp], enquanto os de espanhol L1 transferem os valores paramétricos da L1 para a L2.	+
2009 (b)	Mayo	espanhóis	espanhol [+art]	Os espanhóis escolhem <i>the</i> para marcar a determinação e <i>a</i> para indeterminação. A transferência ultrapassa a flutuação.	+
2009 (b)	Kim e Lakshmanan	coreanos	coreano [-art]	Na primeira fase, os falantes coreanos de inglês codificam apenas a especificidade. No intermédio, a flutuação entre os dois valores do ACP aparece. Os aprendentes da fase avançada e os nativos baseiam-se somente na definitude.	+
2009 (b)	Sarko	sírios franceses	sírio [+art] francês [+art]	Não há flutuação dentro dos dois grupos de informantes entre dois estabelecimentos do ACP porque os informantes fazem a transferência das suas L1.	+
2009 (b)	Tryzna	poloneses chineses	chinês [-art] polaco [-art]	A <i>performance</i> dos chineses no uso do artigo não como nativos corresponde à FH. Ao contrário, o caso de polacos não está consistente com a hipótese.	+/-
2011 (c)	Baldé	russos	russo [-art]	Os falantes russos flutuam entre a definitude e a especificidade e existe uma maior dificuldade nos contextos de uso do AI do que nos de uso do AD.	+

Na sequência das informações que constam do quadro 10, descobrimos que a FH foi confirmada na maioria dos trabalhos. Um dos casos que representa a contradição relaciona-se com os informantes turcos, polacos e chineses (excepto os informantes chineses de Tryzna, 2009), o que, neste sentido, fornecerá uma referência muito valiosa para o presente estudo pelo facto de os nossos informantes serem de língua materna chinesa (cantonense e mandarim).

Em resumo, encontram-se principalmente duas perspectivas no que respeita aos problemas ligados à aquisição do artigo. Por um lado, a atenção é dada à natureza da gramática em si. Esta corrente é representada por Smith e Tsimpli (1995) e Hawkins e Chan (1997), que defendem o Acesso Parcial à GU e a impossibilidade de refixação do traço D que não está instanciado na L1 dos aprendentes. Há um défice sintáctico nas ILG, o que é proposto na FFFH. Haznedar e Schwartz (1997), Prévost e White (2000), e Lardiere (1998, 2000) representam outro grupo, considerando que, apesar de não haver categoria funcional projectada D na L1, os aprendentes de L2 conseguem adquirir esta categoria. Trata-se da defesa do Acesso Total à GU (Schwartz e Sprouse, 1996). No entanto, isto não significa que esta categoria seja totalmente adquirida ou que não haja barreiras na sua aquisição. Uma possibilidade proposta é a MSIH que constrói uma razão para explicar a falha na aquisição de SD, que é resultado de um problema de interface, ou seja, impossibilidade de mapeamento entre a representação morfológica e o traço abstracto, reflectindo a existência de dificuldades no uso de conhecimento subjacente. Além disso, Ionin *et al.* (2003a, 2003b, 2004) propõem a FH, uma outra possibilidade para explicar esta falha, que, segundo este ponto de vista, resulta da flutuação entre diferentes estabelecimentos paramétricos.

4.3 Proposta de hipóteses para o presente estudo

Finalizado um capítulo sobre a literatura dos estudos na área da aquisição do artigo L2 e uma descrição de hipóteses significativas para esta área, propomos as nossas hipóteses para o presente estudo que focaliza a aquisição do artigo em português por aprendentes chineses que têm a L1 [-art].

H1. Os aprendentes chineses têm muita dificuldade na aquisição do artigo e a sua aquisição é influenciada pela L1 [-art], isto é, a omissão do artigo é evidente;

H2. Existe a ultrageneralização do AD. Há evidência para o fenómeno de “direccionalidade”, isto é, os aprendentes são mais correctos no uso do AD do que no do AI.

H3. O AD é adquirido com mais facilidade e certos contextos linguísticos do AD são mais fáceis do que outros casos.

H4. A aquisição do AI é problemática, especialmente em certos contextos linguísticos e os informantes confundem muitas vezes o uso entre o AI e o AN.

H5. O traço [±concreto] é significativo para a aquisição do artigo e os aprendentes de L2 tendem para o uso do AD antes de nomes mais concretos.

H6. Há um efeito entre a aquisição do artigo e o traço [±contável].

H7. O factor da posição favorece a escolha do AD.

H8. Certas categorias na estrutura interna do SD favorecem o uso do artigo.

H9. Certas categorias na estrutura externa do SD são primordiais para a

aquisição do artigo.

H10. Os aprendentes chineses usam o artigo incorrectamente nos contextos [+def, -esp] e [-def, +esp]; A FH é universal e aplicável ao caso da aquisição do artigo em português por aprendentes chineses.

H11. As experiências e *background* educacional dos aprendentes chineses contribuem para a aquisição do artigo em português.

* * * * *

Propostas onze hipóteses para se avaliarem, iremos descrever, no próximo capítulo, a metodologia pela qual procedemos ao nosso estudo, construindo os nossos dados pelos quais estudamos como o uso do artigo é influenciado por múltiplas variáveis linguísticas e não linguísticas. No processo de se revelar o desempenho dos informantes chineses no uso do artigo em português e de se evidenciarem as características das ILG que os mesmos possuem, tentaremos confirmar a validação das nossas hipóteses propostas e por conseguinte, provar as hipóteses amplamente aplicadas na área da ASL no que respeita à possibilidade de restabelecimento de traços paramétricos.

Capítulo 5 Metodologia

Tendo sido definidas as hipóteses específicas para o presente estudo, com base na leitura dos trabalhos e das experiências concretizadas na respectiva área, este capítulo começa com a abordagem das propriedades da *interlíngua*, pela qual se evidencia a importância de dados recolhidos junto de aprendentes de L2 para o estudo da ASL. Em seguida, apresenta-se o método aplicado para se proceder ao respectivo estudo. Mais ainda, damos a descrição dos informantes e das experiências em que aplicámos as nossas tarefas, como também a caracterização dos dados obtidos a partir dessas experiências. A última parte do capítulo é composta pela constituição das variáveis dependentes e independentes, o que contribui para responder à questão de como os aprendentes chineses adquirem o artigo em português.

5.1 *Interlínguas*, variação e aplicação de métodos quantitativos em estudos da aquisição de segunda língua

Sabemos que, ao longo da aquisição de uma L2, os aprendentes constituem gradualmente um sistema linguístico próprio que não é da L1 nem da LA, o qual manifesta a sua fase do desenvolvimento e uma competência transitória. Selinker (1992) tratou este sistema como *interlíngua*. Assim, a hipótese de *interlínguas* assume que as *interlínguas* são línguas naturais e mostram a sua sistematicidade durante todo o seu desenvolvimento. As *interlínguas* reflectem as tentativas dos aprendentes para construir um sistema linguístico que progressivamente se aproxima

do sistema-alvo. Por definição, as *interlínguas* são incompletas, intermédias e encontram-se num estado de fluxo. Como originalmente concebidas, as *interlínguas* são produtos de interacção entre dois ou mais sistemas linguísticos. Esta característica das *interlínguas* conduz-nos a supor que certos traços da L1 e da L2 se manifestam nas *interlínguas*. Muitos trabalhos repetidamente confirmam que o conhecimento da L1 desempenha um papel maior na constituição das gramáticas *interlingues* (ILG) (Yip, 1995:11).

Adjemian (1976, *apud* Yip, 1995:11 e 14) refinou a Hipótese de *Interlínguas* e esboça um número de características importantes das *interlínguas*. A primeira é a sistematicidade, o que segue a hipótese de que as *interlínguas* são línguas naturais. Como outras línguas naturais, têm estruturas internamente coerentes e são acessíveis à análise linguística sistemática. O sistema das *interlínguas* é definido como “uma relação hipotética entre as formas *interlingues* e os contextos em que ocorrem, a qual pode ser explicitamente determinada e reduzida a regras”¹⁴⁶ (Young, 1996:16); a segunda propriedade da *interlíngua* é a permeabilidade da gramática a desenvolver. A permeabilidade refere-se à susceptibilidade da *interlíngua* à infiltração pelas regras ou formas da L1 e da L2. Diferentes de outras línguas de adultos que têm essencialmente um estado final estável e são relativamente impenetráveis a outros sistemas linguísticos, as *interlínguas* estão constantemente sujeitas a um número de forças de colisão. As regras e as formas de LA podem ser adquiridas parcialmente ou generalizadas impropriamente enquanto a língua nativa permeia a *interlíngua* emergente em vários níveis; A terceira propriedade da *interlíngua* é a fossilização: a persistência do planalto de competência não-como-nativo numa *interlíngua*. Uma vez que a sua permeabilidade é perdida, os traços de uma *interlíngua* tornam-se

¹⁴⁶ A tradução de “a hypothetical relationship between interlanguage forms and the contexts in which they occur which may be explicitly stated and reduced to rule” (Young, 1996:16)

sujeitos à fossilização.

No desenvolvimento de uma *interlíngua*, verificam-se muitos erros que se fossilizam, o que causa a estagnação *da interlíngua*. O termo “fossilização” foi apresentado pela primeira vez por Selinker em 1972 (Long, 2003:487-488), com o objectivo de explicar certo insucesso relativo no processo de aquisição de L2, em comparação com o da aquisição de L1. Nesta perspectiva, o estado final é visto como uma gramática que difere da gramática da LA na medida em que apresenta retenção permanente de formas desviantes, apesar da oportunidade que o falante tem para melhorar o seu desempenho. Kim (2005:88) mencionou a discussão de Selinker, transcrevendo que a fossilização geralmente se refere à interrupção de aprendizagem ou a uma forma que está estabelecida na *interlíngua* do aprendente de uma L2 como um desvio da norma da LA. Por causa da dificuldade em determinar quando a aprendizagem pára, frequentemente a fossilização é definida como estabilização de formas linguísticas. Do ponto de vista de Selinker, a fossilização “é um mecanismo cuja existência é assumida na estrutura psicológica latente...”¹⁴⁷ (1972:215, *apud* Long, 2003:488). Então, para Long (2003), não é fácil testar a fossilização, uma vez que envolve a identificação dos domínios do discurso de cada aprendente. Sob o olhar de Selinker (Long, 2003:515), a situação será agravada quando o processo de fossilização é restringido por propriedades da L1, mas que se manifesta idiossincraticamente ao nível individual. Isto significa que não é suficiente a observação feita em todos os contextos de uso quando se estuda a fossilização de um determinado aspecto linguístico, tal como o mesmo autor citou num estudo conduzido por Lin em 1995 (*apud* Long 2003:493), no qual o investigador chegou à conclusão de que, para a explicação do fenómeno da fossilização, eram importantes

¹⁴⁷ A tradução de “was a mechanism which is assumed also to exist in the latent psychological structure....” (1972:215, *apud* Long, 2003:488)

factores como o tempo disponibilizado para a aprendizagem da LA, o interesse e o estudo da L2, o nível de escolaridade, a aptidão, a distância social e psicológica e ainda as necessidades comunicativas.

Então, o estudo de *interlínguas* visa descobrir o processo como os aprendentes de línguas processam a informação da L2 que estão a aprender e determinar propriedades sistemáticas que não revelam semelhanças óbvias quer com a língua materna quer com as outras línguas que o aprendente conhece.

No entanto, as *interlínguas* também são instáveis, no sentido em que são sistemas em processo de mudança. Por isso, são caracterizadas por alto grau de variação. Young afirma que “a língua da maioria dos alunos está num estado constante de mudança ou de desenvolvimento, aparentemente longe da L1 e em direcção ao alvo”¹⁴⁸ (Young, 1991:7). Antigamente, as diferenças entre a *performance* de aprendentes de L2 e a de falantes nativos eram atribuídas, tradicionalmente, à interferência ou transferência da L1. Os estudos mais recentes mostram que a variabilidade tem outras fontes e causas além da influência interlinguística. Com a introdução do conceito de *interlíngua*, os sistemas variáveis em desenvolvimento dos aprendentes no processo de aquisição de L2, marcou-se uma mudança paradigmática importante no campo de ASL.

Então, as variações encontradas na língua de aprendentes são, de facto, sistemáticas. Desde que esta proposição foi avançada em 1969 por Selinker, muitos trabalhos têm sido elaborados em várias áreas para descrever e analisar variações em *interlínguas*¹⁴⁹ a partir de diferentes perspectivas.

¹⁴⁸ A tradução de “most learners’ language is in a constant state of change or development, apparently away from the L1 and toward the target” (Young, 1991:7).

¹⁴⁹ Young (1991:1) menciona estudos feitos no que respeita à variação na pragmática de *interlíngua* (p.e. Johns-Lewis e Skelton, 1987; Samuda e Rounds, 1987; Wildner-Bassett, 1987), sintaxe de

Uma abordagem que tem tido influência considerável no estudo de ASL adota o paradigma de Labov¹⁵⁰ (Preston, 1996: 2). Godinho (2005:61) refere que a investigação no âmbito da sociolinguística quantitativa, na linha de Labov (1966, 1970, 1972), identifica a influência de factores internos e externos na ocorrência de variáveis fonológicas. A explicação que Labov apresenta é a de que existem diversos factores intervenientes na actividade linguística que são responsáveis pela variação nas ocorrências. Os factores externos, os sociais (classe social, idade, género, sexo, nível de escolaridade, etc.), podem justificar as diferenças na produção linguística dos falantes, bem como os factores internos que se relacionam directamente com causas de natureza puramente linguística. Young (1996:14) afirma que “o contexto de expressão deve ser descrito exhaustivamente, de tantas dimensões sociais quanto possível. Uma vez que tem sido afirmado que algumas dessas dimensões sociais afectam a variação no discurso, é necessário controlar o maior número dessas dimensões quanto possível em trabalhos futuros.”¹⁵¹

Por isso, no paradigma de Labov, os métodos quantitativos, ajudam a traçar um panorama rigoroso do grau de sistematicidade da *interlíngua* dos aprendentes. A aplicação das técnicas quantitativas de análise sociolinguística para a *performance* de aprendentes de L2 pode ser usada para resolver ambos os problemas práticos e teóricos.

Assim, o contexto situacional e o ambiente linguístico são altamente

interlíngua (p.e. Adamson, 1989; Eisenstein e Starbuck, 1989), morfologia de *interlíngua* (p.e. Bartelt, 1989; Ellis, 1987; Tarone, 1985; Young, 1986) e fonologia de *interlíngua* (p.e. Berkowitz, 1989; Stølen, 1987; Weinberger, 1987).

¹⁵⁰ O outro paradigma importante que o autor menciona no mesmo estudo (Preston, 1996:14) chama-se “paradigma dinâmico”, também “teoria de onda”. A partir deste ponto de vista, a variação sincrónica de língua é vista como um sub-produto da propagação das mudanças das regras ao longo do tempo.

¹⁵¹ A tradução de “the context of speech should be described thoroughly, from as many social dimensions as possible. And since it has been claimed that some of those social dimensions affect variation in speech, it is necessary to control for as many of those dimensions as possible in future work” (Young, 1996:14).

significativos na predição da produção da variável das *interlínguas* dos informantes. Recorrendo à posição que Young adopta no seu estudo (1996:16), o próprio objecto de pesquisa *interlíngue* é o discurso situado dos alunos de segunda língua e os contextos em que esse discurso ocorre.¹⁵²

É esta posição que adoptamos para o nosso estudo. Com base nos dados resultantes do uso da língua pelos nossos informantes, vamos discutir como as variáveis linguísticas em estudo são influenciadas por vários factores do contexto situacional (por exemplo, sexo, idade, línguas que domina, competência linguística, experiência de vivência em ambiente linguístico...) e do contexto linguístico (por exemplo, posição sintáctica, propriedades de palavras, palavra que precede, contexto de uso...), que constroem múltiplas variáveis independentes. Para auxiliar o tratamento e a análise dos dados, recorreremos ao SPSS, um programa computacional de análise multivariada estruturado para acomodar dados de variação e para calcular as probabilidades para cada factor.

5.2 Processo da recolha dos dados

O nosso estudo é composto por duas experiências. Na primeira, os dados são recolhidos em dois ambientes naturais com o objectivo de contribuir para fornecer evidências para todas as hipóteses propostas no capítulo anterior. A segunda experiência é um estudo feito num ambiente relativamente mais controlado com a finalidade principal de dar mais provas para revelar o uso do AD e do AI em português, e também testar uma das hipóteses propostas, feita ao abrigo da FH.

¹⁵² A tradução de “*the proper object of interlanguage research is the situated speech of second language learners and the contexts in which that speech occurs*” (Young, 1996:16).

Tendo em consideração que o presente estudo se incluía no projecto global coordenado pelo Professor Doutor Alan Baxter e pela Doutora Ana Paula Cleto Godinho, uma parte dos *corpora* são os que foram recolhidos em entrevistas em períodos distintos para o projecto global. Os restantes dados foram recolhidos através de entrevistas, composições e exercícios de tarefa de elicitación forçada. Os informantes envolvidos no estudo eram alunos chineses que frequentavam o Curso de Licenciatura em Estudos Portugueses ministrado pelo Departamento de Português da Universidade de Macau e que preencheram na altura um impresso em que incluíram informações de carácter social (ano de estudo, nome, sexo, idade, naturalidade, profissão, conhecimentos de línguas estrangeiras), e também experiências ligadas ao seu estudo (Anexo I)

Quadro 11 – Informações pessoais dos informantes (Anexo I)

Anexo I – Ficha Informativa

Informações Pessoais dos Informantes

1. Ano de estudo: ☐ 2º ano da universidade
☐ 4º ano da universidade

2. Nome: _____

3. Número de telefone: _____

4. Data de nascimento: _____

5. Lugar de nascimento: _____

6. Sexo: ☐ M ☐ F

7. Estado civil: _____

8. Nacionalidade: _____

9. Escola secundária: _____

10. Profissão: _____

11. Língua materna: ☐ cantonês ☐ mandarim
☐ outras (indique qual? _____ (região original da China))

12. Línguas estrangeiras: ☐ português ☐ inglês
☐ outras (indique quais? _____)

13. Estada em Portugal: ☐ sim ☐ não. Se sim, quanto tempo? _____

Além de os informantes serem todos alunos do curso de português, têm todos chinês como L1 (cantonense e mandarim). Para a análise da variação no uso de artigos, foram tidos em conta os conhecimentos prévios de português, por exemplo, se eles andaram em escolas secundárias onde o português era uma disciplina obrigatória. Também se inclui no impresso um item para se perguntar se os informantes possuíam experiência de vivência em Portugal. Queríamos avaliar até que ponto uma maior exposição à LA podia influenciar o uso de artigos.

5.2.1 A primeira experiência

Esta experiência é construída por duas tarefas: uma é a tarefa de recontar por escrito a parte inicial de um filme e a outra é uma entrevista informal.

5.2.1.1 Tarefa de recontar por escrito um filme

A primeira tarefa envolve trinta e dois alunos do 2º ano do curso¹⁵³, e trinta e sete alunos do 4º ano do curso. Depois de ver a parte inicial do filme mudo de Chaplin intitulado “*Limelight*” (até aos 6m58seg), os alunos escreveram um texto em que descreveram a cena do filme, deram um fim à história e responderam a perguntas tais como, porque é que acha que a rapariga se tentou suicidar; o que é que acha que aconteceu depois de o médico sair, etc.

¹⁵³ Os alunos do Curso de Licenciatura em Estudos Portugueses da Universidade de Macau têm ±400 horas de português anualmente.

Anexo II – Tarefa – Recontar um Filme

**Recontar por escrito a parte inicial do filme de Chaplin
Intitulado “Limelight” - até aos 6m58seg**

Nome: _____ Ano: _____ Data: _____

1. Observe a cena do filme e descreva-a pormenorizadamente
2. Porque é que acha que a rapariga se tentou suicidar?
3. O que é que acha que aconteceu depois de o médico sair?
4. Finalmente, dê um fim a esta história.

Reúna todas as informações num só texto.

Toda a tarefa é realizada em duas ocasiões (uma com os alunos do 2º ano e a outra com os do 4º ano) dentro de uma hora e meia. Os dados recolhidos nesta tarefa são considerados dados escritos. O guião da tarefa encontra-se no Anexo II.

5.2.1.2 Tarefa de entrevista individual

A segunda tarefa envolve trinta e um alunos do 2º ano do curso, e vinte alunos do 4º ano do curso. A estes aprendentes foram dadas entrevistas um pouco diferentes. Para os alunos do 2º ano, as perguntas foram dirigidas sobre o seu estudo na UM, o papel do português em Macau, diversos aspectos da cidade de Macau. No

final, foi feita uma tarefa de recontar resumidamente uma banda desenhada. A duração total da entrevista era de trinta e cinco a quarenta minutos.

Quadro 13 – Lista com as perguntas dirigidas aos alunos do 2º ano na primeira entrevista (Anexo III)

Anexo III – Tarefa – Entrevista Individual 1

(Alunos do 2º ano do Curso da Licenciatura em Estudos Portugueses)

1. O que é que acha de estudar aqui na Universidade. Quais foram as suas primeiras impressões? Que tipo de problemas é que teve no início?
2. Gosta dos seus colegas da Universidade? Como é que eles são?
3. O que é que o levou a começar a estudar português? Quais são os seus objectivos profissionais?
4. Qual é a importância para as pessoas de Macau falarem português?
5. Macau está a desenvolver-se muito na área do turismo e do jogo. De facto, o que pensa do futuro de Macau?
6. Quais são as vantagens e as desvantagens do desenvolvimento do jogo em Macau para o mercado de trabalho e para a sociedade em geral? O que é que pode dizer sobre isso?
7. O que acha que é preciso fazer em Macau para melhorar a qualidade de vida da população nos campos da saúde, trabalho, transportes, segurança, lazeres, educação, cultura, desporto, turismo.
8. Banda desenhada. Conte a história.

Com os indivíduos do 4º ano, numa conversa individual com duração de quarenta a cinquenta minutos, falou-se sobre vários temas associados à sua vida, ao seu estudo e à cidade de Macau onde vivem. Antes de acabar a entrevista, ainda descreveram uma série de imagens contínuas.

Quadro 14 – Lista com as perguntas dirigidas aos alunos do 4º ano na segunda entrevista (Anexo IV)

Anexo IV – Tarefa - Entrevista Individual 2

(Alunos do 4º ano do Curso da Licenciatura em Estudos Portugueses)

1. Conte a sua vida de estudo em Portugal? Fale das aulas, da universidade onde andou, da residência, dos amigos, dos tempos livres, dos passeios que fez...
2. O que pensa fazer no segundo semestre? Prefere um projecto de investigação ou um estágio profissional? Explique porquê?
3. Você tem projectos para o futuro? Quais?

- 4.O que vai fazer para continuar a falar português?
- 5.O que é que você pensa sobre:
 - o ensino em Macau
 - o emprego
 - a saúde e a assistência médica
 - a ocupação dos tempos livres e lazer
 - os transportes (questão do metro)
 - a segurança
 - a preservação do ambiente em Macau
 - e outras questões ligadas à vida dos residentes de Macau?
- 6.Banda desenhada. Importa-se de contar a história?

Em todas as entrevistas tentou-se que a conversa fluísse o mais natural possível. Para que fossem construídos dados orais conseguidos em verdadeiros contextos discursivos, as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas.

Após a conclusão das tarefas, todos os SD contidos nas composições e nos textos transcritos das entrevistas foram codificados primeiro, e depois introduzidos no computador e tratados através do programa SPSS. Trata-se dos dados escritos e orais obtidos de forma relativamente menos controlada, sendo, porém, dados que reflectem o uso da LP pelos aprendentes chineses.

5.2.2 A segunda experiência

Considerando que normalmente é impossível testar, de forma equilibrada, todos os contextos de que os investigadores necessitam para seus estudos nos dados produzidos por informantes em ambientes naturais, foi ainda realizada uma tarefa de elicitación forçada em que os alunos preencheram lacunas com uma das possibilidades dadas, significando isto que os aprendentes, perante este exercício, estavam mais conscientes no fornecimento de artigos.

5.2.2.1 Tarefa de elicitacão forçada

Esta é uma experiência realizada num ambiente relativamente mais controlado, com base na tarefa adoptada por Ionin *et al* em 2004. Os corpora recolhidos contribuirão, como mais uma prova, para verificar a última hipótese do presente estudo e outras hipóteses ligadas ao uso de AD e AI (Anexo V).

Quadro 15 – Exercícios de elicitacão forçada (Anexo V)¹⁵⁴

Anexo V - Tarefa – Elicitaco Forçada
Leia os seguintes diálogos e complete com um artigo definido ou um artigo indefinido
1.
Paulo: A Carla foi à festa do Samuel.
Aida: Ela divertiu-se muito?
Paulo: Acho que sim e vê lá que conheceu _____ (o / um) homem que trabalha na minha escola.
2. Numa galeria
Sara: Estás a ver aquela belíssima paisagem?
Maria: Sim. É um espanto!
Sara: Eu gostava de conhecer _____ (o / um) autor deste quadro. Infelizmente, nem faço ideia de quem ele é. O quadro não está assinado.
3.
Cátia: A minha filha Joana adora aquela série “Morangos com Açúcar”.
Lara: Então, ela está com sorte! Amanhã, vou almoçar com _____ (o / um) realizador da série. É meu amigo. Queres um autógrafo dele?
...

Ionin *et al.* (2004) explicaram por que razão adoptaram para o seu estudo uma tarefa de elicitacão forçada em que os aprendentes são obrigados a fazer uma escolha entre *a*, *the* e o AN. “Este formato permitiu aos investigadores o controlo máximo sobre os contextos: podemos controlar se um contexto dado era definido ou

¹⁵⁴ Apresentam-se apenas algumas das frases seleccionadas.

indefinido, específico ou não específico, e podemos subsequentemente examinar a performance de aprendentes L2 em todos os tipos de contexto”¹⁵⁵ (Ionin *et al*, 2004:21).

A tarefa foi conduzida juntamente com cinquenta e dois alunos do 2º ano do curso e de trinta e seis alunos do 4º ano do curso. Onze nativos portugueses, todos professores de português, também participaram na tarefa. Os informantes preencheram as lacunas com AD e AI portugueses em quatro contextos pré-nominais classificados em termos dos traços binários $[\pm\text{def}]$ e $[\pm\text{esp}]$, isto é, $[+\text{def}, +\text{esp}]$, $[+\text{def}, -\text{esp}]$, $[-\text{def}, +\text{esp}]$, $[-\text{def}, -\text{esp}]$, e também em doze contextos ainda mais especificados abaixo descritos, adaptados do modelo usado nos estudos de Ionin *et al*. (três contextos mais especificados de cada par de traços binários) (Quadro 16)

Quadro 16 – Doze contextos classificados em termos dos traços binários $[\pm\text{def}]$ e $[\pm\text{esp}]$ aplicados no presente estudo

$[\pm\text{def}]$	$[\pm\text{def}]$
1. $[\pm\text{esp}]$ Escopo largo, conhecimento do falante 2. $[-\text{esp}]$ Escopo estreito, sem conhecimento do falante 3. $[\pm\text{esp}]$ Sem escopo, conhecimento do falante 4. $[-\text{esp}]$ Sem escopo, sem conhecimento do falante 9. $[\pm\text{esp}]$ Definido da menção prévia 11. $[-\text{esp}]$ SN modificado por uma oração relativa, sem conhecimento do falante	5. $[\pm\text{esp}]$ Escopo largo, conhecimento do falante 6. $[-\text{esp}]$ Escopo estreito, sem conhecimento do falante 7. $[\pm\text{esp}]$ Sem escopo, conhecimento do falante 8. $[-\text{esp}]$ Sem escopo, sem conhecimento do falante 10. $[-\text{esp}]$ Indefinido da primeira menção 12. $[\pm\text{esp}]$ SN modificado por uma oração relativa, com conhecimento do falante

¹⁵⁵ A tradução de “This format allowed the investigators maximal control over the contexts: We could control whether a given context was definite or indefinite, specific or nonspecific, and could subsequently examine L2 learners’ performance in all of the context type” (Ionin *et al*, 2004:21).

5.3 Caracterização dos dados

Todos os dados foram organizados e enumerados. A tarefa de recontar por escrito a parte inicial do filme de Chaplin constitui os dados do *Corpus* I (escrito) e os dados obtidos nas entrevistas fazem parte do *Corpus* II (oral). Além disso, através da tarefa de elicitación forçada, temos os dados do *Corpus* III.

5.3.1 Dados da primeira experiência

Os informantes que forneceram dados do *Corpus* I são compostos por três grupos. O grupo 1 dos alunos (Set/05) começou o estudo na UM em Setembro de 2005. O grupo 2 (Set/06) começou o estudo na UM em Setembro de 2006. E o grupo 3 (Set/08) começou o estudo na UM em Setembro de 2008.

Dezasseis alunos do grupo 1 participaram na tarefa de recontar o filme, em Maio de 2007, quando estavam no 2º ano de estudo, e também dezasseis alunos do grupo 2 participaram na mesma tarefa, em Dezembro de 2007, quando estavam no 2º ano. Trinta e sete alunos do grupo 3 participaram também na mesma tarefa, em Novembro de 2011, quando estavam no 4º ano de estudo.

Dezassete alunos do grupo 1 participaram na primeira entrevista em Maio e Junho de 2007, quando estavam no 2º ano e dez do mesmo grupo participaram na segunda entrevista em Maio e Junho de 2009, quando estavam no 4º ano. Catorze alunos do grupo 2 participaram na primeira entrevista em Maio e Junho de 2008,

quando estavam no 2º ano e dez alunos do grupo 3 participaram na segunda entrevista, em Dezembro de 2011 e Janeiro de 2012, quando estavam no 4º ano.

Resumimos as informações supracitadas no seguinte quadro.

Quadro 17 – Número de alunos por cada ano e suas participações nas tarefas da primeira experiência

Tarefa	Ano de estudo	Número de alunos por cada ano	Período da realização da tarefa
Recontar o filme	2º ano	16 do grupo 1 (Set/05)	Maio de 2007
		16 do grupo 2 (Set/06)	Dezembro de 2007
	4º ano	37 do grupo 3 (Set/08)	Novembro de 2011
Entrevista	2º ano	17 do grupo 1 (Set/05)	Maio e Junho de 2007
		14 do grupo 2 (Set/06)	Maio e Junho de 2008
	4º ano	10 do grupo 1 (Set/05)	Maio e Junho de 2009
		10 do grupo 3 (Set/08)	Dezembro de 2011 e Janeiro de 2012

Os SD foram identificados com números. Por exemplo, o primeiro dado está enumerado com “001 1” em que os primeiros três dígitos 001 correspondem ao número do informante, e o resto dos números ao número de dados que este informante fornece. Deste modo temos 1394 dados escritos fornecidos pelos informantes do 2º ano, 1228 dados escritos pelos do 4º ano, 2168 dados orais fornecidos pelos informantes do 2º ano e 2120 dados orais pelos do 4º ano, cuja distribuição se encontra no quadro 16.

Quadro 18 – Distribuição dos dados escritos e orais por ano de estudo e número total de dados nas tarefas da primeira experiência

Número de dado	Tipo de dado	Ano de estudo	Número total de dados
001X ... 032X	<i>Corpus I</i>	alunos do 2º ano	1394
033X ... 069X	<i>Corpus I</i>	alunos do 4º ano	1228
070X ... 100X	<i>Corpus II</i>	alunos do 2º ano	2168
101X ... 121X	<i>Corpus II</i>	alunos do 4º ano	2120

Os dados do *Corpus I* e do *Corpus II* foram verificados por nós com apoio dos falantes nativos de modo a ser julgado o uso correcto ou desviado do artigo em português pelos aprendentes chineses. Sempre que foi encontrado um desvio no uso, o artigo correcto foi posto de lado.

Todos os SD identificados nos dados orais e escritos foram posteriormente codificados. No entanto, nem todos os SD foram codificados, sendo alguns excluídos dos *corpora*. São os seguintes os SD que não entram nos *corpora*:

- Os SD existentes em aforismo, provérbios e frases feitas porque o especificador costuma ser omissivo;
- Os SD cuja parte lexical é construída por nomes próprios¹⁵⁶, por exemplo, “a Primeira Guerra Mundial”;
- Os SD em expressões de tempo, por exemplo, “num dia de 1914”;
- Os topónimos, por exemplo, “Londres”;

¹⁵⁶ “Quando precede nomes próprios, o artigo definido não parece ser fundamental na operação de definitização e singularização: tal função é assegurada pelo nome próprio. Neste contexto, Longobardi, 1994, considera que se trata de um artigo expletivo.” Mateus *et al.* (2003: 214)

- Os SD que contêm demonstrativos, uma vez que os demonstrativos não podem co-ocorrer com o AD, por exemplo, “este assunto”;
- Os SD com quantificadores que exprimem a quantificação existencial “um/uns”, “algum/alguns” uma vez que este grupo de quantificadores ocorre em distribuição complementar relativamente aos artigos e demonstrativos (Mateus, 2003:357), por exemplo, “alguns medicamentos”, “muitos meninos”;
- Os SD que contêm a palavra “casa”, porque é um nome com demasiada frequência de ocorrência;
- Os SD que aparecem em orações estruturalmente muito erradas, por exemplo, “*o homem cheirou o gás”¹⁵⁷.
- As situações ambíguas, por exemplo, “...ou fazer ...fazer mal a ...sa...a nossa saúde”. (Neste caso, não é claro que “a” é uma preposição ou um artigo)

5.3.2 Dados da segunda experiência

A segunda experiência envolve, além do grupo 3, mais um grupo de alunos, o grupo 4 (Set/10) que começou a tirar o curso de português na UM em Setembro de 2010.

Trinta e seis alunos do grupo 4 participaram na tarefa de elicitación forçada da segunda experiência em Março de 2012, quando estavam no 2º ano, e cinquenta e

¹⁵⁷ O uso do verbo “cheirar”: a) A Maria cheirou uma flor (referência definida) e desmaiou. b) Ao homem cheirou gás (uso genérico).

dois do grupo 3 participaram na mesma tarefa em Março de 2012.

Resumimos as informações supracitadas no seguinte quadro.

Quadro 19 – Número de alunos por cada ano e suas participações na tarefa da segunda experiência

Tarefa	Ano de estudo	Número de alunos por cada ano	Período da realização da tarefa
Tarefa de elicitación forçada	2º ano	36 do grupo 4 (Set/10)	Março de 2012
	4º ano	52 do grupo 3 (Set/08)	Março de 2012

Todos os SD encontrados nesta experiência foram incluídos porque se trata dos dados recolhidos na tarefa de elicitación forçada. Também se encontram enumerados. O número “n 01 1” significa o dado número 1 do informante número 1 do grupo de falantes nativos. A primeira letra representa qual o grupo de informantes, e neste caso, “n” representa “nativo”, “i” representa “2º ano”, e “a” representa “4º ano”. Os primeiros dois dígitos correspondem ao número de informante e o resto dos números ao número de dado que este informante fornece. Deste modo temos 528 dados fornecidos pelo grupo de falantes nativos, 2496 dados pelos alunos do 2º ano e 1728 dados pelos do 4º ano, cuja distribuição se encontra no Quadro 20.

Quadro 20 – Distribuição dos dados da tarefa de elicitación forçada por ano de estudo e número total de dados na segunda experiência

Número de dado	Tipo de dado	Ano de estudo	Número total de dados
n01X ... n11X	<i>Corpus III</i>	Falantes nativos	528
i01X ... i52X	<i>Corpus III</i>	Alunos do 2º ano	2496
a01X ... a36X	<i>Corpus III</i>	Alunos do 4º ano	1728

Na segunda experiência, a participação dos falantes nativos é diferente. Desta

vez os nativos estão directamente envolvidos na mesma tarefa de eliciação forçada, preenchendo as lacunas com um AD ou um AI, como os alunos chineses. A escolha dos falantes nativos ajuda a perceber quais são os contextos definidos e quais os indefinidos em português L1. Com o apoio dos nativos, conseguimos excluir os dados “ambíguos” que pudessem causar quaisquer dúvidas. Ionin *et al.* explicaram a lógica deste processo: “porque estávamos interessados no uso do artigo inglês L2 em contextos definidos em oposição a contextos indefinidos e precisávamos de avaliar a escolha do artigo inglês L2 em contextos que eram inequivocamente definidos ou indefinidos para falantes nativos de inglês. Um contexto inequivocamente definido é aquele em que os falantes de inglês L1 colocam sempre *the*. Um contexto inequivocamente indefinido é aquele que os falantes de inglês L1 colocam sempre *a* (caso singular) ou omitem artigos (caso plural)”¹⁵⁸ (Ionin *et al.*, 2004:44).

Apresenta-se a seguir um quadro geral em que se incluem informações sociais dos alunos participantes das experiências e respectivas tarefas que envolveram.

Quadro 21 – Lista geral das informações dos alunos participantes e tarefas envolvidas

N.	Nome	Sexo	Estudo luso-chinês	Línguas estrangeiras	Contribuição para os dados					
					Corpus I		Corpus II		Corpus III	
					2º ano	4º ano	2º ano	4º ano	2º ano	4º ano
Grupo Um (início do estudo na UM em Setembro de 2005)										
1	Joana	F	n ¹⁵⁹	inglês/português	s ¹⁶⁰	n ¹⁶¹	S	s	n	n
2	Mafalda	F	n	inglês/português	n	n	S	s	n	n
3	Dora	F	n	inglês/português	s	n	S	s	n	n
4	Mariana	F	n	inglês/português/francês	s	n	S	n	n	n
5	Catarina	F	n	inglês/português	s	n	S	s	n	n

¹⁵⁸ A tradução de “because we were interested in L2 English article use in definite versus indefinite contexts, we needed to evaluate L2 English article choice in contexts that were unambiguously definite or indefinite for native English speakers. An unambiguously definite context is one in which L1 English speakers consistently put *a* (for singulars) or omit articles (for plurals)” (Ionin *et al.*, 2004:44).

¹⁵⁹ “n”, nesta coluna, significa que o informante não estudou em escolas luso-chinesas.

¹⁶⁰ “s”, nesta coluna, significa que o informante participou na tarefa.

¹⁶¹ “n”, nesta coluna, significa que o informante não participou na tarefa.

6	Gina	F	n	inglês/português	s	n	S	s	n	n
7	Zélia	F	n	inglês/português	s	n	S	s	n	n
8	Ivo	M	n	inglês/português	s	n	S	n	n	n
9	José	M	n	inglês/português	s	n	S	s	n	n
10	Samuel	M	n	inglês/português	s	n	S	s	n	n
11	Pedro	M	n	inglês/português	s	n	S	n	n	n
12	Rui	M	n	inglês/português	s	n	S	n	n	n
13	Tiago	M	n	inglês/português	s	n	S	s	n	n
14	António	M	s ¹⁶²	inglês/português	s	n	S	s	n	n
15	Sara	F	n	inglês/português	s	n	S	n	n	n
16	Lisa	F	n	inglês/português	s	n	S	n	n	n
17	Sofia	F	s	inglês/português	s	n	S	n	n	n
Grupo Dois (início do estudo na UM em Setembro de 2006)										
18	Vanda	F	n	inglês/português	s	n	S	n	n	n
19	Inês	F	s	inglês/português	s	n	S	n	n	n
20	Teresa	F	n	inglês/português	s	n	S	n	n	n
21	Natália	F	n	inglês/português	s	n	S	n	n	n
22	M.Estela	F	n	inglês/português	s	n	S	n	n	n
23	Pauline	F	n	inglês/português	s	n	S	n	n	n
24	Sílvia	F	n	inglês/português	s	n	S	n	n	n
25	Sofia	F	s	inglês/português	s	n	S	n	n	n
26	Estela	F	n	inglês/português	s	n	S	n	n	n
27	Cecília	F	n	inglês/português	s	n	S	n	n	n
28	Ivone	F	n	inglês/português	s	n	S	n	n	n
29	Clara	F	s	inglês/português	s	n	S	n	n	n
30	M.Inês	F	n	inglês/português	s	n	S	n	n	n
31	Isabel	F	n	inglês/português	s	n	S	n	n	n
32	Cristina	F	n	inglês/português	s	n	S	n	n	n
33	Inês K	F	n	inglês/português	s	n	N	n	n	n
Grupo Três (início do estudo na UM em Setembro de 2008)										
34	Eva	F	s	inglês/português	n	n	N	s	n	s
35	Jasmine	F	n	inglês/português	n	s	N	s	n	s
36	Júlio	M	s	inglês/português	n	s	N	n	n	n
37	Vasco	M	n	inglês/português	n	s	N	s	n	s
38	Melissa	F	n	inglês/português	n	s	N	s	n	s
39	Soraia	F	s	inglês/português	n	s	N	s	n	s
40	Emília	F	s	inglês/português	n	s	N	s	n	s
41	Rebeca	F	n	inglês/português	n	s	N	n	n	s
42	Flávio A	M	n	inglês/português	n	s	N	s	n	s
43	Gustavo	M	n	inglês/português	n	s	N	s	n	s
44	Mariana	F	n	inglês/português	n	s	N	s	n	s
45	Cristina	F	n	inglês/português	n	s	N	s	n	s
46	Margarida	F	n	inglês/português	n	s	N	n	n	s
47	Cecília	F	n	inglês/português	n	s	N	n	n	s
48	Raimundo	M	n	inglês/português	n	s	N	n	n	s
49	Flávio B	M	n	inglês/português	n	s	N	n	n	s
50	Vanessa	F	s	inglês/português	n	s	N	n	n	s
51	Fernanda	M	n	inglês/português	n	s	N	n	n	s
52	Clara	F	s	inglês/português	n	s	N	n	n	s
53	Sónia	F	n	inglês/português	n	s	N	n	n	s
54	Iva	F	s	inglês/português	n	s	N	n	n	s
55	Pedro	M	n	inglês/português	n	s	N	n	n	s
56	Leonor	F	n	inglês/português	n	s	N	n	n	s
57	Ângela	F	n	inglês/português	n	s	N	n	n	s
58	Catarina	F	n	inglês/português	n	s	N	n	n	s
59	Elvira	F	n	inglês/português	n	n	N	n	n	s

¹⁶² “s”, nesta coluna, significa que o informante estudou em escolas luso-chinesas.

60	Célia	F	n	inglês/português	n	s	N	n	n	s
61	Annie	F	n	inglês/português	n	s	N	n	n	s
62	Dora	F	n	inglês/português	n	s	N	n	n	s
63	Susana	F	n	inglês/português	n	s	N	n	n	s
64	Luísa	F	n	inglês/português	n	s	N	n	n	s
65	Regina	F	n	inglês/português	n	s	N	n	n	n
66	Isabel	F	n	inglês/português	n	s	N	n	n	s
67	Lina	F	s	inglês/português	n	s	N	n	n	s
68	Goreti	F	n	inglês/português	n	s	N	n	n	n
69	Jacinta	F	n	inglês/português	n	s	N	n	n	s
70	Rita	F	n	inglês/português	n	s	N	n	n	s
71	Afonso	M	n	inglês/português	n	s	N	n	n	s
72	Virgínia	F	n	inglês/português	n	n	N	n	n	s
73	Sara	F	n	inglês/português	n	s	N	n	n	n
Grupo Quatro (início do estudo na UM em Setembro de 2010)										
74	Cristina	F	n	inglês/português	n	n	N	n	s	n
75	Carolina C	M	n	inglês/português	n	n	N	n	s	n
76	Dalila	F	n	inglês/português	n	n	N	n	s	n
77	Carina	F	n	inglês/português	n	n	N	n	s	n
78	Catarina	F	n	inglês/português	n	n	N	n	s	n
79	Rita	F	n	inglês/português	n	n	N	n	s	n
80	Jordão	M	n	inglês/português	n	n	N	n	s	n
81	Júlio	M	n	inglês/português	n	n	N	n	s	n
82	Cátia	F	n	inglês/português	n	n	N	n	s	n
83	Elias W	M	n	inglês/português	n	n	N	n	s	n
84	Vera	F	n	inglês/português	n	n	N	n	s	n
85	Cláudia	F	n	inglês/português	n	n	N	n	s	n
86	Viviana	F	n	inglês/português	n	n	N	n	s	n
87	Margarida	F	n	inglês/português	n	n	N	n	s	n
88	Natália	F	n	inglês/português/ francês	n	n	N	n	s	n
89	Gomes	M	n	inglês/português	n	n	N	n	s	n
90	Carolina Ch	F	n	inglês/português	n	n	N	n	s	n
91	Tiago	M	n	inglês/português	n	n	N	n	s	n
92	Josefina	F	n	inglês/português	n	n	N	n	s	n
93	Lorena	F	n	inglês/português	n	n	N	n	s	n
94	Liliana	F	n	inglês/português	n	n	N	n	s	n
95	Helena	F	n	inglês/português	n	n	N	n	s	n
96	Virgínia	F	s	inglês/português	n	n	N	n	s	n
97	Neiva	F	s	inglês/português	n	n	N	n	s	n
98	Violeta	F	n	inglês/português	n	n	N	n	s	n
99	Sandra	F	n	inglês/português	n	n	N	n	s	n
100	Cristiano A	M	n	inglês/português	n	n	N	n	s	n
101	Óscar	M	n	inglês/português	n	n	N	n	s	n
102	Sabino	M	n	inglês/português	n	n	N	n	s	n
103	Tomás	M	n	inglês/português	n	n	N	n	s	n
104	Cristina	F	s	inglês/português	n	n	N	n	s	n
105	Mónica	F	n	inglês/português/ alemão	n	n	N	n	s	n
106	Justino	M	n	inglês/português	n	n	N	n	s	n
107	Elisabete	F	n	inglês/português	n	n	N	n	s	n
108	Carla	F	n	inglês/português	n	n	N	n	s	n
109	Lídia	F	n	inglês/português	n	n	N	n	s	n
110	Cristiano B	M	s	inglês/português	n	n	N	n	s	n
111	Branca	F	n	inglês/português	n	n	N	n	s	n
112	Anita	F	n	inglês/português	n	n	N	n	s	n
113	Flávia	F	n	inglês/português	n	n	N	n	s	n
114	Eurico	M	n	inglês/português	n	n	N	n	s	n

115	Nuno	M	n	inglês/português	n	n	N	n	s	n
116	Lúcia	F	n	inglês/português	n	n	N	n	s	n
117	Ângela	F	n	inglês/português	n	n	N	n	s	n
118	Flora	F	n	inglês/português	n	n	N	n	s	n
119	Lina	F	n	inglês/português	n	n	N	n	s	n
120	Ronaldo	M	n	inglês/português	n	n	N	n	s	n
121	Íris	F	n	inglês/português	n	n	N	n	s	n
122	Lucinda	F	n	inglês/português	n	n	N	n	s	n
123	Jacinta	F	n	inglês/português	n	n	N	n	s	n
124	Rafaela	F	n	inglês/português	n	n	N	n	s	n
125	Celeste	F	n	inglês/português	n	n	N	n	s	n

A

A partir do quadro 21, passámos a saber que cento e vinte e cinco alunos no total, pertencentes aos quatro grupos, participaram nas três tarefas nos anos entre 2007 e 2012. Embora nem todos os alunos tivessem sido envolvido nas mesmas tarefas, os alunos dos grupos 1, 2 e 3 participaram pelo menos em duas tarefas. Além disso, encontra-se uma homogeneidade na formação dos informantes porque todos os alunos cuja L1 é a mesma, eram do mesmo curso, significando isto que os informantes com a mesma idade, estudaram no mesmo *background* educacional com o mesmo programa e com métodos de ensino mais ou menos idênticos e estáveis. Por isso, os dados recolhidos nas nossas tarefas podem reflectir em geral a aprendizagem dos alunos em diferentes anos de estudo.

5.4 Descrição das variáveis dependentes e independentes

Passamos, agora, à etapa de codificação de todos os dados. Recorremos a palavras de Godinho (2005:234) para se explicar como é o processo de codificação: “A codificação dos dados, etapa necessária para utilização dos programas, realiza-se sobre a análise sucessiva dos dados, de acordo com os factores das variáveis independentes que foram estabelecidos com base nas hipóteses do trabalho. Assim, a codificação constitui o processo de identificação, no *corpus* constituído, de cada

dado da variável e na atribuição de factores a todas as variáveis ou contextos linguísticos e extralinguísticos que se pressupôs condicionarem a variável dependente...”

Neste ponto, iremos descrever respectivamente as variáveis tanto dependentes como independentes construídas em termos das duas experiências.

5.4.1 Descrição das variáveis da primeira experiência

Em primeiro lugar, veremos as variáveis dependentes para o presente estudo.

5.4.1.1 As variáveis dependentes

A primeira variável dependente, também principal, que aqui é binária, constitui o uso correcto ou incorrecto do artigo em português.

Quadro 22 - V1. A exactidão do uso do artigo

0	Uso incorrecto do artigo
1	Uso correcto do artigo

O nosso estudo visa investigar como os aprendentes usam o AD, o AI e o AN, pelo que são colocadas mais três variáveis dependentes que também são binárias, de modo a podermos abordar, mais especificamente, como o uso de cada tipo de artigo é condicionado por diversos grupos de factores.

Quadro 23 - V2. O uso do AD

0	Não
1	Sim

Quadro 24 - V3. O uso do AI

0	Não
1	Sim

Quadro 25 - V4. O uso do AN

0	Não
1	Sim

Então, pressupomos que o uso do artigo não é casual, mas sim condicionado por variáveis independentes.

5.4.1.2 As variáveis independentes

Neste ponto, procederemos à descrição de dois grupos de variáveis, um da área linguística e o outro da extralinguística, que consideramos actuarem sobre a aplicação do artigo.

De entre os trabalhos e estudos realizados na área da aquisição do SD, há evidências de que as propriedades de L1 influenciam a aquisição da categoria D.

Com base no estudo realizado junto de falantes com a L1 [+art] e falantes com a L1 [-art], Master (1987) verificou que a ultrageneralização do Ø¹⁶³ foi causada pelo facto de os falantes de L1 [-art] usarem o Ø nas suas L1. Consistente com a conclusão de Master, Thomas (1989), no seu estudo com dados orais recolhidos junto de um grupo de falantes com L1 [-art] e de outro grupo de falantes com L1 [+art], encontrou também que o AN foi ultrageneralizado consideravelmente mais

¹⁶³ Em vez do AN, mantém-se Ø para se corresponder ao que está no trabalho original.

pelo grupo [-art] do que pelo grupo [+art]. Neste ponto, os dois investigadores concordaram com a transferência do uso do AN e que os aprendentes de L2 com L1 [+art] adquirem inglês mais depressa do que os com L1 [-art].

Através de um estudo junto de informantes chineses, Polio (1992) mostrou que os demonstrativos desempenham um papel importante na *interlíngua* se a categoria do artigo está ausente tanto na L1 como na L2.

Young (1996: 136 a 153) mencionou estudos realizados em termos da influência de L1: Ringbom (1985) fez referência aos estudos de Granfors e Palmberg (1976) e Herranen (1978) que mostraram o facto de os aprendentes suecos de inglês cometerem muito menos erros no uso do artigo do que os aprendentes finlandeses. O autor considerou que isto se devia ao facto de o sueco ter o artigo enquanto o finlandês não possui uma categoria linguística independente correspondente ao artigo; Oller e Redding (1971) relacionaram a proficiência à exactidão no uso do artigo num teste escrito, descobrindo que os aprendentes que têm o artigo nas suas L1 (espanhol, francês, alemão, hebreu, português...) desempenharam significativamente de melhor forma no teste do artigo do que aqueles que não têm equivalentes formais do artigo nas suas L1 (japonês, chinês, persa, coreano, tailandês...). Dušková (1969:18) também afirmou que a dificuldade experienciada por aprendentes checos em dominar o sistema do artigo em inglês se devia à ausência do artigo em checo.

No estudo comparativo do desempenho de falantes japoneses e espanhóis, Wakabayashi (1997) descreveu como a variação paramétrica de D permitida pela GU em japonês e em inglês e espanhol origina as diferenças no desenvolvimento linguístico dos aprendentes de L2. Em inglês e espanhol a categoria D é sempre obrigatória, e marca sempre o contraste entre o singular e o plural em que são envolvidos nomes contáveis. Contudo, em japonês a D é opcional. A dificuldade dos

japoneses com nomes plurais e massivos deve-se à transferência do parâmetro D da L1 que tem o valor opcional em japonês.

Parodi *et al.* (1997) consideram que a natureza de categorias funcionais associada com o SN na L1 influencia o desenvolvimento dessas categorias na L2. Os autores estudaram a aquisição do SD em alemão por três grupos de informantes: falantes coreanos, turcos e de línguas românicas. Como as primeiras línguas não têm o artigo, os falantes dessas línguas têm que estabelecer uma especificação nova para uma categoria funcional. Os falantes das últimas línguas adquiriram com mais facilidade o artigo em alemão. Segundo, as línguas românicas têm o movimento de N e as línguas coreana, turca e alemã não têm. Os falantes de línguas românicas têm que perder uma propriedade de uma categoria funcional na sua L1 para fazer aquilo que os falantes nativos fazem, uma vez que o movimento de N é forçado por flexões em Num, uma categoria funcional, e Num pode, em princípio, estar ausente nas ILG na fase inicial de aquisição. Os autores apontaram que há uma influência da L1 na percentagem da omissão de determinantes em contextos obrigatórios. Os falantes espanhóis omitiram menos determinantes do que os falantes coreanos do nível elementar. Os falantes coreanos do nível elementar forneceram apenas um quarto de elementos D pedidos. Mesmo no grupo mais avançado, só aumentou para a metade. Por isso, concluíam que os resultados desafiam a hipótese “*minimal trees*” que afirma que as categorias funcionais não são influenciadas pela L1 mas que se desenvolvem apenas em resposta a evidências positivas da L2.

Em 1997, Murphy encontrou resultados semelhantes num estudo em que os dados orais e escritos foram recolhidos por aprendentes adultos coreanos e espanhóis. Os aprendentes coreanos omitiram tipicamente o artigo, o que evidencia a influência da L1. Por outro lado, os aprendentes espanhóis tiveram uma melhor *performance*.

Kuribara (1999) verificou, através do teste de juízo de gramaticalidade, que os japoneses com a L1 [-art] transferiram o seu quadro da L1 e falharam na aquisição do traço [+art] em inglês.

Robertson (2000) identificou três princípios que podem ser usados para explicar a omissão do artigo pelos aprendentes chineses. Um dos três princípios é o de transferência lexical, isso é, alguns aprendentes usam demonstrativos e o numeral *yi* (um) como marcadores de determinação e indeterminação porque essas palavras desempenham muitas funções equivalentes às do artigo.

White *et al.* (2004) mostraram, no estudo comparativo das *performances* diferentes dos aprendentes japoneses e espanhóis de inglês L2, que o espanhol tem um núcleo D, o AD e o AI. Quando adquirem o inglês, os aprendentes espanhóis já têm o núcleo funcional D nas suas ILG devido à transferência total da L1.

Ionin *et al.* (2008) verificaram na sua análise que os falantes de espanhol revelam uma exactidão mais elevada na escolha do artigo do que os russos. É evidência empírica muito clara que a transferência de L1 opera em todos os níveis da semântica do artigo. Os mesmos autores exemplificaram estudos de Huebner 1983, Master 1987, Parrish 1987, Thomas 1989, Murphy 1997, Robertson 2000, Leung 2001, em que foi verificado que os aprendentes de inglês cometeram erros de omissão ou desvio no uso do artigo em inglês. Esses erros prevaleceram particularmente no desempenho dos aprendentes de L2 cujas L1 carecem do artigo. Além disso, foram também mencionados estudos que comparam a escolha do artigo no seio de aprendentes de L2 com L1 diferentes (Larsen-Freeman 1975a, 1975b, Thomas 1989, Parodi *et al.* 1997, Murphy 1997). Os resultados indicaram, em geral, que os falantes de L1 [-art] (coreano e japonês) omitem artigos ingleses em contextos obrigatórios com mais frequência do que os falantes cuja língua materna tem o artigo

(espanhol). Os estudos revelaram que há influência de L1 na aquisição da categoria D.

Todos os trabalhos supracitados indicam que os aprendentes de L1 [-art] cometem muitos erros de omissão do artigo por causa da transferência de L1.

Por outro lado, encontra-se também um outro achado muito aparente: a ultrageneralização do AD. Huebner (1983, 1985) mostrou como um falante nativo do Laos ultrageneralizou o uso do artigo em diferentes fases do desenvolvimento da *interlíngua*. Este fenómeno de ultrageneralização do AD nas primeiras fases de *interlíngua* também foi notado por Master (1987), Chaudron e Parker (1990) e Young (1996).

Existe ainda um número de estudos em que o AD *the* é usado com mais exactidão do que o indefinido *a*. A este fenómeno Mayo (2009) denomina de “direccionalidade” na aquisição do artigo dado que reflecte o padrão de desenvolvimento da aquisição do artigo. No seu estudo, Mayo (2009) detectou evidências para o fenómeno de “direccionalidade” num grupo de falantes espanhóis de inglês L2 de um nível mais baixo. Neste estudo (Mayo, 2009:21), refere-se que Zdorenko e Paradis (2008), Robertson (2000), Lardiere (2004) e White (2003b) verificaram que os aprendentes cuja L1 carece do artigo são significativamente mais correctos na escolha do AD em contextos do AD do que na escolha do AI em contexto do AI.

Então é importante começarmos o nosso estudo por observar a exactidão do uso do artigo pelos nossos informantes nos três contextos linguísticos em que se distribui o artigo, isto é, contexto do uso obrigatório do AD, contexto do uso obrigatório do AI e contexto do uso obrigatório do AN. Esta observação visa explorar

dois aspectos envolvidos no processo da aquisição do artigo e que também se encontram acima descritos e discutidos, um respeitante à omissão do artigo, resultado da influência de L1 [-art] e o outro relacionado com a ultrageneralização do AD. Por isso, colocamos a seguinte variável:

Quadro 26 - V5. Os três contextos em que se distribui o artigo

	Contextos da distribuição do artigo	Exemplos
1	Contexto do AD	E...eh...e O EDIFÍCIOS são muito velho. (08535)
2	Contexto do AI	Oh, este também é uma...é UM PROBLEMA. (08339)
3	Contexto do NA	Hum...e com...e vai construir novos...NOVOS EDIFÍCIOS agora. (08135)

Os respectivos dados contribuirão para provar as nossas primeiras duas hipóteses:

H1. Os aprendentes chineses têm muita dificuldade na aquisição do artigo e a sua aquisição é influenciada pela L1 [-art], isto é, a omissão do artigo é evidente;

H2. É encontrada a ultrageneralização do AD. Há evidência para o fenómeno de “direccionalidade”, isto é, os aprendentes são mais correctos no uso do AD do que no do AI.

Outra questão que se coloca diz respeito ao desempenho dos aprendentes no uso do AD: Será que eles são correctos em todos os contextos do uso do AD? Exemplificam-se seguidamente alguns estudos realizados neste sentido.

Em 2000, Robertson levou a cabo um estudo em que os aprendentes foram divididos em pares e um de cada grupo descreveu um diagrama e o outro reproduziu-o oralmente. Os ambientes definidos do SN eram descritos com base no estudo de Hawkins (1978): uso anafórico, uso de situação imediata, uso de situação maior, uso de oração associativa, estabelecimento de oração relativa, uso inexplicável, uso com modificadores nominais. Uma das conclusões tiradas é que no contexto linguístico, a exactidão é mais elevada em contextos definidos do que em contextos indefinidos.

O estudo ligado ao uso do AD, conduzido por Liu e Gleason (2002), mostrou que existem diferenças significativas entre um grupo de falantes com L1 [-art] e o outro com L1 [+art] na omissão do AD *the* em diferentes usos do AD e que a ordem da aquisição sugere que certos usos são mais fáceis para os aprendentes. O uso situacional do uso definido é anterior aos usos estrutural e textual, e a aquisição dos usos estrutural e textual é anterior ao uso cultural.

Chen (2004) identificou a base cognitiva de identificabilidade: co-presença física e linguística directamente; compartilhamento de conhecimento. O AD, derivado diacronicamente de um pronome demonstrativo, tem usos divididos em quatro categorias – situacional, anafórico, compartilha do conhecimento específico ou geral, e associativo. O AD difere do demonstrativo em dois aspectos principais: primeiro, enquanto o AD tem usos adjectivais, o demonstrativo tem tipicamente usos adjectivais, pronominais e adverbiais. Segundo, a função primária do demonstrativo é a de deíctico, e o AD é neutro deicticamente.

Tendo como objectivos principais investigar o processo de aquisição do AD

em português como segunda língua por aprendentes coreanos, Kim (2005) levou a cabo um estudo recorrendo a entrevistas, narrativa com base em gravuras e descrição oral de uma figura. Categorizou, no seu estudo, as funções do AD em vários contextos: uso em primeira menção, uso em segunda menção e uso genérico. A produção do artigo definido pelos participantes nas várias situações de 1ª menção foi agrupada nas 10 categorias a seguir: a) uso como referente compartilhado; b) uso como referente óbvio; c) uso como referente único; d) uso pelo possessivo; e) uso antes de topónimo; f) uso antes de nomes de instituições, obras construídas e siglas; g) uso em expressões de tempo; h) uso em anáfora associativa; i) uso em catáfora; j) uso em pessoa ou coisa descrita por genitivo e sintagma nominal preposicionado: “de + nome posposto”. Na sequência do estudo, o autor caracterizou o processo da aquisição que é apresentado nos seguintes aspectos: (1) O uso inadequado de Ø em 2ª menção; (2) O uso inadequado do artigo indefinido em 2ª menção; (3) O uso oscilante de artigos em 2ª menção, no mesmo contexto; (4) O uso de Ø com referente único; (5) O uso de Ø pelo possessivo; (6) O uso de Ø em anáfora associativa; (7) O uso de Ø no sintagma nominal modificador por um SN preposicionado; (8) O uso de Ø em contextos com dupla razão para o uso do artigo definido; (9) O uso inadequado como dupla marcação. Diferentemente dos usos inadequados mencionados acima, o AD é usado com maior adequação com as seguintes categorias: referente óbvio, expressões de tempo, antes de topónimos e antes de nomes de instituições, obras construídas e siglas. Nesses casos também está inferido que o uso do AD está relacionado com a contracção com preposições. Além disso, encontraram-se outras características do processo da aquisição: o uso do pronome demonstrativo (esse/essa) para marcar 2ª menção; A auto-correcção para usar o AD; O uso diante de “casa” em relação às preposições (em, a, de, para); Uso opcional com “todo(s)/toda(s)”; O uso

em relação ao tempo verbal; A tendência de uso do AD na contracção com preposições.

Para se explicitar como funcionam as operações de determinação em português, Mateus *et al.* (2003) descreveram que as operações de definitização fazem corresponder a uma dada expressão linguística um único objecto identificado para o locutor, e pressuposto por este como identificável pelo(s) interlocutor(es).

Com base nos estudos de Vilela (1995), Faria *et al.* (1996), Young (1996), Bechara (1999), Robertson (2000), Neves (2000), Cunha e Cintra (2002), Mateus *et al.* (2003), Chen (2004), Kim (2005) e Humphrey (2007), definimos os contextos do uso do AD em português para o nosso estudo. Aqui, o AD é aplicado em contextos em que uma entidade pode ser considerada determinada pelo locutor e interlocutor em virtude de uma variedade de fontes de identificação:

1. A determinação da entidade é directamente evocada a partir da sua presença física no contexto de discurso (Uso situacional):

E70 Passa-me o pão?

2. A determinação da entidade é directamente evocada a partir da parte anterior do enunciado¹⁶⁴ (Uso anafórico).

E71 Há um cão e um gato no meu jardim. O cão gosta de correr atrás do gato.

3. A determinação da entidade é estabelecida na base do conhecimento específico compartilhado entre o falante e o ouvinte sobre os ambientes físicos e linguísticos. Também se incluem “o sol”, “a lua”, com referentes únicos e “a

¹⁶⁴ Trata-se do uso anafórico. Segundo Mateus *et al.* (2003:801 e 802), a anáfora é considerada uma figura de estilo que consiste na repetição de uma palavra ou de um grupo de palavras no início de enunciados sucessivos. E na Linguística moderna, o conceito de anáfora não é uniforme, tendendo a ser visto como o processo que consiste em utilizar uma forma linguística ou um vazio para remeter para algo que foi dito anteriormente (o antecedente). O que nos interessa aqui é a anáfora nominal.

Universidade de Macau”, “o Banco da China” e outros substantivos próprios¹⁶⁵, conhecimento geral partilhado pelo falante e ouvinte (Conhecimento compartilhado).

E72 Onde está o cão?

E73 A Universidade de Macau localiza-se na Ilha da Taipa.

4. A determinação de um referente é indicada a partir de outras entidades ou actividades no discurso através do raciocínio lógico na base do conhecimento geral da inter-relação entre as entidades ou actividades envolvidas (Referência por associação).

E74 A Maria entrou no centro comercial às 9:00 horas. As lojas estavam ainda fechadas.

5. A referência definida é derivada a partir da sua associação com a informação que está contida na própria expressão nominal (Informação contida na própria expressão nominal).

E75 Conheces o homem com quem ela foi jantar ontem à noite?

6. A referência definida reveste-se de um sentido genérico (Genérico).

E76 O cão é um fiel amigo do homem.

É posto um ponto isolado em que a colocação de AD parece um uso automático e fixo. Assim temos:

7. A aplicação fixa de uma expressão nominal (Usos fixos).

E77 O João sentiu-se mal e foi ao médico imediatamente.

Neste caso, é construída uma nova variável no que respeita à semântica do SD. São determinados sete factores para esta variável.

¹⁶⁵ Os nomes próprios não excluídos dos dados no presente estudo.

Quadro 27 - V6. A semântica/pragmática do SD definido

	A semânticas do SD definido	Exemplos
1	Presença física (uso situacional)	- O que que você vê? - Hum...o...O EDIFÍCIO é...é construído eh... (08062)
2	Uso anafórico	Depois de O MÉDICO sair, eu acho que ... (00532)
3	Conhecimento compartilhado	.. e falta um pouco vou acabar O CURSO. (1151)
4	Referência indirecta por associação	...eu sei que o governo de Macau já está a construir ah...mui...muitos ah... apartamentos públicos, como se diz. Não sei O NOME OFICIAL. (11495)
5	Referência definida dada pela sua associação com a informação contida na própria expressão nominal	...ah, O MEU PRÉDIO tem um grande caixa de lixo. (11388) Ele foi aO QUARTO DA FILHA DELE. (01710)
6	Genérico	...não é... não é muito diferente...eh...AS MULHERES fumam. (07260)
7	Usos fixos	...porque gastam dinheiro nO RESTAURANTE. (07237)

A variável ajuda na avaliação do uso do AD em vários contextos definidos e tenta responder se os aprendentes são mais correctos no uso do AD em certos factores linguísticos, e quais são os contextos definidos em que o AD ocorre com mais frequência; se o uso associativo anafórico do AD é mais difícil do que outros usos; se certos usos do AD são mais fáceis do que outros, por exemplo, o uso situacional é mais fácil do que os usos estrutural e textual. Assim, a hipótese colocada relativamente a esta variável é a seguinte:

H3. O AD é adquirido com mais facilidade e certos contextos linguísticos do AD são mais fáceis do que outros contextos.

No estudo de Robertson (2000), foi também discutido o uso do AI em contextos classificados com base no estudo de Hawkins (1978): uso existencial, ambiente indefinido em que um objecto é introduzido para dentro de um universo discursivo como o objecto de verbos transitivos ou complemento numa construção copulativa, uso genérico. A conclusão principal tirada é que o uso do AI é mais problemático do que o do AD. Então, por que razão o AD é mais fácil de adquirir do que o AI? No último capítulo, traçámos um panorama das investigações feitas na área da aquisição do artigo, uma das quais é de Hawkins (2001). No seu estudo o linguista explicou que o AI é mais selectivo no complemento do SD porque se trata de uma relação não local.

Quanto às operações do indefinido, Mateus *et al* (2003:224-228) descreveram que na parte singular indefinida não há identificação de um individuo no discurso, de modo que o interlocutor não conhece qual, de todas as entidades singulares possíveis do conjunto considerado, é aquela a que o discurso se refere. O uso da expressão singular indefinida (Ex. “Comprei um disco de Reggiani”) denomina-se leitura específica. O uso específico da palavra sublinhada pode ser o primeiro elemento de uma cadeia anafórica, é compatível com a ocorrência de certo ou determinado e não admite a negação da existência do referente estabelecido. As autoras acrescentam ainda que as expressões singulares indefinidas¹⁶⁶ que ocorrem numa interrogativa de sim ou não, ou numa declarativa negativa com predicado positivo, são usadas não especificamente. Por exemplo, “A Ana conhece um cineasta?”, “O João não tem uma casa de praia”. É frequente, em português, a ocorrência de expressões plurais indefinidas sem determinante explícito ($\emptyset$), usadas quer específica quer

¹⁶⁶ Ao contrário do que acontece com as expressões singulares indefinidas, as expressões plurais indefinidas quando ocorrem em frases declarativas negativas com predicador positivo não têm sempre um uso intencional. Assim, em frases como: Não vi uns quadros na exposição (não tive tempo); Não encontrei três colegas no cinema (encontrei dois); Não estavam muitos alunos na conferência (estavam poucos). (Mateus *et al*. 2003:230)

intensionalmente. De um modo geral, com o artigo indefinido, estas expressões têm um uso específico, embora sejam mais naturais com modificadores.

Classificamos os contextos indefinidos com base nos estudos de Vilela (1995), Faria *et al.* (1996), Young (1996), Bechara (1999), Robertson (2000), Neves (2000), Cunha e Cintra (2002), Mateus *et al.* (2003), Chen (2004), Kim (2005) e Humphrey (2007). Deste modo, o AI é aplicado em contextos¹⁶⁷ em que uma entidade é indefinida porque o interlocutor não conhece sobre a que se refere.

1. Pode ter uma referência específica, porque o referente é introduzido como primeira menção.

E78 Há um cão e um gato no meu jardim. O cão gosta de correr atrás do gato.

2. Pode ter uma referência não específica.

E79 O novo casal quer ter um filho.

3. Pode ter uma referência genérica.

E80 Um homem não chora.

Há outra questão também importante em relação à distinção entre o AI e o AN: o traço Num. Sabemos que a interpretação do traço Num do SN contribui para o uso correcto do artigo em português, especialmente na distinção entre o AI e o AN. Então como é que a LC funciona? No ponto 3.3.3 do Capítulo 3, foi discutida a questão de (in)existência do traço Num na LC. Na literatura de Cl, tem sido afirmado que não há distinção contável-massiva nos nomes chineses, ou, todos os nomes em chinês são massivos *default* (Krifka 1995, Chierchia 1998, Borer 2005, 2009¹⁶⁸ e

¹⁶⁷ É excluído o contexto em que se exprime a extracção de uma parte singular, não definida, de um dado conjunto nas expressões denominadas partitivas. Ex. O João só conhece uma das praias da costa alentejana.

¹⁶⁸ Cf. Zhang N.N., 2009

Pelletier 2009¹⁶⁹). Por outro lado, uma outra posição defende que a distinção de Num dos nomes chineses é tanto sintáctica como semântica (Zhang J.B., 2008, Yi, 2009 e Zhang N.N., 2009). Por isso, o facto da possibilidade de os aprendentes chineses conseguirem distinguir o traço Num é fundamental para o uso correcto do artigo. Em 1996, Young descobriu que alguns erros que os aprendentes cometeram no uso do artigo foram originados a partir de um erro lógico prévio: mal-especificação do traço Num. O número singular é um factor forte na promoção do AI. O peso do factor [-contável] é significativo e favorece a marcação do AN. Neste estudo, é interessante observar se os aprendentes confundem o uso do AI e do AN.

A partir daqui, temos a nossa variável construída.

Quadro 28 – V7. A semântica/pragmática do SD indefinido

	A semântica do SD indefinido	Exemplos
1	Primeira menção (+específico)	...eu acho que é um aci...eh...havia...havia UM ACIDENTE aqui... (072114)
2	Uso com leitura intencional (-específico)	Espero que tenha um...UM BOM CAMINHO PARA O METRO. (07363) ...eu não posso falar fluentemente eh...UMA LÍNGUA ESTRANGEIRO. (07828)
3	Genérico (tipo, espécie)	... sabem que os bombeiros são importantes para UMA CIDADE. (073128)

A variável é constituída para avaliar o uso do AI em vários contextos indefinidos e testar se os aprendentes são mais correctos no uso do AI em certos contextos linguísticos, e se os informantes conseguem distinguir o uso do AI do uso do AN. A hipótese seguinte é colocada para esta variável.

H4. A aquisição do AI é problemática, especialmente em certos contextos linguísticos e os informantes confundem muitas vezes o uso entre o AI e o AN.

¹⁶⁹ Cf. Zhang N.N., 2009

Vejamos agora se o uso do artigo está associado à propriedade concreto/abstracto do sintagma nominal. Em primeiro lugar, sabemos que o julgamento de concretude¹⁷⁰ de um nome é relativamente subjectivo. Janczura *et al.* (2007) defendem que a concretude tem sido associada à experiência ou referência sensorial, seja essa imaginada ou em termos da correspondência com objectos materiais ou pessoas que podem ser experienciados pelos sentidos. Na aprendizagem de uma L2, as palavras concretas são mais fáceis de ser adquiridas e menos prováveis de serem esquecidas do que palavras mais abstractas. Trenkic (2008) descobriu que os aprendentes de L2 fornecem o AD em contextos do AI mais vezes com SN concretos do que com SN abstractos.

Quanto à distinção da oposição concreto/abstracto, Mateus *et al.* (2003:211-212) consideram os seguintes exemplos:

E81 Esse urso é terrivelmente guloso.

E82 A verdade nem sempre é cómoda.

O nome “urso” em E81. designa um objecto físico, animado, localizado espacio-temporalmente, com propriedade directamente observável. O nome “verdade” em E82. designa um objecto não observável directamente, não animado, não localizável espacio-temporalmente. Portanto, é atribuída ao primeiro a propriedade concreta e ao segundo a propriedade abstracta. Analisam-se ainda mais

¹⁷⁰ Este termo é adoptado por Janczura *et al.* (2007) no seu trabalho “Um julgamento de concretude de palavras”, que foi realizado na Universidade de São Paulo, Brasil. Usamos o mesmo termo no presente estudo para designar a propriedade concreto/abstracto de nomes.

exemplos:

E83 A gulodice é um vício muito agradável.

E84 O rapto está a ser investigado pela polícia.

No exemplo E83, “gulodice” é um nome derivado lexicalmente a partir do qual é formado (guloso): designa a propriedade comum aos objectos acerca dos quais é possível afirmar que são gulosos. Quanto a “rapto” em E84, trata-se igualmente de um nome derivado que designa uma situação localizada espácio-temporalmente, acerca da qual é possível afirmar que ocorreu ou não ocorreu num dado intervalo de tempo. Aqui os diferentes tipos de nomes ilustrados em E81, E82, E83 e E84 mostram a necessidade de conceber a oposição tradicional concreto/abstracto como uma grandeza escalar. Assim, “urso” é mais concreto do que “rapto”; “rapto” é mais concreto do que “gulodice” e “verdade”. Com efeito, trata-se de níveis diferentes de abstracção.

Perante esta situação, se não é claro o julgamento do traço [$\pm$ concreto], não se pode testar se este traço tem efeito para a aplicação do artigo. Para resolver o problema, vamos recorrer ao estudo de Janczura *et al.* (2007), com base no qual é feita a classificação de nomes em termos do traço [$\pm$ concreto]. Neste estudo foi apresentada uma tabela com concretude média de 909 palavras de língua portuguesa. As normas de concretude para essas palavras foram recolhidas, utilizando-se uma escala de julgamento com sete pontos, onde cada extremo representa os níveis altamente abstracto ou concreto, respectivamente. Cada palavra apresenta, à sua direita, uma escala numérica que variava de 1 a 7, sendo que o valor 1 corresponde ao julgamento “altamente abstracta” e o valor 7 corresponde a “altamente concreta”. O instrumento incluía ainda, no cabeçalho da primeira página, campos destinados à recolha de dados demográficos (idade, sexo, local de nascimento, curso, semestre ou

período).

Os investigadores descreveram no estudo que “A distribuição sugere que as palavras abstractas estariam na faixa de julgamentos entre 1,61 a 4,45, e palavras concretas na faixa de 4,47 a 6,93. Adoptando-se esses intervalos, obtém-se 479 palavras abstractas (52,7%) e 430 palavras concretas (47,3%). Entre as palavras mais abstractas estão “nada” (1,61), “consciência” (1,61), “completude” (1,71), “plenitude” (1,84), “consequência” (1,89) e “acalento” (1,89). Na categoria de palavras mais concretas encontram-se “cadeira” (6,93), “mesa” (6,89), “sapato” (6,89), “prato” (6,88), “pato” (6,86) e “cobertor” (6,86).” (Janczura *et al*, 2007:197). Os resultados evidenciaram uma distribuição bi-modal sugerindo que as palavras podem ser classificadas nas categorias concreta ou abstracta. A confiabilidade média das normas é $r=0,97$. Não foram detectadas influências de sexo, idade, frequência de ocorrência das palavras em materiais escritos ou tamanho da categoria nos julgamentos de concretude. Os resultados sugeriram que a concretude pode ser considerada como um atributo independente das palavras.

Vamos seguir este critério, como referência, para julgar o traço [$\pm$ concreto] dos nominais codificados que constroem os nossos *corpora*. Se as palavras localizadas no nosso estudo não se encontram na lista de concretudo de 909 palavras de Janczura *et al*. (2007), a sua classificação é feita com consulta às palavras alistadas com sentidos afins. Agora passamos a descrever uma variável que se refere à propriedade de concretude do nome.

Quadro 29 – V8. O traço [$\pm$ concreto] de N

	Traço [$\pm$ concreto]	Exemplos
1	[+concreto]	...normalmente na sociedade OS CIENTISTAS têm contato com... (073162)
2	[-concreto]	...disse para uma jornalista que A QUALIDADE DE TELEVISÃO... (073142)

Assim, colocamos a seguinte hipótese que, na aceitação entre nomes abstractos e concretos, os aprendentes são mais correctos no uso do artigo quando os nomes são mais concretos.

H5. O traço [$\pm$ concreto] é significativo para a aquisição do artigo e os aprendentes de L2 tendem para o uso do AD antes de nomes mais concretos.

Um outro traço de propriedade de nomes que também exerce influência sobre o uso do artigo é Num.

Mateus *et al.* (2003:218, rodapé) observaram que a distinção entre nomes contáveis e não contáveis está relacionada com as noções fundamentais de contagem (para os descontínuos) e de medição (para os contínuos), que podem ser gramaticalizadas. Uma característica fundamental que distingue os nomes contáveis de um tipo dos não contáveis, os massivos (nomes de matéria, substância...), é que estes últimos têm a propriedade de cumulatividade já enunciada por Quine (1960). Chierchia (1998) considerou que os nomes não contáveis não têm a forma plural por já serem plurais.

Mateus *et al.* (2003:236-242) exemplificaram nomes não contáveis no seguinte.

E85 O ferro é um mineral.

Nesta expressão, o AD não funciona como operador de singularização e unicidade. A leitura que se pode atribuir neste caso é a de termo de espécie.

E86 Bebi vinho ao jantar.

Aqui designa-se uma parte quantitativa (de medição) distinguida em todo o contínuo “vinho”.

E87 Comi (muito) bolo ao jantar.

Embora o nome “bolo” seja contável, ele é recategorizado como massivo à semelhança de “vinho”.

E88 A corrida ao armamento é uma ameaça para a Humanidade.

O nome “Humanidade” indica a parte plena do conjunto definido intensionalmente pela propriedade “ser humano”.

E89 Havia gente na praia apesar do mau tempo.

O nome “gente” designa colectivamente uma parte quantitativa não determinada do conjunto definido intensionalmente pela propriedade “ser pessoa”.

Em conclusão, não é aplicável a operação de quantificação aos nomes massivos e colectivos (nomes não contáveis) porque neles não é possível distinguir partes delimitadas nem qualitativas.

Young (1996) descreve que o AI *a*, não pode ser usado com nomes contáveis plurais ou com nomes não contáveis. O *a* marca nomes contáveis singulares, enquanto os nomes não contáveis, levam marcador nulo tal como nomes contáveis plurais. Young mostrou que a designação do traço [$\pm$ contável] de um nome na *interlíngua* pode diferenciar muito significativamente da LA. Como resultado, alguns erros que os aprendentes cometeram no uso do artigo são originados a partir de um

erro lógico prévio: mal-especificação do traço Num.

Em 1997, Wakabayashi comparou, numa tarefa de juízo de gramaticalidade, a aquisição dos traços Num (indefinido *a* e plural – *s*) em SD por dois grupos de aprendentes de inglês, japoneses e espanhóis. Descobriu que o parâmetro de variação permitido dentro da GU que é estabelecido diferentemente entre D em japonês e D em inglês e espanhol é a origem da diferença existente no desenvolvimento linguístico dos respectivos falantes. Examinou em 1998 o uso do AD por falantes japoneses, tendo verificado que os falantes japoneses forneceram com mais correção o AD nos SN singulares do que nos não contáveis.

Hua e Lee (2005) conduziram a realização de um estudo sobre a aquisição do artigo em inglês por chineses, no qual foi feita uma tarefa de juízo de gramaticalidade em contextos contáveis–massivos. A tarefa envolveu vinte nomes no total - oito nomes contáveis (concretos: *computer, dictionary, mobile phone, credit card*; abstractos: *sentence, idea, month, dilemma*) e doze massivos (concretos: *water, beef, rice, smoke*; abstractos: *work, information, evidence, help*; colectivos: *furniture, equipment, data, stationery*) (Hua e Lee (2005, 141).

Os vinte nomes apareceram em dois tipos de contextos contáveis (precedido de um numeral ou do quantificador *many*) e em contextos massivos em que os nomes são precedidos de *much*. Foram testados três grupos de aprendentes de ESL: estudantes da escola secundária complementar em Shanghai; estudantes universitários do primeiro e terceiro ano em Shanghai; e estudantes universitários do primeiro e segundo ano em Hong Kong. Houve também um grupo de seis falantes nativos controladores. Segundo os resultados tirados dos *corpora*, os aprendentes parecem aceitar nomes contáveis em contextos massivos (com recurso ao quantificador de massivo, *much*) com mais frequência quando eles são nomes

abstractos. Havia uma diferença significativa na aceitação entre nomes abstractos e concretos em contextos massivos. ($t=4.43$, $p<0.001$ para estudantes do primeiro ano universitário em Shanghai; 1.13 vs. 0.20 , $t=4.53$, $p<0.000$ para estudantes do terceiro ano universitário em Shanghai; 1.24 vs. 0.47 , $t=3.49$, $p<0.005$ para estudantes universitários em Hong Kong). Em caso da ocorrência de nomes massivos em contextos contáveis (com o uso do quantificador, *many*), o juízo era mais correcto com os nomes massivos mais concretos. Concluiu-se que os aprendentes chineses de inglês são sensíveis à distinção entre nomes concretos contáveis e nomes concretos massivos, tendo conhecimento de que o traço Num representa uma denotação de contável, por exemplo, objectos individuais, e o massivo denota substância.

Snape (2006) levou a cabo uma tarefa de juízo de gramaticalidade que envolveu quinze falantes nativos de inglês, trinta falantes nativos de japonês e trinta falantes nativos de espanhol, visando testar o conhecimento dos aprendentes japoneses e espanhóis de L2 na distinção entre nomes contáveis e massivos. A tarefa era esboçada com quatro condições: a) singular; b) plural; c) massivo; d) *plural massivo.

Os quantificadores adnominais e nomes usados na tarefa de juízo de gramaticalidade eram os seguintes:

E90	<i>AdnQ+count plural</i>	<i>AdnQ+mass</i>	<i>AdnQ+count singular</i>	<i>AdnQ+mass plural</i>
	<i>some shirts</i>	<i>some information</i>	<i>* much car</i>	<i>* some butters</i>
	<i>many tickets</i>	<i>*many Money</i>	<i>* many sweet</i>	<i>*many evidences</i>
	<i>* much roses</i>	<i>much paper</i>	<i>* much cookies</i>	<i>*much fruits</i>
	<i>few tourists</i>	<i>* few information</i>	<i>* few cyclist</i>	<i>* few sunshines</i>
(Snape, 2006:165)				

Um exemplo de um contexto era:

E91 *Terry needed...*

some milk ✓
many butter X
much sugar ✓

Todos os informantes precisavam de escolher que terminações produziriam frases possíveis e fazer um tique. Se achassem que a continuação não era possível, punham uma cruz ao lado. As contagens para quantificadores individuais eram convertidas em percentagens. O desempenho de todos os grupos em quatro condições é apresentado no seguinte quadro.

Quadro 30 - Número total de respostas correctas numa tarefa de juízo de gramaticalidade sobre o traço [+contável] de nomes (Snape, 2006:167)

Grupos	Níveis de proficiência	Singulares	Contáveis	Massivos	*Plurais massivos
Japoneses	INT(n=15)	77/90 (86%)	117/120 (98%)	65/90 (72%)	58/90 (64%)
	ADV(n=15)	83/90 (92%)	115/120 (96%)	77/90 (86%)	71/90 (79%)
Espanhóis	INT(n=15)	82/90 (91%)	110/120 (92%)	89/90 (89%)	62/90 (69%)
	ADV(n=15)	85/90 (94%)	118/120 (98%)	81/90 (90%)	76/90 (84%)
Nativos	(n=15)	87/90 (97%)	114/120 (95%)	90/90 (100%)	78/90 (87%)

A conclusão que Snape (2006) tirou foi a de que o japonês não tem uma distinção massiva e contável, todos os nomes são pressupostos como nomes genéricos ou massivos. Os aprendentes japoneses de inglês teriam de saber que os nomes ingleses se dividem em contáveis e massivos. Os dados mostraram que os falantes japoneses incorrectamente rejeitaram contextos massivos gramaticais mais do que o grupo de espanhóis e desempenharam de modo pior nos contextos contáveis singular e plural uma vez que não há distinção singular e plural no japonês. Snape (2006) concluiu que o estudo suporta o argumento de os aprendentes de L2 conseguirem generalizar o que é contável e o que não é contável.

Quanto à (in)existência do traço $[\pm\text{contável}]$ na LC, a questão encontra-se discutida aquando da constituição da variável relacionada com a semântica do SD indefinida com a finalidade de testar se há troca do AI pelo AN e vice-versa. Sabemos que há duas posições opostas. Aqui vamos observar como é que os nossos informantes se comportam no uso do artigo antes de nomes contáveis e não contáveis, de modo a fornecer evidências para a discussão sobre este assunto.

Com base nos trabalhos supramencionados, colocamos uma variável relativamente ao traço $[\pm\text{contável}]$ para o nosso estudo em que se incluem apenas os nomes $[+\text{concreto}]$.

Quadro 31 – V9. O traço $[\pm\text{contável}]$ de N

	Traço $[\pm\text{contável}]$	Exemplos
1	$[+\text{contável}]$	...eles apaixonaram-se e casaram-se nUMA IGREJA. (01926)
2	$[-\text{contável} / \text{massivo}]$	...poque ela não tem...não tem DINHEIRO, sim. (07522)

Continuando na linha da propriedade de nomes, colocamos a seguir a hipótese.

H6. Há um efeito entre o uso correcto do artigo e o traço $[\pm\text{contável}]$.

Sabemos que o chinês é uma língua tópico-proeminente. Sempre que os SN estão na primeira posição, funcionam como tópico ou sujeito. No ponto 3.3.1.3 do

Capítulo 3, observámos a importância da posição na interpretação da definitude de nomes, especificamente no caso de os nomes não serem acompanhados de nenhum marcador definido ou indefinido, nem estarem submetidos aos outros mecanismos de gramaticalização. Os exemplos ilustrados E52 e E53 revelam a inclinação do tópico da frase para a determinação e a inclinação da posição pós-verbal para indeterminação. Aqui repete-se a observação mencionada de Chen (2004:1168):

Posições inclinadas para a determinação: sujeito, *Ba* + objecto, objecto pré-verbal, primeiro objecto do verbo bitransitivo.

Posições inclinadas para a indeterminação: objecto do verbo existencial *you*, substantivo pós-verbal em frases introdutórias, substantivo pós-verbal em frases existenciais, segundo objecto do verbo bitransitivo.

No entanto, a interpretação dos substantivos sem determinantes chineses com respeito à determinação liga-se muito proximamente, mas imperfeitamente, à sua posição gramatical na frase.

Com base na gramática de Li e Thompson (1989), Robertson (2000) apresentou expressões nominais na LC, descrevendo que a definitude de um SN pode ser identificada pela posição que este ocupa. A LC é uma língua tópico-prominente. O tópico representa informação dada que é conhecida pelo falante e supostamente pelo ouvinte. Assim, as expressões indefinidas não podem ocupar a posição pré-verbal tópico. A posição não marcada para o objecto SN é depois do verbo. Quando o objecto é marcado pela partícula *Ba*, desloca-se para antes do verbo. Se o falante quer enfatizar que o objecto é definido, ele deve ser colocado na posição pré-verbal tópico. Os demonstrativos *zhe* (este) e *na* (aquele) são usados para assinalar determinação e *yi* (um) para indeterminação. A posição tópico não marcada pode ser interpretada como definido ou genérico.

Em 1996, Young levou a cabo um estudo junto de um grupo de falantes

jovens adultos, três falantes nativos de checo e três de eslovaco, em duas fases diferentes de desenvolvimento *interlingue*. No estudo, explicou que duas partes de um discurso devem ser distinguidas: os elementos temáticos que são familiares para o ouvinte e os elementos remáticos que contribuem mais para o conteúdo comunicativo do discurso. Estas duas categorias são aplicadas a todos os elementos do discurso, não apenas a SN. Mas quando são aplicadas a SN, correspondem ao traço [+HK] e ao traço [-HK] de Bickerton (1981) respectivamente. Young (1996:150) deu dois exemplos para ilustrar de uma forma melhor:

E92 *And I make it. I had the traineeship in West German in this summer.*

E93 *And after. After traineeship here in Czechoslovakia I began to learn English but it is a problem because I, here in the school I am learning German.*

No exemplo E92, *traineeship* é introduzido como informação nova e é codificado com rema. Quando é reintroduzido no exemplo E93, *traineeship* é codificado como tema.

O estudo indicou que os constituintes temáticos tendem a ser marcados pelo AD. Os temas na posição inicial de uma oração e os remas na posição final tendem a não ter nenhum artigo, enquanto os temas na posição final de uma oração tendem a ter o AD *the* e os remas na posição inicial tendem a ter o AI *a(n)*. A relação entre tematicidade, ordem de palavra e artigos pode ser vista como uma continuidade de temas finais mais marcados para remas finais menos marcados (Young, 1996:171-172)

Tema final	Tema não final	Rema não final	Rema final
mais marcado <-----> menos marcado			

Partindo dos resultados dos estudos acima referidos que evidenciam a importância do factor de posição frásica na interpretação de determinação de SD e no

uso de artigos, poderemos assumir que os aprendentes chineses teriam mais facilidade em aplicar o AD aos SD localizados pré-verbalmente e o AI aos SD que se encontram em posição pós-verbal devido à transferência do conhecimento que possuem da L1. Por isso, temos uma outra variável relativamente às estruturas externas do SD, isto é, a posição de sujeito, de complemento, ou de outros componentes.

Quadro 32 - V10. A posição do SD

	Posição do SD	Exemplos
1	Sujeito	A seguir, A MULHER estava melhor, mas... (02827)
2	Predicativo	O Francisco tinha sido UM DIRECTOR numa companhia exposta... (0291)
3	Complemento verbal directo	Depois de abrir A PORTA DO EDIFÍCIO... (0296)
4	Complemento verbal indirecto	O médico deu alguns conselhos aO HOMEM e disse-lhe que ... (03140)
5	Complemento nominal	...penso que depois do tratamento dO HOMEM, ... (03338)
6	Complemento existencial / de posse	...mas descobriu que havia GÁS SAÍDO... (03616) O médico desligou quando tinha UMA RESPOSTA DE NÃO... (03629)
7	Adjunto adverbial	...que se vestia pijama, deitou-se nA CAMA. (03710)
8	Adjunto adnominal	Depois do salvamento dO MÉDICO, a rapariga já não... (03736)
9	Agente da passiva	...o edifício é...é destruído eh...pelo OS ENGENHEIROS. (08063)
10	Outras	* No filme, tinha três protagonistas: A (uma) RAPARIGA, O (um) HOMEM e O (um) MÉDICO. (0554, 0555, 0556)

Esta variável contribui para avaliar se os informantes usam o AD para os SD que ocupam a posição pré-verbal e o AI e o AN para os SD que ocupam a posição de complementos e se os aprendentes têm menos dificuldade na aquisição do AD para os SD anteceditos de verbos e na aquisição do AI para os SD que se localizam depois de verbos. No fundo, procuraremos verificar se a propriedade da L1 favorece a marcação do definido na posição tópico.

Para esta variável formulámos a hipótese que se segue:

H7. O factor da posição favorece a escolha de determinados artigos.

Muitos estudos na área da aquisição do artigo evidenciam que os modificadores e especificadores, na estrutura interna do SD, exercem influência sobre o uso do artigo.

Com base na Roda Semântica de Huebner, Humphrey (2007) elaborou um *cloze test* em que os informantes japoneses tiveram de preencher lacunas com o artigo. O estudo era feito a partir dos itens categorizados que influenciam a escolha do artigo: 1. itens lexicais iniciados com vogais (atraem mais o AI *an*); 2. superlativos e outros itens lexicais terminados em *-est* (atraem mais o AD *the*); 3. Adjectivos: *good, large, new, wonderful*, e advérbio *very*; (ultrageneralizam os contextos em que é usado o artigo indefinido) 4. Verbos *be, have, got, need* (atraem mais *a*); 5. Preposições (*in+a, on+a, of+Ø, with+the, to+the*) (embora o ponto 5 não seja tão forte como os primeiros quatro, de facto, existe esta tendência fraca). As primeiras quatro categorias têm influência muito forte na escolha do artigo no seio dos estudantes japoneses de nível elementar e intermédio de inglês L2. Algumas categorias (especialmente superlativos) exercem maior influência do que outras (por exemplo, preposições) e agem como escolha “*default*”. A conclusão tirada do teste indicou que a maioria dos estudantes japoneses, em ambos os grupos, não atingiu a compreensão do uso discursivo do artigo em inglês. O seu processo de selecção do artigo não foi arbitrário. A escolha *default* de um artigo dependeu da consideração local de um item lexical pelos informantes. Os resultados dos estudos mostraram

uma oscilação, não pelos traços $[\pm\text{SR}]$ e $[\pm\text{HK}]$, mas sim pela natureza dos itens lexicais posicionados directamente antes ou depois do artigo-núcleo.

Mateus *et al.* (2003:329) descreveram que, além do núcleo, o SN pode incluir complementos, determinantes ou quantificadores e modificadores, que categorialmente podem ser adjectivais, preposicionais ou oracionais.

Segundo Mateus *et al.* (2003:356-359), os quantificadores (Q) incluem diversos tipos de elementos: 1. os que exprimem a quantificação existencial: “um/uns”, “algum/alguns”; 2. os Q “discretos”, que incluem os numerais (que exprimem a cardinalidade ou a ordem) e os Q que indicam pluralidade, como “inúmeros”, “muitos”, “vários”, “diversos”, “diferentes”, “bastantes”, “poucos”, “raros”; 3. os quantificadores universais “todos” e “ambos”. O primeiro grupo de quantificadores (que exprimem a quantificação existencial) ocorre em distribuição complementar relativamente aos artigos e demonstrativos “um livro”, “algum livro”. Por isso, são excluídos dos dados neste estudo. O segundo grupo de quantificadores apresenta várias possibilidades de combinação: os numerais podem co-ocorrer quer com artigos quer com demonstrativos, “O primeiro livro que tu me recomendaste é interessante”, “Este segundo dia de aulas correu-me pessimamente”; os Q discretos combinam-se com o indefinido “uns”, “Li uns poucos/ quantos / tantos / certos livros.”, ou mesmo com o artigo definido desde que haja na construção outras formas de determinação e restrição, “Li os inúmeros / diversos / muitos livros que estão na estante.”; outros têm uma distribuição mais limitada, “*Li os bastantes livros que estão na estante.” Os quantificadores universais, “todos” e “ambos”, são seguidos de artigo definido ou de demonstrativo, “Todas as maçãs estão verdes” / “Ambas essas maçãs estão verdes”.

Trenkic (2007, 2008) propôs a Análise Sintáctica Errada¹⁷¹ para explicar erros de omissão do artigo cometidos por falantes de Sérvio como L1 a adquirir inglês. Os erros de omissão são significativamente mais elevados em nomes com modificadores adjectivais (Art + Adj +N) do que em nomes sem modificadores adjectivais (Art + N). A autora argumentou que a produção do artigo é motivada pragmaticamente e as omissões resultam das limitações de processamento. Quando os aprendentes de L1 [-art] aprendem uma L2 [+art], analisam, por lapso, o artigo em inglês como modificador nominal. Eles focalizam-se no sentido do artigo, analisando-o como modificador nominal, em vez de elemento gramatical. A mesma autora sugeriu que “a produção de artigos é baseada lexicalmente e os artigos aparecem na produção de acordo com a necessidade de exprimir a identificabilidade do referente ao nível conceptual”¹⁷² (Trenkic, 2007:315-316). Embora a Análise Sintáctica Errada não faça parte do objectivo do nosso estudo, o efeito de modificadores adjectivais que Trenkic observou vai ser incluído na análise de factores que condicionam o uso do artigo.

Partindo do que foi acima mencionado, pressupomos que, no caso de os SD conterem possessivos ou superlativos, os aprendentes identificam com mais facilidade o uso do AD pela presença destes especificadores ou modificadores “compound” porque os aprendentes escolhem o AD como artigo *default*. Então temos uma variável ligada aos modificadores e especificadores de SD composta por nove factores.

¹⁷¹ A tradução de “*Syntactic Misanalysis Account*”

¹⁷² A tradução de “*the article production is lexically based and that articles will appear in production depending on the need to express the identifiability of the referent at the conceptual level*” (Trenkic, 2007:315-316).

Quadro 33 - V11. Certas categorias na estrutura interna do SD que exercem influência sobre a aquisição do artigo

	Modificadores do SD	Exemplos
1	SD (-modificador)	A RAPARIGA morava num primeiro andar. (05510)
2	SD (+oração relativa)	...e viu UMA MULHER QUE ESTEVE A FICAR NA CAMA. (05811)
3	SD (+possessivo)	Ele olhou para OS SAPATOS DELE. (05928)
4	SD (+N preposicionado)	Chaplin segura OS PÉS DA MULHER. (05941)
5	SD (+numeral cardinal)	...se eu participar o exame de...o exame tem DUAS LÍNGUAS...(10384)
6	SD (+adjectivos)	..e pensa que alguém estava a fazer UMA COISA MÁ. (03015)
7	SD (+numeral ordinal)	Ele chegou nO PRIMEIRO ANDAR. (03315)
8	SD (+indefinido)	Porque OUTRAS PESSOAS eh...talvez não há mais experiências. (10246)
9	SD (+outros modificadores)	...mas também eles falam português com OS SEUS PAIS PORTUGUESES. (11158)

Aqui a formulação desta variável é para testar a próxima hipótese.

H8. Certas categorias na estrutura interna do SD favorecem o uso do artigo.



Formula-se uma variável específica - V12, que pressupõe que certas categorias na estrutura externa do SD exercem influência sobre a aquisição do artigo, envolvendo duas categorias: Preposição e Verbo.

Na investigação realizada por Kim em 2005 junto de aprendentes coreanos a adquirir o AD em português, o autor caracterizou alguns aspectos do processo da aquisição: o uso do AD está relacionado com a contracção com preposições; o uso de pronomes demonstrativos (esse/essa) para marcar 2ª menção; a tendência para o uso

do AD na contracção com preposições. Para o último caso, era pressuposto que este uso, para os aprendentes coreanos, fosse compreendido como apenas um morfema lexical e não como a contracção de preposição + AD. Por outro lado, isso poderia estar a sinalizar a marcação de género, outro sistema inexistente no coreano, já que com a preposição, essa marcação se torna fonologicamente mais saliente.

Por isso, formulamos a seguinte variável para testar se existe uma relação directa entre diferentes tipos de preposições e o uso do artigo:

Quadro 34 - V12.1. A precedência da preposição em relação ao SD

	Preposição precedida do SD	Exemplos
1	Para	...pode organizar ah... algumas festas, ou reuniões para OS ALUNOS. (11314)
2	Em	...porque NA ESCOLA SECUNDÁRIA eu estudo química, sim... (11170)
3	Por	...um relatório que faz ah... que feito, feito PELO GOVERNO reflecte o, a percentagem de... (11591)
4	com/sem	...porque agora tem mais macaenses que casam COM OS CHINESES. (11155)
5	A	Por isso eu não posso dedicar-se mais AO PROJETO. (11167)
6	De	DO FUTURO ninguém sabe. (11185)
7	Durante	...porque o namorado dela morreu DUARANTE A PRIMEIRA GUERRA. (07218)
8	Entre	Logo viu que havia uma grande toalha branca vedada ENTRE A PORTA e chão. (0697)
9	Sobre	Fala mais SOBRE A HISTÓRIA DO PATIÁ...PATUÁ, sim. (11148)
10	Outras preposições	...todo o seu copo CONTRA A PORTA com objectivo de entrar à força. (05931)

Além disso, no estudo conduzido em 2007 por Humphrey, que explicou como os estudantes de inglês L2 usaram o artigo, um dos itens categorizados que influenciam a escolha do artigo está relacionado com os verbos *be*, *have*, *got*, *need*. Segundo a consideração do autor, esses verbos atraem mais o AI *a* e, por conseguinte, a categoria Verbo, como outras categorias testadas no estudo, tem influência muito forte na escolha do artigo pelos estudantes japoneses de nível elementar e intermédio de inglês L2.

No seu estudo, Mateus *et al.* (2003:226-227) descreveram que, nas operações com indefinidos, os verbos factivos (tal como, compreender, conhecer, lamentar, saber), os verbos de percepção e os verbos implicativos positivos (tal como, aventurar-se, conseguir, lembrar-se) forçam uma leitura específica das expressões singulares indefinidas. O uso da expressão singular indefinida (E94) denomina-se leitura não específica, ou intensional.

E94 Quero viver numa casa com sótão.

Com base nas considerações supracitadas, é construída esta variável para testar se existe uma relação directa entre diferentes tipos de verbos e o uso do artigo.

Quadro 35 - V12.2.A precedência do verbo em relação ao SD

	Primeiro verbo precedido do SD	Exemplos
1	Verbo “haver”	HAVIA UM PALHAÇO estava a comportar e ... (0613)
2	Verbo “ter”	...não tenho... não TEM DINHEIRO pala eh... (07025)
3	Verbos copulativos “ser”, “estar”, “ficar”...	Por isso, o amor ERA UMA COISA FEIA... (06423)
4	Verbos epistemológicos “saber”, “compreender”, “conhecer”...	...eu não SEI O NOME... (07845)
5	Verbos sensitivos “ver”, “cheirar”, “ouvir”, “sentir”...	...e VIU UMA SENHORA QUE ESTAVA DEITADA NA CAMA. (06910)
6	Verbos volitivos “esperar”, “querer”, “desejar”...	...eles QUERIAM chamar UMA AMBULÂNCIA. (06126)
7	Verbos modais “dever”, “poder”, “ter de”...	...o jogo PODE acrescentar o ...A ECONOMIA. (07016)
8	Outros verbos	Ele ABRIU A PORTA com força. (06112)

Ambas as variáveis que acabámos de formular são para testar se certas categorias na estrutura externa do SD também influenciam o uso do artigo.

H9. Certas categorias na estrutura externa do SD são primordiais para a aquisição do artigo.

No 3.1 do Capítulo 3, em que se trata a questão da referencialidade de um SD, é mencionada a proposta de dois binários de Bickerton (1981), segundo a qual, há dois universais de referência de SN: semântico e discursivo. O universal semântico é quando os falantes indicam se um SN se refere a uma entidade específica ou se a sua referência não é específica [$\pm Specific Referent$] ([$\pm SR$]). O universal discursivo é quando os falantes indicam se eles assumem que o referente de um SN é conhecido para o ouvinte ou, alternativamente, não conhecido para o ouvinte [$\pm Hearer Knowledge$] [$\pm HK$]. Por isso, todos os SN em discurso em todas as línguas podem ser classificados como um dos resultados da combinação destes dois traços. Assim temos quatro contextos linguísticos classificados: [$+HK, +SR$], [$+HK, -SR$], [$-HK, +SR$] e [$-HK, -SR$].

Por outro lado, Ionin *et al.* (2003a, 2003b, 2004), explicaram os mesmos traços apenas no universal discursivo, ou seja, se o referente de um SN é conhecido pelo falante e/ou pelo ouvinte no discurso. Nos seus estudos, os traços, ambos relacionados com o discurso, são designados: [$\pm específico$] e [$\pm definido$]. O primeiro traço reflecte o estado de conhecimento apenas do falante, enquanto o segundo reflecte o estado de conhecimento de ambos falante e ouvinte (Ionin, *et al.* 2004:5).

No ponto 3.1 do Capítulo 3, esclarecemos que adoptámos, neste estudo, os traços binários adaptados da interpretação de Ionin *et al.* (2003a, 2003b, 2004), especialmente sobre o traço de especificidade. Se o referente é conhecido pelo falante, é específico. Caso contrário, não é específico. Então, seguiremos a

classificação contextual do SD pelos traços [$\pm$ def] e [$\pm$ esp], de modelo de Ionin *et al.* (2003a, 2003b, 2004) para o nosso estudo, excepto uma afirmação sobre o uso do artigo indefinido no momento da primeira menção que é considerado [-esp], isto é, um elemento novo introduzido pela primeira vez num discurso, mesmo com conhecimento do falante, se não voltar a ser mencionado no discurso, é ainda [-esp]¹⁷³. Por isso, no nosso trabalho, o julgamento de um referente ser específico ou não está subjacente ao único factor de o referente ser conhecido ou não pelo falante. No exemplo E95, “um vestido muito bonito” é conhecido pelo informante, o locutor, e é considerado um referente específico, mesmo não voltando a ser referido no discurso posterior.

E95 DOC: Hum, hum.

INF: Meia vermelha. E veste-se UMA VESTIDO MUITO BONITO.

DOC: Hum, hum.

INF: Hum, o saco dela é muito pequeno.

(09845)

É importante especificar que no presente trabalho, os traços [$\pm$ HK, $\pm$ SR] e [$\pm$ def, $\pm$ esp] são considerados permutáveis.

No estudo sobre a aquisição do artigo em inglês por aprendentes chineses, Lu (2001) concluiu que *the* pretende ser ultrageneralizado no contexto [+SR, -HK], o que já foi mencionado no estudo de Chaudron e Parker (1990). Assim, o traço [+SR, -HK], localizado entre dois traços muito claros [+SR, +HK] e [-SR, -HK] é mais marcado e problemático tanto para aprendentes de L1 como de L2. Com base na investigação no contexto [+SR, -HK], foram identificadas áreas de dificuldade que estão subjacentes à escolha do artigo por aprendentes chineses: aprendentes chineses

¹⁷³ Em diante, vamos abordar esta questão com exemplos aquando da constituição de uma variável relacionada com a FH.

usam incorrectamente *the* em vez de *a* ou $\emptyset$ porque eles têm dificuldade em distinguir o contexto [+SR, -HK] do contexto [+SR, +HK].

Ionin *et al.* (2004) consideraram que o assunto de opcionalidade nas gramáticas de L2 tem atraído a atenção nos recentes estudos de aquisição de L2. O tipo de opcionalidade que interessa a Ionin *et al.* (2004:15) é a aderência opcional ao estabelecimento de parâmetros. Isto significa que os comportamentos dos aprendentes sugerem que às vezes eles adoptam um estabelecimento paramétrico e outras vezes um outro. Além disso, os mesmos linguistas mencionaram que nos estudos de Finer e Broselow (1986)¹⁷⁴, os aprendentes de L2 mostraram evidências de acesso ao estabelecimento de parâmetros que não estão instanciados nem na sua L1 nem na L2. Então, Ionin *et al.* (2004) propuseram a FH. Segundo esta hipótese, os falantes de L2 têm acesso completo aos princípios e fixações de parâmetros e flutuam entre diferentes estabelecimentos de parâmetro até o *input* os conduzir a estabelecer o valor apropriado. Sob esta hipótese, o estado da gramática de L2 é constrangido pela GU. Os erros dos aprendentes de L2 não são casuais mas reflectem estabelecimentos paramétricos possíveis da GU.

No 4.2.3 do Capítulo 4, encontra-se descrita e discutida com pormenor a FH, como também é apresentado um quadro em que se resumem os estudos pertinentes. Sobre esta hipótese, no caso da aquisição do sistema do artigo em português por aprendentes chineses, embora a língua chinesa não tenha o sistema de artigos, os falantes têm acesso ao inventário de traços interpretáveis disponibilizados pela GU que incluem [+def] e [+esp]. Os aprendentes chineses vão mostrar a flutuação entre dois valores e as suas ILG codificam ora a definitude ora a especificidade, sobretudo entre os contextos [-def, +esp] e [+def, -esp]. Mais tarde, a exposição suficiente ao

¹⁷⁴ Cf. Ionin *et al.*, 2004:16

input conduzirá os aprendentes a estabelecer o valor apropriado. Isto significa que os aprendentes chineses conseguem, no fim, ter uma *performance*, no caso da aquisição do artigo português, como nativos. No entanto, há estudos referidos no 4.2.3 do Capítulo 4 a mostrar que a *performance* dos aprendentes chineses não é idêntica à de outros aprendentes devido a causas baseadas na gramaticalização e transferência (Snape, 2006).

Segundo a FH, a ultrageneralização do AD no contexto [-def,+esp] (ou [-HK,+SR]) é originada pela codificação da referência dos informantes baseada na especificidade, em vez da definitude. Então procedemos a um estudo baseado nos traços binários, o qual poderá ser considerado um estudo preliminar¹⁷⁵ sobre a FH. Para se poder fazer uma comparação com os dados recolhidos na segunda experiência que se focaliza principalmente na FH, apenas os nomes concretos singulares precedidos do AD ou do AI é que entram na avaliação.

Quadro 36 - V13. Os traços binários

	Traços binários	Exemplos
1	[+def, +esp]	...eu fico mais apressados e depois fala com O MARIDO DELA é mais simpático ele. (079104)
2	[+def, -esp]	...quer dizer a ...a alguém ...às pessoas que ...[] O HOMEM e a...A...e MULHER é igual. (07173, 07174)
3	[-def, +esp]	...disse que eh...tem... tinha UM DEPUTADO, chama-se Ney... (07915)
4	[-def, -esp]	..o gove...governo precisa de eh...estipular UMA LEI eh...para os médicos. (08040)

De acordo com esta hipótese, os informantes chineses vão ter um desempenho desviante no uso do artigo, em particular, ultrageneralizam o AD no contexto [-def, +esp] e o AI, no contexto [+def, -esp]. Assim, a hipótese que se levanta sob a FH é a que prevê a flutuação dos aprendentes chineses entre os traços

¹⁷⁵ Na segunda experiência é estudada e discutida com mais profundidade a FH e a escolha do AD e do AI.

[±def] e [±esp] na aquisição do artigo português.

H10. Os aprendentes chineses usam o artigo incorrectamente nos contextos [+def, -esp] e [-def, +esp]; A FH é universal e aplicável ao caso da aquisição do artigo em português por aprendentes chineses.

Além das variáveis relacionadas com aspectos linguísticos, existem outros factores extralinguísticos que também influenciam o uso correcto do artigo, pelo que é estabelecida uma variável própria – V14. Experiências pessoais. Nesta variável, exploramos quatro factores que os informantes possuem, como por exemplo, anos de estudo de português, estudo em escolas luso-chinesas, vivência em países lusófonos e conhecimentos de outras línguas estrangeiras.

Existem estudos que supõem a existência de uma correlação positiva entre a exactidão no uso do artigo e o nível linguístico dos aprendentes de L2. A investigação de Chaudron e Parker (1990) identificou que os aprendentes japoneses de nível de proficiência mais baixa tenderam para a marcação do contexto [-HK] pelo AN e [+HK] pelo AD, e o uso de *a* para codificar indeterminação à medida que a proficiência aumentava.

Os aprendentes de níveis mais avançados mostraram mais exactidão no uso do artigo do que os de níveis mais baixos. O fenómeno da inundação do AD é mais

notado em níveis mais baixos do que em níveis mais avançados. À medida que a proficiência aumenta, acrescenta-se o uso do AI para codificar os indefinidos. Mayo (2009) testou a aquisição do artigo por falantes espanhóis de inglês L2 de dois níveis, descobrindo que, no grupo de nível de proficiência mais baixo, há evidência para o fenómeno de “direccionalidade”, e no grupo do nível comparativamente mais alto, não é encontrada a sua evidência. A conclusão a que se chega é a de que os falantes do nível mais elevado usaram o artigo com mais exactidão do que os do nível mais baixo.

Sendo os informantes todos os estudantes do Curso de Licenciatura em Estudos Portugueses na Universidade de Macau, a proficiência linguística deles é representada pelos anos de estudo neste Curso. Assim, temos a nossa variável para testar a relação entre o uso do artigo e a proficiência linguística dos aprendentes.

Quadro 37 - V14.1. Anos de estudo (no Curso de Licenciatura em Estudos Portugueses)

1	2º ano de estudo
2	4º ano de estudo

No seu estudo de 2005, Godinho estudou diversas variáveis independentes, um das quais está ligada à educação pré-universitária. Descreve que “em Macau, a língua portuguesa é ensinada nas escolas luso-chinesas, enquanto língua obrigatória, mas não eliminatória. A língua veicular é o cantonense, mas os informantes são expostos a um ensino ‘regular’ de português e, como tal, deveriam possuir um maior conhecimento da língua, levando-os a aplicar mais as regras de concordância de plural no SN” (Godinho, 2005:225). Os resultados do seu estudo também mostram que “os informantes que frequentaram uma escola luso-chinesa, por terem sido expostos regularmente à L2, aplicam mais a concordância de plural no SN do que os informantes que frequentaram escolas chinesas e inglesas” (Godinho, 2005:378).

Pela mesma razão, pressupomos que os aprendentes chineses com a experiência de aprendizagem na escola luso-chinesa tenham um desempenho melhor na aquisição do artigo em português.

Quadro 38 - V14.2. Estudo em escolas luso-chinesas

1	Estudou na escola luso-chinesa
2	Não estudou na escola luso-chinesa

Por outro lado, o facto de os alunos estarem imersos no “ambiente linguístico” da LA leva a que eles tenham uma maior exposição ao português e assim possam aperfeiçoar a sua competência linguística. A experiência de vivência em países lusófonos contribuirá para a melhor compreensão do artigo e como sequência para a sua aquisição de uma forma mais bem sucedida.

Quadro 39 - V14.3. Vivência em países lusófonos

1	Já viveu em Portugal ou outros países lusófonos
2	Não viveu em Portugal ou outros países lusófonos

O domínio de outras línguas estrangeiras [+art] facilita a aquisição do sistema do artigo em português. Leung fez um estudo, em 2007, junto de um grupo de aprendentes falantes de cantonês L1 a adquirir o artigo em inglês L2 e em francês L3. Os resultados apontaram para a transferência total. No caso de inglês L2, a transferência implica que a influência é apenas de chinês L1 e no caso de francês, há evidência da transferência de propriedades adquiridas em inglês L2 para francês L3, na fase inicial. Isto demonstrou que ter adquirido uma L2 com propriedades semelhantes à L3 facilita a aquisição de uma língua adicional.

No estudo de Jaensch (2009), feito com falantes japoneses já com conhecimento de inglês L2 a adquirir a terceira língua, alemão, num ambiente

linguístico de imersão, os resultados obtidos numa tarefa de produção oral mostraram que os falantes japoneses omitiram o artigo em quase metade dos contextos obrigatórios, em particular quando os SN eram modificados adjectivamente. Nos dados recolhidos numa tarefa de escolha forçada, os falantes japoneses não mostraram evidência de flutuação entre a definitude e a especificidade. O autor explicou que os falantes japoneses transferiram conhecimentos de L2 (isto é, o artigo inglês codifica a definitude em vez da especificidade) para a aquisição da terceira língua e por isso, não foi encontrado o fenómeno de flutuação na tarefa de escolha forçada. Então, o factor de conhecimento de outras línguas parece também exercer influência na aquisição de uma língua nova.

Temos, assim, uma variável para testar o relacionamento entre a exactidão do uso do artigo e conhecimentos de outras línguas estrangeiras além de português.

Quadro 40 - V14.4. Conhecimentos de outras línguas estrangeiras

1	Fala inglês
2	Fala inglês e outra(s) língua(s) asiática(s)
3	Fala inglês e outra(s) língua(s) europeia(s)

A hipótese para estas variáveis é a seguinte:

H11. As experiências e *background* educacional dos aprendentes chineses contribuem para a aquisição do artigo em português

Acabada a descrição das variáveis dependentes e independentes constituídas para a primeira experiência, passamos a descrever as variáveis que serão estudadas com os dados resultantes da segunda experiência.

5.4.2 Descrição das variáveis na segunda experiência

Mencionámos, anteriormente, a objectividade da segunda experiência que é testar a escolha entre o AD e o AI, como também a aplicação da FH.

5.4.2.1. A variável dependente

Definimos a variável dependente que é uma oposição binária, isto é, uso do AI ou uso do AD.

Quadro 41 - V15. A escolha entre o AD e o AI

0	Uso do AI
1	Uso do AD

5.4.2.2 A variável independente

Recordamos que o objectivo da segunda experiência é testar principalmente se a FH é aplicável ao caso da aquisição do artigo em português por aprendentes chineses. Então, vamos ver como se define a variável para podermos fornecer provas para testar a FH.

No estudo de Ionin *et al.* (2004), foram estudados mais contextos sub-especificados dentro destes quatro contextos. Para este estudo, foi feita uma tarefa de elicitación forçada que consistia em pequenos diálogos e em cada frase avaliada era

omitido um artigo. Os aprendentes tiveram que fazer uma escolha entre *a*, *the* e $\emptyset$, baseando na sua resposta no contexto. Todos os SD no teste eram singulares. Os itens de alvo estavam sempre na posição de objecto. Havia quatro itens por cada tipo de contexto. O número de contextos indefinidos era igual ao de definidos. Além disso, foram incluídos mais dois contextos adicionais.

No total, estão envolvidos dez contextos linguísticos que são abaixo exemplificados (Ionin *et al.*, 2004:19-24).

Nos dois contextos [+def, +esp], a diferença é que o definido leva um verbo intensional no 1., enquanto o 2. não envolve a relação de escopo.

1. [+def, +esp]: escopo largo

E96 *We are trying to find (a, the, $\emptyset$) murder of Miss Andrews – his name is Roger Williams, and he is a well-known criminal.*

2. [+def, +esp]: não há interacções de escopo, com o conhecimento do falante

E97 *I'm having lunch with (a, the, $\emptyset$) creator of this comic strip – he is an old friend of mine. So I can get his autograph for Jeannie!*

A diferença entre os dois contextos [+def, -esp] 3. e 4. está outra vez no escopo. No 3., o definido tem escopo estreito com respeito ao verbo intensional, enquanto no 4., não envolve a relação de escopo. Ambos os contextos envolvem a negação do conhecimento do falante em relação ao referente.

3. [+def, -esp]: escopo estreito

E98 *We are trying to find (a, the, $\emptyset$) murder of Mr. Peterson – but we still don't know who he is.*

4. [+def, -esp]: não há interacções de escopo, sem o conhecimento do falante

E99 *He is talking to (a, the, $\emptyset$) owner of his company! I don't know who that person is – but I know that this conversation is important to Erik.*

A diferença entre os dois contextos [-def, +esp] é que o definido leva escopo largo sob um verbo intensional no 5., enquanto que o 6. não envolve esta relação de escopo.

5. [-def, +esp]: escopo largo

E100 *In that case, I would like to sell you (a, the, $\emptyset$) beautiful silver necklace. It is very valuable – it has been in my family for 100 years!*

6. [-def, +esp]: não há interações de escopo, com o conhecimento do falante

E101 *I am here for a week. I am visiting (a, the, $\emptyset$) friend from college – his name is Sam Brown, and he lives in Cambridge now.*

Os dois contextos exemplificados no 7. e 8. são [-def, -esp]. O contexto 7. contém um escopo estreito indefinido, e o 8. contém uma negação do conhecimento do falante.¹⁷⁶

7. [-def, -esp]: escopo estreito

E102 *I'd like to get to know my classmates. I am hoping to find (a, the, $\emptyset$) new good friend! I don't like being all alone.*

8. [-def, -esp]: não há interações de escopo, sem o conhecimento do falante

E103 *I don't really know. He is staying with (a, the, $\emptyset$) friend – but he didn't tell me who that is. He didn't leave me any phone number or address.*

Pretende-se observar os dados destes oito contextos para ver se corroboram a

¹⁷⁶ Ao analisar os dados recolhidos da produção, Ionin *et al.* consideraram três tipos de indefinidos: indefinidos potencialmente [+esp] com escopo amplo, e indefinidos obrigatoriamente [-esp] com escopo estreito, e provavelmente indefinidos [-esp] em construções *there/have*. A explicação para dois exemplos do terceiro caso era “the narrator is unlikely to be attaching particular importance to the exact identity or nature of a particular piece of furniture but is concerned primarily with listing the objects in his or her room” Ex1. *There are a mirror, a desk, a computer and a bed something like that.* Ex2. *My room has a bed, a desk, and book shelves.* (Ionin *et al.*, 2004:48)

predição - os falantes de inglês L2 vão oscilar entre dois valores do Parâmetro de Escolha do Artigo: escolha do artigo em função da definitude ou escolha do artigo em função da especificidade. Essa oscilação poderá manifestar-se nos seguintes comportamentos: a) vão usar correctamente o artigo definido *the* em contextos [+def, +esp], mas vão oscilar entre o artigo definido *the* e o artigo indefinido *a* em contextos [+def, -esp]; b) vão usar correctamente o artigo indefinido *a* em contextos [-def, -esp], mas vão oscilar entre o artigo definido *the* e o artigo indefinido *a* em contextos [-def, +esp] (Ionin *et al.*, 2004. *apud.* Balde, 2011:29).

Os autores testaram ainda os aprendentes de L2 nos indefinidos de primeira menção sem escopo de interacção nem conhecimento (9.), como também nos definidos de menção prévia (10.). Trata-se dos usos relevantes do artigo numa cadeia referencial, ou seja, no momento da primeira menção é usado um indefinido; para a manutenção do referente, usa-se uma expressão nominal definida, um pronome ou uma forma nula; a reintrodução da informação é feita através de uma expressão nominal definida (Ionin *et al.*, 2004). Os indefinidos de primeira menção em contextos (9.) são [-esp]: a identidade exacta de um membro particular do conjunto “*puppy*” é completamente irrelevante para o discurso. “Este uso de referencial seria, de facto, infeliz em tais contextos: como não voltou a mencionar o referente, a propriedade notável possuída pelo referente não é transmitida”¹⁷⁷ (Ionin *et al.*, 2004:23-24). Os definidos de menção prévia em contextos (10.) são [+esp]: a identidade exacta de um membro particular do conjunto “*horse*” é conhecida porque é o individual que foi mencionado.

¹⁷⁷ A tradução de “*Use of referential this would in fact be infelicitous in such contexts: As no further mention of the referent is made, the noteworthy property possessed by the referent is not conveyed.*” (Ionin *et al.*, 2004:23-24)

9. [-def, -esp]: primeira menção (indefinido simples)

E104 *And best of all – he got (a, the, ø) puppy!*

10. [+def, +esp]: menção prévia (definido simples)

E105 *He found a big cow and a small friendly horse. But he didn't have enough money for both. In the end, he bought (a, the, ø) horse.*

Os autores explicaram por que razão acrescentaram mais dois contextos. “Estes contextos permitem-nos testar se obtemos os mesmos resultados em todos os contextos [+ def, + esp], bem como em todos os contextos [-esp, -def]”¹⁷⁸ (Ionin *et al.*, 2004:24).

Os resultados indicam que os aprendentes russos e coreanos de inglês L2 ultrageneralizaram mais *the* no contexto indefinido [+esp] do que no indefinido [-esp] e mais *a* no contexto definido [-esp] do que no definido [+esp]. Encontraram um efeito interessante entre os aprendentes russos: os que ultrageneralizam *the* no contexto indefinido [+esp] também ultrageneralizam *a* no contexto definido [-esp], o que mostrou o facto de a ultrageneralização de *the* com indefinidos e a ultrageneralização de *a* com definidos estarem relacionadas.

Embora seja detectada a flutuação dos aprendentes de L2 no uso de artigos, há ainda muitos problemas por resolver. Ionin *et al.* (2004:51) apresentaram duas questões para as quais ainda não encontraram respostas: que factores levam os aprendentes de L2 a escolher finalmente uma opção sobre a outra, e por que motivo muitos aprendentes de L2 com elevada proficiência parecem incapazes de estabelecer o Parâmetro da Escolha do Artigo. Os autores sugeriram que uma das dificuldades que se encontra no estudo da aquisição do artigo é o facto de os *triggers*

¹⁷⁸ A tradução de “These contexts allow us to test whether we get the same results across all [+definite, +specific] contexts, as well as across all [-definite, -specific] contexts.” (Ionin *et al.*, 2004:24)

relacionados com o Parâmetro da Escolha do Artigo serem particularmente difíceis do ponto de vista da aquisição de L2 porque eles não aparecem (pelo menos não obviamente) da configuração sintáctica. Ambos os artigos específicos e definidos podem aparecer nos mesmos ambientes, por exemplo, numa frase SVO sem operador intensional, modal ou modificadores. Para determinar se *the* é [+def] ou [+esp], os aprendentes de L2 precisam de avaliar a situação discursiva e decidir se *the* marca a pressuposição de unicidade (da perspectiva do ouvinte) ou a existência de uma propriedade notável (da perspectiva do falante). Então, a dificuldade assenta na ambiguidade dos gatilhos de discurso relacionados com o Parâmetro da Escolha do Artigo. Esta ambiguidade persiste em muitos contextos. Por tanto, o fenómeno da FH deixou por responder à questão de por que motivo os aprendentes de L2 não conseguiram ter um desempenho como nativos.

Seguindo o trabalho de Ionin *et al.* (2004), foram conduzidos muitos estudos com a finalidade de testar a mesma hipótese. Snape (2006), na sua tese de doutoramento, comparou dados de aprendentes japoneses de inglês L2 e aprendentes espanhóis de inglês L2 obtidos em duas tarefas de elicitación forçada. Na primeira tarefa, os contextos [+def, +esp], [-def, +esp] e [-def, -esp] eram baseados nos contextos “anafórico definido”, “referencial” e “não referencial”. A estrutura SD modificada por uma oração relativa era usada para forçar a leitura de [-def, +esp] em contextos singular e plural. Para se mostrar a última situação, exemplificam-se dois casos (11. e 12.) abaixo encontrados:

11. [-def, +esp] singular

E106 *A: Kylie went to Tim's party.*

B: Did she have fun?

A: She met _____ man who I knew at school

an

ø

the

a

12. [-def, +esp] plural

E107 *A: I'm not going to Tom's party.*

B: Why not?

A: He always invites _____ people who I don't like.

an

Ø

the

a

Além disso, o autor explicou que “as leituras [+esp, -def] foram baseadas no “uso situacional mais alargado”¹⁷⁹ do artigo definido porque o falante não tem a intenção de se referir a alguma propriedade importante”¹⁸⁰ (2006:241). Assim, há no total oito itens para cada contexto, quatro itens para cada contexto singular e quatro para cada plural.

Os resultados revelaram que os aprendentes japoneses de L2 ultrageneralizam *a* em contextos [+def, -esp] e *the* em contextos [-def, +esp], isto é, flutuaram entre a definitude e a especificidade. Por outro lado, verificou-se inesperadamente que os espanhóis tem problemas com um dos contextos [+def, -esp] plural no uso situacional mais alargado. Para testar se os falantes japoneses ultrageneralizam o AI *a* em contextos [+def, -esp], o autor desenhou uma outra tarefa de elicitación forçada em que os contextos de alvo eram baseados em contextos [+def, -esp] singulares referidos por Lyons (1999) e que também eram usados por Ionin *et al.* (2004). Os resultados da segunda tarefa confirmaram que os aprendentes japoneses L2 têm dificuldade com os contextos [+def, -esp] por terem ultrageneralizado o AI *a*. Então, o estudo de Snape (2006) confirmou que os japoneses que não têm o sistema do artigo na sua L1 flutuam entre dois traços do Parâmetro da Escolha do Artigo

¹⁷⁹ A tradução de “larger situational use”.

¹⁸⁰ A tradução de “the [+definite, -specific] readings were based on the larger situational use of the definite article because the speaker does not have intent to refer to some noteworthy property” (Snape, 2006:241)

enquanto os espanhóis não, dado que a L1 desses aprendentes tem o artigo. “Os aprendentes de japonês L2 flutuaram entre a definitude e a especificidade como o previsto sob a Hipótese de Flutuação. Os espanhóis não flutuaram devido à transferência directa de L1. Eles comportam-se como o controlo nativo na escolha do artigo. Argumentou-se que a razão de flutuação entre o grupo dos japoneses foi que eles seleccionaram e atribuíram os traços errados aos artigos em inglês, em vez de uma falha no estabelecimento do Parâmetro da Escolha do Artigo binário. Continuar com a flutuação em estágios avançados de aquisição é, possivelmente, o resultado de um problema de mapeamento na interface sintáctico-pragmática”¹⁸¹ (Snape, 2006:276-277)

Importa mencionar o trabalho de Balde (2011) em que foi confirmada a FH, em função da aquisição do artigo em português L2 por falantes de L1 russo. Neste estudo participaram um grupo de informantes de L1 russo e L2 português e um grupo de controladores nativos portugueses. Foi aplicado ao primeiro grupo um teste para se testar o nível de competência linguística e aos dois grupos uma tarefa de elicitação forçada que foi replicada e alargada com base no trabalho de Ionin *et al.* (2004).

Tendo sido colocadas mais três condições, o teste era composto por 65 diálogos curtos, divididos entre 13 condições. Cada condição incluía um grupo de cinco itens em que o SD em análise conjugava os traços de definitude e de especificidade. Duas das três condições acrescentadas envolviam frases com verbos copulativos. O SD-alvo estava na posição do predicativo do sujeito e estava no singular. O SD definido em 13. tinha leitura atributiva, e o SD indefinido em 14.

¹⁸¹ A tradução de “*The Japanese L2 learners did fluctuate between definiteness and specificity as predicted under the Fluctuation Hypothesis. The Spanish did not fluctuate due to direct L1 transfer. They behaved as the native control in article choice. It was argued that the reason for fluctuation amongst the Japanese groups was because they selected and assign the wrong features to English articles rather than a failure to set a binary Article Choice Parameter. Continuing fluctuation into advanced stages of acquisition is possibly the result of a mapping problem at the syntax-pragmatics interface.*” (Snape, 2006:276-277)

correspondia a uma expressão nominal qualitativa.

13. [+def]

E108 Não faz mal. Vou chamar o Sr. Pires. Ele é o responsável pelo sector.

14. [-def]

E109 Muito obrigada! A senhora é um anjo.

A outra condição, que não se encontrava no teste inicial de Ionin *et al.* (2004), abrangia construções nominais com valor anafórico do Possessivo Nulo no interior do SD (15.), porque, em russo, neste caso, o SD seria construído com um determinante possessivo realizado ou seria SN simples.

15. [+def]

E110 Comprei umas calças muito giras! Mas nem sabes o que me aconteceu depois!
Roubaram-me o carro!

Partindo da FH, a autora apresentou as seguintes predições para a aquisição de português por falantes russos (2011:46)

“Os falantes de L1 russo/L2 português vão oscilar entre dois valores do Parâmetro da Escolha do Artigo: escolha do artigo em função de definitude ou escolha do artigo em função de especificidade. Essa oscilação poderá manifestar-se nos seguintes comportamentos:

- a) Os falantes de L1 russo/L2 português vão usar correctamente o artigo definido o/a em contextos [+def, +esp], mas vão oscilar entre o artigo definido o/a e o artigo indefinido um/uma em contextos [+def, -esp];
- b) Vão usar correctamente o artigo indefinido um/uma em contextos [-def, -esp], mas vão oscilar entre o artigo definido o/a e o artigo indefinido um/uma em contextos [-def, +esp]”.

Os resultados mostraram que os erros observados em ambos os contextos intensionais e extensionais consistem na substituição do artigo, e existe uma maior dificuldade nos contextos de uso do AI do que nos de uso do AD. Além disso,

observou-se um maior número de desvios tanto nas condições da cadeia referencial como nas condições do predicativo do sujeito. A condição do possessivo nulo revela menos dificuldade no uso do artigo. Tudo isto confirma a FH e o acesso total à GU.

Tendo em consideração o exposto anteriormente, devemos esperar que os aprendentes chineses de português L2 também oscilem entre dois valores da escolha do artigo, ou em função de definitude ou em função de especificidade. É significativo estudar até que ponto o parâmetro vai sendo incorporado na *interlíngua* dos aprendentes com maior exposição à língua-alvo. A fim de alcançar a nossa finalidade, pedimos aos informantes, na tarefa de elicitación forçada, para escolherem o AD ou o AI em doze contextos. Além de optar pelos primeiros dez contextos de Ionin *et al* (2004)¹⁸², acrescentamos mais dois contextos com adaptação ao exercício de Snape (2006). No estudo de Zhang J. (2009)¹⁸³, verificou-se que, em frases relativas, os alunos não erraram no uso do AD em contextos [+def, -esp] pela presença de modificadores posteriores. Assim, para verificar como é que os informantes deste trabalho desempenham em contextos [+def, -esp], será aplicada na mesma tarefa a estrutura SD modificado por uma oração relativa, sendo o SD em contextos [+def, -esp] ou [-def, +esp]. Todos os SD estão na posição de complemento. Lang (2010) fez, com um falante chinês, um estudo longitudinal na aquisição do sistema do artigo em inglês, tendo detectado que os erros cometidos com *a*, *the* e AN estão mais frequentemente relacionados com os SD na posição de complemento. Por isso, os SD a serem avaliados estão todos na posição mais problemática.

¹⁸² Adoptaram-se as traduções de Balde (2011) com certa adaptação.

¹⁸³ Zhang, J. 2009. “A Aquisição do Sistema de Artigos por Aprendentes Chineses de Português L2”, II Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa (SIMELP), 6 a 10 de Outubro, 2009, Universidade de Évora, Portugal.

Tivemos em consideração um outro ponto: o traço Número, que interfere no processo da escolha do artigo, especialmente na opção feita entre o AI e o AN. Vejam-se os exemplos 11. e 12. de Snape (2006), em que o uso de AI e de AN assenta numa propriedade de SN, ou seja, se o SN é contável singular, o AI é pedido. Caso contrário, o AN é preferido para os SN contáveis plurais. Como o trabalho visa observar principalmente se os aprendentes L2 conseguem reestabelecer o Parâmetro da Escolha do Artigo que contém os traços $[\pm \text{def}]$ e $[\pm \text{esp}]$, limitamos este teste a contextos em que só se envolvem SD singulares. Neste sentido, as condições são divididas em seis contextos com a realização de SD definidos e seis com a realização de SD indefinidos. Cada contexto tem quatro itens em que o SD em análise conjuga os traços de definitude e de especificidade, tendo sido elaborados, no total, quarenta e oito diálogos. Os SN simples também não estão incluídos no presente trabalho.

O teste é organizado de seguinte modo:

1. $[+\text{definido}, +\text{específico}]$ Escopo¹⁸⁴ largo, conhecimento do falante

E111 Conversa entre dois polícias

Polícia 1: Há muito tempo que não o via. Deve estar muito ocupado.

Polícia 2: Pois, estou. Ouviu falar sobre a Senhora Sara Andreia, uma famosa advogada que foi assassinada há algumas semanas? Nós estamos a tentar encontrar o assassino da senhora. Chama-se Roberto Silva e é um criminoso muito conhecido.

2. $[+\text{definido}, -\text{específico}]$ Escopo estreito, sem conhecimento do falante

E112 Conversa entre um polícia e um repórter

Repórter: Há uns dias, o Senhor José Pereira, um famoso político, foi assassinado! Está a investigar o assassino dele?

Polícia: Sim. Nós estamos a tentar encontrar o assassino do Senhor Pereira, mas ainda não sabemos quem é

¹⁸⁴ Tendo como referência o trabalho de Baldé (2011:41), a predicação envolve um verbo intensional (por exemplo, tentar, querer, desejar, gostar, precisar), estando o SD em questão sob o escopo largo ou estreito do verbo.

3. [+definido, +específico] Sem escopo, conhecimento do falante

E113 Paula: Tens tempo para o almoço?

Sandra: Não, estou muito ocupada. Tenho um encontro com _o_ reitor da nossa universidade, Senhor Doutor Ricardo Pinto. É um encontro importantíssimo.

4. [+definido, -específico] Sem escopo, sem conhecimento do falante

E114 Máio: Estou à procura do Henrique. Ele está em casa?

Ricardo: Está mas está a falar ao telefone. Tem um assunto importante para tratar. Está a falar com _o_ patrão da empresa dele. Não o conheço, mas a conversa parece ser importante para o Henrique.

5. [-definido, +específico] Escopo largo, conhecimento do falante

E115 Num aeroporto, na sala de chegada de passageiros.

Homem: Peço desculpa, o senhor trabalha aqui?

Segurança: Sim.

Homem: Então, provavelmente poderá ajudar-me. Estou a tentar encontrar _uma_ menina ruiva. Acho que ela chegou no voo nº239.

6. [-definido, -específico] Escopo estreito, sem conhecimento do falante

E116 Numa livraria para crianças

Criança: Gostava de levar alguma coisa para ler, mas não sei o quê

Vendedor: Bem, o que gostas mais? Temos livros das mais variadas temáticas.

Criança: Gosto das coisas que se movem: carros, comboios ... Já sei! Queria levar _um_ livro sobre aviação. Adoro ler sobre pilotagem!

7. [-definido, +específico] Sem escopo, conhecimento do falante

E117 Jornalista 1: Olá Há tanto tempo! Tens tempo para um cafezinho?

Jornalista 2: Que pena, não tenho. Estou muito ocupado com uma reportagem sobre o sistema de saúde. Hoje, vou entrevistar _um_ médico do Hospital Pediátrico. É um pediatra muito famoso e não tem muito tempo para entrevistas. Tenho que mesmo ir!

8. [-definido, -específico] Sem escopo, sem conhecimento do falante

E118 Numa universidade

Professor: Estou à procura da professora Sílvia Sousa.

Secretária: Acho que ela está muito ocupada. Está na hora de atendimento dela.

Professor: O que é que ela está a fazer?

Secretária: Está a falar com _um_ estudante, mas não sei quem ele é

9. [+definido, +específico], da menção prévia (definido simples)

- E119 Verónica: Onde estiveste esta tarde? Tentei falar contigo, mas tu nunca estavas.
Raquel: Fui a uma livraria.
Verónica: Compraste alguma coisa?
Raquel: Muita coisa: revistas, canetas, cadernos e um livro muito interessante. Estou mesmo a adorar o livro.

10. [-definido, -específico], da primeira menção (indefinido simples)

- E120 Ana: No sábado passado, não pude sair, estava a chover.
Lúcia: Então, o que fizeste?
Ana: Primeiro, fiz as limpezas, depois lanchei e, mais tarde, li um livro.

11. [+definido, -específico] SD modificado por uma oração relativa, sem conhecimento do falante

- E121 Professor 1: Sabes que vieram entrevistar o aluno que ganhou o primeiro prémio no Concurso de Eloquência de Macau na semana passada. Mas quem será o aluno?
Professor 2: Não sei de nada.

12. [-definido, +específico] SD modificado por uma oração relativa, com conhecimento do falante

- E122 Paula: Não acredito mais na publicidade.
António: Passou-se alguma coisa contigo?
Paula: Comprei um computador que vi anunciado no jornal. Isto foi na semana passada. E agora o computador está avariado.

Seguidamente, é definida uma variável com doze factores correspondentes aos doze contextos supracitados para fornecer mais evidência para provar a H10, isto é se a FH é aplicável ao caso da aquisição de L2 por aprendentes chineses.

Quadro 42 - V16. O Modelo proposto por Ionin *et al.* (2004)

(Doze contextos subespecificados adaptados)

	Doze contextos	Exemplos
1	[+def,+esp] Escopo largo	5. ...Nós estamos a tentar encontrar O ASSASSINO DA SENHORA. Chama-se Roberto Silva e é um criminoso muito conhecido.
2	[+def,-esp] Escopo estreito	10.Nós estamos a tentar encontrar O ASSASSINO

		DO SENHOR PEREIRA, mas ainda não sabemos quem é
3	[+def,+esp] Sem escopo	17.Tenho um encontro com O REITOR DA NOSSA UNIVERSIDADE, Senhor Doutor Ricardo Pinto
4	[+def,-esp] Sem escopo	19. ...Está a falar com O PATRÃO DA EMPRESA DELE. Não o conheço, mas a conversa parece ser importante para o Henrique.
5	[-def,+esp] Escopo largo	26. ...Estou a tentar encontrar UMA MENINA RUIVA. Acho que ela chegou no voo nº 239.
6	[-def,-esp] Escopo estreito	18. ...Queria levar UM LIVRO SOBRE AVIÕES. Adoro ler sobre pilotagem
7	[-def,+esp] Sem escopo	42. ...Hoje, vou entrevistar UM MÉDICO DO HOSPITAL PEDIÁTRICO. É um pediatra muito famoso e não tem muito tempo para entrevistas
8	[-def,-esp] Sem escopo	45. ...Está a falar com UM ESTUDANTE, mas não sei quem ele é.
9	[+def,+esp] Menção prévia	12. ...Muita coisa: revistas, canetas, cadernos e um livro muito interessante. Estou mesmo a adorar O LIVRO.
10	[-def,-esp] Primeira prévia	38. ...Primeiro, fiz as limpezas, depois lanchei e, mais tarde, li UM LIVRO.
11	[+def,-esp] Oração relativa	34. ...Sabes que vieram entrevistar O ALUNO QUE GANHOU O PRIMEIRO PRÉMIO NO CONCURSO DE ELOQUÊNCIA DE MACAU na semana passada. Mas quem será o aluno?
12	[-def,+esp] Oração relativa	6. ... Comprei UM COMPUTADOR QUE VI ANUNCIADA NO JORNAL. Isto foi na semana passada

* * * * *

Este capítulo ilustrou o guião metodológico em que se encontram descritas as características dos dados recolhidos que servirão para a presente pesquisa, informações dos fornecedores dos dados, formas de fornecimento dos dados, e ainda constituição das 20 variáveis como base para se proceder à análise dos dados, com a finalidade de testar a validação das onze hipóteses propostas para o presente estudo. No passo seguinte, iremos codificar os dados e submeter os *corpora* a análises quantitativas por meio do programa estatístico SPSS, com pretensão de perceber os

efeitos de cada uma das variáveis (correspondentes a contextos linguísticos e extralinguísticos) no desempenho linguístico, neste caso, na aquisição do artigo L2.



Capítulo 6 Descrição e Discussão dos Dados

Antes de procedermos à análise e discussão dos dados, faremos uma nota introdutória para descrever resumidamente o respectivo processo em que os dados serão tratados.

6.1 Introdução

Como o presente estudo estava integrado no projecto coordenado pelo Professor Doutor Alan Baxter e pela Professora Ana Paula Godinho, decidimos seguir o mesmo processo que a Professora Ana Paula Godinho adoptou no seu estudo (2005), com excepção do suporte computacional utilizado por aquela investigadora. Recorremos ao SPSS em vez do programa VARBRUL no tratamento dos dados.

A análise foi realizada com base nos resultados das diversas variáveis que julgamos actuarem sobre o uso do artigo entre os elementos do SD sob a perspectiva que considera cada elemento do SD como um dado de análise, isto é a perspectiva atomística (Godinho, 2005:242). Assim, examinamos todos os SD codificados com o objectivo de aferir que variáveis actuam sobre o uso do artigo e, assim, caracterizar as ILG dos nossos informantes no sentido da aquisição do artigo.

Adaptado do processo do estudo de Godinho (2005), os passos seguidos neste estudo para o tratamento dos dados são os seguintes:

1. A determinação do objecto de estudo para as duas experiências, o uso do artigo no SD (Primeira experiência: a exactidão do uso do artigo, o uso do AD, o uso do AI e o uso do AN¹⁸⁵; Segunda experiência: a escolha entre o AD e o AI);
2. A determinação das variáveis independentes - os grupos de factores que estão relacionados com o fenómeno em estudo;
3. A codificação, etapa preparatória para utilização do SPSS;
4. A quantificação dos dados;
5. A interpretação dos dados e confirmação das hipóteses propostas.

Abaixo listam-se as variáveis constituídas no capítulo anterior para o presente trabalho:

Quadro 43 – A lista das variáveis dependentes e independentes

Primeira experiência
Variáveis dependentes
V1. A exactidão do uso do artigo
V2. O uso do AD
V3. O uso do AI
V4. O uso do NA
Variáveis independentes
V5. Os três contextos linguísticos em que se distribui o artigo
V6. A semântica/pragmática do SD definido
V7. A semântica/pragmática do SD indefinido
V8. O traço [$\pm$ concreto] de N
V9. O traço [$\pm$ contável] de N
V10. A posição do SD
V11. Certas categorias na estrutura interna do SD que exercem influência sobre a aquisição do artigo
V12. Certas categorias na estrutura externa do SD que exercem influência sobre a aquisição do artigo
V12.1. A precedência da preposição em relação ao SD
V12.2. A precedência do verbo em relação ao SD
V13. Os traços binários
V14. Experiências pessoais
V14.1. Anos de estudo (no Curso de Licenciatura em Estudos Portugueses)
V14.2. Estudo em escolas luso-chinesas
V14.3. Vivência em países lusófonos
V14.4. Conhecimentos de outras línguas estrangeiras
Segunda experiência
Variável dependente

¹⁸⁵ Entendemos o uso do AN como a omissão correcta do AD e do AI.

V15. A escolha entre o AD e o AI
Variável independente
V16. O Modelo proposto por Ionin <i>et al.</i> (2004) (Doze contextos subespecificados adaptados)

Sabemos que os informantes ao fornecerem dados escritos, normalmente, têm mais tempo e oportunidade para pensar e reflectir do que os que são submetidos a uma entrevista. Por isso, o ambiente da produção de dados escritos é mais cuidadoso do que o da produção de dados orais. O estudo de Kim e Lakshmanan (2009) investigou o papel do processamento do ACP junto de falantes coreanos de inglês L2. Os informantes completaram duas tarefas, uma *on-line* (*word-by-word, self-paced reading task*) e outra *off-line* (*semantic acceptability-rating task*). Os resultados da primeira tarefa *on-line* indicaram que os aprendentes de L2 do nível intermédio aderiram à especificidade enquanto os do nível avançado flutuaram entre a definitude e a especificidade. Os resultados da tarefa *off-line* indicaram que os aprendentes do nível intermédio flutuaram entre dois valores do ACP, mas os do nível avançado aderiram ao valor da definitude. Os autores sugeriram que, quando houvesse mais tempo para processar os aspectos semânticos da escolha do artigo, a *performance* dos participantes de L2 também melhoraria. Então a situação do uso do artigo está ligada às fontes dos dados. Por esta razão, foi criada para todos os dados da primeira experiência uma variável em que se deu a indicação das fontes, de modo a se poder proceder posteriormente à selecção de casos no processo da análise dos dados. Assim, os resultados da análise dos *corpora* na primeira experiência poderão ser apresentados em dois grupos, *Corpus I* e *Corpus II*. Os resultados da análise dos dados da segunda experiência constituem o *Corpus III*.

6.2 Descrição e discussão dos resultados da primeira experiência

Nesta secção, descrevemos e discutimos os resultados de todas as variáveis em análise envolvidas na primeira experiência de modo a ilustrar como as variáveis dependentes se correlacionam com as variáveis independentes.

6.2.1 Os três contextos linguísticos em que se distribui o artigo

A primeira variável concerne a três contextos linguísticos em que se distribui o artigo, o contexto obrigatório do AD, o contexto obrigatório do AI, e o contexto obrigatório do AN. Em primeiro lugar, temos abaixo dois quadros que apresentam as diferenças da exactidão do uso do artigo nos três contextos.

Quadro 44 - A exactidão do uso do artigo nos três contextos – *Corpus I*¹⁸⁶

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
AD	1983	.96	.188	.004	.95	.97	0	1
AI	414	.66	.475	.023	.61	.70	0	1
AN	225	.79	.407	.027	.74	.84	0	1
Total	2622	.90	.300	.006	.89	.91	0	1

Quadro 45 - A significância da exactidão do uso do artigo nos três contextos – *Corpus I*¹⁸⁷

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	35.030	2	17.515	228.460	.000
Within Groups	200.790	2619	.077		
Total	235.820	2621			

¹⁸⁶ Neste quadro interessa-nos a coluna de *Mean* em que encontramos a exactidão do uso dos artigos. Por exemplo, o *mean* de .96 significa que a percentagem da correcção do uso do AD é 96%.

¹⁸⁷ Neste quadro o valor listado na coluna de *Sig.* é importante. Quando o *Sig* (p) é menor a .05, é provada a significância. Caso contrário, não é.

Quadro 46 - A exactidão do uso do artigo nos três contextos – *Corpus II*

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
AD	2772	.91	.292	.006	.90	.92	0	1
AI	802	.82	.388	.014	.79	.84	0	1
AN	714	.71	.452	.017	.68	.75	0	1
Total	4288	.86	.350	.005	.85	.87	0	1

Quadro 47 - A significância da exactidão do uso do artigo nos três contextos – *Corpus II*

	Sum of Squares	Df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	22.637	2	11.319	96.611	.000
Within Groups	502.016	4285	.117		
Total	524.653	4287			

Os quadros indicaram que os informantes mostraram uma exactidão muito elevada no uso do artigo no contexto definido, muito próximo ao uso dos nativos, continuando, porém a manter dificuldades no uso do artigo no contexto do AI e do AN (No *corpus I*, o *mean* da correcção do contexto do uso do AD é .96, do AI é .66, do AN é .79; No *corpus II*, o *mean* da correcção do contexto do uso do AD é .91, do AI é .82, do AN é .71). Nos dados escritos, os informantes foram muito correctos no contexto do uso do AD e tiveram mais problemas em distinguir o contexto do AI do que o do AN. Nos dados orais, os informantes também foram muito correctos no contexto do uso do AD e, desta vez, tiveram mais problemas em distinguir o contexto do AN do que o do AI. Os primeiros resultados demonstraram claramente que os informantes chineses têm dificuldades na aquisição do AI e do AN. Dois testes do ANOVA entre os três contextos do uso do artigo mostraram uma diferença significativa ($F(2,2619)=228.460$, $p=.000 < .05$) no *Corpus I* e também uma diferença significativa ($F(2,4285)=96.611$, $p=.000 < .05$) no *Corpus II*. Isto significa que a exactidão no uso do artigo está correlacionada com os contextos do uso do artigo. Através das comparações *post-hoc* feitas com o teste Tukey HSD, verificámos

que as diferenças entre todos os factores da variável no *Corpus I* e no *Corpus II* ($p=.000 < .05$) foram significativas.

No entanto, a exactidão muito elevada no contexto do AD não significa naturalmente que os informantes têm um desempenho correcto no uso do AD. O fenómeno da ultrageneralização do AD poderá causar uma “exactidão falsa”. Para abordar a questão da ultrageneralização do AD, iremos ver como é o uso do AD em relação aos contextos do AI e do AN.

Quadro 48 – O uso do AD nos três contextos - *Corpus I*

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
AD	1983	.96	.188	.004	.95	.97	0	1
AI	414	.31	.463	.023	.26	.35	0	1
AN	225	.21	.407	.027	.16	.26	0	1
Total	2622	.80	.404	.008	.78	.81	0	1

Quadro 49 – A significância do uso do AD nos três contextos - *Corpus I*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	231.099	2	115.550	1544.634	.000
Within Groups	195.920	2619	.075		
Total	427.019	2621			

Quadro 50 – O uso do AD nos três contextos - *Corpus II*

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
AD	2772	.91	.292	.006	.90	.92	0	1
AI	802	.14	.348	.012	.12	.17	0	1
AN	714	.28	.451	.017	.25	.32	0	1
Total	4288	.66	.474	.007	.65	.67	0	1

Quadro 51 – A significância do uso do AD nos três contextos - *Corpus II*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	484.916	2	242.458	2173.606	.000
Within Groups	477.976	4285	.112		
Total	962.892	4287			

A partir dos Quadros 48 e 50, descobrimos que a ultrageneralização do AD foi encontrada nos nossos dados. No *Corpus I*, o *mean* da ultrageneralização do AD no contexto obrigatório do AI atingiu .31 e no contexto obrigatório do AN .21, e no *Corpus II*, o *mean* da ultrageneralização do AD no contexto do AI foi relativamente menor do que no *corpus I*, sendo .14, e no AN, um pouco elevado .28. No *Corpus I*, foi detectada a ultrageneralização do AD no contexto do AI. O motivo para este facto ficar ápor esclarecer e voltaremos a abordar a questão aquando da análise dos dados em relação à variável ligada à semântica do SD indefinido. Os resultados dos testes ANOVA provaram a significância das diferenças do uso do AD nos três contextos ($F(2,2619)=1544.634$, $p=.000$. no *Corpus I* e $F(2, 4285)=2173.606$, $p=.000$ no *Corpus II*).

Com base nas análises dos dados supracitadas, podemos concluir que o uso do artigo é problemático em geral e os informantes ainda não dominam o uso de todos os artigos. Apesar da exactidão elevada detectada no contexto AD, o AD foi ultrageneralizado nos contextos do AI e do AN também, o que está conforme os achados de Huebner (1983, 1985), Master (1987), Chaudron e Parker (1990) e Young (1996).

Dado que um dos primeiros objectivos do presente estudo é testar se a transferência de L1 está presente no uso do artigo, ou seja, a característica [-art] da L1 se revela na ILG dos informantes. Assim, discutiremos a seguir a questão da omissão do artigo (uso do AN) nos contextos definidos e indefinidos.

Quadro 52 – O uso do AN nos três contextos – *Corpus I*

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
AD	1983	.03	.174	.004	.02	.04	0	1
AI	414	.03	.181	.009	.02	.05	0	1
AN	225	.79	.407	.027	.74	.84	0	1
Total	2622	.10	.296	.006	.09	.11	0	1

Quadro 53 – A significância do uso do AN nos três contextos – *Corpus I*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	118.624	2	59.312	1402.345	.000
Within Groups	110.770	2619	.042		
Total	229.394	2621			

Quadro 54 – O uso do AN nos três contextos – *Corpus II*

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
AD	2772	.09	.287	.005	.08	.10	0	1
AI	802	.04	.204	.007	.03	.06	0	1
AN	714	.71	.452	.017	.68	.75	0	1
Total	4288	.19	.389	.006	.17	.20	0	1

Quadro 55 – A significância do uso do AN nos três contextos – *Corpus II*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	240.776	2	120.388	1266.046	.000
Within Groups	407.459	4285	.095		
Total	648.235	4287			

Os dados mostraram que, quando os informantes tiveram um uso incorrecto no contexto do AN (os *means* da correcção são apenas de .79 e .71 respectivamente nos *corpus I e II*), também mostraram omitir o artigo nos contextos obrigatórios do AD e AI, embora muito menos marcado em comparação com a ultrageneralização do AD nos contextos obrigatórios do AI e do AN. A omissão do artigo no contexto obrigatório do AD apresentou-se em *means* de .03 e .03 respectivamente nos *Corpus I e II* e no contexto obrigatório do AI em *means* de .09 e .04, respectivamente nos *Corpus I e II*. Isto também significa que a omissão do artigo foi ligeiramente mais relevante nos dados orais do que nos escritos. As diferenças do uso do AN, nos três contextos, foram significativas ($F(2,2619)=1402.345$, $p=.000$. no *Corpus I* e $F(2, 4285)=1266.046$, $p=.000$ no *Corpus II*).

Vamos agora observar se o AI também é ultrageneralizado nos contextos do AD e do AN.

Quadro 56 – O uso do AI nos três contextos – *Corpus I*

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
AD	1983	.01	.074	.002	.00	.01	0	1
AI	414	.66	.475	.023	.61	.70	0	1
AN	225	.00	.000	.000	.00	.00	0	0
Total	2622	.11	.310	.006	.10	.12	0	1

Quadro 57 – A significância do uso do AI nos três contextos – *Corpus I*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	148.221	2	74.111	1862.122	.000
Within Groups	104.234	2619	.040		
Total	252.455	2621			

Quadro 58 – O uso do AI nos três contextos – *Corpus II*

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
AD	2772	.00	.057	.001	.00	.01	0	1
AI	802	.82	.388	.014	.79	.84	0	1
AN	714	.00	.037	.001	.00	.00	0	1
Total	4288	.15	.362	.006	.14	.17	0	1

Quadro 59 – A significância do uso do AI nos três contextos – *Corpus II*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	430.521	2	215.261	7059.611	.000
Within Groups	130.658	4285	.030		
Total	561.179	4287			

Não foi detectada a ultrageneralização do AI nos contextos obrigatórios do AD e AN. (*means* do uso do AI nos *corpus* I e II, .01 e .00 e .00 e .00). Então podemos dizer que, embora os informantes não fossem muito correctos no contexto obrigatório do AI, quando usaram o AI, usaram-no muito correctamente. As diferenças do uso do AI nos três contextos, pelos resultados dos testes ANOVA,

foram significativas ($F(2,2619)=1862.122$, $p=.000$. no *Corpus I* e $F(2, 4285)=7059.611$, $p=.000$ no *Corpus II*).

A conclusão que tiramos dos dados é que o uso do artigo pelos informantes foi problemático, caracterizado pela ultrageneralização muito evidente do AD com acompanhamento reduzido da omissão do artigo. Os informantes usaram o artigo no contexto do AD com mais correcção do que no contexto do AI e não trocaram o AI pelo AN e vice-versa.

Então, a análise feita em termos dos três contextos do uso do artigo revelou que os informantes chineses têm dificuldade na aquisição do artigo. A influência da L1, que não tem o sistema do artigo, não é relevante quando o uso do AD é “inundado”. O contexto obrigatório do AD é mais correcto do que o do AI e não há troca do AI pelo AN e vice-versa.

No Capítulo 4, e no que se encontra descrito no ponto 5.4.1.2 do Capítulo 5, foi referida a influência da L1 na aquisição do artigo L2 e a evidência da omissão do artigo por aprendentes de L2 que têm L1 [-art]. Os nossos resultados não forneceram provas muito relevantes para este fenómeno. Nesta circunstância, como é que vamos explicar os resultados encontrados no nosso trabalho? Uma explicação possível é que os informantes já não estão na fase inicial da aquisição (em que os aprendentes devem transferir as características da L1 para S_0 da sua ILG, aqui, será o não uso do artigo). Com mais exposição à LA, os informantes vão sabendo que existe uma categoria funcional D na LP que não se encontra na sua L1 e que é preciso estabelecer uma especificação nova para esta categoria. Então eles estão numa fase em que pretendem afastar-se da influência da L1, recorrendo à categoria do artigo para expressar a determinação de nomes, não conseguindo, porém, fugir totalmente da influência da L1. É por esta razão que, embora não tenha sido encontrada uma

influência muito notada da L1, a omissão do artigo ainda existe. A partir daqui, podemos julgar que a transferência da L1, uma das fontes da ILG dos aprendentes de L2, vai perder o seu peso à medida que os aprendentes vão estando mais expostos ao “gatilho” da LA. No entanto, a conclusão da interpretação dos nossos resultados (descrita posteriormente no 6.2.10.1) mostrou a insignificância das diferenças na exactidão do uso do artigo em termos dos anos de estudo, isto é os informantes do 4º ano não tiveram um desempenho melhor do que os do 2º ano, o que indicou uma certa estagnação no desenvolvimento da ILG na aquisição do artigo, ou seja, uma “fossilização” do uso desviado que causa o insucesso no processo da aquisição do artigo de L2.

Em paralelo com a pouca omissão do artigo, destaca-se a ultrageneralização do AD. Segundo a ordem do desenvolvimento do SD esboçada por Hawkins (2001), na aquisição do SD, os aprendentes começam com nomes nus. Depois, o AD surge no estabelecimento da categoria D anterior ao aparecimento do AI. A explicação de Hawkins (2001: 245 a 246) mostrou o facto de que o AD é adquirido mais cedo e com mais facilidade do que o AI. O linguista descreveu que o AD coloca restrições mínimas no tipo de complemento de SN que selecciona. O SN pode ser contável ou não contável, singular ou plural. Segundo, o uso precoce do AD por falantes de L2 parece marcar a especificidade do SN. A especificidade é uma modificação local do sentido do SN, ao contrário daquele que se distingue se o SN é conhecido para o ouvinte ou não, que envolve o D-Operador. Então, a introdução do AI na gramática do aprendente estabelece um contraste com o AD em termo de [+HK]. Então, [+HK] é uma relação não-local, envolvendo co-indexação e contra-indexação com o D-Operador. Além disso, o AI só pode seleccionar um SN singular e contável. A investigação de Chaudron e Parker (1990) identificou que os aprendentes japoneses

codificaram a determinação antes da indeterminação a fim de distinguir contextos [+HK]. Os aprendentes de nível de proficiência mais baixa tendem para a marcação de contextos [-HK] pelo AN e [+HK] pelo AD, e acrescentam o uso do AI para codificar indeterminação à medida de que a proficiência aumenta. Young (1996) também verificou que os aprendentes checos e eslovacos codificaram a determinação antes da indeterminação e mostraram tendência para o uso do AI no contexto [-HK] com o aumento da proficiência.

Então, no processo da aquisição do artigo em português, os nossos informantes estão numa fase em que a tendência é para acabar com a inundação de nomes nus e principalmente experimentar usar o AD, mesmo nos contextos em que não é pedido. Por consequência, apresentam uma outra propriedade da sua ILG, mais correcção do uso do artigo no contexto do AD do que no do AI. Para explicar este fenómeno, podemos recorrer ao estudo de Lardiere (2004) junto de uma rapariga chinesa Patty a adquirir o inglês L2. Neste estudo, Lardiere explicou que, dentro do modelo de Morfologia Distribuída de Halle and Marantz (1993), o mapeamento de itens lexicais a traços fonológicos acontece “*post-syntactically*”¹⁸⁸. É neste componente “*post-syntactic*” que os problemas de mapeamento surgem. A razão de a Patty ser mais correcta no uso do AD do que no do AI assenta na explicação de que a especificação do AD em inglês não leva a distinção do traço Num, o que torna o uso do AD menos complexo do que o do AI: “os AD em inglês não precisam de levar em conta o traço Num e a distinção contável/massivo, o que os torna menos complexos do que os indefinidos pelo menos num aspecto”¹⁸⁹ (Lardiere, 2004:335). Mayo (2009)

¹⁸⁸ Isto significa que só depois da sintaxe é que são inseridas todas as expressões fonológicas. Assim sendo, as categorias sintácticas são abstractas, sem conteúdo fonológico e, anteriormente a qualquer expressão ser inserida, temos apenas traços morfossintácticos. (Silva, 2010: 21-22)

¹⁸⁹ A tradução de “*definite articles in English need not take number and the count/mass distinction into account, which makes them featurally less complex than indefinites in at least that one respect.*” (Lardiere, 2004:335).

denominou este fenómeno de o AD ser usado com mais exactidão do que o AI como “direccionalidade” na aquisição do artigo dado que se reflecte o padrão de desenvolvimento da aquisição do artigo, isto é, o AD é adquirido anteriormente em relação ao AI. O autor detectou, num nível de proficiência mais baixa, o fenómeno de “direccionalidade”. No entanto, num nível de proficiência mais alta, os efeitos de “direccionalidade” já não existiram mais. Ao examinar os nossos dados, o fenómeno de “direccionalidade” não só existe nos informantes do 2º ano, continuando a persistir com os informantes de nível de proficiência mais elevada. Trata-se de um sinal que os nossos informantes ultrageneralizaram o uso do AD até conseguirem passar para uma fase em que sabem usar correctamente o AD e ainda não sabem usar o AI.

De acordo com a discussão acima, tiramos como pontos conclusivos que os nossos informantes possuem uma gramática que exhibe propriedades sistemáticas que não apresentam semelhanças óbvias quer com a L1 quer com a LA, isto é, ultrageneralização do AD com acompanhamento da omissão do artigo aliviada. Da mesma forma, o estudo de Park *et al.* (2000) mostrou que os universitários coreanos que têm a L1 [-art], após 6 anos de estudo no colégio, continuavam a omitir o artigo e ao mesmo tempo, ultrageneralizavam o uso do AD/AI em contextos em que o AN é pedido.

Assim, os aprendentes chineses têm dificuldade na aquisição do artigo. O uso do AD, apesar de ser muito correcto no contexto obrigatório do AD, apresenta-se ultrageneralizado nos contextos obrigatórios do AI e do AN. O fenómeno da “direccionalidade” encontra-se confirmado. A influência da L1 na sua aquisição do português continua com a omissão do artigo embora menos evidente. O contexto do

AI não é muito correcto relativamente, mas quando os informantes usam o AI, usam-no com muita exactidão.

Aqui voltamos a ver as duas primeiras hipóteses propostas em relação a esta variável:

H1. Os aprendentes chineses têm muita dificuldade na aquisição do artigo e a sua aquisição é influenciada pela L1 [-art], isto é, a omissão do artigo é evidente;

H2. É encontrada a ultrageneralização do AD. Há evidência para o fenómeno da “direccionalidade”, isto é, os aprendentes são mais correctos no uso do AD do que no do AI.

Naturalmente não podemos confirmar inteiramente a H1, dado que a omissão do artigo já não é muito marcada. No entanto, podemos confirmar a H2.

6.2.2 A semântica/pragmática do SD definido

A partir das conclusões do último ponto, passamos a saber que os informantes foram mais correctos no contexto definido do que no contexto indefinido. Aqui vamos descobrir como é que os informantes usaram o SD e se eles foram correctos em todos os contextos definidos?

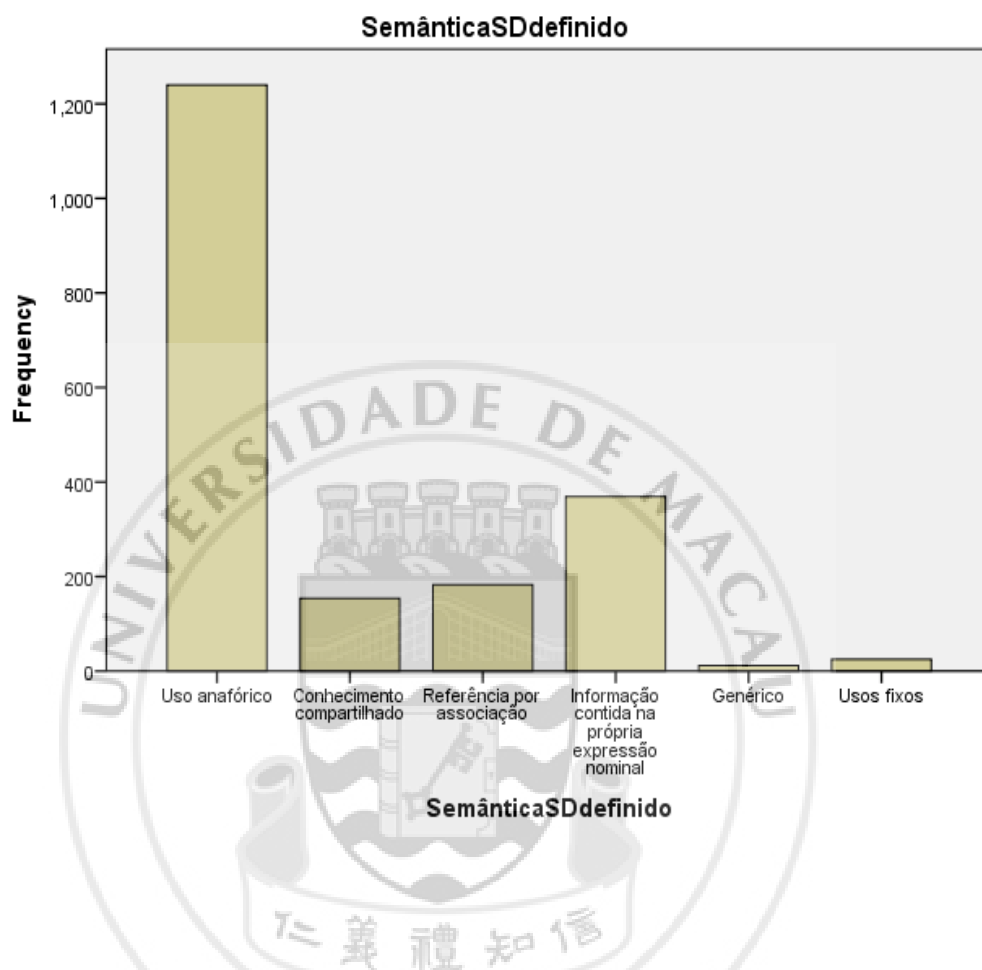
Kim (2005), no seu estudo sobre o uso do AD, considerou que este artigo é usado com maior adequação, por exemplo, nas expressões de tempo, antes de topónimos e antes de nomes de instituições, obras construídas e siglas. Tendo como referência estes dados, foram excluídos os SD com o uso do AD em expressões de tempo, antes de topónimos, antes de nomes próprios, antes da palavra “casa”, dado que se trata de um nome com demasiada frequência de ocorrência no *corpus* I.

No ponto 5.4.1.2 do Capítulo 5, tendo como referência estudos linguísticos de diversos investigadores, são categorizados seis contextos definidos. Seguidamente, vamos observar como é que os informantes usam o artigo nestes contextos.

Quadro 60 - A distribuição do AD em diferentes contextos definidos – *Corpus* I

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Uso anafórico	1240	62.5	62.5	62.5
	Conhecimento compartilhado	154	7.8	7.8	70.3
	Referência por associação	183	9.2	9.2	79.5
	Informação contida na própria expressão nominal	369	18.6	18.6	98.1
	Genérico	12	.6	.6	98.7
	Usos fixos	25	1.3	1.3	100.0
	Total	1983	100.0	100.0	

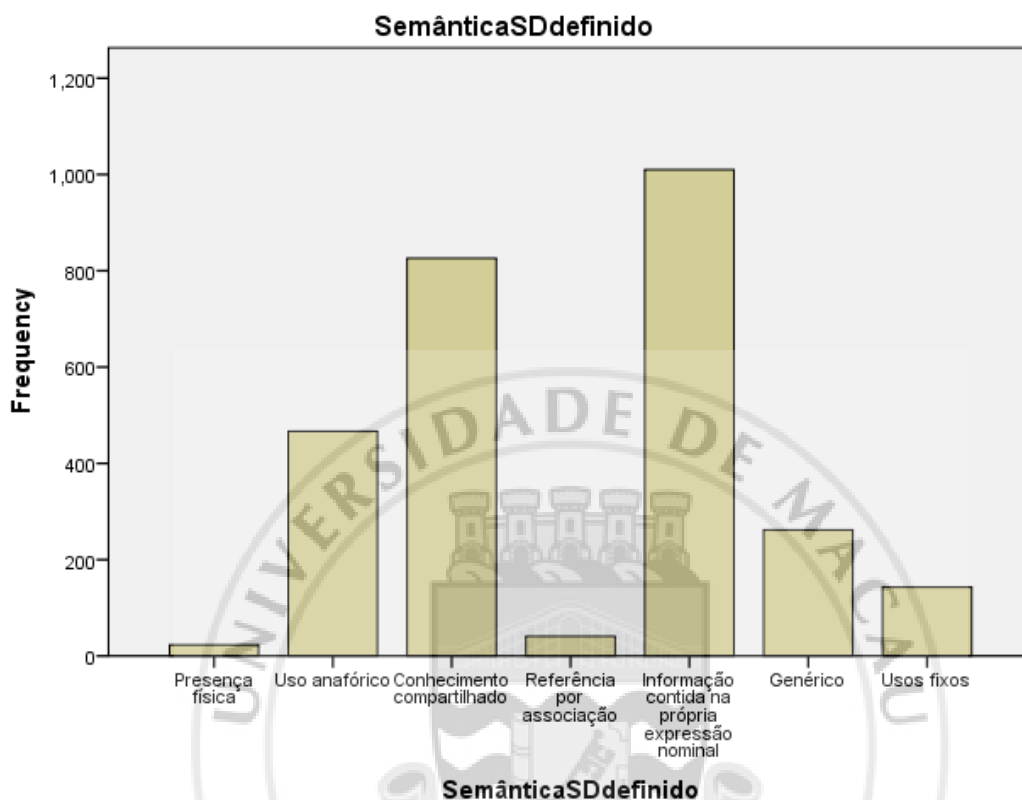
Diagrama 1 – A distribuição do AD em diferentes contextos definidos – *Corpus I*



Quadro 61 - A distribuição do AD em diferentes contextos definidos – *Corpus II*

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Presença física	23	.8	.8	.8
	Uso anafórico	467	16.8	16.8	17.7
	Conhecimento compartilhado	826	29.8	29.8	47.5
	Referência por associação	41	1.5	1.5	49.0
	Informação contida na própria expressão nominal	1010	36.4	36.4	85.4
	Genérico	262	9.5	9.5	94.8
	Usos fixos	143	5.2	5.2	100.0
	Total	2772	100.0	100.0	

Diagrama 2 – A distribuição do AD em diferentes contextos definidos – *Corpus II*



O uso do AD no *Corpus I* concentrou-se exclusivamente no uso anafórico com a percentagem de uso 62.5% e o segundo uso mais frequente concentrou-se no caso em que um referente é determinado pela informação contida na própria expressão nominal (com a percentagem de 18.6%), por exemplo, uso de possessivos, numeral ordinal, entre outros. O mesmo fenómeno não foi diagnosticado no *Corpus II*, em que o AD é mais usado no contexto em que um referente é determinado pela informação contida na própria expressão nominal com a percentagem do uso 36.4%, e o segundo e o terceiro usos mais frequentes quando um referente é determinado pelo conhecimento compartilhado e pelo uso anafórico, com as percentagens 29.8% e 16.8% respectivamente. Assim vimos que o uso do AD está ligado a fontes de dados, por exemplo, no *Corpus I*, dados recolhidos da tarefa de recontar por escrito a parte

inicial do filme “*Limelight*” de Chaplin, o primeiro contexto de uso situacional está ausente porque não envolve a interacção do falante e do ouvinte. A predominância do uso anafórico pode ser explicada pela razão que, na tarefa de recontar o filme, toda a história acontece em redor de três personagens, uma rapariga, um homem e um médico, e quando essas três pessoas voltam a ser referidas na cena, o uso anafórico do AD é escolhido. No *Corpus II*, dados recolhidos em entrevistas individuais, apareceram outros usos do AD porque já envolvem interacções entre o falante e o ouvinte, tendo aparecido 23 casos do uso situacional.

Os nossos informantes mostraram a tendência para usar o AD no uso anafórico nos dados escritos e de usar o AD na situação em que a determinação de um referente é atribuída pela informação contida na própria expressão nominal nos dados orais.

Quadro 62 – A exactidão do uso do AD em diferentes contextos definidos - *Corpus I*

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
Uso anafórico	1240	.97	.163	.005	.96	.98	0	1
Conhecimento compartilhado	154	.94	.235	.019	.90	.98	0	1
Referência por associação	183	.96	.205	.015	.93	.99	0	1
Informação contida na própria expressão nominal	369	.95	.221	.012	.93	.97	0	1
Genérico	12	.83	.389	.112	.59	1.08	0	1
Usos fixos	25	.96	.200	.040	.88	1.04	0	1
Total	1983	.96	.188	.004	.95	.97	0	1

Quadro 63 – A significância da exactidão do uso do AD em diferentes contextos definidos - *Corpus I*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	.472	5	.094	2.674	.020
Within Groups	69.840	1977	.035		
Total	70.313	1982			

Os dados do *Corpus I* mostraram que o uso do AD em todos os contextos foi muito correcto, com os *means* de exactidão muito altos e que o uso anafórico, alén

de ser o mais frequente, também foi o mais correcto (com o *mean* de correcção .97). Através do teste ANOVA, foi confirmado que o grupo de contextos sem ânticos do AD definido exerce influência sobre a exactidão do uso do AD por a significância ser inferior a .05 ($F(5,1977)=2.674, p=.020<.05$).

Quadro 64 – A exactidão do uso do AD em diferentes contextos definidos - *Corpus II*

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
Presença física	23	1.00	.000	.000	1.00	1.00	1	1
Uso anafórico	467	.91	.292	.014	.88	.93	0	1
Conhecimento compartilhado	826	.88	.322	.011	.86	.90	0	1
Referência por associação	41	.98	.156	.024	.93	1.02	0	1
Informação contida na própria expressão nominal	1010	.91	.292	.009	.89	.92	0	1
Genérico	262	.95	.218	.013	.92	.98	0	1
Usos fixos	143	.93	.256	.021	.89	.97	0	1
Total	2772	.91	.292	.006	.90	.92	0	1

Quadro 65 – A significância da exactidão do uso do AD em diferentes contextos definidos - *Corpus II*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	1.454	6	.242	2.862	.009
Within Groups	234.159	2765	.085		
Total	235.613	2771			

Os dados do *Corpus II* mostraram que o uso do AD em todos os contextos foi muito correcto, com *means* de exactidão muito altos e que o uso situacional foi o mais correcto (com o *mean* de correcção 1.00, uso dos nativos). Outros três casos de uso do AD, em que um referente é determinado por elementos contextualmente existentes, ou por associação, ou por uso anafórico, ou por informação contida na própria expressão nominal, também foram muito correctos, sendo os *means* de correcção .98, .91, e .91, respectivamente. O uso do AD baseado no conhecimento compartilhado foi também correcto, com o *mean* de correcção .88. O uso do AD no caso genérico também foi muito correcto, o que mostrou que os informantes chineses

usam o AD para representar casos genéricos em português. Através do teste ANOVA, foi detectado que o grupo de contextos semânticos do AD definido exerce influência sobre a exactidão do uso do AD por a significância ser inferior a .05 ($F(6,2765)=2.674, p=.009<.05$).

Agora vamos observar o fenómeno da omissão do artigo em diferentes contextos do AD.

Quadro 66 - O uso do AN em diferentes contextos definidos – *Corpus I*

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
Uso anafórico	1240	.02	.149	.004	.01	.03	0	1
Conhecimento compartilhado	154	.06	.235	.019	.02	.10	0	1
Referência por associação	183	.03	.179	.013	.01	.06	0	1
Informação contida na própria expressão nominal	369	.04	.204	.011	.02	.06	0	1
Genérico	12	.17	.389	.112	-.08	.41	0	1
Usos fixos	25	.04	.200	.040	-.04	.12	0	1
Total	1983	.03	.174	.004	.02	.04	0	1

Quadro 67 - A significância do uso do AN em diferentes contextos definidos – *Corpus I*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	.484	5	.097	3.209	.007
Within Groups	59.578	1977	.030		
Total	60.062	1982			

Quadro 68 - O uso do AN em diferentes contextos definidos – *Corpus II*

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
Presença física	23	.00	.000	.000	.00	.00	0	0
Uso anafórico	467	.08	.274	.013	.06	.11	0	1
Conhecimento compartilhado	826	.12	.321	.011	.09	.14	0	1
Referência por associação	41	.02	.156	.024	-.02	.07	0	1
Informação contida na própria expressão nominal	1010	.09	.289	.009	.07	.11	0	1
Genérico	262	.05	.218	.013	.02	.08	0	1
Usos fixos	143	.07	.256	.021	.03	.11	0	1
Total	2772	.09	.287	.005	.08	.10	0	1

Quadro 69 - A significância do uso do AN em diferentes contextos definidos – *Corpus II*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	1.454	6	.242	2.954	.007
Within Groups	226.818	2765	.082		
Total	228.272	2771			

Em ambos os grupos de dados, *Corpus I* e *Corpus II*, a omissão do artigo foi ligeiramente encontrada no contexto definido em que a determinação de referência é evocada pelo conhecimento compartilhado, com os *means* de uso .06 e .12 respectivamente. O mesmo fenómeno também foi detectado no *Corpus II*, nos contextos em que a determinação de referência é indicada pela informação contida na própria expressão nominal ou pela evocação do referente anteriormente mencionado, com os *means* de uso .09 e .08 respectivamente. Dois testes ANOVA também provaram a significância nas diferenças na omissão do artigo em diferentes contextos definidos nos dados escritos ($F(5, 1977)=3.209, p=.007$) e dados orais ($F(6,2765)=2.954, p=.007$)

Em resumo, o uso do AD no contexto da menção prévia de uma cadeia referencial (uso anafórico) foi tanto mais frequente como mais correcto nos dados recolhidos em composições, enquanto o uso do AD no contexto em que a determinação de um referente é evocada pela informação contida na própria expressão nominal foi mais frequente e o uso do AD no contexto da presença física foi mais correcto nos dados recolhidos em entrevistas. A omissão do artigo foi ligeiramente encontrada quando a determinação de um referente é identificada pelo conhecimento compartilhado pelos locutores.

Colocamos a seguinte questão: por que razão o uso do AD no contexto do uso anafórico¹⁹⁰ foi muito correcto nos dados do *Corpus I*? Acharmos que não é difícil dar uma explicação a este fenómeno. Normalmente, os aprendentes numa tarefa escrita têm mais tempo para pensar e oportunidades para corrigir usos desviados, e também podem ir a contextos anteriores para buscar as primeiras menções na cadeia de referência. Tarone e Parrish (1988) investigaram a frequência dos quatro contextos discursivos em duas tarefas (entrevistas e narrativas) e relacionaram os seus achados com a exactidão no uso do artigo por aprendentes de L2 nas duas tarefas. Descobriram que o definido referencial é usado frequentemente na narrativa mas muito pouco na entrevista e o definido referencial é também usado com mais exactidão na narrativa do que na entrevista. Explicaram que a procura pelos referentes de vestígio anafórico é maior numa narrativa do que numa entrevista e, como consequência, os aprendentes, quando narram histórias, aproximam-se mais do uso nativo no seu uso do artigo para fins anafóricos.

Ao contrário, o uso situacional foi mais correcto no *Corpus II*. A presença física de um referente força o uso do AD, aqui com a função de ítica. Lembramos que os demonstrativos chineses, quando a sua função de ítica é atenuada, são usados como marcadores de referência definida. De facto, eles são empregues em alguns contextos em que o AD é regularmente usado como marcador de referência definida. Pode-se dizer que os demonstrativos chineses estendem o seu uso para AD, revestindo-se de algumas funções que são próprias do AD. Isto significa que os demonstrativos chineses funcionam, em certas situações, como AD. Por esta consideração, os informantes chineses conseguiram usar o SD no seu uso situacional

¹⁹⁰ O uso situacional (presença física) não foi detectado no *Corpus I*.

através de influência positiva da L1. Da ípodermos afirmar a existência da influência de L1 na aquisição do artigo L2.

Quanto a outros três casos do uso muito correcto do AD em que um referente é determinado por elementos contextualmente existentes, ou por associação, ou por uso anafórico, ou por informação contida na própria expressão nominal verificados nos dados do *Corpus II*, afirmamos que o resultado está conforme com a descoberta de Liu e Gleason (2002)¹⁹¹, isto é o uso de presença física (situacional) é adquirido com mais facilidade e anteriormente em relação aos usos em que a referência é determinada por um elemento da estrutura discursiva (estrutural e textual). O último uso é no contexto em que a referência é determinada pelo conhecimento compartilhado entre o falante e o ouvinte (cultural). Os seguintes exemplos mostram a ordem da exactidão do uso do AD em diferentes contextos detectada no *Corpus II*.

E123 INF: A IMAGEM¹⁹² está muito desordem. (08361)

[Uso de presença física]

E124 INF: Porque ele, acho que O OBJECTIVO DELES não, não é bom. (09751)

[Informação contida na própria expressão nominal]

E125 DOC: Não vê as notícias em português?

INF: Ah...já tentei mas não consigo.

DOC: Porquê?

INF: Ah, já, só percebi O TEMA, mas ah, tudo ah, não, ah...só percebi um pouco, sim, não é tudo. (10019)

[Referência por associação]

E126 INF: Só dois. Duas cantoras.

DOC: Mais nada?

INF: Mais nada. Não sei ah...não sei o nome do CANTOR. (09619)

[Uso anafórico]

¹⁹¹ Cf. 5.4.1.2. do Capítulo 5

¹⁹² A imagem está presente em frente do falante e do ouvinte.

[Conhecimento compartilhado]

Foi verificado ainda que a omissão do artigo é ligeiramente mais marcada no contexto em que a determinação de referência é evocada pelo conhecimento compartilhado do que os outros contextos quer no *Corpus I* que no *Corpus II*. Uma consideração pragmática de economia no que respeita à clareza de referência pode explicar isto. Como o referente é do conhecimento do falante e do ouvinte, o uso do AD já é obviamente redundante. Trenkic (2007:128) no seu estudo em que abordou a questão da omissão do artigo, mencionou a sugestão de Sharma (2005) que em alguns contextos, os artigos “são ainda mais redundantes e, por conseguinte, maior a possibilidade da sua omissão” e que “a clareza de referência discursiva e a economia são as considerações principais para a decisão de falantes L2 no uso ou na omissão de um artigo”¹⁹³. Robertson (2000:158) argumentou também que “quando o uso do artigo definido é redundante, é mais provável ser omitido”¹⁹⁴. Esta explicação está em paralelo com uma propriedade da LC, L1 dos informantes. Sendo uma língua “económica”, muitas vezes quando a referencialidade de um SD não está marcada lexicalmente nem pela posição, é a propriedade pragmática que entra em jogo.

Em resumo, os informantes mostraram uma exactidão muito elevada no uso do AD e uma tendência para o uso do AD no contexto em que a determinação da entidade é directamente evocada a partir da parte anterior do enunciado nos dados do *Corpus I* e nos contextos em que a determinação da entidade é directamente evocada pela informação contida na própria expressão nominal ou pelo conhecimento compartilhado entre o falante e o ouvinte nos dados do *Corpus II*. Entre os diversos

¹⁹³ A tradução de “are even more redundant and therefore more omissible” e “the clarity of discourse reference and economy are major considerations for [L2 speakers’] decision to use or omit an article” (Sharma, 2005:557, *apud* Trenkic, 2007:128).

¹⁹⁴ A tradução de “when the use of the definite article is pragmatically redundant, it is more likely to be omitted” (Robertson, 2000:158).

contextos definidos categorizados, o contexto de uso anafórico, mais frequente nos dados do *Corpus I*, também foi mais correcto. Nos dados do *Corpus II*, além do uso situacional, os contextos em que a determinação de uma entidade é evocada por elementos contextualmente presentes, ou por associação, ou por uso anafórico, ou por informação contida na própria expressão nominal, também foram muito correctos. Comparativamente, o contexto em que a determinação da entidade é evocada pelo conhecimento compartilhado foi ligeiramente problemático. Então, podemos dizer que certos usos do AD são mais fáceis de adquirir do que outros. Este achado do presente trabalho suporta a declaração de Liu e Gleason (2002) sobre a ordem de aquisição do AD: o uso situacional - os usos estrutural e textual – o uso cultural.

Pelas observações feitas acima, **confirmamos a terceira hipótese do nosso trabalho** que reescrevemos no seguinte:

H3. O AD é adquirido com mais facilidade e certos contextos linguísticos do AD são mais fáceis do que outros casos.

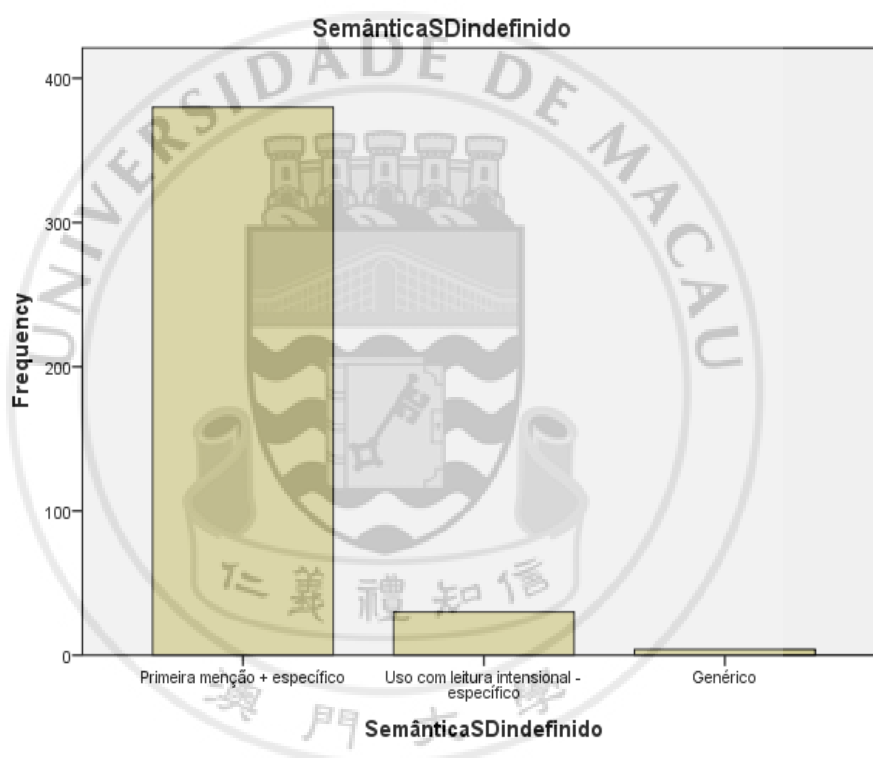
6.2.3 A semântica/pragmática do SD indefinido

Nesta análise, partimos do princípio que o AI é mais difícil de ser adquirido do que o AD, o que já foi confirmado anteriormente pelos nossos dados. Iremos tentar descobrir qual é o desempenho dos informantes na aquisição do AI.

Quadro 70 - A distribuição do AI em diferentes contextos indefinidos – *corpus I*

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Primeira menção + específico	380	91.8	91.8	91.8
	Uso com leitura intensional – específico	30	7.2	7.2	99.0
	Genérico	4	1.0	1.0	100.0
	Total	414	100.0	100.0	

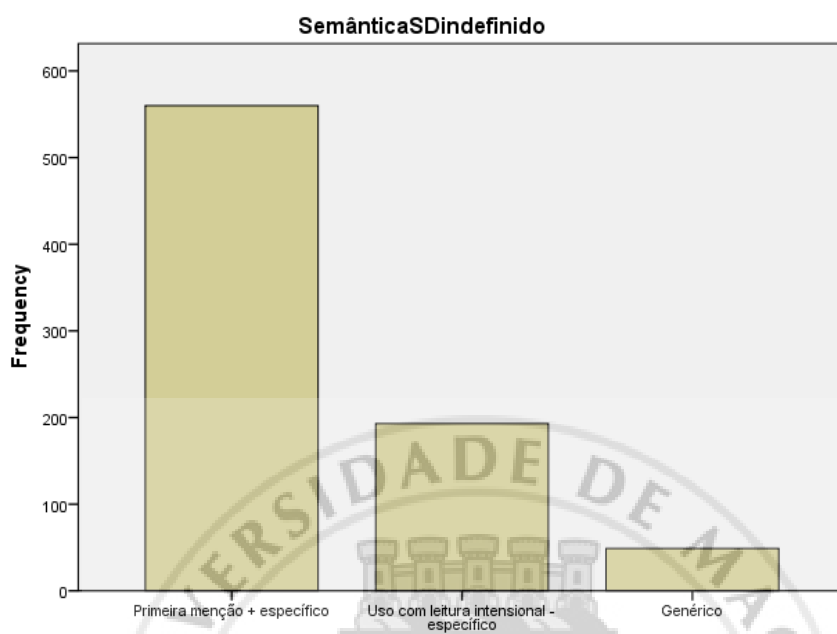
Diagrama 3 – A distribuição do AI em diferentes contextos indefinidos – *Corpus I*



Quadro 71 - A distribuição do AI em diferentes contextos indefinidos – *Corpus II*

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Primeira menção + específico	560	69.8	69.8	69.8
	Uso com leitura intensional – específico	193	24.1	24.1	93.9
	Genérico	49	6.1	6.1	100.0
	Total	802	100.0	100.0	

Diagrama 4 – A distribuição do AI em diferentes contextos indefinidos – *Corpus II*



Foi mais frequente o uso do AI que introduz um elemento num discurso. Em particular, no *Corpus I*, este uso predominou. No *Corpus II*, já houve mais uso do AI com leitura intensional. O uso genérico não foi muito frequente em ambos os *Corpus I e II*.

Quadro 72 – A exactidão do uso do AI em diferentes contextos indefinidos - *Corpus I*

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
Primeira menção + específico	380	.64	.479	.025	.60	.69	0	1
Uso com leitura intensional – específico	30	.77	.430	.079	.61	.93	0	1
Genérico	4	1.00	.000	.000	1.00	1.00	1	1
Total	414	.66	.475	.023	.61	.70	0	1

Quadro 73 – A significância da exactidão do uso do AI em diferentes contextos indefinidos - *Corpus I*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	.889	2	.444	1.976	.140
Within Groups	92.406	411	.225		
Total	93.295	413			

O uso do AI no *Corpus I* como primeira menção foi o mais frequente, e ao mesmo tempo, também o mais problemático. O *mean* de correcção foi apenas de .64. Embora o *mean* de correcção do uso menos específico também não fosse satisfatório, .77, o número de casos detectados foi reduzido e não foi representativo, pelo que decidimos ignorá-lo. No entanto, um teste ANOVA provou que as diferenças no uso correcto do AI em diferentes contextos indefinidos no *Corpus I* não foram significativas, com a significância superior a .05 ($p=.140$).

Como os dados do *Corpus I* não forneceram resultados significativos, vamos aferir os dados do *Corpus II*.

Quadro 74 – A exactidão do uso do AI em diferentes contextos indefinidos - *Corpus II*

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
Primeira menção + específico	560	.82	.385	.016	.79	.85	0	1
Uso com leitura intensional - específico	193	.85	.358	.026	.80	.90	0	1
Genérico	49	.63	.487	.070	.49	.77	0	1
Total	802	.82	.388	.014	.79	.84	0	1

Quadro 75 – A significância da exactidão do uso do AI em diferentes contextos indefinidos - *Corpus II*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	1.874	2	.937	6.301	.002
Within Groups	118.814	799	.149		
Total	120.688	801			

O uso do AI no contexto específico como primeira menção nos dados do *Corpus II*, com o *mean* de correção de .82, apresentou-se comparativamente mais correcto do que o mesmo do *Corpus I*. Ao mesmo tempo, o uso do AI no contexto menos específico também foi mais correcto, com o *mean* de correção de .85 no *Corpus II*. No uso genérico do AI, o *mean* de correção de .63 foi baixo no *Corpus II*, o que mostrou que os informantes não dominaram bem o uso do AI para referir uma entidade genérica. Em suma, o uso do AI não foi correcto, nomeadamente nos dados do *Corpus I*. Um teste ANOVA mostrou a diferença significativa no uso correcto do AI em contextos diferentes ($F(2,799)=6.301$, $p=.002$) no *Corpus II*.

Com a finalidade de explorar como os informantes erraram no uso do AI, resolvemos fazer mais duas análises, uma para ver a questão da ultrageneralização do AD e a outra ligada à possibilidade de troca entre o AI e o AN.

Quadro 76 - A distribuição do AD em contextos indefinidos – *Corpus I*

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
Primeira menção + específico	380	.32	.467	.024	.27	.37	0	1
Uso com leitura intensional - específico	30	.20	.407	.074	.05	.35	0	1
Genérico	4	.00	.000	.000	.00	.00	0	0
Total	414	.31	.463	.023	.26	.35	0	1

Quadro 77 - A significância da distribuição do AD em contextos indefinidos – *Corpus I*

	Sum of Squares	Df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	.794	2	.397	1.861	.157
Within Groups	87.632	411	.213		
Total	88.425	413			

O *mean* do uso do AD no contexto como primeira menção foi .32, o que revelou a ultrageneralização no *Corpus I*. No entanto, a diferença no uso do AD em contextos indefinidos no *Corpus I* não foi significativa ($p=.157$).

Quadro 78 - A distribuição do AD em contextos indefinidos – *Corpus II*

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
Primeira menção + específico	560	.14	.352	.015	.12	.17	0	1
Uso com leitura intensional - específico	193	.09	.284	.020	.05	.13	0	1
Genérico	49	.31	.466	.067	.17	.44	0	1
Total	802	.14	.348	.012	.12	.17	0	1

Quadro 79 - A significância da distribuição do AD em contextos indefinidos – *Corpus II*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	1.884	2	.942	7.906	.000
Within Groups	95.195	799	.119		
Total	97.079	801			

Nos dados do *Corpus II*, a ultrageneralização do AD foi detectada no contexto indefinido como primeira menção, com o *mean* de .14, e no contexto indefinido menos específico, com o *mean* de .09. O *mean* do uso do AD no contexto genérico bastante elevado, .31, contribui para explicar a incorrecção anteriormente verificada do uso do artigo no contexto indefinido como uso genérico. A significância obtida através do teste ANOVA, $p=.000$ mostrou que a diferença do uso do AD em diferentes contextos indefinidos no *Corpus II* foi significativa. Então o AD ultrageneralizou-se em todos os contextos indefinidos.

Quanto à questão relacionada com o uso do AI e do AN, verificámos (ponto 6.2.1) que, em geral, os informantes não trocaram o AI pelo AN, e vice-versa. Aqui vamos observar este fenómeno em contextos indefinidos diferentes.

Quadro 80 – A distribuição do AN em contextos indefinidos – *Corpus I*

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
Primeira menção + específico	380	.03	.182	.009	.02	.05	0	1
Uso com leitura intensional – específico	30	.03	.183	.033	-.03	.10	0	1
Genérico	4	.00	.000	.000	.00	.00	0	0
Total	414	.03	.181	.009	.02	.05	0	1

Quadro 81 – A significância da distribuição do AN em contextos indefinidos – *Corpus I*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	.005	2	.002	.071	.932
Within Groups	13.522	411	.033		
Total	13.527	413			

Quadro 82 – A distribuição do AN em contextos indefinidos – *Corpus II*

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
Primeira menção + específico	560	.04	.186	.008	.02	.05	0	1
Uso com leitura intensional – específico	193	.06	.242	.017	.03	.10	0	1
Genérico	49	.06	.242	.035	-.01	.13	0	1
Total	802	.04	.204	.007	.03	.06	0	1

Quadro 83 – A significância da distribuição do AN em contextos indefinidos – *Corpus II*

	Sum of Squares	Df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	.117	2	.058	1.397	.248
Within Groups	33.356	799	.042		
Total	33.473	801			

A omissão do AI em contextos diferentes não foi evidente nos *Corpus I* e *II*, com os *means* nos três contextos indefinidos (uso mais específico, uso menos específico e uso genérico) .03, .03, .00, respectivamente no *Corpus I*, e .04, .06, .06 respectivamente no *Corpus II*. Os resultados obtidos nos testes ANOVA indicaram que as diferenças da omissão do AI em contextos diferentes não foram significativas ($p=.932$ no *Corpus I*, $p=.248$ no *Corpus II*). Assim não podemos observar a omissão

do artigo em diferentes contextos indefinidos. Com base nesta conclusão, e na outra que tirámos aquando da observação da variável ligada aos três contextos do uso do artigo (6.2.1), concluimos que, devido ao uso incorrecto do artigo no contexto do AI originado da ultrageneralização do AD e, em simultâneo, de uma ligeira omissão do AI, os nossos dados não forneceram evidências suficientes através das quais se poderiam testar o fenómeno de troca do AI pelo AN e vice-versa, dado que os informantes foram buscar o AD em situações indefinidas duvidosas. Ainda, o facto de os mesmos não terem confundido o AI e o AN não significa, necessariamente, que os informantes conseguem especificar o traço Num. A ultrageneralização do AD no contexto do AI e do AN causou distúrbios no estudo desenvolvido sobre a troca do AI pelo AN, e vice-versa, erro devido à mal-especificação do traço Num (Young, 1996).

Então, os informantes usaram incorrectamente o artigo em situação em que se pede o AI, tanto no contexto mais específico como no contexto menos específico, e ainda no uso genérico. A maior fonte dos erros originou da ultrageneralização do AD, especialmente no uso como primeira menção. A troca do AI pelo AN e vice-versa não foi testada.

Qual é a explicação para a baixa exactidão do uso do AI como primeira menção? Os dados do *Corpus I* foram recolhidos numa tarefa de recontar por escrito um filme que os informantes tinham visto. Quando eles reproduziram o texto, os elementos que tinham aparecido pela primeira vez no filme já lhes eram familiares e conhecidos, porque naquele momento, eles não eram locutores que recebiam informações, mas sim locutores que contavam a história. Por isso, muitas vezes contaram a história assim:

E128 * Em 1914, Um dia, A RAPARIGA comeu OS MEDICAMENTOS DE DORMIDA.
(0011, 0012)

E120 * Era quase nove horas, O HOMEM voltou para casa. (02310)

Então, a incorrecção do uso do AI neste contexto como primeira menção foi gravada possivelmente devido à natureza dos dados. Foi encontrado, também, o uso incorrecto do AI no mesmo contexto no *Corpus II* e a razão para explicar esta incorrecção é que os informantes usaram o AD no contexto em que o referente é introduzido pela primeira vez, portanto, o AI é pedido. De acordo com Mateus *et al.* (2003), na parte singular indefinida não há identificação de um indivíduo no discurso, de modo que o interlocutor não conhece qual, de todas as entidades singulares possíveis do conjunto considerado, é aquela a que o discurso se refere. A falha dos informantes no uso do AI no uso indefinido como primeira menção indicou que eles ainda não conseguiram estabelecer uma cadeia referencial em que o primeiro elemento de uma cadeia anafórica é indefinido.

E130 * INF: Hum...e ah...eu vê, vi, uma vez que ah...o meu chefe ah, está a lavar o seu carro.
DOC: Hum, hum.
INF: E ah...A MULHER ah, disse em, diz ah...aju...ah...ajuda-lhe.
DOC: Hum, hum.
INF: Ajuda-o, de depois o chefe disse, não, porque a mulher quer ah...ganhar dinheiro.
(09437)

No exemplo E130, o nominal “mulher” que volta a ser referido depois no discurso, quando é introduzido pela primeira vez pelo falante, não é conhecido pelo ouvinte, pelo que é um referente indefinido. O informante falhou aqui por não ter conseguido uma cadeia de referência.

Inesperadamente, o uso genérico foi muito incorrecto, o que proveio da

ultrageneralização do AD, e da falha dos nossos informantes na distinção do uso do AD e do AI para expressar o valor genérico de um nome. Segundo Oliveira (1996:355-356), uma interpretação genérica com um definido singular aplica-se a um indivíduo com um estatuto ontológico especial que exige que tais características se apliquem à maioria das suas ocorrências particulares. *Um Substantivo* genérico surge de um modo geral em posição temática (diferente do que pode acontecer com *O Substantivo* ou *Os Substantivos*) e não pode surgir com predicados ditos colectivos (abundar, proliferar...), nem com predicados de evento. Além disso, Lyons (1999:162) explicita que uma diferença óbvia entre sintagmas nominais definidos e indefinidos, quando usados genericamente, consiste em que, com os sintagmas nominais definidos, é possível tanto uma interpretação colectiva como distributiva, ao passo que com os sintagmas nominais indefinidos (no singular), está excluída a interpretação colectiva. Daí se evidenciar mais um aspecto imaturo da gramática dos nossos informantes.

Outra observação notada nesta secção foi que não conseguimos avaliar se os informantes trocaram o AI pelo AN e vice-versa. No ponto 3.2.2 do Capítulo 3, foi descrito que existe uma interacção entre a co-ocorrência do artigo e SN, além de ser determinada pela interpretação dada ao SN em termos de ser conhecido por ambos os interlocutores ou apenas pelo falante, também é decidida pelo traço [+contável] de nomes. Por isso, a distinção contável e não-contável/massivo é muito importante porque determina se um nome selecciona AI ou Ø em contextos indefinidos. Young (1996) também destacou a importância do traço Num, descrevendo que uma fonte fundamental de erros cometidos em particular, o uso confundido entre o AI e o AN, na aquisição do artigo, é originada da mal-especificação do traço Num. Também no mesmo Capítulo 3, ponto 3.3.3. foram mencionados estudos feitos em redor da

questão se o traço [+contável] se encontra enraizado na LC, L1 dos nossos informantes que não tem o sistema do artigo, os quais representam principalmente duas posições opostas. Como não foi possível a avaliação deste aspecto com os nossos dados, não foi conseguida nenhuma prova para testar a hipótese da existência da distinção do número na LC (ponto 6.2.5). Então, esperamos que no futuro a mesma questão possa ser estudada e discutida devido à sua importância para a escolha do AI e do AN.

É importante mencionar o estudo de Snape (2005), em que o autor examinou a aquisição do artigo junto de um grupo de aprendentes japoneses. Quando ele afirmou a presença do traço Num na língua japonesa, descrevendo que os aprendentes japoneses têm conhecimento subjacente da distinção do traço [+contável] necessário para a aquisição do sistema do artigo em inglês, também explicou que a dificuldade que esses aprendentes têm na aquisição assenta no problema em fazer corresponder o conhecimento às formas superficiais. Segundo o pressuposto de Snape, o domínio da propriedade Num de nomes não está ligado directamente ao uso sucedido do artigo, e assim a importância da existência do traço Num na L1 dos aprendentes de L2 não foi possivelmente testada neste sentido.

Então, a partir das observações feitas, tiramos a conclusão de que o contexto indefinido de uso como primeira menção é o mais frequente, e também é relativamente mais problemático. A ultrageneralização do AD é detectada em todos os contextos indefinidos, em particular no uso genérico, além de ser marcada no contexto indefinido específico de uso como primeira menção e no uso intensional menos específico. A omissão do AN em diferentes contextos indefinidos não foi testada, nem a possibilidade da troca do AI pelo AN.

Assim, **temos a nossa quarta hipótese abaixo parcialmente confirmada.**

H4. A aquisição do AI é problemática, especialmente em certos contextos linguísticos e os informantes confundem muitas vezes o uso entre o AI e o AN.

6.2.4 O traço [$\pm$ concreto] de N

Entre as propriedades de um nome, uma está ligada à sua concretude. Sabemos que é difícil evitar a subjectividade no julgamento do traço [$\pm$ concreto] de N. Por esta consideração, recorremos ao estudo de Janczura *et al* (2007), com base no qual é feita a classificação dos nomes detectados que entraram no nosso estudo, em termos do traço [$\pm$ concreto]. O estudo de Janczura *et al* (2007) já foi descrito de uma forma pormenorizada no ponto 5.4.1.2. do Capítulo 5.

Quadro 84 – A exactidão do uso do artigo em termos do traço [$\pm$ concreto] de N – *Corpus I*

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
[+concreto]	2385	.90	.299	.006	.89	.91	0	1
[-concreto]	237	.89	.308	.020	.86	.93	0	1
Total	2622	.90	.300	.006	.89	.91	0	1

Quadro 85 – A significância da exactidão do uso do artigo em termos do traço [$\pm$ concreto] de N
– *Corpus I*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	.008	1	.008	.090	.765
Within Groups	235.812	2620	.090		
Total	235.820	2621			

Quadro 86 – A exactidão do uso do artigo em termos do traço [+concreto] de N – *Corpus II*

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
[+concreto]	3510	.85	.353	.006	.84	.87	0	1
[-concreto]	778	.87	.333	.012	.85	.90	0	1
Total	4288	.86	.350	.005	.85	.87	0	1

Quadro 87 – A significância da exactidão do uso do artigo em termos do traço [+concreto] de N

– *Corpus II*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	.228	1	.228	1.860	.173
Within Groups	524.425	4286	.122		
Total	524.653	4287			

A partir dos Quadros 84 e 86, verificámos que a ocorrência dos nomes mais concretos foi muito mais frequente do que os nomes menos concretos em ambos os *Corpus I* e *II* e a exactidão do uso do artigo antes destes dois tipos de nomes foi muito semelhante, sendo .90 e .89 com nomes mais concretos e menos concretos respectivamente no *Corpus I* e .85 e .87 no *Corpus II*. A correlação entre a exactidão do uso do artigo e o traço [+concreto] dos nomes não foi justificada em ambos os *Corpus I* e *II*, sendo as significâncias superiores a .05 ($p=.765$ no *Corpus I*, $p=.173$ no *Corpus II*). Isto significa que o traço [+concreto] não exerce influência sobre o uso correcto ou incorrecto do artigo em geral. Quanto aos três contextos do uso do artigo, será que há diferenças na exactidão do uso do artigo no contexto obrigatório do AD, no contexto obrigatório do AI e no contexto obrigatório do AN?

Quadro 88 – A exactidão do uso do artigo nos três contextos do artigo em termos do traço [+concreto] de N – *Corpus I*

Traço Concreto				Uso Correcto		Total
				Não	Sim	
[+concreto]	Contextos Uso Artigo	AD	Count	65	1789	1854
			% within Contextos Uso Artigo	3.5%	96.5%	100.0%
	AI	Count		130	237	367
			% within Contextos Uso Artigo	35.4%	64.6%	100.0%
	AN	Count		42	122	164
			% within Contextos Uso Artigo	25.6%	74.4%	100.0%
	Total	Count		237	2148	2385
			% within Contextos Uso Artigo	9.9%	90.1%	100.0%
[-concreto]	Contextos Uso Artigo	AD	Count	8	121	129
			% within Contextos Uso Artigo	6.2%	93.8%	100.0%
	AI	Count		12	35	47
			% within Contextos Uso Artigo	25.5%	74.5%	100.0%
	AN	Count		5	56	61
			% within Contextos Uso Artigo	8.2%	91.8%	100.0%
	Total	Count		25	212	237
			% within Contextos Uso Artigo	10.5%	89.5%	100.0%
Total	Contextos Uso Artigo	AD	Count	73	1910	1983
			% within Contextos Uso Artigo	3.7%	96.3%	100.0%
	AI	Count		142	272	414
			% within Contextos Uso Artigo	34.3%	65.7%	100.0%
	AN	Count		47	178	225
			% within Contextos Uso Artigo	20.9%	79.1%	100.0%
	Total	Count		262	2360	2622
			% within Contextos Uso Artigo	10.0%	90.0%	100.0%

Quadro 89 – A significância da exactidão do uso do artigo nos três contextos do artigo com N [+concreto] – *Corpus I*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	35.533	2	17.767	237.864	.000
Within Groups	177.916	2382	.075		
Total	213.449	2384			

Quadro 90 – A significância da exactidão do uso do artigo nos três contextos do artigo com N [-concreto] – *Corpus I*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	1.333	2	.666	7.414	.001
Within Groups	21.030	234	.090		
Total	22.363	236			

Ao comparar os dados do *Corpus I*, detectámos que a exactidão do uso do artigo no contexto definido foi elevada nos nomes mais concretos e menos concretos,

sendo as percentagens de correcção 96.5% e 93.8%. e no contexto indefinido a exactidão foi baixa em ambos os nomes mais concretos e menos concretos, com as percentagens de correcção 64.6% e 74.5%. A única diferença encontrada foi no contexto do AN em que a exactidão do uso do artigo foi mais correcto antes dos nomes menos concretos do que antes de nomes mais concretos, sendo as percentagens respectivas de 91.8% e 74.4%. Os testes ANOVA provaram que as diferenças da exactidão do uso do artigo nos três contextos com os nomes mais concretos e com os nomes menos concretos foram significativas ($F(2, 2382)=237.864, p=.000$ e $F(2, 234)=7.414, p=.001$).

Quadro 91 – A exactidão do uso do artigo nos três contextos do artigo em termos do traço [+concreto] de N – *Corpus II*

Traço Concreto				Uso Correcto		Total
				Não	Sim	
[+concreto]	Contextos Uso Artigo	AD	Count	210	2120	2330
			% within Contextos Uso Artigo	9.0%	91.0%	100.0%
		AI	Count	140	491	631
			% within Contextos Uso Artigo	22.2%	77.8%	100.0%
		AN	Count	163	386	549
			% within Contextos Uso Artigo	29.7%	70.3%	100.0%
	Total		Count	513	2997	3510
[-concreto]	Contextos Uso Artigo	AD	Count	50	392	442
			% within Contextos Uso Artigo	11.3%	88.7%	100.0%
		AI	Count	8	163	171
			% within Contextos Uso Artigo	4.7%	95.3%	100.0%
		AN	Count	41	124	165
			% within Contextos Uso Artigo	24.8%	75.2%	100.0%
	Total		Count	99	679	778
Total	Contextos Uso Artigo	AD	Count	260	2512	2772
			% within Contextos Uso Artigo	9.4%	90.6%	100.0%
		AI	Count	148	654	802
			% within Contextos Uso Artigo	18.5%	81.5%	100.0%
		AN	Count	204	510	714
			% within Contextos Uso Artigo	28.6%	71.4%	100.0%
	Total		Count	612	3676	4288
				14.3%	85.7%	100.0%

Quadro 92 – A significância da exactidão do uso do artigo nos três contextos do artigo com N [+concreto] – *Corpus II*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	23.407	2	11.704	98.994	.000
Within Groups	414.616	3507	.118		
Total	438.023	3509			

Quadro 93 – A significância da exactidão do uso do artigo nos três contextos do artigo com N [-concreto]– *Corpus II*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	3.621	2	1.810	16.948	.000
Within Groups	82.782	775	.107		
Total	86.402	777			

Os dados do *Corpus II* mostraram que a exactidão do uso do artigo no contexto definido também foi alta nos nomes mais concretos e menos concretos, sendo as percentagens de correcção 91.0% e 88.7%. e no contexto do AN a exactidão foi baixa com ambos os nomes mais concretos e menos concretos, com as percentagens de correcção 70.3% e 75.2%. A única diferença encontrada foi no contexto indefinido em que a exactidão do uso do artigo foi mais correcto antes dos nomes menos concretos do que antes de nomes mais concretos, sendo as percentagens respectivas de 95.3% e 77.8%. Os testes ANOVA provaram que as diferenças da exactidão do uso do artigo nos três contextos com os nomes mais concretos e com os nomes menos concretos foram significativas ($F(2, 3507)=98.994$, $p=.000$ e $F(2, 775)=16.948$, $p=.000$).

A partir das observações supracitadas, concluímos que o contexto do AD é sempre correcto e o traço [$\pm$ concreto] influencia o uso do artigo no contexto do AN no *Corpus I* e no contexto do AI no *Corpus II*, sendo mais correcto no contexto do AN e do AI antes dos nomes menos concretos.

No trabalho de Trenkic (2002), foi descoberta a tendência para o uso do AD antes de nomes mais concretos e do uso do AI antes de nomes mais abstractos. Será que os nossos aprendentes chineses também mostram esta tendência? Vamos observar a ultrageneralização do AD nos contextos do AI e do AN entre nomes mais concretos e menos concretos.

Quadro 94 – A distribuição do AD nos três contextos do artigo em termos do traço [+concreto] de N – *Corpus I*

Traço Concreto				Uso AD		Total
				Não	Sim	
[+concreto]	Contextos Uso Artigo	AD	Count	65	1789	1854
			% within Contextos Uso Artigo	3.5%	96.5%	100.0%
	AI	Count		250	117	367
			% within Contextos Uso Artigo	68.1%	31.9%	100.0%
	AN	Count		122	42	164
			% within Contextos Uso Artigo	74.4%	25.6%	100.0%
	Total	Count		437	1948	2385
			% within Contextos Uso Artigo	18.3%	81.7%	100.0%
[-concreto]	Contextos Uso Artigo	AD	Count	8	121	129
			% within Contextos Uso Artigo	6.2%	93.8%	100.0%
	AI	Count		36	11	47
			% within Contextos Uso Artigo	76.6%	23.4%	100.0%
	AN	Count		56	5	61
			% within Contextos Uso Artigo	91.8%	8.2%	100.0%
	Total	Count		100	137	237
			% within Contextos Uso Artigo	42.2%	57.8%	100.0%
Total	Contextos Uso Artigo	AD	Count	73	1910	1983
			% within Contextos Uso Artigo	3.7%	96.3%	100.0%
	AI	Count		286	128	414
			% within Contextos Uso Artigo	69.1%	30.9%	100.0%
	AN	Count		178	47	225
			% within Contextos Uso Artigo	79.1%	20.9%	100.0%
	Total	Count		537	2085	2622
			% within Contextos Uso Artigo	20.5%	79.5%	100.0%

Quadro 95 – A significância do uso do AD nos três contextos do artigo
Com N [+concreto] – *Corpus I*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	183.264	2	91.632	1256.827	.000
Within Groups	173.665	2382	.073		
Total	356.929	2384			

Quadro 96 – A significância do uso do AD nos três contextos do artigo com N [-concreto] – *Corpus I*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	37.286	2	18.643	212.602	.000
Within Groups	20.520	234	.088		
Total	57.806	236			

No *Corpus I*, foi detectado que os informantes tenderam para o uso do AD no contexto do AI e do AN antes de nomes mais concretos, sendo a percentagem do uso do AD, no contexto do AI 31.9% e no contexto do AN 25.6% em nomes mais concretos e a percentagem do uso do AD no contexto do AI 23.4% e no contexto do AN 8.2% em nomes menos concretos. Estas diferenças também foram significativas porque as significâncias obtidas através dos testes ANOVA não atingiram .05 ($F(2,2382)=1256.827$, $p=.000$, e $F(2,234)=212.602$, $p=.000$).

Quadro 97 – A distribuição do AD nos três contextos do artigo em termos do traço [+concreto] de N – *Corpus II*

Traço Concreto				Uso AD		Total
				Não	Sim	
[+concreto]	Contextos Uso Artigo	AD	Count	210	2120	2330
			% within Contextos Uso Artigo	9.0%	91.0%	100.0%
		AI	Count	525	106	631
			% within Contextos Uso Artigo	83.2%	16.8%	100.0%
		AN	Count	387	162	549
			% within Contextos Uso Artigo	70.5%	29.5%	100.0%
	Total		Count	1122	2388	3510
			% within Contextos Uso Artigo	32.0%	68.0%	100.0%
[-concreto]	Contextos Uso Artigo	AD	Count	50	392	442
			% within Contextos Uso Artigo	11.3%	88.7%	100.0%
		AI	Count	164	7	171
			% within Contextos Uso Artigo	95.9%	4.1%	100.0%
		AN	Count	124	41	165
			% within Contextos Uso Artigo	75.2%	24.8%	100.0%
	Total		Count	338	440	778
			% within Contextos Uso Artigo	43.4%	56.6%	100.0%
Total	Contextos Uso Artigo	AD	Count	260	2512	2772
			% within Contextos Uso Artigo	9.4%	90.6%	100.0%
		AI	Count	689	113	802
			% within Contextos Uso Artigo	85.9%	14.1%	100.0%
		AN	Count	511	203	714
			% within Contextos Uso Artigo	71.6%	28.4%	100.0%
	Total		Count	1460	2828	4288
			% within Contextos Uso Artigo	34.0%	66.0%	100.0%

Quadro 98 – A significância do uso do AD nos três contextos do artigo com N [+concreto] – *Corpus II*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	369.881	2	184.940	1648.403	.000
Within Groups	393.463	3507	.112		
Total	763.344	3509			

Quadro 99 – A significância do uso do AD nos três contextos do artigo Com N [-concreto] – *Corpus II*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	109.287	2	54.644	517.273	.000
Within Groups	81.869	775	.106		
Total	191.157	777			

No *Corpus II*, foi detectado também que os informantes tenderam para o uso do AD no contexto do AI e do AN antes de nomes mais concretos, sendo a percentagem do uso do AD no contexto do AI 16.8% e no contexto do AN 29.5% em nomes mais concretos e a percentagem do uso do AD no contexto do AI 4.1% e no contexto do AN 24.8% em nomes menos concretos. Estas diferenças também foram significativas porque as significâncias obtidas através dos testes ANOVA não atingiram .05 ($F(2,3507)=1648.403$, $p=.000$, e $F(2,775)=517.273$, $p=.000$).

Então, o que nos foi dado observar pode suportar a declaração de Trenkic (2002), isto é, os aprendentes de L2 fornecem o AD no contexto obrigatório do AI e do AN mais frequentemente com nomes concretos do que com nomes abstractos. Isto também fornece explicações para a conclusão que tirámos anteriormente sobre o uso mais correcto no contexto do AI e do AN antes dos nomes menos concretos do que antes dos nomes mais concretos. A ultrageneralização do AD constitui a fonte principal dos erros cometidos com os nomes mais concretos.

Assim, embora a exactidão do uso do artigo em geral antes dos nomes mais concretos e menos concretos fosse semelhante, os dados mostraram que a correcção

do uso do artigo nos três contextos em termos do traço [$\pm$ concreto] foi diferente, em particular no contexto do AI e do AN. A razão deveu-se à tendência da ultrageneralização do AD com nomes mais concretos, que foi testada e provada anteriormente. Portanto, **a nossa quinta hipótese encontra-se confirmada.**

H5. O traço [$\pm$ concreto] é significativo para a aquisição do artigo e os aprendentes de L2 tendem para o uso do AD antes de nomes mais concretos.

6.2.5 O traço [$\pm$ contável] de N

Quando analisámos a variável concernente à semântica do SD indefinido, não foi conseguido o teste sobre a troca do AI pelo AN e vice-versa (6.2.3). Como é sabido que uma fonte fundamental dos erros cometidos, em particular o uso trocado entre o AI e o AN, na aquisição do artigo é originada pela mal-especificação do traço Num (Young, 1996), a impossibilidade de avaliar o fenómeno da troca do AI pelo AN e vice-versa dificulta o estabelecimento de uma relação entre o traço Num e o uso do artigo pelos informantes chineses.

Nestas circunstâncias, vamos optar por um outro caminho mais directo para explorar a significância do traço Num para a aquisição do artigo, isto é, observamos a exactidão do uso do artigo antes de nomes contáveis e não contáveis.

Quadro 100 - A exactidão do uso do artigo em termos do traço [+cont ável] de N – Corpus I

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
[+cont ável]	2272	.91	.291	.006	.89	.92	0	1
[- cont ável/massivo]	113	.78	.417	.039	.70	.86	0	1
Total	2385	.90	.299	.006	.89	.91	0	1

Quadro 101 – A significância da exactidão do uso do artigo em termos do traço [+cont ável] de N –

Corpus I

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	1.762	1	1.762	19.832	.000
Within Groups	211.687	2383	.089		
Total	213.449	2384			

Quadro 102 - A exactidão do uso do artigo em termos do traço [+cont ável] de N – Corpus II

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
[+cont ável]	3283	.86	.345	.006	.85	.87	0	1
[- cont ável/massivo]	227	.73	.444	.029	.67	.79	0	1
Total	3510	.85	.353	.006	.84	.87	0	1

Quadro 103 – A significância da exactidão do uso do artigo em termos do traço [+cont ável] de N – Corpus II

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	3.646	1	3.646	29.445	.000
Within Groups	434.377	3508	.124		
Total	438.023	3509			

Os informantes usaram o artigo com mais exactidão para os nomes cont áveis do que não cont áveis (os *means* de exactidão antes de nomes cont áveis .91 no Corpus I e .86 no Corpus II, e os *means* de exactidão antes de nomes não cont áveis .78 no Corpus I e .73 no Corpus II). As significâncias obtidas pelos testes ANOVA foram inferiores a 0.05 (F(1,2383)=19.832, p=.000 no Corpus I e F(1,3508)=29.445, p=.000 no Corpus II), pelo que se justificou que o traço mais ou menos cont ável exerce influência sobre o uso correcto do artigo neste sentido.

O estudo de Wakabayashi (1998), no qual examinou o uso do AD por falantes japoneses, revelou que os falantes japoneses usaram o AD nos nomes singulares mais correctamente do que nos nomes não contáveis. Será que os informantes chineses também mostram desempenho idêntico aos japoneses pelo facto de o chinês partilhar uma das propriedades gramaticais com o japonês, isto é ambos não possuem o sistema do artigo? Vemos abaixo a exactidão do uso do artigo no contexto do AD em termos do traço $[\pm\text{contável}]$.

Quadro 104 – A exactidão do uso do artigo no contexto do AD em termos do traço $[\pm\text{contável}]$ de N - *Corpus I e II*

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
$[\pm\text{contável}]$	4076	.94	.243	.004	.93	.94	0	1
$[-\text{contável}/\text{massivo}]$	108	.82	.383	.037	.75	.90	0	1
Total	4184	.93	.248	.004	.93	.94	0	1

Quadro 105 – A significância da exactidão do uso do artigo no contexto do AD em termos do traço $[\pm\text{contável}]$ de N - *Corpus I e II*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	1.346	1	1.346	22.029	.000
Within Groups	255.579	4182	.061		
Total	256.925	4183			

Os resultados provaram que o uso do AD foi mais correcto nos nomes contáveis do que nos os nomes não contáveis e a diferença na exactidão do uso do artigo no contexto do AD nos nomes contáveis e não contáveis foi significativa ($F(1,4182)=22.029$, $p=.000$).

Através das comparações acima feitas, resumimos que, embora não fosse possível avaliar a influência do traço $[\pm\text{contável}]$ na escolha do AI e do AN, foi verificado o facto de o uso do artigo ser mais correcto antes dos nomes contáveis do

que dos nomes não contáveis, e o uso do AD ser mais correcto antes dos nomes contáveis do que dos nomes não contáveis.

Então **confirmamos parcialmente a sexta hipótese ligada ao traço Num.**

H6. Há um efeito entre o uso do artigo e o traço [+contável].

6.2.6 A posição do SD

Em primeiro lugar, observamos como é o uso do artigo quando os SD se localizam em diferentes posições frásicas.

Quadro 106 – A exactidão do uso do artigo em diferentes posições – *Corpus I*

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
Sujeito	903	.96	.188	.006	.95	.98	0	1
Predicativo	69	.88	.323	.039	.81	.96	0	1
Complemento verbal directo	666	.84	.365	.014	.81	.87	0	1
Complemento verbal indirecto	125	.94	.246	.022	.89	.98	0	1
Complemento nominal	39	.85	.366	.059	.73	.96	0	1
Complemento existencial/de posse	76	.87	.340	.039	.79	.95	0	1
Adjunto Adverbial	527	.91	.288	.013	.88	.93	0	1
Adjunto adnominal	205	.82	.381	.027	.77	.88	0	1
Agente da passive	5	.60	.548	.245	-.08	1.28	0	1
Outras	7	.14	.378	.143	-.21	.49	0	1
Total	2622	.90	.300	.006	.89	.91	0	1

Quadro 107 – A significância da exactidão do uso do artigo em diferentes posições – *Corpus I*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	11.895	9	1.322	15.417	.000
Within Groups	223.925	2612	.086		
Total	235.820	2621			

No *Corpus I*, os informantes usaram o artigo mais correcto na posição de sujeito com o *mean* de correcção .96. A posição de adjunto adnominal foi mais problemática, sendo o *mean* de correcção apenas .82. Apesar de os *means* de correcção serem baixos na posição de agente da passiva e de outras posições, como o número dos casos foi muito reduzido, não entraram na nossa análise. Um teste ANOVA também mostrou a diferença significativa no uso correcto do artigo em posições diferentes nos dados do *Corpus I* ($F(9,2612)=15.417, p=.000$).

Quadro 108 – A exactidão do uso do artigo em diferentes posições – *Corpus II*

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
Sujeito	1387	.91	.292	.008	.89	.92	0	1
Predicativo	307	.89	.310	.018	.86	.93	0	1
Complemento verbal directo	1200	.78	.413	.012	.76	.81	0	1
Complemento verbal indirecto	154	.86	.344	.028	.81	.92	0	1
Complemento nominal	44	.77	.424	.064	.64	.90	0	1
Complemento existencial/de posse	342	.90	.296	.016	.87	.93	0	1
Adjunto Adverbial	618	.90	.299	.012	.88	.92	0	1
Adjunto adnominal	197	.73	.447	.032	.66	.79	0	1
Agente da passiva	9	.89	.333	.111	.63	1.15	0	1
Outras	30	.77	.430	.079	.61	.93	0	1
Total	4288	.86	.350	.005	.85	.87	0	1

Quadro 109 – A significância da exactidão do uso do artigo em diferentes posições – *Corpus II*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	16.476	9	1.831	15.411	.000
Within Groups	508.177	4278	.119		
Total	524.653	4287			

Os dados do *Corpus II* apresentaram as mesmas características que os do *Corpus I*. Os informantes usaram o artigo mais correcto na posição de sujeito com o *mean* de correcção .91. A posição de adjunto adnominal é mais problemática, sendo o *mean* de correcção apenas .73. Um teste ANOVA aplicado também mostrou a

diferença significativa no uso correcto do artigo em posições diferentes nos dados do *Corpus II* ($F(9,4278)=15.411, p=.000$).

Depois de termos uma ideia geral sobre a exactidão do uso do artigo em diferentes posições frásicas, vamos observar a relação entre o uso do artigo com posições mais representativas. Por exemplo, a posição antes de verbo (a posição de sujeito) é mais correcta nos nossos dados. A posição depois de verbo (o complemento verbal directo) é relativamente menos correcta. E a posição mais problemática é a posição de adjunto adnominal.

No que concerne à posição de sujeito, através do estudo sobre a referencialidade do chinês, sabemos que a posição de sujeito é uma das posições inclinadas para a interpretação do definido. No entanto, pela transferência de L1 [-art], e pela consideração da Hipótese de Carga de Informação de Trenkic (2009), os informantes deveriam omitir o AD e o AI nesta posição. Por isso, é importante observar como é o uso do AD e do AN com os SD que ocupam a posição de sujeito.

Quadro 110 – O uso do AD nos três contextos do artigo com os SD na posição de sujeito – *Corpus I*

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
AD	806	.99	.105	.004	.98	1.00	0	1
AI	91	.25	.437	.046	.16	.34	0	1
AN	6	.17	.408	.167	-.26	.60	0	1
Total	903	.91	.287	.010	.89	.93	0	1

Quadro 111 – A significância do uso do AD nos três contextos do artigo com os SD na posição de sujeito – *Corpus I*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	47.634	2	23.817	796.271	.000
Within Groups	26.920	900	.030		
Total	74.554	902			

Quadro 112 – O uso do AD nos três contextos do artigo com os SD na posição de sujeito – *Corpus II*

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
AD	1302	.92	.265	.007	.91	.94	0	1
AI	66	.38	.489	.060	.26	.50	0	1
AN	19	.16	.375	.086	-.02	.34	0	1
Total	1387	.89	.316	.008	.87	.90	0	1

Quadro 113 – A significância do uso do AD nos três contextos do artigo com os SD na posição de sujeito – *Corpus II*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	28.925	2	14.463	182.749	.000
Within Groups	109.529	1384	.079		
Total	138.454	1386			

Ambos os quadros revelam que os informantes ultrageneralizaram o AD nos SD localizados na posição de sujeito. Os *means* do uso do AD no contexto obrigatório do AI e do AN no *Corpus I* foram .25 e .17, e no *Corpus II*, .38 e .16. Dois testes ANOVA também provaram a significância das diferenças do uso do AD nos três contextos do artigo ($F(2,900)=796.271$, $p=.000$; $F(2,1384)=182.749$, $p=.000$).

Quadro 114 - O uso do AN nos três contextos do artigo com os SD na posição de sujeito – *Corpus I*

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
AD	806	.01	.093	.003	.00	.02	0	1
AI	91	.00	.000	.000	.00	.00	0	0
AN	6	.83	.408	.167	.40	1.26	0	1
Total	903	.01	.115	.004	.01	.02	0	1

Quadro 115 – A significância do uso do AN nos três contextos do artigo com os SD na posição de sujeito – *Corpus I*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	4.068	2	2.034	235.521	.000
Within Groups	7.773	900	.009		
Total	11.841	902			

Quadro 116 - O uso do AN nos três contextos do artigo com os SD na posição de sujeito – *Corpus II*

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
AD	1302	.07	.263	.007	.06	.09	0	1
AI	66	.05	.210	.026	-.01	.10	0	1
AN	19	.84	.375	.086	.66	1.02	0	1
Total	1387	.08	.277	.007	.07	.10	0	1

Quadro 117 – A significância do uso do AN nos três contextos do artigo com os SD na posição de sujeito – *Corpus II*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	11.135	2	5.568	80.971	.000
Within Groups	95.163	1384	.069		
Total	106.298	1386			

Os dados do *Corpus I* mostraram que os informantes não omitiram o artigo na posição de sujeito (os *means* do uso do AN no contexto do AD e do AI foram apenas .01 e .00). Por outro lado, os dados do *Corpus II* revelaram que os informantes omitiram, embora não muito marcadamente, o artigo nos SD localizados na posição de sujeito. Os *means* do uso do AN no contexto obrigatório do AD e do AI foram .07 e .05. Dois testes ANOVA também provaram a significância das diferenças do uso do AN nos três contextos do artigo ($F(2, 900)=235.521, p=.000$; $F(2,1384)=80.971, p=.000$). Então o facto que observámos aqui foi que a omissão do artigo foi reduzida e o uso do AD foi ultrageneralizado na posição de sujeito, posição antes de verbos.

Como verificámos nos quadros 106 e 108 que o uso do artigo não foi satisfatório com os SD localizados na posição de complemento verbal directo, com os *means* de correcção .84 e .78 nos *Corpus I* e *II* respectivamente, consideramos importante descobrir se o problema assenta no uso do artigo no contexto do AD, do AI ou do AN.

Quadro 118 – A exactidão do uso do artigo nos três contextos com os SD na posição de complemento verbal directo – *Corpus I*

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
AD	434	.97	.164	.008	.96	.99	0	1
AI	169	.57	.496	.038	.50	.65	0	1
AN	63	.67	.475	.060	.55	.79	0	1
Total	666	.84	.365	.014	.81	.87	0	1

Quadro 119 – A significância da exactidão do uso do artigo nos três contextos com os SD na posição de complemento verbal directo – *Corpus I*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	21.452	2	10.726	106.151	.000
Within Groups	66.994	663	.101		
Total	88.446	665			

Quadro120 – A exactidão do uso do artigo nos três contextos com os SD na posição de complemento verbal directo – *Corpus II*

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
AD	547	.92	.272	.012	.90	.94	0	1
AI	315	.77	.419	.024	.73	.82	0	1
AN	338	.57	.496	.027	.51	.62	0	1
Total	1200	.78	.413	.012	.76	.81	0	1

Quadro121 – A significância da exactidão do uso do artigo nos três contextos com os SD na posição de complemento verbal directo – *Corpus II*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	26.271	2	13.136	88.073	.000
Within Groups	178.526	1197	.149		
Total	204.797	1199			

Ambos os quadros evidenciam o facto de os informantes serem muito incorrectos no contexto obrigatório do AI e do AN quando os SD se localizam na posição de complemento verbal directo, posição pós-verbal. Os *means* de correcção foram .57 no contexto do AI e .67 no contexto do AN no *Corpus I* e .77 no contexto do AI e .57 no contexto do AN. Dois testes ANOVA também provaram a significância das diferenças da exactidão do uso do artigo nos três contextos do

artigo quando os SD se localizam na posição de complemento verbal directo
($F(2,663)=106.151$, $p=.000$; $F(2,1197)=88.073$, $p=.000$).

Quadro 122 - O uso do AD nos três contextos com os SD na posição de complemento verbal directo
– *Corpus I*

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
AD	434	.97	.164	.008	.96	.99	0	1
AI	169	.38	.488	.038	.31	.46	0	1
AN	63	.33	.475	.060	.21	.45	0	1
Total	666	.76	.426	.016	.73	.80	0	1

Quadro 123 – A significância do uso do AD nos três contextos com os SD na posição de complemento verbal directo – *Corpus I*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	54.848	2	27.424	276.880	.000
Within Groups	65.668	663	.099		
Total	120.517	665			

Quadro 124 - O uso do AD nos três contextos com os SD na posição de complemento verbal directo
– *Corpus II*

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
AD	547	.92	.272	.012	.90	.94	0	1
AI	315	.16	.366	.021	.12	.20	0	1
AN	338	.43	.496	.027	.38	.49	0	1
Total	1200	.58	.493	.014	.55	.61	0	1

Quadro 125 – A significância do uso do AD nos três contextos com os SD na posição de complemento verbal directo – *Corpus II*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	126.373	2	63.187	457.119	.000
Within Groups	165.459	1197	.138		
Total	291.833	1199			

Segundo os quadros 122 e 124, sabemos que os informantes também ultrageneralizaram o AD no contexto do AI e do AN quando os SD estão na posição de complemento verbal directo, especialmente no contexto obrigatório do AN nos

dados do *Corpus* II. Neste caso, o *mean* do uso do AD é .43. Pelos resultados de dois testes ANOVA ficámos a saber que as diferenças entre o uso do AD nos três contextos do artigo, quando os SD estão na posição de complemento verbal directo, foram significativas ($F(2,663)=276.880$, $p=.000$; $F(2,1197)=457.119$, $p=.000$).

Quadro 126 - O uso do AN nos três contextos com os SD na posição de complemento verbal directo – *Corpus* I

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
AD	434	.02	.126	.006	.00	.03	0	1
AI	169	.04	.200	.015	.01	.07	0	1
AN	63	.67	.475	.060	.55	.79	0	1
Total	666	.08	.278	.011	.06	.11	0	1

Quadro 127 – A significância do uso do AN nos três contextos com os SD na posição de complemento verbal directo – *Corpus* I

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	23.694	2	11.847	284.616	.000
Within Groups	27.597	663	.042		
Total	51.291	665			

Quadro 128 - O uso do AN nos três contextos com os SD na posição de complemento verbal directo – *Corpus* II

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
AD	547	.07	.264	.011	.05	.10	0	1
AI	315	.07	.250	.014	.04	.09	0	1
AN	338	.57	.496	.027	.51	.62	0	1
Total	1200	.21	.409	.012	.19	.23	0	1

Quadro 129 – A significância do uso do AN nos três contextos com os SD na posição de complemento verbal directo – *Corpus* II

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	59.775	2	29.887	254.698	.000
Within Groups	140.462	1197	.117		
Total	200.237	1199			

Os dados do *Corpus* I mostraram que os informantes quase não omitiram o artigo na posição de complemento verbal directo (os *means* do uso do AN no contexto do AD e do AI foram apenas .02 e .04). Por outro lado, os dados do *Corpus*

II revelaram que os informantes omitiram, embora não muito marcadamente, o artigo nos SD localizados na posição de complemento verbal directo. Os *means* do uso do AN no contexto obrigatório do AD e do AI foram .07 e .07. Dois testes ANOVA também provaram a significância das diferenças do uso do AN nos três contextos do artigo ($F(2,663)=284.616$, $p=.000$; $F(2,1197)=254.698$, $p=.000$). À semelhança dos resultados tirados em relação aos SD localizados na posição de sujeito, a omissão do artigo é reduzida e o uso do AD é ultrageneralizado na posição de complemento verbal directo, posição típica pós-verbal.

Sabemos que a LC manifesta uma relação do tipo *topic-prominent* na construção de frases e uma expressão nominal na posição de tópico é conhecida pelo ouvinte (Wu, 2004). A definitude de nomes acompanhados de determinantes costuma ser indicada pelos marcadores. Quanto aos nomes sem determinantes, Chen (2004) observou que as posições antes do verbo favorecem a interpretação do definido e, assim, a escolha do AD e as posições depois do verbo favorecem a interpretação do indefinido e, consequentemente, a escolha do AI e do AN. Na sequência disto, fizemos um ensaio exclusivamente com os SD que só possuem o núcleo da parte funcional, isto é, nomes nus, de modo a podermos avaliar se a posição de sujeito favorece o uso do AD e a posição de complemento favorece o uso do AI.

Quadro 130 – A exactidão do uso do artigo nos três contextos com os SD sem determinantes na posição de sujeito - *Corpus I e II*

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
AD	1543	.96	.202	.005	.95	.97	0	1
AI	100	.63	.485	.049	.53	.73	0	1
AN	7	.86	.378	.143	.51	1.21	0	1
Total	1650	.94	.243	.006	.93	.95	0	1

Quadro 131 – A significação da exactidão do uso do artigo nos três contextos com os SD sem determinantes na posição de sujeito - *Corpus I e II*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	10.101	2	5.050	95.232	.000
Within Groups	87.344	1647	.053		
Total	97.445	1649			

Quadro 132 – A exactidão do uso do artigo nos três contextos com os SD sem determinantes na posição de complemento verbal directo - *Corpus I e II*

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
AD	641	.95	.218	.009	.93	.97	0	1
AI	330	.67	.470	.026	.62	.72	0	1
AN	282	.57	.495	.029	.52	.63	0	1
Total	1253	.79	.406	.011	.77	.81	0	1

Quadro 133 – A significância da exactidão do uso do artigo nos três contextos com os SD sem determinantes na posição de complemento verbal directo - *Corpus I e II*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	34.056	2	17.028	123.756	.000
Within Groups	171.993	1250	.138		
Total	206.049	1252			

Os dados revelaram que os informantes mostraram o mesmo desempenho no uso do artigo com os SD, nomes nus, quer na posição de sujeito, quer na posição de complemento verbal directo. Ou seja, o uso do artigo foi mais correcto no contexto do AD do que no do AI e do AN, indiferente da posição que os SD ocupam. Nos estudos anteriores desta parte, feitos com todos os SD em que incluem nomes nus e nomes com modificadores/especificadores, verificámos o uso muito correcto no contexto obrigatório do AD e o uso incorrecto no contexto do AI e do AN devido à ultrageneralização do AD com os SD que estão tanto na posição antes do verbo como na posição depois do verbo. Acreditamos que o ensaio conduzido especificamente com os nomes nus reforça, a título suplementar, as conclusões que tirámos das análises anteriores. Embora o uso do artigo no contexto do AD fosse muito correcto com os SD na posição de sujeito, a dúvida foi levantada quando descobrimos que os

informantes também ultrageneralizaram o AD, especialmente no contexto obrigatório do AN, quando os SD estão na posição de complemento verbal directo, posição típica pós-verbal. Este fenómeno põe em causa o papel da posição do SD na influência do artigo. As mesmas características manifestadas pelos SD que ocupam tanto a posição de sujeito como a posição de complemento verbal directo evidenciam o facto de a posição que os SN ocupam não influencia o uso do artigo.

Tendo em consideração que muitos investigadores descobriram que as posições do SD favorecem a interpretação do definido e do indefinido, por que razão o factor da posição não ajudou os nossos informantes a usar correctamente o AD e o AI? Antes de responder a esta pergunta, fazemos outra abordagem em relação à evidência da fracassada omissão do artigo encontrada no nosso trabalho.

Sendo a LC uma língua [-art], a gramática interiorizada que os informantes chineses possuem é uma gramática sem a categoria do artigo. Trenkic (2009) argumentou que os aprendentes com L1 [-art] não têm acesso à categoria D (não instanciado nas suas L1) nem ao ACP. Quando adquirem *the* e *a*, tratam-nos incorrectamente como “adjectivos processuais” (uma categoria que inclui demonstrativos, possessivos e numerais). Trenkic (2009) explicou que “os demonstrativos, possessivos, numerais, etc, pelo menos em línguas sem artigos, são visualizados como um subconjunto da classe fechada da categoria adjectivo.” (2009:123) e que “como eles codificam significados processuais relacionados com discurso”, são denominados como adjectivos processuais (2009:123).

Como resultado, *the* e *a* não são obrigatórios. A autora ligou esta ideia à Hipótese de Carga de Informação¹⁹⁵, na qual os constituintes discurso-redundantes e opcionais são desfavorecidos, para explicar por que razão há mais omissão do artigo

¹⁹⁵ A tradução de “*Information Load Hypothesis*”.

em posições tópico do que posições não tópico. Rutherford (1987) descobriu também que, quando a determinação é indicada pela ordem de palavras, a marcação é redundante e evitada. Os nossos resultados não correspondem à observação de Trenkic (2009) nem à descoberta de Rutherford (1987), e negam, neste sentido, a influência da L1 na aquisição do artigo pelos nossos informantes.

Além disso, foi verificado que a vantagem da posição favorecer a interpretação da determinação não beneficiou os nossos informantes chineses no uso correcto do artigo. Trata-se de mais uma prova que o papel da transferência da L1 na constituição da ILG foi reduzido. Então, se a dificuldade que existe no processo da aquisição do artigo pelos nossos informantes não é atribuída à interferência da L1, o problema está na incapacidade dos informantes em distinguir os traços definido e indefinido do artigo.

Nos quadros 106 e 108, foi detectado, inesperadamente, que os informantes erraram mais quando os SD estão na posição de adjunto adnominal (.82 no *Corpus I* e .73 no *Corpus II*), o que revelou que um dos pontos que deve ser superado se relaciona com o uso do artigo com os SD na posição de adjunto nominal. Por outro lado, apesar de o uso do artigo na posição de agente da passiva (.60 no *Corpus I*) se revelar deficiente, como o número total dos casos de agente da passiva não foi significativo, consideramos desnecessário fazer uma análise mais profunda.

Perante a situação de o factor da posição frásica não exercer influência sobre o uso do artigo, concluímos que **todas as evidências apontam para a invalidação da sétima hipótese.**

H7. O factor da posição favorece a escolha de determinados artigos.

6.2.7 Certas categorias na estrutura interna do SD que exercem influência sobre a aquisição do artigo

Nesta parte, começamos por observar como os modificadores e especificadores, categorias da estrutura interna do SD influenciam o uso do artigo. Abaixo, examinamos a exactidão do uso do artigo nos três contextos com os SD que possuem modificadores ou especificadores diferentes.

Quadro 134 – A exactidão do uso do artigo nos três contextos com os SD com modificadores diferentes – *Corpus I*

ModificadorSD				UsoCorrecto		Total
				N ão	Sim	
SD/sem modificador	Contextos UsoArtigo	AD	Count	43	1515	1558
			% within ContextosUsoArtigo	2.8%	97.2%	100.0%
		AI	Count	108	158	266
	Total		% within ContextosUsoArtigo	40.6%	59.4%	100.0%
		AN	Count	32	124	156
			% within ContextosUsoArtigo	20.5%	79.5%	100.0%
SD/Ora ção relativa	Contextos UsoArtigo	AD	Count	2	26	28
			% within ContextosUsoArtigo	7.1%	92.9%	100.0%
		AI	Count	5	21	26
	Total		% within ContextosUsoArtigo	19.2%	80.8%	100.0%
			Count	7	47	54
			% within ContextosUsoArtigo	13.0%	87.0%	100.0%
SD/Possessivo	Contextos UsoArtigo	AD	Count	3	151	154
			% within ContextosUsoArtigo	1.9%	98.1%	100.0%
		AI	Count	2	0	2
	Total		% within ContextosUsoArtigo	100.0%	.0%	100.0%
			Count	5	151	156
			% within ContextosUsoArtigo	3.2%	96.8%	100.0%
SD/N preposicionado	Contextos UsoArtigo	AD	Count	14	145	159
			% within ContextosUsoArtigo	8.8%	91.2%	100.0%
		AI	Count	10	29	39
	Total		% within ContextosUsoArtigo	25.6%	74.4%	100.0%
		AN	Count	4	8	12
			% within ContextosUsoArtigo	33.3%	66.7%	100.0%
SD/Numeral cardinal	Contextos UsoArtigo		Count	28	182	210
			% within ContextosUsoArtigo	13.3%	86.7%	100.0%
	Contextos UsoArtigo	AD	Count	1	2	3
			% within ContextosUsoArtigo	33.3%	66.7%	100.0%

		AN	Count	0	12	12
			% within ContextosUsoArtigo	.0%	100.0%	100%
Total			Count	1	14	15
			% within ContextosUsoArtigo	6.7%	93.3%	100.0%
SD/Adjectivo	Contextos UsoArtigo	AD	Count	4	25	29
			% within ContextosUsoArtigo	13.8%	86.2%	100.0%
	AI		Count	11	59	70
			% within ContextosUsoArtigo	15.7%	84.3%	100.0%
	AN		Count	10	13	23
			% within ContextosUsoArtigo	43.5%	56.5%	100.0%
Total			Count	25	97	122
			% within ContextosUsoArtigo	20.5%	79.5%	100.0%
SD/ Numeral ordinal	Contextos UsoArtigo	AD	Count	5	24	29
			% within ContextosUsoArtigo	17.2%	82.8%	100.0%
	Total		Count	5	24	29
SD/ indefinido	Contextos UsoArtigo	AD	Count	1	12	13
			% within ContextosUsoArtigo	7.7%	92.3%	100.0%
	AI		Count	3	3	6
			% within ContextosUsoArtigo	50.0%	50.0%	100.0%
	AN		Count	1	15	16
			% within ContextosUsoArtigo	6.3%	93.8%	100.0%
Total			Count	5	30	35
			% within ContextosUsoArtigo	14.3%	85.7%	100.0%
SD/Outros modificadores	Contextos UsoArtigo	AD	Count	0	10	10
			% within ContextosUsoArtigo	.0%	100.0%	100.0%
	AI		Count	3	2	5
			% within ContextosUsoArtigo	60.0%	40.0%	100.0%
	AN		Count	0	6	6
			% within ContextosUsoArtigo	.0%	100.0%	100.0%
Total			Count	3	18	21
			% within ContextosUsoArtigo	14.3%	85.7%	100.0%
Total	Contextos UsoArtigo	AD	Count	73	1910	1983
			% within ContextosUsoArtigo	3.7%	96.3%	100.0%
	AI		Count	142	272	414
			% within ContextosUsoArtigo	34.3%	65.7%	100.0%
	AN		Count	47	178	225
			% within ContextosUsoArtigo	20.9%	79.1%	100.0%
Total			Count	262	2360	2622
			% within ContextosUsoArtigo	10.0%	90.0%	100.0%

Quadro 135 – A exactidão do uso do artigo nos três contextos com os SD com modificadores diferentes – *Corpus II*

ModificadorSD				UsoCorrecto		Total
				N ão	Sim	
SD/sem modificador	ContextosUsoArtigo	AD	Count	149	1544	1693
			% within ContextosUsoArtigo	8.8%	91.2%	100.0%
	AI		Count	96	347	443
			% within ContextosUsoArtigo	21.7%	78.3%	100.0%
	NA		Count	137	330	467
			% within ContextosUsoArtigo	29.3%	70.7%	100.0%
Total			Count	382	2221	2603
			% within ContextosUsoArtigo	14.7%	85.3%	100.0%
SD/Ora ção relativa	ContextosUsoArtigo	AD	Count	4	39	43
			% within ContextosUsoArtigo	9.3%	90.7%	100.0%
	AI		Count	2	40	42
			% within ContextosUsoArtigo	4.8%	95.2%	100.0%

		NA	Count	2	2	4
			% within ContextosUsoArtigo	50.0%	50.0%	100.0%
Total			Count	8	81	89
			% within ContextosUsoArtigo	9.0%	91.0%	100.0%
SD/Possessivo	ContextosUsoArtigo	AD	Count	16	374	390
			% within ContextosUsoArtigo	4.1%	95.9%	100.0%
		AI	Count	1	2	3
			% within ContextosUsoArtigo	33.3%	66.7%	100.0%
		AN	Count	1	3	4
			% within ContextosUsoArtigo	25.0%	75.0%	100.0%
Total			Count	18	379	397
			% within ContextosUsoArtigo	4.5%	95.5%	100.0%
SD/N preposicionado	ContextosUsoArtigo	AD	Count	34	376	410
			% within ContextosUsoArtigo	8.3%	91.7%	100.0%
		AI	Count	16	71	87
			% within ContextosUsoArtigo	18.4%	81.6%	100.0%
		AN	Count	25	25	50
			% within ContextosUsoArtigo	50.0%	50.0%	100.0%
Total			Count	75	472	547
			% within ContextosUsoArtigo	13.7%	86.3%	100.0%
SD/Numeral cardinal	ContextosUsoArtigo	AD	Count	0	9	9
			% within ContextosUsoArtigo	.0%	100.0%	100.0%
		AI	Count	0	1	1
			% within ContextosUsoArtigo	.0%	100.0%	100.0%
		AN	Count	2	31	33
			% within ContextosUsoArtigo	6.1%	93.9%	100.0%
Total			Count	2	41	43
			% within ContextosUsoArtigo	4.7%	95.3%	100.0%
SD/Adjetivo	ContextosUsoArtigo	AD	Count	33	102	135
			% within ContextosUsoArtigo	24.4%	75.6%	100.0%
		AI	Count	31	184	215
			% within ContextosUsoArtigo	14.4%	85.6%	100.0%
		AN	Count	26	52	78
			% within ContextosUsoArtigo	33.3%	66.7%	100.0%
Total			Count	90	338	428
			% within ContextosUsoArtigo	21.0%	79.0%	100.0%
SD/ Numeral ordinal	ContextosUsoArtigo	AD	Count	11	4	15
			% within ContextosUsoArtigo	73.3%	26.7%	100.0%
		Total	Count	11	4	15
SD/ indefinido	ContextosUsoArtigo	AD	Count	12	49	61
			% within ContextosUsoArtigo	19.7%	80.3%	100.0%
		AI	Count	0	2	2
			% within ContextosUsoArtigo	.0%	100.0%	100.0%
		AN	Count	10	55	65
			% within ContextosUsoArtigo	15.4%	84.6%	100.0%
Total			Count	22	106	128
			% within ContextosUsoArtigo	17.2%	82.8%	100.0%
SD/Outros modificadores	ContextosUsoArtigo	AD	Count	1	15	16
			% within ContextosUsoArtigo	6.3%	93.8%	100.0%
		AI	Count	2	7	9
			% within ContextosUsoArtigo	22.2%	77.8%	100.0%
		AN	Count	1	12	13
			% within ContextosUsoArtigo	7.7%	92.3%	100.0%
Total			Count	4	34	38
			% within ContextosUsoArtigo	10.5%	89.5%	100.0%
Total	ContextosUsoArtigo	AD	Count	260	2512	2772
			% within ContextosUsoArtigo	9.4%	90.6%	100.0%
		AI	Count	148	654	802
			% within ContextosUsoArtigo	18.5%	81.5%	100.0%
AN			Count	204	510	714

	% within ContextosUsoArtigo	28.6%	71.4%	100.0%
Total	Count	612	3676	4288
	% within ContextosUsoArtigo	14.3%	85.7%	100.0%

Comparando os dados constantes dos Quadros 134 e 135, descobrimos que, quando os SD eram modificados por uma oração relativa, os informantes usaram com muita correcção o AD e o AI e não manifestaram a tendência para a ultrageneralização do AD no contexto obrigatório do AI (as percentagens de exactidão do artigo foram 92.9% no contexto do AD e 80.8% no contexto do AI no *Corpus I*, e 90.7% no contexto do AD e 95.2% no contexto do AI no *Corpus II*). Isto significa que quando um SD está modificado por uma oração relativa, os informantes não omitem o artigo.

No caso de os SD conterem possessivos, os informantes manifestaram o uso muito correcto do AD, com as percentagens de correcção 98.1% no *Corpus I* e 95.9% no *Corpus II*. Não pudemos tirar qualquer conclusão sobre o uso do artigo nos contextos do AI e do AN porque os respectivos casos foram muito poucos. Isto significa que os possessivos ajudam os informantes a usar correctamente o artigo no contexto obrigatório do AD.

A exactidão do uso do artigo no contexto do AD também foi elevado nos *Corpus I* e *II* quando os SD eram modificados por nomes preposicionados, sendo as percentagens de correcção 91.2% e 91.7%. No entanto, nos contextos do AI e do AN, a exactidão não foi satisfatória, apresentando-se as percentagens de correcção apenas de 74.4% e 66.7% no *Corpus I* e 81.6% e 50.0% no *Corpus II*. Fizemos um pequeno ensaio para ver por que motivo as percentagens da correcção não foram altas.

Quadro 136 - O uso do AD nos três contextos com os SD modificados por um nome preposicionado - *Corpus I e II*

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
AD	569	.92	.278	.012	.89	.94	0	1
AI	126	.15	.359	.032	.09	.21	0	1
AN	62	.47	.503	.064	.34	.60	0	1
Total	757	.75	.432	.016	.72	.78	0	1

Quadro 137 – A significância do uso do AD nos três contextos com os SD modificados por um nome preposicionado - *Corpus I e II*

	Sum of Squares	Df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	65.789	2	32.895	328.418	.000
Within Groups	75.521	754	.100		
Total	141.310	756			

Os resultados do ensaio mostraram que os informantes ultrageneralizaram o AD nos contextos do AI e do AN quando os SD eram especificados por nomes preposicionados (os *means* do uso do AD nos contextos do AI e do AN .15 e .47). A diferença no uso do AD nos três contextos dos SD especificados por esta categoria lexical foi significativa ($F(2,754)=328.418, p=.000$). Por isso, afirmamos que os SD especificados por nomes preposicionados favorecem o uso do AD.

Quanto ao uso do numeral cardinal, a presença desta categoria lexical favoreceu o uso do AN, com percentagens de correcção 100% no *Corpus I* e 93.9% no *Corpus II*.

Os informantes também mostraram um desempenho relativamente menos satisfatório no uso do artigo com os SD modificados por adjectivos. As percentagens de correcção no *Corpus I* apresentaram-se em 86.2%, 84.3% e 56.5% nos contextos do AD, do AI e do AN respectivamente, e no *Corpus II*, em 75.6%, 85.6% e 66.7% respectivamente nos contextos do AD, AI e do AN. Para descobrir qual é a razão, vamos observar como foi aqui aplicado cada tipo de artigo.

Quadro 138 - O uso do AD nos tr ês contextos com os SD modificados por um adjetivo
- *Corpus I e II*

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
AD	164	.77	.419	.033	.71	.84	0	1
AI	285	.12	.321	.019	.08	.15	0	1
AN	101	.36	.481	.048	.26	.45	0	1
Total	550	.36	.479	.020	.32	.40	0	1

Quadro 139 – A signific ância do uso do AD nos tr ês contextos com os SD modificados
por um adjetivo - *Corpus I e II*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	45.153	2	22.577	152.462	.000
Within Groups	81.000	547	.148		
Total	126.153	549			

A partir do quadro 138, passamos a saber que os informantes ultrageneralizaram o AD nos contextos do AI e do AN quando os SD eram acompanhados pelo adjetivo. Os *means* do uso do AD nos contextos obrigatórios do AI e do AN são .12 e .36. A diferença no uso do AD nos tr ês contextos aos SD adjectivados foi significativa ($F(2,547)=152.462$, $p=.000$). Seguidamente, vamos observar a questão ligada à omissão do artigo.

Quadro 140 - O uso do AN nos tr ês contextos com os SD modificados por um adjetivo
- *Corpus I e II*

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
AD	164	.20	.398	.031	.13	.26	0	1
AI	285	.03	.175	.010	.01	.05	0	1
AN	101	.64	.481	.048	.55	.74	0	1
Total	550	.19	.395	.017	.16	.23	0	1

Quadro 141 – A significância do uso do AN nos três contextos com os SD modificados por um adjetivo - *Corpus I e II*

	Sum of Squares	Df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	27.931	2	13.965	132.530	.000
Within Groups	57.640	547	.105		
Total	85.571	549			

A omissão do artigo foi encontrada, especialmente, no contexto obrigatório do AD (o *mean* atingiu .20). A diferença no uso do AN nos três contextos dos SD adjetivados foi significativa ($F(2,547)=132.530$, $p=.000$). Então, além da ultrageneralização do AD, a omissão do artigo também se encontrou nos SD adjetivados.

Recorremos à SMA de Trenkic (2009), segundo a qual os aprendentes com L1 [-art] analisam as formas do artigo erradamente como modificadores nominais. Por isso, há mais omissão do artigo nos nomes modificados por adjetivos (Art + Adj + N) do que nos sem adjetivos modificadores (Art + N). Se a observação de Trenkic e a explicação da transferência de L1 contribuem para explicar o fenómeno da omissão do artigo existente nos nossos dados, como é que vamos explicar a ultrageneralização do AD? A resposta poderá ser dada quando observarmos as conclusões tiradas na análise da variável ligada aos três contextos em que se distribui o artigo, isto é, a ultrageneralização do AD deve-se ao facto de que os nossos informantes possuem nesta fase uma ILG, que revela características próprias que não são nem da L1 nem da LA e que revela o desenvolvimento da categoria D no processo da sua aquisição.

Sobre a influência do numeral ordinal, esta categoria não favoreceu a escolha do AD por as percentagens da correcção no contexto do AD serem 82.8% no *Corpus I* e apenas 26.7% no *Corpus II*. Em particular no *Corpus II*, dentre os 15 casos, além

de quatro casos de uso correcto, o uso incorrecto dos outros casos deveu-se à omissão do artigo. Pelo desempenho contraditório dos informantes no uso do artigo com os SD que contêm o numeral ordinal, podemos dizer que não há evidência de o numeral ordinal favorecer o uso de determinados artigos nos nossos dados.

Quanto a outros dois factores deste grupo, indefinidos e outros modificadores, resolvemos não os considerar porque só reparámos, depois de terminar as tarefas, que era impossível estabelecer uma relação entre o uso do indefinido (em que se agrupam todos os indefinidos) e o uso do artigo. Por exemplo, o uso do indefinido “todo” obriga ao uso do AD (E131), e o uso do “outro” obriga o uso do AN (E132).

E131 Eles fizeram desporto junto e vivemos juntos TODA A VIDA felizmente. (04129)

E132 ...quando nós não queremos ah...outras pessoas sabem o que estamos a dizer...
(11424)

O factor de outros modificadores abrange não só todos os modificadores que apareceram nos dados, e que não estão incluídos nos factores especificados, como também os que contêm dois ou mais modificadores já especificados nesta variável. Neste caso, não causaria influência negativa para a nossa análise porque o número de casos é muito limitado. Vale a pena mencionar que só foi detectado um caso do uso do superlativo e que este caso foi incluído no grupo de outros modificadores. O superlativo é uma categoria primordial que influencia a escolha do artigo, o que já foi verificado por Humphrey (2007). Infelizmente, os dados dos nossos *corpora* não foram suficientes para se proceder a uma análise.

Acabada a observação dos SD que contêm modificadores/especificadores, voltamos a debruçarmo-nos sobre os SD como nomes nus. A correcção do uso do artigo nos nomes nus foi elevada no contexto do AD (as percentagens de correcção

97.2% no *Corpus* I e 91.2% no *Corpus* II), mas não satisfatória nos contextos do AI e do AN (as percentagens de correcção 59.4% e 79.5% no *Corpus* I e 78.3% e 70.7% no *Corpus* II). Vamos adoptar o mesmo método para fazer um pequeno ensaio, ou seja, avaliar se há ultrageneralização do AD e/ou omissão do artigo.

Quadro 142 - O uso do AD nos três contextos com os nomes nus - *Corpus* I e II

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
AD	3251	.94	.236	.004	.93	.95	0	1
AI	709	.24	.429	.016	.21	.27	0	1
AN	623	.27	.444	.018	.23	.30	0	1
Total	4583	.74	.438	.006	.73	.75	0	1

Quadro 143 – A significância do uso do AD nos três contextos com os nomes nus - *Corpus* I e II

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	444.487	2	222.244	2347.332	.000
Within Groups	433.631	4580	.095		
Total	878.118	4582			

Quadro 144 - O uso do AN nos três contextos com os nomes nus - *Corpus* I e II

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
AD	3251	.06	.231	.004	.05	.06	0	1
AI	709	.05	.208	.008	.03	.06	0	1
AN	623	.73	.445	.018	.69	.76	0	1
Total	4583	.15	.353	.005	.14	.16	0	1

Quadro 145 – A significância do uso do AN nos três contextos com os nomes nus - *Corpus* I e II

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	244.933	2	122.466	1718.379	.000
Within Groups	326.410	4580	.071		
Total	571.343	4582			

Comparando os quadros 142 e 144, temos como pontos conclusivos que, quando os SD eram nomes nus, os informantes ultrageneralizaram o AD (os *means* do uso do AD nos contextos do AI e do AN .24 e .27) e quase não omitiram o artigo (os *means* do uso do AN nos contextos do AD e AI, .06 e .05). Também foram

provadas as significâncias ($F(2,4580)=2347.332$, $p=.000$; $F(2,4580)=1718.379$, $p=.000$).

Então, resumimos que as categorias na estrutura interna do SD, aqui modificadores/especificadores, influenciam o uso do artigo. Por exemplo, não há omissão do artigo quando os SD são modificados por orações relativas, o uso do possessivo favorece o uso do AD, os SD acompanhados de nomes preposicionados favorecem o uso do AD, o numeral cardinal favorece o uso do AN, os informantes têm dificuldade no uso do artigo com os SD adjectivados, e o numeral ordinal não favorece o uso do AD. Quando a influência da estrutura interna não existe, sobretudo quando os SD são nomes nus, os informantes ultrageneralizam o AD. Por isso, **confirmamos a oitava hipótese.**

H8. Certas categorias na estrutura interna do SD favorecem o uso do artigo.

6.2.8 Certas categorias na estrutura externa do SD que exercem influência sobre a aquisição do artigo

A partir dos estudos feitos na área da aquisição do artigo, sabemos que certas categorias influenciam o uso do artigo, entre as quais estão as preposições e verbos. Em primeiro lugar, observamos a relação entre a preposição e o uso do artigo.

6.2.8.1 A precedência da preposição em relação ao SD

Observamos os seguintes quadros.

Quadro 146 – A exactidão do uso do artigo nos três contextos com os SD precedidos de preposições diferentes - *Corpus I*

PreposiçãoPrecedidaSD				UsoCorrecto		Total
				Não	Sim	
Para	ContextosUsoArtigo	AD	Count	10	44	54
			% within ContextosUsoAArtigo	18.5%	81.5%	100.0%
		AI	Count	2	4	6
			% within ContextosUsoArtigo	33.3%	66.7%	100.0%
		AN	Count	0	3	3
			% within ContextosUsoArtigo	.0%	100.0%	100.0%
Total	Count	12	51	63		
	% within ContextosUsoArtigo	19.0%	81.0%	100.0%		
Em	ContextosUsoArtigo	AD	Count	7	171	178
			% within ContextosUsoArtigo	3.9%	96.1%	100.0%
		AI	Count	6	20	26
			% within ContextosUsoArtigo	23.1%	76.9%	100.0%
		Total	Count	13	191	204
			% within ContextosUsoArtigo	6.4%	93.6%	100.0%
Por	ContextosUsoArtigo	AD	Count	0	16	16
			% within ContextosUsoArtigo	.0%	100.0%	100.0%
		AI	Count	3	0	3
			% within ContextosUsoArtigo	100.0%	.0%	100.0%
		AN	Count	1	0	1
			% within ContextosUsoArtigo	100.0%	.0%	100.0%
Total	Count	4	16	20		
	% within ContextosUsoArtigo	20.0%	80.0%	100.0%		
Com /sem	ContextosUsoArtigo	AD	Count	2	46	48
			% within ContextosUsoArtigo	4.2%	95.8%	100.0%
		AI	Count	3	15	18
			% within ContextosUsoArtigo	16.7%	83.3%	100.0%
		AN	Count	0	33	33
			% within ContextosUsoArtigo	.0%	100.0%	100.0%
Total	Count	5	94	99		
	% within ContextosUsoArtigo	5.1%	94.9%	100.0%		
a	ContextosUsoArtigo	AD	Count	3	135	138
			% within ContextosUsoArtigo	2.2%	97.8%	100.0%
		AI	Count	6	2	8
			% within ContextosUsoArtigo	75.0%	25.0%	100.0%
		AN	Count	1	5	6
			% within ContextosUsoArtigo	16.7%	83.3%	100.0%
Total	Count	10	142	152		
	% within ContextosUsoArtigo	6.6%	93.4%	100.0%		
de	ContextosUsoArtigo	AD	Count	29	249	278
			% within ContextosUsoArtigo	10.4%	89.6%	100.0%
		AI	Count	13	13	26
			% within ContextosUsoArtigo	50.0%	50.0%	100.0%
		AN	Count	18	46	64
			% within ContextosUsoArtigo	28.1%	71.9%	100.0%
Total	Count	60	308	368		

			% within ContextosUsoArtigo	16.3%	83.7%	100.0%
durante	ContextosUsoArtigo	AD	Count		2	2
			% within ContextosUsoArtigo		100.0%	100.0%
	Total		Count		2	2
			% within ContextosUsoArtigo		100.0%	100.0%
entre	ContextosUsoArtigo	AD	Count	0	6	6
			% within ContextosUsoArtigo	.0%	100.0%	100.0%
		AI	Count	1	1	2
			% within ContextosUsoArtigo	50.0%	50.0%	100.0%
	Total		Count	1	7	8
			% within ContextosUsoArtigo	12.5%	87.5%	100.0%
sobre	ContextosUsoArtigo	AD	Count		2	2
			% within ContextosUsoArtigo		100.0%	100.0%
	Total		Count		2	2
			% within ContextosUsoArtigo		100.0%	100.0%
Outras	ContextosUsoArtigo	AD	Count		4	4
			% within ContextosUsoArtigo		100.0%	100.0%
	Total		Count		4	4
			% within ContextosUsoArtigo		100.0%	100.0%
Total	ContextosUsoArtigo	AD	Count	51	675	726
			% within ContextosUsoArtigo	7.0%	93.0%	100.0%
		AI	Count	34	55	89
			% within ContextosUsoArtigo	38.2%	61.8%	100.0%
		AN	Count	20	87	107
			% within ContextosUsoArtigo	18.7%	81.3%	100.0%
	Total		Count	105	817	922
			% within ContextosUsoArtigo	11.4%	88.6%	100.0%

Quadro 147 – A exactidão do uso do artigo nos três contextos com os SD precedidos de preposições precedidas diferentes – *Corpus II*

PreposiçãoPrecedidaSD				UsoCorrecto		Total
				Não	Sim	
Para	ContextosUsoArtigo	AD	Count	20	105	125
			% within ContextosUsoArtigo	16.0%	84.0%	100.0%
		AI	Count	3	5	8
			% within ContextosUsoArtigo	37.5%	62.5%	100.0%
		AN	Count	1	4	5
			% within ContextosUsoArtigo	20.0%	80.0%	100.0%
	Total		Count	24	114	138
			% within ContextosUsoArtigo	17.4%	82.6%	100.0%
Em	ContextosUsoArtigo	AD	Count	8	238	246
			% within ContextosUsoArtigo	3.3%	96.7%	100.0%
		AI	Count	3	33	36
			% within ContextosUsoArtigo	8.3%	91.7%	100.0%
		AN	Count	3	2	5
			% within ContextosUsoArtigo	60.0%	40.0%	100.0%
	Total		Count	14	273	287
			% within ContextosUsoArtigo	4.9%	95.1%	100.0%
Por	ContextosUsoArtigo	AD	Count	0	15	15
			% within ContextosUsoArtigo	.0%	100.0%	100.0%
		AI	Count	0	1	1
			% within ContextosUsoArtigo	.0%	100.0%	100.0%
		AN	Count	1	0	1

				% within ContextosUsoArtigo	100.0%	.0%	100.0%	
Total				Count	1	16	17	
				% within ContextosUsoArtigo	5.9%	94.1%	100.0%	
Com /sem	ContextosUsoArtigo	AD	Count	11	104	115		
			% within ContextosUsoArtigo	9.6%	90.4%	100.0%		
		AI	Count	6	14	20		
			% within ContextosUsoArtigo	30.0%	70.0%	100.0%		
		AN	Count	1	17	18		
			% within ContextosUsoArtigo	5.6%	94.4%	100.0%		
Total				Count	18	135	153	
				% within ContextosUsoArtigo	11.8%	88.2%	100.0%	
a	ContextosUsoArtigo	AD	Count	3	67	70		
			% within ContextosUsoArtigo	4.3%	95.7%	100.0%		
		AI	Count	1	2	3		
			% within ContextosUsoArtigo	33.3%	66.7%	100.0%		
		AN	Count	2	1	3		
			% within ContextosUsoArtigo	66.7%	33.3%	100.0%		
Total				Count	6	70	76	
				% within ContextosUsoArtigo	7.9%	92.1%	100.0%	
de	ContextosUsoArtigo	AD	Count	47	179	226		
			% within ContextosUsoArtigo	20.8%	79.2%	100.0%		
		AI	Count	9	12	21		
			% within ContextosUsoArtigo	42.9%	57.1%	100.0%		
		AN	Count	19	41	60		
			% within ContextosUsoArtigo	31.7%	68.3%	100.0%		
Total				Count	75	232	307	
				% within ContextosUsoArtigo	24.4%	75.6%	100.0%	
durante	ContextosUsoArtigo	AD	Count		1	1		
			% within ContextosUsoArtigo		100.0%	100.0%		
	Total		Count		1	1		
			% within ContextosUsoArtigo		100.0%	100.0%		
entre	ContextosUsoArtigo	AD	Count		4	4		
			% within ContextosUsoArtigo		100.0%	100.0%		
	Total		Count		4	4		
			% within ContextosUsoArtigo		100.0%	100.0%		
sobre	ContextosUsoArtigo	AD	Count	5	19	24		
			% within ContextosUsoArtigo	20.8%	79.2%	100.0%		
		AN	Count	0	1	1		
			% within ContextosUsoArtigo	.0%	100.0%	100.0%		
		Total		Count	5	20	25	
				% within ContextosUsoArtigo	20.0%	80.0%	100.0%	
Total	ContextosUsoART	AD	Count	94	732	826		
			% within ContextosUsoArtigo	11.4%	88.6%	100.0%		
		AI	Count	22	67	89		
			% within ContextosUsoArtigo	24.7%	75.3%	100.0%		
		AN	Count	27	66	93		
			% within ContextosUsoArtigo	29.0%	71.0%	100.0%		
Total				Count	143	865	1008	
				% within ContextosUsoArtigo	14.2%	85.8%	100.0%	

Os quadros com a exactidão do uso do artigo nos três contextos com os SD precedidos imediatamente de preposições mostraram que a correção do contexto do AD não foi muito satisfatória quando os SD eram precedidos da preposição “para”

(as percentagens de correcção foram 81.5% no *Corpus* I e 84.0% no *Corpus* II). Não foi possível avaliar os contextos do AI e do AN porque os casos foram poucos.

Quadro 148 – O uso do AN nos três contextos do artigo com os SD precedidos da preposição “para”

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
AD	179	.17	.375	.028	.11	.22	0	1
AI	14	.07	.267	.071	-.08	.23	0	1
AN	8	.88	.354	.125	.58	1.17	0	1
Total	201	.19	.393	.028	.13	.24	0	1

Quadro 149 – A significância do uso do AN nos três contextos do artigo com os SD precedidos da preposição “para”

	Sum of Squares	Df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	4.040	2	2.020	14.939	.000
Within Groups	26.776	198	.135		
Total	30.816	200			

Podemos ver que a incorrecção do uso do artigo no contexto obrigatório do AD se deveu à omissão do artigo. A diferença no uso do AN nos três contextos com os SD precedidos da preposição “para” foi significativa ($F(2,198)=14.939$, $p=.000$)

Com a preposição “em”, o uso do artigo foi mais correcto no contexto obrigatório do AD do que no do AI, sendo as percentagens de correcção no contexto do AD 96.1% no *Corpus* I e 96.7% no *Corpus* II, e no contexto do AI 76.9% no *Corpus* I e 91.7% no *Corpus* II. Da leitura destes dados, podemos concluir que a introdução muito cedo da contracção da preposição com o AD poderia ser uma explicação possível para a exactidão do uso do artigo no contexto do AD.

Quanto às preposições “com/sem”, os informantes foram muito correctos nos contextos do AD e do AN, com as percentagens da correcção 95.8% e 100% respectivamente no *Corpus* I e 90.4% e 94.4% respectivamente no *Corpus* II. O contexto do uso do AI foi mais problemático. Os quadros apresentados abaixo mostraram que a incorrecção do contexto do AI se deveu tanto à ultrageneralização

do AD como à omissão do artigo. As significâncias ($F(2,249)=303.534$, $p=.000$; $F(2,249)=262.395$, $p=.000$) obtidas através de uns testes ANOVA mostraram que as diferenças no uso do AD ou AN nos três contextos quando os SD eram precedidos das preposições “com” ou “sem” foram significativas.

Quadro 150 – O uso do AD nos três contextos com os SD precedidos da preposição “com” ou “sem”

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
AD	163	.92	.272	.021	.88	.96	0	1
AI	38	.13	.343	.056	.02	.24	0	1
AN	51	.02	.140	.020	-.02	.06	0	1
Total	252	.62	.487	.031	.56	.68	0	1

Quadro 151 – A significância do uso do AD nos três contextos com os SD precedidos da preposição “com” ou “sem”

	Sum of Squares	Df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	42.143	2	21.071	303.534	.000
Within Groups	17.286	249	.069		
Total	59.429	251			

Quadro 152 – O uso do AN nos três contextos com os SD precedidos da preposição “com” ou “sem”

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
AD	163	.07	.262	.021	.03	.11	0	1
AI	38	.11	.311	.050	.00	.21	0	1
AN	51	.98	.140	.020	.94	1.02	0	1
Total	252	.26	.441	.028	.21	.32	0	1

Quadro 153 – A significância do uso do AN nos três contextos com os SD precedidos da preposição “com” ou “sem”

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	33.038	2	16.519	262.395	.000
Within Groups	15.676	249	.063		
Total	48.714	251			

Com a preposição “a”, a correção do contexto do AD foi satisfatória (as percentagens de correção foram 97.8% no *Corpus I* e 95.7% no *Corpus II*). Não foi possível avaliar os contextos do AI e do AN porque os casos foram poucos. Com esta preposição, existe a forma da sua contracção com o AD, mas não com o AI, na LP.

O uso da preposição “de” foi mais problemático. Os dados mostraram que esta preposição não foi favorável a qualquer artigo. As percentagens de correção nos contextos obrigatórios do AD, AI e do AN foram respectivamente 89.6%, 50.0% e 71.9% no *Corpus I* e 79.2%, 57.1% e 68.3% no *Corpus II*.

Considerando que os casos com o uso das preposições “por”, “durante”, “entre”, “sobre” foram poucos, não entraram na observação.

Então, os nossos dados mostraram que, entre as preposições avaliadas, a preposição “para” favoreceu a omissão do artigo e certas outras preposições favoreceram o uso do AD, especialmente “em” e “a”, duas preposições que têm formas contraídas com o AD. Uma explicação possível é que a contração entre o AD e essas preposições, considerada pelos informantes como único morfema, funcione como especificador “compound” e os informantes escolham o artigo *default*, AD (Humphrey, 2007).

6.2.8.2 A precedência do verbo em relação ao SD

Por outro lado, a partir do que se encontra descrito no ponto 5.4.1.2 do Capítulo 5, passamos a saber que certos verbos favorecem o uso de determinados artigos, por exemplo, os verbos *be*, *have*, *got*, *need* atraem mais o AI (Humphrey, 2007). Agora vamos fazer uma observação com as análises focalizadas em alguns tipos de verbos representativos.

Quadro 154 – A exactidão do uso do artigo nos três contextos com os SD precedidos imediatos de um verbo – *Corpus I*

VerboPrecedidaSD				UsoCorrecto		Total
				Não	Sim	
Haver	ContextosUsoArtigo	AI	Count	2	12	14
			% within ContextosUsoArtigo	14.3%	85.7%	100.0%
		AN	Count	1	7	8
			% within ContextosUsoArtigo	12.5%	87.5%	100.0%
	Total	Count		3	19	22
		% within ContextosUsoArtigo		13.6%	86.4%	100.0%
Ter	ContextosUsoArtigo	AD	Count	2	1	3
			% within ContextosUsoArtigo	66.7%	33.3%	100.0%
		AI	Count	2	21	23
			% within ContextosUsoArtigo	8.7%	91.3%	100.0%
		AN	Count	2	20	22
			% within ContextosUsoArtigo	9.1%	90.9%	100.0%
	Total	Count		6	42	48
		% within ContextosUsoArtigo		12.5%	87.5%	100.0%
Copulativo/ser, estar	ContextosUsoArtigo	AD	Count	2	18	20
			% within ContextosUsoArtigo	10.0%	90.0%	100.0%
		AI	Count	3	15	18
			% within ContextosUsoArtigo	16.7%	83.3%	100.0%
		AN	Count	2	12	14
			% within ContextosUsoArtigo	14.3%	85.7%	100.0%
	Total	Count		7	45	52
			% within ContextosUsoArtigo	13.5%	86.5%	100.0%
Epistemológico: saber, compreender, conhecer	ContextosUsoArtigo	AD	Count		7	7
			% within ContextosUsoArtigo		100.0%	100.0%
	Total	Count			7	7
		% within ContextosUsoArtigo			100.0%	100.0%
Ver, cheirar, ouvir	ContextosUsoArtigo	AD	Count	1	15	16
			% within ContextosUsoArtigo	6.3%	93.8%	100.0%
		AI	Count	4	10	14
			% within ContextosUsoArtigo	28.6%	71.4%	100.0%
	Total	Count		5	25	30
		% within ContextosUsoArtigo		16.7%	83.3%	100.0%
Verbos volitivos esperar, querer, desejar	ContextosUsoArtigo	AD	Count		2	2
			% within ContextosUsoArtigo		100.0%	100.0%
		AI	Count		1	1
			% within ContextosUsoArtigo		100.0%	100.0%
	Total	Count			3	3
		% within ContextosUsoArtigo			100.0%	100.0%
Verbos modais dever, poder, ter de	ContextosUsoArtigo	AD	Count		2	2
			% within ContextosUsoArtigo		100.0%	100.0%
	Total	Count			2	2
		% within ContextosUsoArtigo			100.0%	100.0%
Outros verbos	ContextosUsoArtigo	AD	Count	10	419	429
			% within ContextosUsoArtigo	2.3%	97.7%	100.0%
		AI	Count	63	84	147
			% within ContextosUsoArtigo	42.9%	57.1%	100.0%

Total	ContextosUsoArtigo	AN	Count	21	39	60
			% within ContextosUsoArtigo	35.0%	65.0%	100.0%
		Total	Count	94	542	636
			% within ContextosUsoArtigo	14.8%	85.2%	100.0%
		AD	Count	15	464	479
			% within ContextosUsoArtigo	3.1%	96.9%	100.0%
		AI	Count	74	143	217
			% within ContextosUsoArtigo	34.1%	65.9%	100.0%
		AN	Count	26	78	104
			% within ContextosUsoArtigo	25.0%	75.0%	100.0%
Total	ContextosUsoArtigo	Total	Count	115	685	800
			% within ContextosUsoArtigo	14.4%	85.6%	100.0%

Quadro 155 – A exactidão do uso do artigo nos três contextos com os SD precedidos imediatos de um verbo – *Corpus II*

VerboPrecedidaSD				UsoCorrecto		Total
				Não	Sim	
Haver	ContextosUsoArtigo	AI	Count	1	36	37
			% within ContextosUsoArtigo	2.7%	97.3%	100.0%
		AN	Count	3	23	26
			% within ContextosUsoArtigo	11.5%	88.5%	100.0%
		Total	Count	4	59	63
			% within ContextosUsoArtigo	6.3%	93.7%	100.0%
Ter	ContextosUsoArtigo	AD	Count	11	16	27
			% within ContextosUsoArtigo	40.7%	59.3%	100.0%
		AI	Count	10	88	98
			% within ContextosUsoArtigo	10.2%	89.8%	100.0%
		AN	Count	9	142	151
			% within ContextosUsoArtigo	6.0%	94.0%	100.0%
Copulativo/ser, estar	ContextosUsoArtigo	AD	Count	4	30	34
			% within ContextosUsoArtigo	11.8%	88.2%	100.0%
		AI	Count	8	162	170
			% within ContextosUsoArtigo	4.7%	95.3%	100.0%
		AN	Count	11	60	71
			% within ContextosUsoArtigo	15.5%	84.5%	100.0%
Epistemológico: saber, compreender, conhecer	ContextosUsoArtigo	AD	Count	2	24	26
			% within ContextosUsoArtigo	7.7%	92.3%	100.0%
		AI	Count	1	1	2
			% within ContextosUsoArtigo	50.0%	50.0%	100.0%
		AN	Count	2	2	4
			% within ContextosUsoArtigo	50.0%	50.0%	100.0%
Ver, cheirar, ouvir	ContextosUsoArtigo	AD	Count	3	18	21
			% within ContextosUsoArtigo	14.3%	85.7%	100.0%
		AI	Count	5	13	18
			% within ContextosUsoArtigo	27.8%	72.2%	100.0%
		AN	Count	6	9	15
			% within ContextosUsoArtigo	40.0%	60.0%	100.0%
Verbs volitivos esperar, querer,	ContextosUsoArtigo	AD	Count	1	13	14
			% within ContextosUsoArtigo	7.1%	92.9%	100.0%

desejar	AI	ContextosUsoArtigo	Count	3	19	22
			% within ContextosUsoArtigo	13.6%	86.4%	100.0%
	AN	ContextosUsoArtigo	Count	5	11	16
			% within ContextosUsoArtigo	31.3%	68.8%	100.0%
Total	AI	ContextosUsoArtigo	Count	9	43	52
			% within ContextosUsoArtigo	17.3%	82.7%	100.0%
	AN	ContextosUsoArtigo	Count	4	29	33
			% within ContextosUsoArtigo	12.1%	87.9%	100.0%
Verbos modais dever, poder, ter de	AI	ContextosUsoArtigo	Count	2	21	23
			% within ContextosUsoArtigo	8.7%	91.3%	100.0%
	AN	ContextosUsoArtigo	Count	13	20	33
			% within ContextosUsoArtigo	39.4%	60.6%	100.0%
Total	AI	ContextosUsoArtigo	Count	19	70	89
			% within ContextosUsoArtigo	21.3%	78.7%	100.0%
	AN	ContextosUsoArtigo	Count	36	432	468
			% within ContextosUsoArtigo	7.7%	92.3%	100.0%
Outros verbos	AI	ContextosUsoArtigo	Count	66	199	265
			% within ContextosUsoArtigo	24.9%	75.1%	100.0%
	AN	ContextosUsoArtigo	Count	120	156	276
			% within ContextosUsoArtigo	43.5%	56.5%	100.0%
Total	AI	ContextosUsoArtigo	Count	222	787	1009
			% within ContextosUsoArtigo	22.0%	78.0%	100.0%
	AN	ContextosUsoArtigo	Count	61	562	623
			% within ContextosUsoArtigo	9.8%	90.2%	100.0%
Total	AI	ContextosUsoArtigo	Count	96	539	635
			% within ContextosUsoArtigo	15.1%	84.9%	100.0%
	AN	ContextosUsoArtigo	Count	169	423	592
			% within ContextosUsoArtigo	28.5%	71.5%	100.0%
Total	AI	ContextosUsoArtigo	Count	326	1524	1850
			% within ContextosUsoArtigo	17.6%	82.4%	100.0%

O primeiro achado que os dois quadros revelaram foi que os verbos “haver” e “ter” favoreceram o uso do AI e do AN, porque a correção do uso do artigo nos contextos obrigatórios do AI e do AN foi satisfatória. As percentagens de correção no uso do artigo com o verbo “haver”, nos contextos do AI e do AN, foram 85.7% e 87.5% no *Corpus I* e 97.3% e 88.5% no *Corpus II*. Com o verbo “ter”, a correção do uso nos contextos do AI e do AN também foi mais elevada do que no contexto do AD, sendo as percentagens de correção no uso do artigo com o verbo nos contextos do AI e do AN 91.3% e 90.9% no *Corpus I* e 89.8% e 94.0% no *Corpus II* vs 33.3% no contexto do AD no *Corpus I* e 59.3% no *Corpus II*. Então, podemos concluir que os verbos de existência/posse favorecem o uso do AI e do AN.

Os verbos copulativos não exerceram influência sobre o uso do artigo no *Corpus I* porque não foram encontradas diferenças no uso do artigo com os SD precedidos de verbos copulativos. As percentagens do uso do artigo nos três contextos do AD, AI e AN foram respectivamente 90.0%, 83.3% e 85.7%. Um teste ANOVA provou que a diferença no uso do artigo com os SD precedidos de verbos copulativos não foi significativa ($F(2,49)=.177$, $p=.838$). No *Corpus II*, as percentagens de correção foram 88.2%, 95.3% e 84.5%, o que mostrou o uso mais correcto no contexto do AI. A diferença do uso do artigo com os SD precedidos de verbos copulativos foi significativa ($F(2,272)=4.174$, $p=.016$). Então, podemos concluir que os verbos copulativos favorecem o uso do AI no *Corpus II*.

Quanto aos verbos epistemológicos, o uso do artigo no contexto do AD foi muito correcto, sendo as percentagens de correção 100% no *Corpus I* e 92.3% no *Corpus II*. Não foram avaliados os contextos do AI e do AN porque os casos encontrados foram muito poucos.

Quanto aos verbos “ver”, “cheirar”, “ouvir”, que pertencem ao grupo de verbos ligados à percepção, o uso do artigo no contexto do AD foi comparativamente mais correcto do que os do AI e do AN, sendo as percentagens do uso do artigo no contexto do AD 93.8% e no contexto do AI 71.4% no *Corpus I* e no contexto do AD 85.7%, no contexto do AI 72.2% e no contexto do AN 60.0% no *Corpus II*. Um pequeno ensaio para ver o uso do AD nos três contextos do artigo mostrou que os informantes ultrageneralizaram o AD nos contextos do AI e do AN quando os SD eram precedidos de verbos de percepção. Um teste ANOVA aplicado provou que a diferença foi significativa ($F(2,81)=23.175$, $p=.000$).

Quadro 156 – O uso do AD nos três contextos com os SD precedidos de verbos de percepção - *Corpus I e II*

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
AD	37	.89	.315	.052	.79	1.00	0	1
AI	32	.25	.440	.078	.09	.41	0	1
AN	15	.40	.507	.131	.12	.68	0	1
Total	84	.56	.499	.054	.45	.67	0	1

Quadro 157 – A significância do uso do AD nos três contextos com os SD precedidos de verbos de percepção - *Corpus I e II*

	Sum of Squares	Df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	7.535	2	3.767	23.175	.000
Within Groups	13.168	81	.163		
Total	20.702	83			

O uso do artigo com os SD precedidos de verbos volitivos e de verbos modais foi semelhante. Os respectivos dados no *Corpus I* foram poucos e assim não foram representativos. No *Corpus II*, as correções no contexto do AD e do AI não foram muito diferentes com os dois grupos de verbos, sendo uma 92.9% e a outra 86.4% com os verbos do primeiro grupo e 87.9% e 91.3% com o segundo grupo. A correção no contexto do AN não foi satisfatória, sendo 68.8% com os verbos do primeiro grupo e 60.6% com o segundo grupo.

Quadro 158 – O uso do AD nos três contextos com os SD precedidos de verbos volitivos - *Corpus I e II*

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
AD	16	.94	.250	.062	.80	1.07	0	1
AI	23	.13	.344	.072	-.02	.28	0	1
AN	16	.31	.479	.120	.06	.57	0	1
Total	55	.42	.498	.067	.28	.55	0	1

Quadro 159 – A significância do uso do AD nos três contextos com os SD precedidos de verbos volitivos - *Corpus I e II*

	Sum of Squares	Df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	6.398	2	3.199	23.820	.000
Within Groups	6.984	52	.134		
Total	13.382	54			

Quadro 160 – O uso do AD nos três contextos com os SD precedidos de verbos modais
- *Corpus I e II*

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
AD	35	.89	.323	.055	.77	1.00	0	1
AI	24	.08	.282	.058	-.04	.20	0	1
AN	33	.39	.496	.086	.22	.57	0	1
Total	92	.50	.503	.052	.40	.60	0	1

Quadro 161 – A significância do uso do AD nos três contextos com os SD precedidos de verbos modais - *Corpus I e II*

	Sum of Squares	Df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	9.745	2	4.873	32.716	.000
Within Groups	13.255	89	.149		
Total	23.000	91			

Dois testes ANOVA mostraram que o uso muito incorrecto do artigo no contexto obrigatório do AN se deveu à ultrageneralização do AD, sendo os *means* do uso do AD .31 com os verbos volitivos e .39 com os verbos modais e as respectivas diferenças foram significativas ($F(2,52)=23.820$, $p=.000$ e $F(2, 89)=32.716$, $p=.000$). Por isso, o desempenho dos nossos informantes não mostrou que os verbos destes dois grupos são favoráveis à escolha de determinados artigos, mas sim uma característica da gramática *interlingue* deles, isto é a ultrageneralização do AD.

Com os outros verbos não especificados, os informantes mostraram muita correcção no contexto do AD (com as percentagens de correcção 97.7% no *Corpus I* e 92.3% no *Corpus II*) e usos incorrectos nos contextos do AI e do AN (57.1% e 65.0% no *Corpus I* e 75.1% e 56.5% no *Corpus II*).

Aqui, os resultados indicaram que os verbos “haver” e “ter” favoreceram o uso do AI e do AN, os verbos copulativos favoreceram o AI e os verbos epistemológicos e de percepção favoreceram o AD. Excepto os casos mencionados, não constatámos relações directas entre outros tipos de verbos e o uso do artigo.

Portanto, dentre as categorias a Preposição e o Verbo, observamos que certos factores influenciam o uso do artigo nos três contextos, por isso, **confirmamos a nona hipótese.**

H9. Certas categorias na estrutura externa do SD são muito primordiais para a aquisição do artigo.

6.2.9 Os traços binários

Nesta parte, observamos como é que os informantes usam o AD e o AI em termos dos traços binários.

Quadro 162 – A exactidão do uso do artigo em termos dos traços binários - *Corpus I*

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
[+def, +esp]	1720	.96	.186	.004	.96	.97	0	1
[-def, +esp]	209	.62	.487	.034	.55	.68	0	1
[-def, -esp]	138	.70	.459	.039	.63	.78	0	1
Total	2067	.91	.284	.006	.90	.92	0	1

Quadro 163 – A significância da exactidão do uso do artigo em termos dos traços binários - *Corpus I*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	28.836	2	14.418	215.705	.000
Within Groups	137.962	2064	.067		
Total	166.798	2066			

Quadro 164 – A exactidão do uso do artigo em termos dos traços binários - *Corpus II*

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
[+def, +esp]	1228	.90	.306	.009	.88	.91	0	1
[+def, -esp]	2	1.00	.000	.000	1.00	1.00	1	1
[-def, +esp]	414	.79	.408	.020	.75	.83	0	1
[-def, -esp]	206	.79	.407	.028	.74	.85	0	1
Total	1850	.86	.347	.008	.84	.88	0	1

Quadro 165 – A significância da exactidão do uso do artigo em termos dos traços binários - *Corpus II*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	4.620	3	1.540	13.076	.000
Within Groups	217.400	1846	.118		
Total	222.019	1849			

Através dos quadros 162 e 164, podemos observar que os informantes foram muito correctos no contexto [+def, +esp] (com os *means* de correcção .96 no *Corpus I* e .90 no *Corpus II*) e menos correctos nos contextos [-def, +esp] e [-def, -esp] (com *means* de correcção .62 e .70 no *Corpus I* e .79 e .79 no *Corpus II*). De acordo com os resultados dos testes ANOVA ($F(2,2064)=215.705$, $p=.000$ no *Corpus I*, e $F(3,1846)=13.076$, $p=.000$ no *Corpus II*), as diferenças no uso do artigo nos quatro contextos classificados em termos dos traços binários foram significativas. Sendo apenas detectados dois casos definidos como genéricos na entrevista, devido à limitação do estudo, não foi possível avaliar se os informantes tenderam para o uso do AI no contexto [+def, -esp].

Foi evidente a incorrecção do uso do artigo no contexto obrigatório do AI, tanto mais específico como menos específico. O fenómeno da flutuação não foi observado, mas a ultrageneralização do AD nos contextos indefinidos foi encontrada nos nossos informantes chineses. Este facto corresponde à observação de Lu (2001), em que foi verificado que os aprendentes chineses tendem a ultrageneralizar o AD no contexto [-HK, +SR], localizado entre dois traços muito claros [+HK, +SR] e [-HK, -SR] porque eles tinham dificuldade em distinguir o contexto [-HK, +SR] do contexto [+HK, +SR]. Além do contexto [-HK, +SR], o outro contexto indefinido [-HK, +SR] (ou [-def, -esp]) foi também muito problemático no nosso estudo.

Tudo isto indicou que os nossos informantes chineses não são ainda sensíveis ao traço [+def] (ou [+HK]), o factor fundamental discursivo que se liga ao conhecimento do ouvinte, e por esta razão não sabem usar o AD e o AI, partindo do contexto discursivo. Por consequência, não conseguiram distinguir o contexto definido do indefinido. Lembramos que as oitava e nona hipóteses, no que respeita às categorias dentro e fora da estrutura do SD, foram confirmadas, querendo isto dizer que a escolha de um artigo pelos nossos informantes depende da consideração local de uma série de itens lexicais. Eles não atingiram a compreensão do uso discursivo do artigo em português, antes usando o artigo pela natureza dos itens lexicais posicionados directamente antes ou depois do artigo.

Por este motivo, consideramos que não foi possível avaliar **a seguinte hipótese proposta no que respeita à codificação da referência nominal em termos dos traços binários e à flutuação prevista pela FH.**

H10. Os aprendentes chineses usam o artigo incorrectamente nos contextos [+def, -esp] e [-def, +esp]; A FH é universal e aplicável ao caso da aquisição do artigo em português por aprendentes chineses.

Continuaremos a abordar a questão ligada à FH na segunda experiência com um estudo mais aprofundado e objectivo no ponto 6.3.

6.2.10 Experiências pessoais

Como já foi definido e descrito no Capítulo de Metodologia, o presente estudo baseia-se no pressuposto de que o objecto de estudo *interlínque* é a fala situada de aprendentes de L2 e os contextos em que esta fala ocorre. É por isso que as múltiplas variáveis independentes foram constituídas por vários factores de contexto linguístico e de contexto extralinguístico. Após a análise e a discussão dos dados relacionados com as variáveis linguísticas, continuamos o nosso estudo, recorrendo a factores extralinguísticos que se supõe que influenciem a aquisição do artigo.

6.2.10.1 Anos de estudo

Primeiro, vamos observar se os anos de estudo dos informantes influenciam o uso do artigo.

Quadro 166 – A exactidão do uso do artigo em termos dos anos de estudo - *Corpus I*

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
2o ano de estudo	1394	.91	.282	.008	.90	.93	0	1
4o ano de estudo	1228	.89	.319	.009	.87	.90	0	1
Total	2622	.90	.300	.006	.89	.91	0	1

Quadro 167 – A significância da exactidão do uso do artigo em termos dos anos de estudo - *Corpus I*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	.513	1	.513	5.707	.017
Within Groups	235.307	2620	.090		
Total	235.820	2621			

Quadro 168 – A exactidão do uso do artigo em termos dos anos de estudo - *Corpus II*

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
2o ano de estudo	2168	.84	.365	.008	.83	.86	0	1
4o ano de estudo	2120	.87	.332	.007	.86	.89	0	1
Total	4288	.86	.350	.005	.85	.87	0	1

Quadro 169 – A significância da exactidão do uso do artigo em termos dos anos de estudo - *Corpus II*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	1.115	1	1.115	9.130	.003
Within Groups	523.538	4286	.122		
Total	524.653	4287			

Embora dois testes ANOVA tenham provado que as diferenças na exactidão do uso do artigo em termos dos anos de estudo foram significativas ($F(1,2620)=5.707$, $p=.017$ no *Corpus I* e $F(1, 4286)=9.130$, $p=.003$), as diferenças manifestadas foram muito poucas. Os informantes do 2º ano ainda tiveram um desempenho um pouco melhor do que os do 4º ano na tarefa de recontar por escrito um filme, sendo os *means* de correcção .91 e .89. Na tarefa de entrevistas individuais, a situação foi diferente. Os do 4º ano foram um pouco mais correctos do que os do 2º ano, sendo os *means* de correcção .84 e .87. No entanto, as diferenças não se revelaram significativas.

Quando juntámos todos os dados dos *Corpus I* e *II*, verificámos que as diferenças na exactidão do uso do artigo em termos dos anos de estudo já não eram significativas, sendo $F(1,6908)=1.097$, $p=.295$ e os *means* de correcção .87 e .88.

Quadro 170 – A exactidão do uso do artigo em termos dos anos de estudo - *Corpus I* e *II*

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
2o ano de estudo	3562	.87	.337	.006	.86	.88	0	1
4o ano de estudo	3348	.88	.328	.006	.87	.89	0	1
Total	6910	.87	.332	.004	.87	.88	0	1

Quadro 171 – A significância da exactidão do uso do artigo em termos dos anos de estudo
- *Corpus I e II*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	.121	1	.121	1.097	.295
Within Groups	763.332	6908	.110		
Total	763.454	6909			

Através dos resultados obtidos, podemos afirmar que não há diferença no uso correcto do artigo em termos dos anos de estudo. Sabemos que os anos de estudo no Curso de Licenciatura em Estudos Portugueses representam diferentes níveis de proficiência linguística dos alunos. No entanto, não foi encontrada a melhoria no uso do artigo em geral com o aumento da proficiência. No caso de cada contexto do uso do artigo, a situação seria a mesma?

Quadro 172 – A exactidão do uso do artigo nos três contextos em termos dos anos de estudo
- *Corpus I e II*

AnoEstudo				UsoCorrecto		Total
				Não	Sim	
2o ano de estudo	ContextosUsoArtigo	AD	Count	154	2323	2477
			% within ContextosUsoArtigo	6.2%	93.8%	100.0%
		AI	Count	155	406	561
			% within ContextosUsoArtigo	27.6%	72.4%	100.0%
		AN	Count	156	368	524
			% within ContextosUsoArtigo	29.8%	70.2%	100.0%
	Total	Count		465	3097	3562
		% within ContextosUsoArtigo		13.1%	86.9%	100.0%
4o ano de estudo	ContextosUsoArtigo	AD	Count	179	2099	2278
			% within ContextosUsoArtigo	7.9%	92.1%	100.0%
		AI	Count	135	520	655
			% within ContextosUsoArtigo	20.6%	79.4%	100.0%
		AN	Count	95	320	415
			% within ContextosUsoArtigo	22.9%	77.1%	100.0%
	Total	Count		409	2939	3348
		% within ContextosUsoArtigo		12.2%	87.8%	100.0%
Total	ContextosUsoArtigo	AD	Count	333	4422	4755
			% within ContextosUsoArtigo	7.0%	93.0%	100.0%
		AI	Count	290	926	1216
			% within ContextosUsoArtigo	23.8%	76.2%	100.0%
		AN	Count	251	688	939
			% within ContextosUsoArtigo	26.7%	73.3%	100.0%
	Total	Count		874	6036	6910
		% within ContextosUsoArtigo		12.6%	87.4%	100.0%

Quadro 173 – A significância da exactidão do uso do artigo no contexto do AD em termos dos anos de estudo - *Corpus I e II*

	Sum of Squares	Df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	.319	1	.319	4.907	.027
Within Groups	309.360	4753	.065		
Total	309.679	4754			

Quadro 174 – A significância da exactidão do uso do artigo no contexto do AI em termos dos anos de estudo - *Corpus I e II*

	Sum of Squares	Df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	1.489	1	1.489	8.238	.004
Within Groups	219.350	1214	.181		
Total	220.839	1215			

Quadro 175 – A significância da exactidão do uso do artigo no contexto do AN em termos dos anos de estudo - *Corpus I e II*

	Sum of Squares	Df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	1.096	1	1.096	5.618	.018
Within Groups	182.810	937	.195		
Total	183.906	938			

Os dados mostram que com o aumento de proficiência, a exactidão do uso do artigo no contexto do AD desceu ligeiramente, de 93.8% a 92.1%, e inversamente no contexto do AI e do AN aumentou de 72.4% a 79.4% e 70.2% a 77.1% respectivamente. Os testes ANOVA provaram que as diferenças da exactidão do uso do artigo em cada contexto em termos dos anos de estudo foram significativas ($F(1,4753)=4.907$, $p=.027$; $F(1,1214)=8.238$, $p=.004$; $F(1, 937)=5.618$, $p=.018$).

Os resultados anteriormente obtidos mostram que a maioria dos erros dos informantes foi originada pela ultrageneralização do AD. Será que a maior correcção no contexto do AI e do AN, no 4º ano, se deveu à redução deste fenómeno? Resolvemos, por isso, fazer um estudo para ver se os informantes continuavam a ultrageneralizar o AD no contexto do AI e do AN ou já começavam a usar mais o AI no contexto do AI.

Quadro 176 – O uso do AD nos três contextos em termos dos anos de estudo - *Corpus I e II*

AnoEstudo				UsoAD		Total
				N ão	Sim	
2o ano de estudo	ContextosUsoArtigo	AD	Count	154	2323	2477
			% within ContextosUsoArtigo	6.2%	93.8%	100.0%
		AI	Count	433	128	561
			% within ContextosUsoArtigo	77.2%	22.8%	100.0%
		AN	Count	369	155	524
			% within ContextosUsoArtigo	70.4%	29.6%	100.0%
		Total	Count	956	2606	3562
			% within ContextosUsoArtigo	26.8%	73.2%	100.0%
4o ano de estudo	ContextosUsoArtigo	AD	Count	179	2099	2278
			% within ContextosUsoArtigo	7.9%	92.1%	100.0%
		AI	Count	542	113	655
			% within ContextosUsoArtigo	82.7%	17.3%	100.0%
		AN	Count	320	95	415
			% within ContextosUsoArtigo	77.1%	22.9%	100.0%
		Total	Count	1041	2307	3348
			% within ContextosUsoArtigo	31.1%	68.9%	100.0%
Total	ContextosUsoArtigo	AD	Count	333	4422	4755
			% within ContextosUsoArtigo	7.0%	93.0%	100.0%
		AI	Count	975	241	1216
			% within ContextosUsoArtigo	80.2%	19.8%	100.0%
		AN	Count	689	250	939
			% within ContextosUsoArtigo	73.4%	26.6%	100.0%
		Total	Count	1997	4913	6910
			% within ContextosUsoArtigo	28.9%	71.1%	100.0%

Quadro 177 – A significância do uso do AD no contexto do AD em termos dos anos de estudo - *Corpus I e II*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	.319	1	.319	4.907	.027
Within Groups	309.360	4753	.065		
Total	309.679	4754			

Quadro 178 – A significância do uso do AD no contexto do AI em termos dos anos de estudo - *Corpus I e II*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	.936	1	.936	5.907	.015
Within Groups	192.300	1214	.158		
Total	193.236	1215			

Quadro 179 – A significância do uso do AD no contexto do AN em termos dos anos de estudo - *Corpus I e II*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	1.036	1	1.036	5.322	.021
Within Groups	182.404	937	.195		
Total	183.440	938			

O quadro 176 mostra que os informantes usaram menos o AD no contexto do AI e do AN no 4º ano, significando isto que a ultrageneralização do AD foi sendo reduzida com o aumento de proficiência. As diferenças no uso do AD em cada contexto do artigo, em termos de anos de estudo, foram significativas ($F(1,4753)=4.907$, $p=.027$; $F(1,1214)=5.907$, $p.015$; $F(1,937)=5.322$, $p=.021$)

Quadro 180 – O uso do AI no contexto do AI em termos dos anos de estudo - *Corpus I e II*

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
2o ano de estudo	561	.72	.448	.019	.69	.76	0	1
4o ano de estudo	655	.79	.405	.016	.76	.82	0	1
Total	1216	.76	.426	.012	.74	.79	0	1

Quadro 181 – A significância do uso do AI no contexto do AI em termos dos anos de estudo - *Corpus I e II*

	Sum of Squares	Df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	1.489	1	1.489	8.238	.004
Within Groups	219.350	1214	.181		
Total	220.839	1215			

Pelo quadro 180 verificamos que os informantes foram mais correctos no fornecimento do AI no 4º ano. A diferença no uso correcto do AI, em termos de anos de estudo, foi significativa ($F(1,1214)=8.238$, $p=.004$).

Ao integrarmos todos os dados acima mencionados, podemos concluir que, em geral, os informantes não melhoraram o uso do artigo mesmo no 4º ano de estudo. Mas, quando fomos examinar o uso do artigo em cada contexto, descobrimos que a ultrageneralização do AD era reduzida e o uso do AI era mais correcto no 4º ano em comparação com o uso do AI no 2º ano. Sabemos que, através da literatura de estudos no âmbito da aquisição do artigo, os aprendentes de L2 vão começando a usar o AI à medida que a proficiência aumenta (Chaudron e Parker, 1990, Young,

1996). O fenómeno da inundaçã do AD é mais notado em n íveis mais elementares do que em n íveis mais avançados, e à medida que a proficiêcia aumenta, aumenta o uso do AI para codificar os indefinidos (Mayo, 2009). Esta nossa descoberta está conforme com o que os linguistas supramencionados observaram e também com o que Hawkins verificou (2001), isto é o conhecimento sobre o SD dos aprendentes de L2 desenvolve-se de forma progressiva e o uso do AI surge depois do uso do AD.

No entanto, Mayo (2009) descobriu que, no seu estudo com os falantes espanhóis de inglês L2 de dois n íveis, no grupo do n ível mais baixo houve evidêcia para o fenómeno de “direccionalidade”, mas no grupo do n ível comparativamente mais elevado, este fenómeno desapareceu. Os nossos dados do quadro 167 revelam-nos que o uso do AD continua muito mais correcto do que o uso do AI no 4º ano e os nossos informantes ainda não conseguiram codificar os traços do definido e do indefinido. O fenómeno de “direccionalidade” persiste no 4º ano de estudo.

Na abordagem ligada à relação entre o uso desviado do artigo e as fases de desenvolvimento linguístico, Lan *et al.* (2010) confirmaram a tendência de diminuiçã de erros do uso do artigo com o aumento de proficiêcia linguística dos aprendentes chineses de inglês L2, sendo, por én uma diminuiçã muito atenuada. Os seus dados revelaram uma diferença de 6.8% na percentagem de erros entre o grupo de informantes mestrados e o grupo de informantes do primeiro ano de curso universitário, o que os levou a concluir que o processo de aquisiçã do artigo é muito lento, devendo os aprendentes de chinês L1 manter sempre alta vigilância em relação ao uso desviado do artigo.

Portanto, afirmamos que com o aumento do n ível de proficiêcia linguística, a exactidão do uso do artigo pelos nossos informantes chineses não melhorou. Contudo, os estudos sobre o uso do artigo em cada contexto linguístico em que se

distribui o artigo evidenciaram a redução da ultrageneralização do AD e o aumento do uso correcto do AI. Exactamente por causa da sua tentativa para experimentar o uso do AI e da incapacidade de distinção entre os traços definido e indefinido, os informantes, em paralelo com a melhoria do contexto do AI e do AN, manifestaram um ligeiro recuo no contexto obrigatório do AD, o que conduziu à ausência do progresso na aquisição do artigo em geral. Embora não tenha sido verificado que os informantes chineses do nível mais avançado mostraram mais exactidão no uso do artigo do que os do nível mais baixo, também não confirmamos que o nível de proficiência linguística não exerce influência sobre o uso do artigo.

6.2.10.2 Estudo em escolas luso-chinesas

É de conhecimento geral que a LP é uma das línguas oficiais de Macau e é ensinada nas escolas luso-chinesas como língua obrigatória. Portanto a experiência de estudo luso-chinês integra-se na experiência de educação pré-universitária. Abaixo temos os dados que revelam a relação entre esta experiência escolar luso-chinesa com a aquisição do artigo.

Quadro 182 – A exactidão do uso do artigo em termos do estudo em escolas luso-chinesas
- Corpus I

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
Estudou na Escola Luso-Chinesa	458	.90	.298	.014	.87	.93	0	1
Não estudou na Escola Luso-Chinesa	2164	.90	.300	.006	.89	.91	0	1
Total	2622	.90	.300	.006	.89	.91	0	1

Quadro 183 – A significância da exactidão do uso do artigo em termos do estudo em escolas luso-chinesas - *Corpus I*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	.002	1	.002	.017	.896
Within Groups	235.818	2620	.090		
Total	235.820	2621			

Quadro 184 – A exactidão do uso do artigo em termos do estudo em escolas luso-chinesas - *Corpus II*

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
Estudou na Escola Luso-Chinesa	814	.90	.296	.010	.88	.92	0	1
Não estudou na Escola Luso-Chinesa	3474	.85	.360	.006	.83	.86	0	1
Total	4288	.86	.350	.005	.85	.87	0	1

Quadro 185 – A significância da exactidão do uso do artigo em termos do estudo em escolas luso-chinesas - *Corpus II*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	2.096	1	2.096	17.190	.000
Within Groups	522.557	4286	.122		
Total	524.653	4287			

Quadro 186 – A exactidão do uso do artigo em termos do estudo em escolas luso-chinesas - *Corpus I e II*

	N	Mean	Std. Deviation	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum	Maximum
					Lower Bound	Upper Bound		
Estudou na Escola Luso-Chinesa	1272	.90	.297	.008	.89	.92	0	1
Não estudou na Escola Luso-Chinesa	5638	.87	.340	.005	.86	.88	0	1
Total	6910	.87	.332	.004	.87	.88	0	1

Quadro 187 – A significância da exactidão do uso do artigo em termos do estudo em escolas luso-chinesas - *Corpus I e II*

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	1.311	1	1.311	11.883	.001
Within Groups	762.143	6908	.110		
Total	763.454	6909			

Quando analisámos os dados dos *Corpus* I e II de forma separada, os resultados mostraram que os informantes, que tanto têm experiência de estudo em escolas luso-chinesas, como os que não têm, não mostraram diferenças no uso correcto do artigo na tarefa de recontar por escrito o filme, sendo a significância superior a .05 ($F(1,2620)=.017$, $p=.896$). No entanto, manifestaram diferenças na tarefa de entrevistas individuais com os *means* de correcção .90 e .85 e significância $F(1, 4286)=17.190$, $p=.000$. Isto significa que os informantes com experiência de estudo na luso-chinesa mostraram um desempenho melhor do que os que não tiveram.

Na análise global em que juntámos os dados dos dois grupos, descobrimos que as diferenças foram significativas ($F(1, 6908)=11.883$, $p=.001$), com os *means* de correcção .90 e .87. Os aprendentes que estudaram na luso-chinesa usaram mais correctamente o artigo do que os que não tiveram experiência de ensino luso-chinês, embora com uma diferença muito ligeira.

6.2.10.3 Vivência em países lusófonos

Foi criada, inicialmente, uma variável para estudar a diferença no uso do artigo entre os informantes que estiveram a estudar em países lusófonos e os que não. No entanto, descobrimos posteriormente que todos os informantes do 2º ano ainda não tinham estado em países lusófonos e que todos os informantes do 4º ano já tinham estado. Assim, este factor acaba por perder o seu significado porque pode ser substituído pela outra variável anteriormente já discutida, que respeita aos anos de estudo.

6.2.10.4 Conhecimentos de outras línguas estrangeiras

Em relação ao conhecimento de outras línguas estrangeiras, entre 125 informantes, só há três que, além de dominar o inglês e o português, dominam mais uma língua ocidental. No Capítulo de Metodologia, descrevemos que alguns estudos apontam para o facto de os aprendentes a adquirir uma língua nova, não só transferirem os conhecimentos da L1, mas também de outras línguas estrangeiras que já conhecem para a nova aquisição (Leung, 2007; Jaensch, 2009). Considerando que os nossos informantes têm o mesmo *background* linguístico por todos já terem aprendido inglês e que o objectivo inicial do estudo é examinar se o domínio de uma língua com propriedades linguísticas mais próximas das da LP favorece a aquisição do artigo em português, acabámos por não avançar com a análise devido à insuficiência dos dados.

Em resumo, dentre as quatro variáveis de experiências pessoais, as duas podem ser substituídas mutuamente e a quarta ligada aos conhecimentos de outras línguas estrangeiras foi cancelada devido à insuficiência dos dados. Assim, temos apenas duas variáveis que foram submetidas a observação. Os dados obtidos através destas duas variáveis mostraram que a variável da experiência de estudo na luso-chinesa exerceu influência positiva sobre a exactidão do uso do artigo e a variável ligada ao nível de proficiência também influencia a aquisição do artigo. Então **a hipótese colocada no sentido das variáveis sociais está parcialmente confirmada.**

H11. As experiências e *backgroud* educacional de aprendentes chineses contribuem para a aquisição do artigo em português

6.3 Descrição e discussão dos resultados da segunda experiência

Como sabemos que o objectivo principal da segunda experiência é para testar a FH, isto é se os nossos informantes flutuam entre a definitude e a especificidade, optámos primeiramente pela observação da escolha do AD e do AI nos doze contextos subespecificados em termos dos quatro contextos do modelo proposto por Ionin *et al.* (2003a, 2003b, 2004) dentro de três grupos de informantes: grupo de informantes - alunos do 2º ano, grupo de informantes - alunos do 4º ano e grupo de falantes nativos.

6.3.1 O Modelo proposto por Ionin *et al.* (2004) (doze contextos subespecificados adaptados)

Através dos dados recolhidos na segunda experiência, temos os seguintes quadros.

Quadro 188 – O uso do AD/AI nos doze contextos em termos de diferentes grupos de informantes

Doze contextos				UsoADeAI		Total
				AI	AD	
[+def,+esp] EscopoLargo	Nivel	2o ano	Count	30	178	208
			% within Nivel	14.4%	85.6%	100.0%
		4o ano	Count	16	128	144
			% within Nivel	11.1%	88.9%	100.0%
	Native		Count	0	44	44
			% within Nivel	.0%	100.0%	100.0%
	Total		Count	46	350	396
			% within Nivel	11.6%	88.4%	100.0%
[+def,-esp] EscopoEstreito	Nivel	2o ano	Count	63	145	208

			% within Nivel	30.3%	69.7%	100.0%
			4o ano	Count	50	144
				% within Nivel	34.7%	65.3%
			nativo	Count	0	44
				% within Nivel	.0%	100.0%
		Total	Count	113	283	396
			% within Nivel	28.5%	71.5%	100.0%
[+def,+esp] SemEscopo	Nivel	2o ano	Count	29	179	208
			% within Nivel	13.9%	86.1%	100.0%
		4o ano	Count	6	138	144
			% within Nivel	4.2%	95.8%	100.0%
		nativo	Count	0	44	44
			% within Nivel	.0%	100.0%	100.0%
		Total	Count	35	361	396
			% within Nivel	8.8%	91.2%	100.0%
[+def,-esp] SemEscopo	Nivel	2o ano	Count	71	137	208
			% within Nivel	34.1%	65.9%	100.0%
		4o ano	Count	39	105	144
			% within Nivel	27.1%	72.9%	100.0%
		nativo	Count	0	44	44
			% within Nivel	.0%	100.0%	100.0%
		Total	Count	110	286	396
			% within Nivel	27.8%	72.2%	100.0%
[-def,+esp] EscopoLargo	Nivel	2o ano	Count	133	75	208
			% within Nivel	63.9%	36.1%	100.0%
		4o ano	Count	71	73	144
			% within Nivel	49.3%	50.7%	100.0%
		nativo	Count	37	7	44
			% within Nivel	84.1%	15.9%	100.0%
		Total	Count	241	155	396
			% within Nivel	60.9%	39.1%	100.0%
[-def,-esp] EscopoEstreito	Nivel	2o ano	Count	178	30	208
			% within Nivel	85.6%	14.4%	100.0%
		4o ano	Count	127	17	144
			% within Nivel	88.2%	11.8%	100.0%
		nativo	Count	44	0	44
			% within Nivel	100.0%	.0%	100.0%
		Total	Count	349	47	396
			% within Nivel	88.1%	11.9%	100.0%
[-def,+esp] SemEscopo	Nivel	2o ano	Count	145	63	208
			% within Nivel	69.7%	30.3%	100.0%
		4o ano	Count	80	64	144
			% within Nivel	55.6%	44.4%	100.0%
		nativo	Count	44	0	44
			% within Nivel	100.0%	.0%	100.0%
		Total	Count	269	127	396
			% within Nivel	67.9%	32.1%	100.0%
[-def,-esp] SemEscopo	Nivel	2o ano	Count	194	14	208
			% within Nivel	93.3%	6.7%	100.0%
		4o ano	Count	130	14	144
			% within Nivel	90.3%	9.7%	100.0%
		nativo	Count	43	1	44
			% within Nivel	97.7%	2.3%	100.0%
		Total	Count	367	29	396
			% within Nivel	92.7%	7.3%	100.0%
[+def,+esp] MencaoPrevia	Nivel	2o ano	Count	61	147	208
			% within Nivel	29.3%	70.7%	100.0%
		4o ano	Count	53	91	144
			% within Nivel	36.8%	63.2%	100.0%
		Native	Count	9	35	44
			% within Nivel	20.5%	79.5%	100.0%

Total			Count	123	273	396
			% within Nivel	31.1%	68.9%	100.0%
[-def,-esp] PrimeiraMencao	Nivel	2o ano	Count	154	54	208
			% within Nivel	74.0%	26.0%	100.0%
		4o ano	Count	91	53	144
			% within Nivel	63.2%	36.8%	100.0%
		Native	Count	43	1	44
			% within Nivel	97.7%	2.3%	100.0%
Total		Count	288	108	396	
		% within Nivel	72.7%	27.3%	100.0%	
[+def,-esp] Ora çãoRelativa	Nivel	2o ano	Count	81	127	208
			% within Nivel	38.9%	61.1%	100.0%
		4o ano	Count	52	92	144
			% within Nivel	36.1%	63.9%	100.0%
		Native	Count	2	42	44
			% within Nivel	4.5%	95.5%	100.0%
Total		Count	135	261	396	
		% within Nivel	34.1%	65.9%	100.0%	
[-def,+esp] Ora çãoRelativa	Nivel	2o ano	Count	122	86	208
			% within Nivel	58.7%	41.3%	100.0%
		4o ano	Count	86	58	144
			% within Nivel	59.7%	40.3%	100.0%
		Native	Count	34	10	44
			% within Nivel	77.3%	22.7%	100.0%
Total		Count	242	154	396	
		% within Nivel	61.1%	38.9%	100.0%	
Total	Nivel	2o ano	Count	1261	1235	2496
			% within Nivel	50.5%	49.5%	100.0%
		4o ano	Count	801	927	1728
			% within Nivel	46.4%	53.6%	100.0%
		Native	Count	256	272	528
			% within Nivel	48.5%	51.5%	100.0%
Total		Count	2318	2434	4752	
		% within Nivel	48.8%	51.2%	100.0%	

Começamos por ver os primeiros oito contextos principais. Nos contextos definidos [+def, +esp], tanto com escopo como sem escopo, a exactidão da escolha AD/AI pelos informantes chineses foi razoável, com as percentagens de correcção 85.6% e 88.9% no contexto com escopo e 86.1% e 95.8% no contexto sem escopo. Nos contextos [+def,-esp], tanto com escopo como sem escopo, a exactidão da escolha AD/AI pelos informantes chineses foi baixa, sendo as percentagens de correcção 69.7% e 65.3% no contexto com escopo e 65.9% e 72.9% no contexto sem escopo. Por outro lado, nos contextos [-def, +esp], tanto com escopo como sem escopo, a exactidão da escolha AD/AI pelos informantes chineses foi baixa, com as percentagens de correcção 63.9% e 49.3% no contexto com escopo e 69.7% e 55.6%

no contexto sem escopo. Nos contextos [-def, -esp] tanto com escopo com sem escopo, a exactidão da escolha AD/AI foi razoável, sendo as percentagens de correcção 85.6% e 88.2% no contexto com escopo e 93.3% e 90.3% no contexto sem escopo.

Nestes oito contextos que acabaram de ser mencionados, os informantes nativos mostraram uma exactidão quase perfeita, excepto no contexto [-def,+esp] Escopo Largo, em que mostraram um desvio significativo, sendo a percentagem de correcção apenas 84.1%. Abaixo, exemplifica-se um caso do contexto em questão.

E133 26. Num aeroporto, na sala de chegada de passageiros.

Homem: Peço desculpa, o senhor trabalha aqui?

Segurança: Sim.

Homem: Então, provavelmente poderá ajudar-me. Estou a tentar encontrar uma menina ruiva. Acho que ela chegou no voo nº 239.

No esboço da tarefa da segunda experiência, foi considerado que o contexto, por exemplo aqui o [-def,+esp] Escopo Largo, é complementado com orações relativas, construções preposicionadas, até frases dependentes, para se conseguir a interpretação específica. No E133, a especificidade do nome “menina” é indicada pela frase seguida “Acho que ela chegou no voo nº 239”. Os informantes nativos escolheram aqui o AD por terem adoptado o uso do artigo com base na especificidade, em vez da definitude.

Resume-se que, nos principais oito contextos, foi verificada a influência da especificidade no desempenho dos informantes aprendentes L2 nos contextos definidos e indefinidos, quer das condições intensionais (com escopo) quer das condições extensionais (sem escopo). Então, os tipos de erros observados no uso do artigo em ambos os contextos intensionais e extensionais consistiram na substituição do artigo: os falantes de L2, às vezes, usaram o AD quando era necessário usar o AI

e vice-versa. Por isso, a consideração no âmbito de “escopo” adoptada por Ionin *et al.* (2003a, 2003b, 2004) não teve nenhum resultado no nosso trabalho. A escolha entre o AD e o AI caracterizou-se pela flutuação muito evidente, isto é os informantes foram relativamente mais correctos no contexto [+def, +esp] e no contexto [-def, -esp], e ultrageneralizaram o AI no contexto [+def, -esp] em que era pedido o AD e ultrageneralizaram o AD no contexto [-def, +esp] em que era pedido o AI.

Quanto aos quatro contextos adicionais, descobrimos, no estudo sobre o uso do AI que introduz o primeiro elemento de uma cadeia referencial (contexto [-def, -esp] Primeira Menção) e o uso do AD como uso anafórico (contexto [+def, +esp] Menção Prévia) que, em ambos os contextos, os informantes não foram muito correctos. O uso correcto do AI como primeira menção apresentou-se em 74.0% e 63.2% e o uso correcto do AD como uso anafórico apresentou-se em 70.7% e 63.2%. Este resultado está conforme com os dados observados no ponto 6.2.3 em que foi descoberta a incorrecção do uso do artigo no contexto indefinido como primeira menção. Então uma parte da H4 em que se prediz a dificuldade da aquisição de certos contextos do AI (em particular o contexto do uso do AI como primeira menção¹⁹⁶) está a ser suportada aqui. No entanto, o uso incorrecto do AD como uso anafórico é contraditório a uma das características da ILG dos informantes revelada no ponto 6.2.2, isto é o uso anafórico foi muito correcto nos dados recolhidos na primeira experiência. Então podemos ver que os dados das duas experiências não mostraram um desempenho uniformizado no uso anafórico do AD. Vale a pena referir que a correcção do uso do AD neste contexto pelos informantes nativos também não foi satisfatória, apresentando-se apenas em 79.5%. A incorrecção dos nativos na escolha do artigo faz-nos pressupor que uma das razões para explicar o

¹⁹⁶ Segundo o critério de Ionin *et al.* (2003a, 2003b, 2004), o contexto de uso do AI como primeira menção é considerado [-def, -esp].

facto de os informantes chineses errarem muito neste contexto possa estar ligada à estruturação dos próprios exercícios. Por exemplo, quatro elementos do grupo de onze informantes nativos escolheram o AI no exercício 47 na tarefa de eliciação forçada em que era pedido o AD. Os quatro de onze informantes nativos controladores falharam na associação do SD “cavalo” na frase “comprou _ cavalo” ao contexto discursivo (cadeia de referência).

E134 47. Cêia: Como estão as coisas na quinta do teu avô Manel?

André Está tudo bem, obrigado. No verão passado, o avô precisava de animais novos, então veio a uma feira de animais.

Cêia: E encontrou alguma coisa?

André Sim, encontrou. Ele queria comprar uma grande vaca e um pequeno cavalo, mas como não tinha dinheiro suficiente, comprou só o cavalo.

Balde (2011:54) verificou no seu estudo que entre os falantes nativos de português, 32.3% interpretaram o SD “cavalo” como indefinido, e “provavelmente os falantes associam a palavra ‘um’ ao numeral e não ao artigo indefinido”.

O fenómeno de elevada correcção no uso anafórico na primeira experiência deveu-se, possivelmente, ao efeito da ultrageneralização do AD. De qualquer maneira, uma observação que podemos obter daqui é que os informantes manifestaram dificuldade em identificar a referencialidade de um referente numa cadeia de referência, pelo que dizemos que os informantes ainda não dominam o uso do artigo a partir do contexto discursivo em que um SD está inserido. Neste sentido, a conclusão tirada aqui pode complementar o que conseguimos na análise feita sobre a variável ligada às categorias na estrutura interna do SD. A H8, confirmada através desta variável, supõe a influência directa de certas categorias contidas dentro do SD sobre o uso do artigo, o que mostra que os nossos informantes vão primeiro buscar a referencialidade de um SD, baseando-se nos elementos locais. O resultado que

obtivemos aqui, na segunda experiência, acrescenta que os informantes não conseguem o uso do artigo a partir do contexto discursivo.

No outro par de contextos em que o uso do AD/AI é feito com os SD modificados por uma oração relativa, observou-se muita dificuldade com as correções apenas de 61.1% e 63.9% no contexto [+def, -esp] e 58.7% e 59.7% no contexto [-def, +esp]. Esta observação não corresponde ao que foi encontrado no ponto 6.2.7. Na análise da variável ligada aos modificadores do SD, constatamos que os informantes foram muito correctos no uso do AD/AI antes de nomes modificados por uma oração relativa e não omitiram o artigo nem ultrageneralizaram o AD.

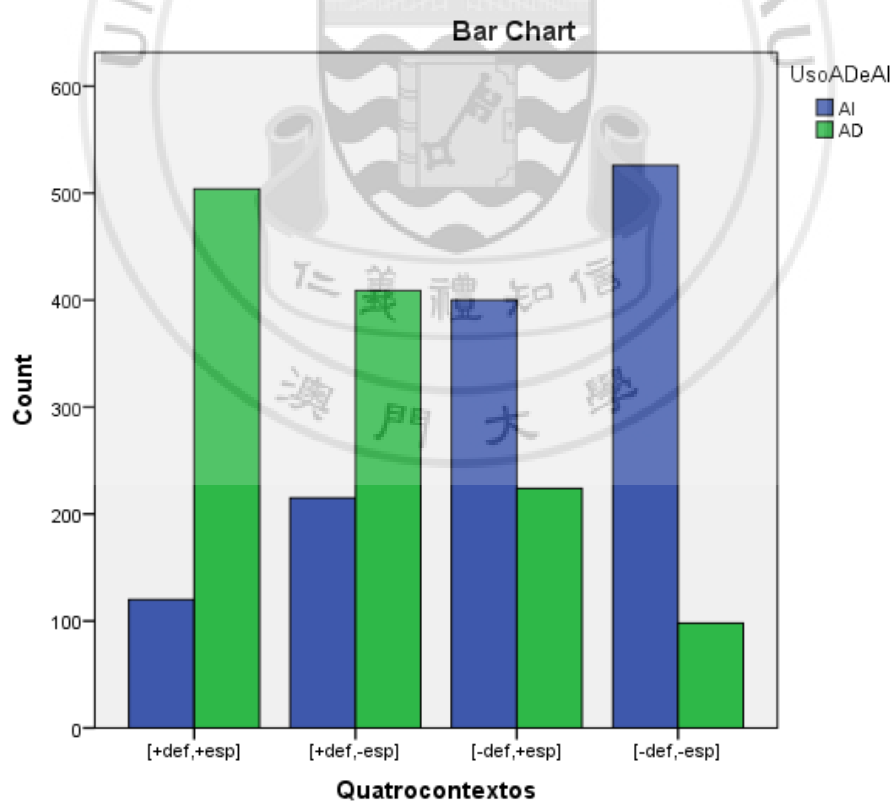
Então, todos os dados incluídos na análise dos primeiros oito factores deste grupo em redor do “escopo” apontam claramente para a presença da flutuação no uso do AD/AI pelos nossos informantes. Também verificamos que nos últimos quatro factores adicionais envolvidos no uso do AD/AI numa cadeia de referência ou com os SD modificados por uma oração relativa, os informantes cometeram muitos erros de substituição do artigo, ou sejam, usaram o AD nos contextos indefinidos, e usaram o AI nos contextos definidos. As diferenças na escolha destes dois artigos neste doze contextos por informantes de diferentes grupos foram significativas ($F(11,2484)=83.904$, $p=.000$ no grupo do 2o ano; $F(11, 1716)=56.754$, $p=.000$ no grupo do 4o ano; $F(11,516)=204.196$, $p=.000$ no grupo de falantes nativos).

Acabada a análise dos dados em termos dos doze contextos, recuperamos as leituras dos dados quando estão agrupados dentre quatro contextos do modelo proposto por Ionin *et al.* (2003a, 2003b, 2004).

Quadro 189 – O uso do AD/AI nos quatros contextos - grupo do 2 ºano

			UsoAD/AI		Total
			AI	AD	
Quatrocontextos	[+def,+esp]	Count	120	504	624
		% within Quatrocontextos	19.2%	80.8%	100.0%
	[+def,-esp]	Count	215	409	624
		% within Quatrocontextos	34.5%	65.5%	100.0%
	[-def,+esp]	Count	400	224	624
		% within Quatrocontextos	64.1%	35.9%	100.0%
	[-def,-esp]	Count	526	98	624
		% within Quatrocontextos	84.3%	15.7%	100.0%
Total	Count	1261	1235	2496	
	% within Quatrocontextos	50.5%	49.5%	100.0%	

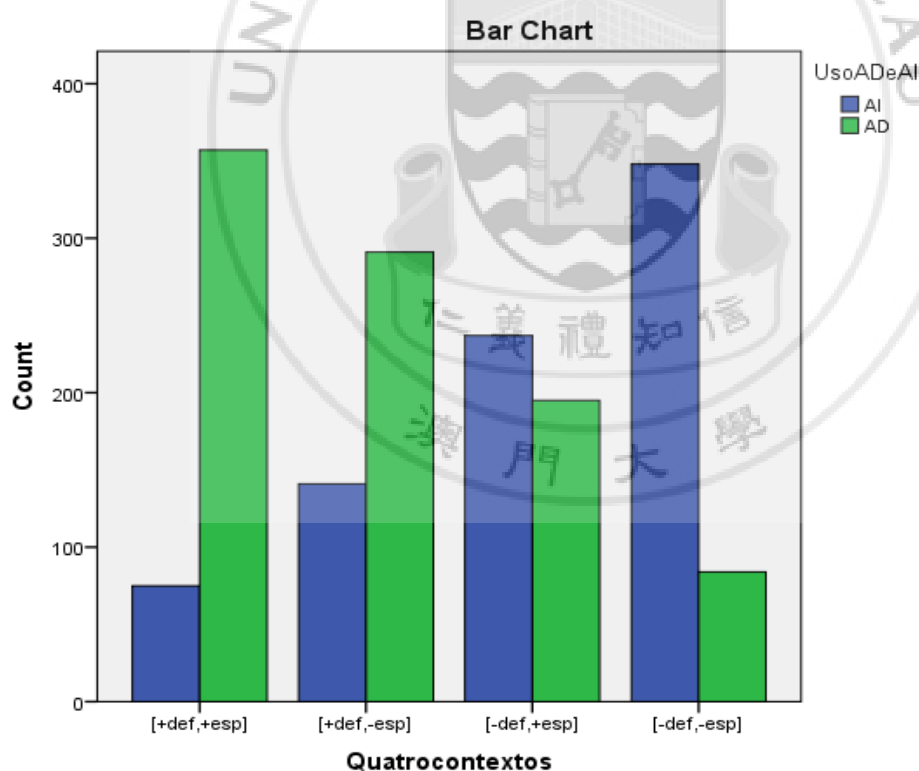
Diagrama 5 - O Uso do AD/AI nos quatros contextos – grupo do 2 ºano



Quadro 190 – O uso do AD/AI nos quatros contextos - grupo do 4 °ano

			UsoAD/AI		Total
			AI	AD	
Quatrocontextos	[+def,+esp]	Count	75	357	432
		% within Quatrocontextos	17.4%	82.6%	100.0%
	[+def,-esp]	Count	141	291	432
		% within Quatrocontextos	32.6%	67.4%	100.0%
	[-def,+esp]	Count	237	195	432
		% within Quatrocontextos	54.9%	45.1%	100.0%
	[-def,-esp]	Count	348	84	432
		% within Quatrocontextos	80.6%	19.4%	100.0%
Total	Count		801	927	1728
	% within Quatrocontextos		46.4%	53.6%	100.0%

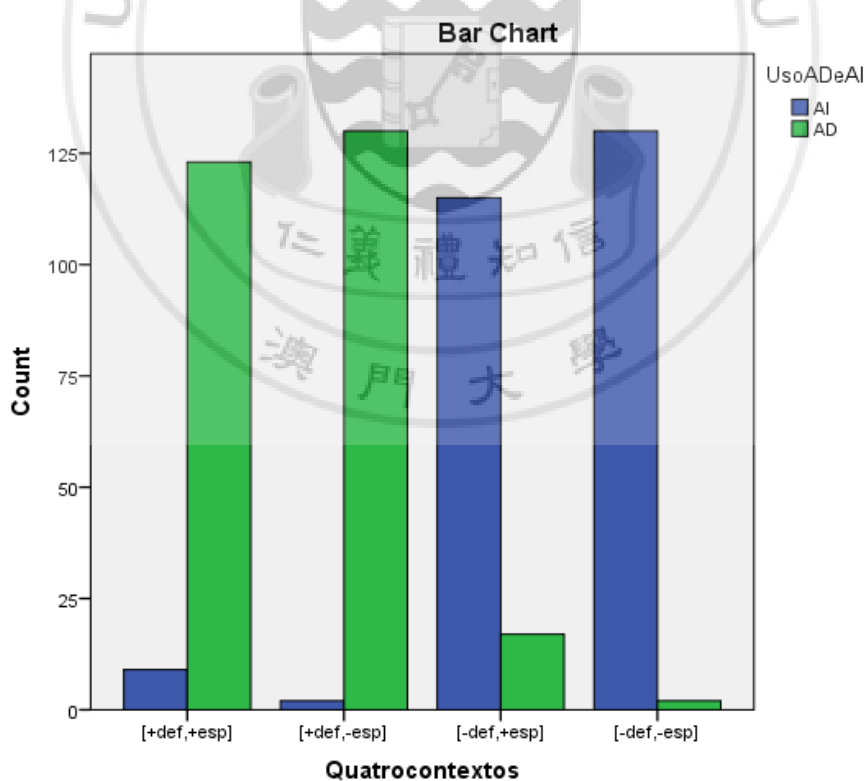
Diagrama 6 - O uso do AD/AI nos quatro contextos – grupo do 4 °ano



Quadro 191 – O uso do AD/AI nos quatros contextos - grupo de falantes nativos

			UsoAD/AI		Total
			AI	AD	
Quatrocontextos	[+def,+esp]	Count	9	123	132
		% within Quatrocontextos	6.8%	93.2%	100.0%
	[+def,-esp]	Count	2	130	132
		% within Quatrocontextos	1.5%	98.5%	100.0%
	[-def,+esp]	Count	115	17	132
		% within Quatrocontextos	87.1%	12.9%	100.0%
	[-def,-esp]	Count	130	2	132
		% within Quatrocontextos	98.5%	1.5%	100.0%
Total	Count	256	272	528	
	% within Quatrocontextos	48.5%	51.5%	100.0%	

Diagrama 7 - O uso do AD/AI nos quatro contextos – grupo de falantes nativos



A partir dos dados fornecidos pelos três grupos, vimos que, embora os informantes chineses tivessem apresentado a exactidão no uso do artigo nos contextos [+def, +esp] e [-def, -esp] mais elevada do que os outros dois contextos, a exactidão ainda não foi muito satisfatória em comparação com os dados fornecidos pelos falantes nativos. Trata-se de uma prova de que os aprendentes chineses têm dificuldade na aquisição do artigo em português. Os dados obtidos de três testes ANOVA também provaram que as diferenças na escolha do AD/AI, nos quatro contextos, foram significativas. ($F(3,2492)=286.211$, $p=.000$ no grupo do 2º ano; $F(3,1724)=170.005$, $p=.000$ no grupo do 4º ano; $F(3,524)=674.188$, $p=.000$ no grupo de falantes nativos).

Outra leitura que fizemos foi que os informantes flutuaram entre a definitude e a especificidade. Os informantes do grupo do 2º ano e do 4º ano ultrageneralizaram o AI no contexto [+def, -esp] e o AD no contexto [-def, +esp], sendo as percentagens de correcção do uso do AD no contexto [+def, -esp] 65.5% e 67.4% respectivamente nos grupos do 2º e do 4º ano e do uso do AI no [-def, +esp] 64.1% e 54.9%. Tudo isto evidencia que a flutuação prevista pela FH é encontrada no caso da aquisição do artigo em português por aprendentes chineses. O que concluímos complementa a análise feita no ponto 6.2.9 que deixou pontos inconclusivos. Assim, **a H10 que se reescreve abaixo está confirmada nesta experiência.**

H10. Os aprendentes chineses usam o artigo incorrectamente nos contextos [+def, -esp] e [-def, +esp]; A FH é universal e aplicável ao caso da aquisição do artigo em português por aprendentes chineses.

* * * * *

No presente capítulo, foi abordado como as dez variáveis linguísticas e extralinguísticas constituídas propositadamente para o presente estudo interagiram com o uso do artigo pelos aprendentes chineses de português L2, através da submissão dos *corpora* a análises quantitativas por meio do programa estatístico SPSS. Os dados obtidos vieram confirmar a (in)validade das onze hipóteses específicas propostas, além de revelar as características do uso do artigo da ILG. No capítulo seguinte, iremos resumir os resultados que têm sido conseguidos e sintetizar os traços representativos evidenciados nas análises relativamente ao uso do artigo. Antes de se apontarem algumas implicações pedagógicas e limitações existentes, serão dadas considerações finais na área da ASL, isto é, serão discutidas as hipóteses que se encontram descritas na parte inicial do presente estudo e que têm sido frequentemente argumentadas na corrente pesquisa da ASL.

Capítulo 7 Pontos Conclusivos e Considerações Finais

Neste trabalho, procurou-se descrever variações identificadas na *interlíngua* dos aprendentes chineses de português L2, com o objectivo de verificar a (im)possibilidade do desempenho dos mesmos como nativos, neste caso concreto, através da observação da aquisição total do artigo. Os dados foram recolhidos junto de aprendentes de dois níveis, numa tarefa de recontar por escrito um filme, numa tarefa de entrevista individual e numa tarefa de elicitación forçada. As análises e discussões foram realizadas partindo-se do pressuposto que o uso do artigo está condicionado por factores linguísticos e não linguísticos. Iremos traçar, agora, considerações finais no âmbito da ASL decorrentes da análise. Para se mostrar, de uma forma clara e objectiva, o que foi obtido dos nossos *corpora*, começamos o capítulo com a descrição resumida dos resultados das análises realizadas no capítulo anterior.

7.1 Resultados das análises

Abaixo sumariza-se, ponto a ponto, como os factores linguísticos e extralinguísticos interagiram com o uso do artigo pelos informantes chineses, e apresentam-se situações da validação das onze hipóteses:

A - No ponto 6.2.1, em que se abordou a primeira variável relativa aos três contextos linguísticos em que se distribui o artigo, os nossos dados revelaram que os

informantes mostraram uma exactidão muito elevada no uso do artigo no contexto definido, contrastando com o fenómeno de um uso desviado do artigo no contexto do AI e do AN. Os informantes foram muito correctos no contexto obrigatório do AD, tanto na expressão oral como na produção escrita, enquanto nos dados escritos tiveram mais problemas em distinguir o contexto do AI do que o do AN e nos dados orais tiveram mais problemas em distinguir o contexto do AN do que o do AI. Tudo isto demonstrou claramente que os aprendentes chineses têm dificuldades na aquisição do artigo. A questão de inundação do AD foi também estudada. A partir dos respectivos dados, passámos a saber que, apesar da exactidão elevada detectada no contexto do AD, o AD foi ultrageneralizado em ambos os contextos do AI e do AN, o que está de acordo com o que foi verificado por Huebner (1983, 1985), Master (1987), Chaudron e Parker (1990) e Young (1996). Por outro lado, foi descoberto ainda que, em paralelo à inundação do AD, a omissão do artigo nos contextos obrigatórios do AD e do AI não foi muito marcada, embora com um uso incorrecto do AN. Quanto ao AI, o facto de os informantes não terem ultrageneralizado o seu uso nos contextos obrigatórios do AD e do AN evidenciou que, apesar de os informantes não serem muito correctos no contexto obrigatório do AI, fizeram uma utilização do AI bastante certa quando o usaram, e não trocaram o AI pelo AN e vice-versa. A análise feita em termos dos três contextos do uso do artigo revelou, desta maneira, que os informantes chineses têm dificuldade na aquisição do artigo. A influência da L1, que não tem o sistema de artigo, não é relevante quando o uso do AD é “inundado”. O contexto obrigatório do AD é mais correcto do que o do AI e não há troca do AI pelo AN e vice-versa. Os aprendentes estão numa fase em que pretendem afastar-se da influência da L1, recorrendo à categoria do artigo para expressar a determinação de nomes, não conseguindo, porém, fugir totalmente da

influência da L1. A partir daqui, podemos julgar que a transferência da L1, uma das fontes da ILG dos aprendentes de L2, vai perdendo o seu peso à medida que os aprendentes vão estando mais expostos ao “gatilho” da LA. Foi também diagnosticado o fenómeno de “direccionalidade” denominado por Mayo (2009), o que suporta a hipótese de a aquisição do AD ser anterior à do AI (Chaudron e Parker, 1990, Young, 1996, Hawkins, 2001)

Portanto, a hipótese **H1 - Os aprendentes chineses têm muita dificuldade na aquisição do artigo e a sua aquisição é influenciada pela L1 [-art], isto é a omissão do artigo é evidente;** - não foi validada inteiramente, enquanto que se pôde confirmar totalmente a **H2 - É encontrada a ultrageneralização do AD. Há evidência para o fenómeno da “direccionalidade”, isto é, os aprendentes são mais correctos no uso do AD do que no do AI.**

B - No ponto 6.2.2 foi investigado o uso do AD em termos do traço semântico/pragmático, tendo sido concluído que os informantes mostraram uma exactidão muito elevada no uso do AD e uma tendência exclusiva para o uso do AD no contexto em que a determinação da entidade é directamente evocada a partir da parte anterior do enunciado (uso anafórico) nos dados escritos, e nos contextos em que a determinação da entidade é directamente evocada pela informação contida na própria expressão nominal (com o acompanhamento de possessivos, numerais ordinais, etc) ou pelo conhecimento compartilhado entre o falante e o ouvinte nos dados orais. Dentro dos diversos contextos definidos categorizados, o contexto de uso anafórico, mais frequente nos dados escritos, também foi o mais correcto. Nos dados orais, além do uso situacional, os contextos em que a determinação de uma entidade é evocada por elementos contextualmente presentes, ou por associação, ou

por uso anafórico, ou por informação contida na própria expressão nominal, também foram muito correctos. Comparativamente, o contexto em que a determinação da entidade é evocada pelo conhecimento compartilhado foi problemático. Concluiu-se, de uma forma sucinta, que o uso do AD no contexto de menção prévia de uma cadeia referencial (uso anafórico) foi o mais frequente e o mais correcto nos dados recolhidos em composições, enquanto o uso do AD no contexto em que a determinação de um referente é evocada pela informação contida na própria expressão nominal foi o mais frequente e o uso do AD no contexto da presença física foi o mais correcto nos dados recolhidos em entrevistas. A omissão do artigo foi mais encontrada quando a determinação de um referente é identificada pelo conhecimento compartilhado pelos locutores. Por isso, pode-se dizer que certos usos do AD são mais fáceis de adquirir do que outros. Este resultado do presente trabalho suporta a afirmação de Liu e Gleason (2002) sobre a ordem de aquisição do AD: (1) o uso situacional; (2) os usos estrutural e textual e; (3) o uso cultural. Um pequeno estudo no que respeita à omissão do artigo nos contextos definidos mostrou que, quanto maior é a redundância do uso do artigo, mais fácil é a omissão do artigo.

As conclusões confirmaram a hipótese **H3 - O AD é adquirido com mais facilidade e certos contextos linguísticos do AD são mais fáceis do que outros casos.**

C - No ponto 6.2.3, os dados escritos foram excluídos na abordagem do uso do AI em diferentes contextos devido à falta de significância. Nesta circunstância, a respectiva pesquisa limitou-se à interpretação e discussão feita junto dos dados orais. Os nossos resultados mostraram o uso mais frequente do AI como primeira menção, que também se apresentou mais problemático. Ao mesmo tempo, os mesmos

informantes usaram incorrectamente o artigo em situações em que se pede o AI, tanto no contexto mais específico como no contexto menos específico, e ainda no uso genérico. A maior fonte de erros teve origem na ultrageneralização do AD, que inundou em todos os contextos indefinidos, especialmente no uso como primeira menção. Esta falha dos informantes poderia ser uma prova de eles não conseguirem estabelecer uma cadeia referencial em que o primeiro elemento de uma cadeia anafórica é indefinido. Além disso, a omissão do AN em diferentes contextos indefinidos não foi testada, nem a possibilidade da troca do AI pelo AN.

A hipótese H4 - **A aquisição do AI é problemática, especialmente em certos contextos linguísticos e os informantes confundem muitas vezes o uso entre o AI e o AN** – foi parcialmente confirmada.

D - No ponto 6.2.4, em que foi abordada a correlação entre a concretude de nomes e a exactidão do uso do artigo, verificou-se que o traço [$\pm$ concreto] não exerce influência sobre o uso correcto ou incorrecto do artigo em geral pela falta de significância provada entre dois factores. No entanto, os dados forneceram evidências para provar que a exactidão do uso do artigo no contexto definido foi elevada em ambos os nomes mais concretos e menos concretos, sendo a exactidão maior do uso do artigo no contexto do AN com os nomes menos concretos do que mais concretos nos dados do *Corpus I*, e também a exactidão maior do uso do artigo no contexto indefinido com os nomes menos concretos do que os nomes mais concretos nos dados do *Corpus II*. Então, o traço [$\pm$ concreto] influencia o uso do artigo no contexto do AN no *Corpus I* e no contexto do AI no *Corpus II*, sendo mais correcto no contexto do AN e do AI antes dos nomes menos concretos. No caso da ultrageneralização do AD, foi detectado que os informantes tenderam para o uso do

AD no contexto do AI e do AN antes de nomes mais concretos em ambos os *Corpora* I e II, o que suporta o estudo de Trenkic (2002). Portanto, embora a exactidão do uso do artigo em geral, antes dos nomes mais concretos e menos concretos, fosse semelhante, os dados mostraram que a correcção do uso do artigo nos três contextos em termos do traço [$\pm$ concreto] foi diferente, particularmente no contexto do AI e do AN. A razão deveu-se à tendência da ultrageneralização do AD com nomes mais concretos.

Foi provada a nossa hipótese **H5 - O traço [$\pm$ concreto] é significativo para a aquisição do artigo e os aprendentes de L2 tendem para o uso do AD antes de nomes mais concretos.**

E - No ponto 6.2.5, analisou-se o uso do artigo em termos do traço [$\pm$ contável], tendo sido verificado o facto de o uso do artigo ser mais correcto antes dos nomes contáveis do que nomes não contáveis, e o uso do AD ser mais correcto antes dos nomes contáveis do que nomes não contáveis, fenómeno detectado por Wakabayashi (1998) com os aprendentes japoneses de inglês L2. Neste sentido, o traço [$\pm$ contável] exerce influência sobre o uso correcto do artigo. No entanto, a impossibilidade de avaliação do fenómeno da troca do AI pelo AN e vice-versa (6.2.3), assumido por Young (1996), tornou-se difícil na análise da variável concernente à semântica do SD indefinido por se tratar de uma das fontes fundamentais que contribuem para o estudo feito em relação à possibilidade de distinção pelos aprendentes chineses de inglês L2 entre nomes mais contáveis e nomes menos contáveis.

Validou-se parcialmente a hipótese **H6 - Há um efeito entre o uso do artigo e o traço [$\pm$ contável].**

F - No ponto 6.2.6, os dados do *Corpus* I e II apresentaram as mesmas características, isto é os informantes usaram o artigo de uma forma mais correcta na posição de sujeito e a posição de adjunto adnominal foi mais problemática. Nos SD localizados antes e depois do verbo, foi verificada a ultrageneralização do AD e a omissão do AI. No estudo com os nomes nus ao abrigo da observação de Chen (2004) sobre a interpretação de determinação nominal em termos de posição frásica na LC, os dados revelaram que os informantes mostraram o mesmo desempenho no uso do artigo com os SD, nomes nus, quer na posição de sujeito, quer na posição de complemento verbal directo. Ou seja, o uso do artigo foi mais correcto no contexto do AD do que no do AI e do AN, indiferentemente da posição que os SD ocupam. A vantagem que traz o facto de a posição do SN favorecer a interpretação da determinação não beneficiou os nossos informantes chineses no uso correcto do artigo. Trata-se de mais uma prova que o papel da transferência da L1 na constituição da ILG foi reduzido.

Foi invalidada a hipótese **H7 - O factor da posição favorece a escolha de determinados artigos.**

G - No ponto 6.2.7 foi observado como os modificadores e especificadores, categorias da estrutura interna do SD, influenciam o uso do artigo. Foi detectado que os informantes não omitiram o artigo com um SD modificado por uma oração relativa; o uso do artigo foi mais correcto no caso de os SD conterem possessivos; a exactidão do uso do artigo no contexto do AD foi elevada quando os SD eram modificados por nomes preposicionados; a presença do numeral cardinal dentro do

SD favoreceu o uso do AN; a ultrageneralização do AD e a omissão do artigo também se encontraram nos SD adjectivados; não houve evidência de o factor numeral ordinal favorecer o uso do artigo; não foi possível avaliar a relação entre os factores de indefinidos e de outros modificadores e o uso do artigo; o factor da categoria superlativo foi ignorado por se encontrarem poucos casos de uso; os informantes tendem para a ultrageneralização do AD antes de nomes nus.

Foi confirmada a hipótese **H8 - Certas categorias na estrutura interna do SD favorecem o uso do artigo.**

H - No ponto 6.2.8 foi avaliado como se relacionam duas categorias na estrutura externa do SD - Verbo e Preposição, e o uso do artigo. Quanto à primeira categoria, foi descoberto que a preposição “para” favoreceu a omissão do artigo e certas outras preposições favoreceram o uso do AD, especialmente “em” e “a”, duas preposições que têm formas contraídas com o AD. É possível que a contracção entre o AD e essas preposições, considerada pelos informantes como único morfema, funcione como especificador “compound” e os informantes escolham o artigo *default*, AD (Humphrey, 2007). Em relação à segunda categoria, os resultados indicaram que os verbos “haver” e “ter” favoreceram o uso do AI e do AN, os verbos copulativos favoreceram o AI e os verbos epistemológicos e de percepção favoreceram o AD. Não constatámos relações directas entre outros tipos de verbos e o uso do artigo.

Confirmou-se a hipótese **H9 - Certas categorias na estrutura externa do SD são primordiais para a aquisição do artigo.**

I - No ponto 6.2.9 foi observado o uso do artigo em termos dos traços binários na primeira experiência, tendo sido verificado que os informantes chineses foram muito correctos no contexto [+def, +esp] e menos correctos nos contextos [-def, +esp] e [-def, -esp] e que não foi possível avaliar se os informantes tenderam para o uso do AI no contexto [+def, -esp]. Portanto, foi notada a incorrecção do uso do artigo no contexto obrigatório do AI, tanto mais específico como menos específico, o que indicou o facto de os nossos informantes chineses não serem sensíveis ao traço [+def] ([+HK]).

Não foi avaliada a hipótese **H10 - Os aprendentes chineses usam o artigo incorrectamente nos contextos [+def, -esp] e [-def, +esp]; A FH é universal e aplicável ao caso da aquisição do artigo em português por aprendentes chineses.**

J - No ponto 6.2.10 foi estudado se vários factores extralinguísticos influenciam a aquisição do artigo. O primeiro achado foi que, com o aumento do nível de proficiência linguística, a exactidão do uso do artigo pelos nossos informantes chineses em geral não melhorou, embora tenha sido evidenciado o fenómeno da redução da ultrageneralização do AD e do aumento do uso correcto do AI. Quando se investigou a influência do sistema de ensino luso-chinês na aquisição do artigo, foi verificado que os alunos que tiveram aulas obrigatórias de português no sistema de ensino luso-chinês manifestaram uma exactidão no uso do artigo mais elevada do que os que não tiveram, embora essa diferença seja ligeira. Os dados ligados ao factor da experiência de vivência em países lusófonos coincidem com os dados relacionados com o factor de anos de estudo, uma vez que todos os informantes do 2º ano não tinham estado em países lusófonos e todos os do 4º ano já tinham estado. Quanto ao nosso último factor dentro desta variável, no que respeita

aos conhecimentos de outras línguas estrangeiras, não foi procedido ao respectivo estudo por falta de dados suficientes para uma avaliação válida.

Foi confirmada parcialmente a hipótese **H11 - As experiências e *background* educacional dos aprendentes chineses contribuem para a aquisição do artigo em português.**

K - No estudo avançado (à continuidade do estudo do ponto 6.2.9) descrito no ponto 6.3 para se testar a FH, foram observados, no ponto 6.3.1, doze contextos subespecificados adaptados do modelo de Ionin *et al.* (2004). Verificou-se, primeiramente, nos principais oito contextos, a influência da especificidade no desempenho dos informantes aprendentes de português L2 nos contextos definidos e indefinidos quer das condições intensionais (com escopo), quer das condições extensionais (sem escopo). A consideração no âmbito de “escopo” adoptada por Ionin *et al.* (2003a, 2003b, 2004) não teve nenhum resultado no nosso trabalho. Além disso, a escolha entre o AD e o AI caracterizou-se pela flutuação muito evidente, isto é os informantes foram relativamente mais correctos no contexto [+def, +esp] e no contexto [-def, -esp], e ultrageneralizaram o AI no contexto [+def, -esp] em que era pedido o AD e ultrageneralizaram o AD no contexto [-def,+esp] em que era pedido o AI. Por outro lado, os informantes nativos mostraram uma exactidão quase perfeita, excepto no contexto [-def,+esp] Escopo Largo em que mostraram um desvio significativo, tendo feito a escolha entre o AD e o AI com base na especificidade, em vez da definitude.

Quanto aos quatro contextos adicionais, descobrimos que, no estudo sobre o uso do AI que introduz o primeiro elemento de uma cadeia referencial (contexto [-def,-esp] Primeira Menção) e o uso do AD como uso anafórico (contexto [+def,+esp]

Menção Prévía), os informantes não foram muito correctos em ambos os contextos, tendo manifestado dificuldade em identificar a referencialidade de um referente numa cadeia de referência. No outro par de contextos em que o uso do AD/AI é feito com SD modificados por uma oração relativa, descobriu-se grande dificuldade dos informantes. No entanto, os dados revelaram também a percentagem insatisfatória de correcção do uso do AD no contexto [+def,+esp] Menção Prévía e no contexto [-def,+esp] Oração Relativa pelos informantes nativos.

Globalmente, os informantes chineses, embora tivessem apresentado exactidão no uso do artigo nos contextos [+def, +esp] e [-def, -esp] mais elevada do que nos outros dois contextos, a exactidão ainda não foi muito satisfatória em comparação com os dados fornecidos pelos falantes nativos. Trata-se de mais uma prova de que os aprendentes chineses têm dificuldade na aquisição do artigo em português. Além disso, os informantes flutuaram entre a definitude e a especificidade, tendo ultrageneralizado o AI no contexto [+def, -esp] e o AD no contexto [-def, +esp]. Foi-lhes encontrada a flutuação no uso do artigo.

Foi provada a hipótese **H10 - Os aprendentes chineses usam o artigo incorrectamente nos contextos [+def, -esp] e [-def, +esp]; A FH é universal e aplicável ao caso da aquisição do artigo em português por aprendentes chineses.**

L - Dentro das onze hipóteses propostas, seis foram totalmente confirmadas, quatro foram parcialmente confirmadas e uma não foi confirmada. (Vide o Quadro 192)

Quadro 192 – Onze hipóteses propostas e situações de validação

Hipóteses propostas para o presente estudo	Situações de validação
H1. Os aprendentes chineses têm muita dificuldade na aquisição do artigo e a sua aquisição é influenciada pela L1 [-art], isto é a omissão do artigo é evidente;	Parcialmente confirmada
H2. É encontrada a ultrageneralização do AD. Há evidência para o fenómeno da “direccionalidade”, isto é os aprendentes são mais correctos no uso do AD do que no do AI.	Totalmente confirmada
H3. O AD é adquirido com mais facilidade e certos contextos linguísticos do AD são mais fáceis do que outros casos.	Totalmente confirmada
H4. A aquisição do AI é problemática, especialmente em certos contextos linguísticos e os informantes confundem muitas vezes o uso entre o AI e o AN.	Parcialmente confirmada
H5. O traço [+concreto] é significativo para a aquisição do artigo e os aprendentes de L2 tendem para o uso do AD antes de nomes mais concretos.	Totalmente confirmada
H6. Há um efeito entre o uso do artigo e o traço [+contável].	Parcialmente confirmada
H7. O factor da posição favorece a escolha de determinados artigos.	Não confirmada
H8. Certas categorias na estrutura interna do SD favorecem o uso do artigo.	Totalmente confirmada
H9. Certas categorias na estrutura externa do SD são primordiais para a aquisição do artigo.	Totalmente confirmada
H10. Os aprendentes chineses usam o artigo incorrectamente nos contextos [+def, -esp] e [-def, +esp]; A FH é universal e aplicável ao caso da aquisição do artigo em português por aprendentes chineses.	Não confirmada na primeira experiência Totalmente confirmada na segunda experiência
H11. As experiências e <i>background</i> educacional dos aprendentes chineses contribuem para a aquisição do artigo em português.	Parcialmente confirmada

7.2 Descrição sucinta das características da ILG dos aprendentes chineses no uso do artigo

O que se sumarizou anteriormente contribui para descrevermos sucintamente as características, notadas no presente trabalho, da ILG dos aprendentes chineses no uso do artigo, então listando-as no seguinte:

- O artigo é uma categoria gramatical relativamente problemática na sua aquisição pelos aprendentes chineses L2;

- O uso do artigo é mais correcto no contexto do AD do que nos contextos do AI e do AN. O AD ultrageneraliza-se nos contextos do AI e do AN e não se encontra a troca do AI pelo AN e vice-versa. A omissão do artigo nos contextos obrigatórios do AD e do AI não é marcada. O uso do artigo pelos aprendentes chineses mostra a tendência do afastamento gradual da influência da L1 e do recurso a traços universais que a GU faculta;

- O AD é adquirido segundo esta ordem: (1) o uso situacional; (2) os usos estrutural e textual e; (3) o uso cultural.

- O uso do AI é problemático em todos os contextos indefinidos, tanto específico como não específico, e ainda genérico. A maior fonte dos erros no uso do AI origina da ultrageneralização do AD, especialmente no uso como primeira menção. Esta característica revela a falha dos aprendentes no estabelecimento de uma cadeia referencial em que o primeiro elemento introduzido é indefinido. O valor de referencialidade é identificado através de elementos locais, em vez de a nível discursivo.

- O AD ultrageneraliza-se mais com nomes mais concretos do que com nomes menos concretos. O traço de concretude é significativo para a aquisição do artigo.

- O uso do artigo é mais correcto antes dos nomes contáveis do que antes dos nomes não contáveis.

- A ultrageneralização do AD e a omissão do AI encontram-se em posições quer antes do verbo quer depois do verbo, significando isto que o uso do artigo não está relacionado com as posições que os SD ocupam.

- O uso do artigo é favorecido por certas categorias na estrutura interna do SD, por exemplo, o artigo não é omitido antes de um SD modificado por uma oração relativa; o artigo é usado correctamente antes de um SD que contém um possessivo; o AD é usado correctamente antes de um SD preposicionado; o uso do AN é favorecido antes de um SD que contém um numeral ordinal; o AD é ultrageneralizado ou o artigo é omitido antes de um SD adjectivado; o AD é ultrageneralizado antes de nomes nus.

- O uso do artigo é favorecido por certas categorias na estrutura externa do SD, por exemplo, a preposição “para” favorece o uso do AD, as preposições “em” e “a”, que têm ambas formas contraídas com o AD, favorecem o uso do AD. Neste último caso, a forma contraída entre a preposição e o AD é considerada como um único morfema, ou como um especificador “*compound*”. O uso do AI e do AN é favorecido pelos verbos “*haver*” e “*ter*”. Os verbos copulativos favorecem o uso do AI. Os verbos epistemológicos e de percepção favorecem o AD. A escolha entre o AD e o AI não é influenciada pela consideração no âmbito de “escopo”, isto é o verbo do tipo intensional ou modal não favorece a esta escolha.

- O uso do artigo é mais correcto quando os aprendentes estiveram no sistema de ensino luso-chinês.

- O artigo é uma categoria gramatical, cujo processo de aquisição é lento. O uso do artigo não melhorou significativamente com o aumento de anos de estudo e de experiência de vivência dos aprendentes chineses em países lusófonos.

- Dentro de quatro contextos do uso do artigo baseados nos traços binários, o uso do AD e do AI é mais problemático nos contextos [+def, -esp] e [-def, +esp], o que evidencia a flutuação dos aprendentes chineses entre a definitude e a especificidade.

Em conclusão, a ILG dos aprendentes chineses caracteriza-se por ser um sistema linguístico que não é da L1, neste caso da LC, nem da L2, da LP.

7.3 Considerações finais na área da aquisição de segunda língua

No âmbito do presente estudo, pretendeu-se observar o desempenho de informantes chineses na aquisição do artigo em português. Tendo por base os resultados obtidos das análises sobre o relacionamento entre variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas e variáveis dependentes ligadas ao uso do artigo, desenvolvemos as nossas discussões sobre esses dados orientadas pelo objectivo principal de saber como os nossos informantes constroem as suas ILG no desenvolvimento da categoria D, e ao mesmo tempo, abordar e estudar as hipóteses aplicadas frequentemente na corrente pesquisa da ASL.

7.3.1 Hipótese de Insucesso da Aquisição de Traços Funcionais

Primeiro, perante a atenção do nosso estudo focalizada na possibilidade da aquisição total do artigo, categoria funcional que não se encontra facultada na L1 dos

aprendentes chineses, os nossos resultados evidenciam mais uma prova para o facto de o uso do artigo em português ser problemático e o processo de desenvolvimento de proficiência linguística, neste caso aquisição desta categoria gramatical, ser lento. Por outro lado, a omissão do artigo não é um fenómeno óbvio, o que é considerado como um sinal de os aprendentes chineses se irem afastando da influência da L1 (erros de transferência) no uso do artigo à medida que vão estando mais expostos ao *input* da L2. De acordo com a FFFH de Hawkins e Chan (1997), no processo da aquisição de uma L2, os aprendentes iniciais, na primeira fase de aquisição, ligam formas morfofonológicas da L2 a especificações de traços da L1. Posteriormente, ao longo de contactos contínuos com a L2, os aprendentes aproximam-se progressivamente do desempenho de falantes nativos da L2 e afastam-se da sua L1. No entanto, dado que os aprendentes adultos de L2 não têm acesso total à GU, não conseguem restabelecer formas paramétricas não instanciadas na L1 e não são capazes de determinar o significado funcional total daquele novo material morfofonológico. No nosso estudo, os informantes mostraram “estagnação” no seu processo de aquisição do artigo em português, o que pode ser considerado um sinal da impossibilidade de eles conseguirem um desempenho como falantes nativos. Uma das fontes desta falha é o défice encontrado na componente sintáctica em que costumam ser alojados os traços da categoria D. Portanto, a impossibilidade do restabelecimento de traços funcionais deve-se ao *deficit* a nível sintáctico, anteriormente ao nível de *spell-out* em que o conteúdo fonológico e o conteúdo morfológico são inseridos.

Por outro lado, em paralelo com a pouca omissão do artigo, as representações da ILG dos aprendentes chineses apresentam características do funcionamento do traço D verificadas em línguas naturais, por exemplo, a ultrageneralização do AD em

todos os contextos do uso do artigo, o fenómeno de “direccionalidade” denominado por Mayo (2009) em que se determina a aquisição do AD anterior à do AI, e etc. Assim, suporta-se neste caso que os aprendentes vão estabelecer representações gramaticais que divergem das de falantes nativos e das suas próprias línguas maternas, mas que são, porém, restringidas pelos princípios da GU: gramáticas universais. Tudo isto verifica as previsões de Tsimpli e Roussou (1991), de acordo com as quais há duas opções na construção da ILG de uma L2: a primeira envolve a transferência do valor paramétrico de L1, o que origina erros de transferência e a segunda explora a possibilidade disponibilizada directamente pela GU, o que, no entanto, não origina a opção gramatical real que a LA adopta.

Dentro do mesmo leque de teoria, importa voltarmos a mencionar a SMA de Trenkic (2007), segundo a qual, os aprendentes com a L1 [-art] tratam o artigo de uma forma incorrecta a nível sintático, como “adjectivos processuais”, confundindo-o como modificador nominal. Por isso, a omissão do artigo é significativamente mais elevada nos nomes modificados por adjectivos do que nos nomes sem modificadores adjectivais. No nosso estudo, este fenómeno é observável.

Concluimos, no presente estudo, que o processo de aquisição do artigo em português pelos aprendentes chineses é muito lento, uma vez que os aprendentes do nível de proficiência linguística mais avançado não mostraram uma exactidão significativamente mais elevada no uso do artigo do que os do nível relativamente mais baixo. Neste sentido, os erros cometidos parecem “fossilizados” e o processo em questão parece estar de certa forma “paralisado”. Pelo desempenho actual e real dos aprendentes chineses, é difícil deduzir-se que o restabelecimento do parâmetro ligado ao artigo é possível.

Portanto, os nossos resultados suportam que os aprendentes chineses de L2 têm acesso parcial à GU, falhando no restabelecimento de traços paramétricos, ou na aquisição total de traços específicos da L2 devido a alguns tipos de défices na componente sintáctica, e que existem áreas em que os aprendentes chineses de L2 diferem persistentemente dos falantes nativos.

7.3.2 Hipótese de Insucesso da Aquisição da Flexão Superficial e Hipótese da Flutuação

No entanto, a teoria de Acesso Total à GU apresenta uma outra perspectiva, declarando que os aprendentes de L2 têm acesso total aos princípios e parâmetros da GU e que os traços funcionais também são inertes e vão ser adquiridos durante o curso de desenvolvimento ao longo do qual os paradigmas morfológicos são adquiridos. Isto é, o uso não satisfatório dos aprendentes chineses, neste caso, é provisório, e eles irão conseguir o desempenho como nativos porque o uso desviado do artigo se deve à incapacidade de fazer corresponder as características sintácticas às formas morfofonológicas. A MSIH (Prévost e White, 2000) explica este tipo de variações a partir da dissociação encontrada entre os traços abstractos e as formas morfofonológicas superficiais. Ou seja, os aprendentes de L2 podem ter domínio total das propriedades sintácticas distribucionais dos elementos funcionais, mas não são capazes de as produzir sistematicamente por causa da falha no mapeamento entre o nível sintáctico e sua realização morfofonológica aberta. Ao abrigo desta hipótese, dever-se-ia implicar que os traços de definitude e os que estão subjacentes às distinções contável/massivo estão presentes na ILG dos nossos aprendentes. Infelizmente, a confirmação parcial da variável concernente ao traço [$\pm$ contável], que

não foi testada pelo facto de não ser possível verificar a substituição do AI pelo AN, e vice-versa, e ainda a ultrageneralização do AD no uso do artigo em todos os contextos e o uso incorrecto do AI e do AN, não permitiu deduzir que a falha dos nossos informantes chineses se origina da sua incapacidade de mapeamento ocorrido no nível morfofonológico. Os nossos resultados revelaram que o processo de aquisição da categoria gramatical do artigo é lento, quase estagnado, por isso não podemos daí tirar a ilação de que o artigo é totalmente adquirido, ou seja, que possa ser restabelecido pelos aprendentes chineses adultos.

Contudo, a FH (Ionin *et al*, 2003a, 2003b, 2004), outra hipótese proposta que também defende o Acesso Total à GU, foi confirmada no nosso estudo do nível avançado. No Quadro 10, do ponto 4.2.3, com base em Snape (2006), Mayo e Hawkins (2009) e Balde (2011), listámos os estudos realizados sobre a flutuação na escolha do artigo L2. Esta hipótese não foi confirmada com os aprendentes chineses L2 (excepto em relação ao estudo de Tryzna, 2009). Neste sentido, o que encontrámos no nosso trabalho, e suporta a FH, fornece uma referência valiosa para testar a aplicação da FH aos aprendentes chineses. No caso dos aprendentes chineses a adquirir o artigo, eles flutuam entre a definitude e a especificidade, tendo ultrageneralizado o AD em contextos [-def, +esp] e o AI em contextos [+def, -esp]. Esta flutuação é uma característica própria dos aprendentes, sendo considerada uma propriedade do desenvolvimento da L2. Segundo a FH, com uma exposição prolongada à LA, os aprendentes de L2 vão conseguir estabelecer o valor apropriado. Então, os aprendentes chineses têm acesso às especificações possíveis do uso do artigo. Contudo, têm dificuldade em escolher as especificações particulares para a sua L2. Os *input* que funcionam como gatilhos começam a exercer um papel e vão conduzir os aprendentes de L2 a optar pela escolha do artigo com base na definitude.

Além disso, Ionin *et al* (2003a, 2003b, 2004) admitem que os gatilhos relacionados com o ACP são particularmente difíceis do ponto de vista da ASL porque eles não surgem da configuração sintáctica. Para determinar se o AD é [+def] ou [+esp], os aprendentes de L2 precisam de avaliar a situação discursiva e decidir se o AD está a marcar a pressuposição de unicidade (da perspectiva do ouvinte) ou a existência de uma propriedade conhecida (da perspectiva do falante). Sabemos que os aprendentes chineses têm muita dificuldade em identificar a referencialidade a nível discursivo. Os dados das duas experiências revelaram que os informantes chineses falharam no estabelecimento de uma cadeia referencial e o valor de referencialidade foi identificado através de elementos locais, em vez de a nível discursivo. Tal como a FH prediz, os gatilhos discursivos são difíceis de identificar. Mesmo que tenha sido confirmada a FH, será que esses aprendentes conseguirão adquirir totalmente o parâmetro D e ter uma *performance* como nativos no uso do artigo?

Vale a pena também mencionar o facto de Ionin *et al* (2004:12) afirmarem que o ACP é uma declaração apenas sobre a função discursiva do artigo, e a definitude e a especificidade não são as únicas propriedades que o artigo codifica. Segundo a argumentação de Tryzna (2009:75), o papel de um parâmetro é restringir a variação de opções disponíveis em línguas naturais, e o ACP não é excepção. O papel da FH é permitir uma opção adicional, especialmente numa fase transitória em que dois parâmetros competem na ILG dos aprendentes L2. Assim, se a fixação dos dois parâmetros e a flutuação entre eles são as únicas opções dos aprendentes, o uso do artigo pelos aprendentes chineses não deveria exhibir padrões que estão fora destas opções. Então, o uso do artigo muito marcado pela ultrageralização do AD, que se verificou no presente trabalho, não é possivelmente atestado do ponto de vista do ACP. Por isso, na opinião de Chomsky e Lasnik (1993), o ACP devia ser

considerado como uma generalização interlinguística em vez de um parâmetro no sentido dos Princípios e Parâmetros. No entanto, os resultados de Ionin *et al.* (2003a, 2003b) sugeriram que mesmo os alunos de nível avançado de inglês L2, com ampla exposição ao *input* natural, apresentam variabilidade no uso do artigo, o qual não pode ser adquirido com sucesso apenas pelo ACP e pela FH. Nestas circunstâncias, a confirmação da FH, pela nossa verificação, não significa a possibilidade da aquisição total do artigo, ou seja do restabelecimento deste valor paramétrico. Todas estas afirmações e o que encontramos através da nossa análise apontam para a limitação e a restrição do ACP e da FH.

7.3.3 Conclusão

O desempenho dos aprendentes reflecte-se nos dados da produção que servem como evidência para estruturas frágeis subjacentes. Segundo a primeira hipótese, a reflexão foi feita a partir da perspectiva de que o dístico assenta ao nível da sintaxe. A segunda hipótese assume que existe uma falha no mapeamento entre traços abstractos e manifestações morfológicas superficiais. A última hipótese declara que o desvio se deve à falta de conhecimento a nível discursivo sobre a referencialidade. Neste estudo, foi confirmado na perspectiva da FFFH que os aprendentes têm acesso parcial à GU porque se observou que eles, apesar do tempo de estudo, não conseguem ter acesso total aos traços funcionais não instanciados na sua L1, isto é a sua gramática L2 (*interlingue*) nunca irá ser igual à dos nativos. Por outro lado, não foi possível validar-se a MSIH, tendo sido, porém, verificado que os aprendentes têm acesso a um parâmetro da GU que lhes facultava a escolha do artigo por uma das propriedades discursivas que o artigo codifica, o que está conforme a FH.

Em resumo, consideramos que o presente estudo contribui para a área da ASL na medida em que os nossos resultados estão consistentes com a hipótese de acesso parcial à GU. Os erros detectados nos dados recolhidos através de recontar da parte inicial de um filme e de entrevistas individuais, como também na tarefa de elicitación forçada, são devidos ao *deficit* sintático na ILG dos aprendentes chineses. Por isso, conclui-se que o parâmetro D parece não vir a ser adquirido totalmente pelos aprendentes chineses.

7.4 Considerações finais

O presente estudo descreve, de uma forma global, o desempenho dos aprendentes chineses no uso do artigo. Tendo em consideração que todos os informantes são estudantes universitários a frequentar o curso de português, os erros detectados têm o seu valor representativo no sentido de fornecer pistas para aplicação de estratégias pedagógicas apropriadas e direccionadas ao ensino/aprendizagem de português. Tendo sido verificado, neste estudo feito em redor da exactidão do uso do artigo por informantes chineses de dois níveis diferentes, que os aprendentes do nível linguístico mais elevado, mesmo tendo tido experiência de vivência em países lusófonos, não manifestaram uma melhoria significativa no emprego desta categoria gramatical, os aprendentes chineses de português L2 devem prestar atenção ao uso desviado do artigo e a sua aquisição merece dedicação ao longo de todo o processo de aquisição/aprendizagem.

No nosso estudo, não se verificou uma omissão muito marcada do artigo, o que evidencia um efeito pequeno da transferência de L1 neste sentido. Foi explicado anteriormente, que a transferência de L1 é evidente especialmente na fase inicial de aquisição de L2. À medida que os aprendentes estão mais expostos ao *input* da LA, a transferência de L1 vai perdendo a sua influência e os gatilhos da LA ganham mais força. Portanto, deve ser entendido que a L1 dos aprendentes chineses vai deixando de ter o seu impacto na aquisição de português L2. Além disso, é fundamental os aprendentes saberem que a função primária do artigo como um instrumento da língua é sinalizar gramaticalmente a presença de um SN, porque, ao ter esta noção, os aprendentes chineses podem evitar a omissão, especialmente do AD em contextos em que o uso do artigo é redundante, ou antes de um SD adjectivado, ou em outros casos em que o AD é facilmente omitido devida à Hipótese de Carga de Informação.

Também deve ser referido que os nossos informantes chineses ainda não são sensíveis ao traço [$\pm$ def] (ou [+HK]), o factor fundamental discursivo que se liga ao conhecimento do ouvinte, e que a escolha de um artigo pelos mesmos depende da consideração local de uma série de itens lexicais, em vez da cadeia anafórica a nível discursivo. Por isso, devemos tirar o proveito desta vantagem que os factores exercem directamente no uso do artigo localmente, quando planeamos tarefas e materiais didácticos para o ensino/aprendizagem desta categoria gramatical. Ao mesmo tempo, é importante fazer os aprendentes entenderem que a interpretação da referencialidade de um SD é feita com base na definitude.

Antes de terminarmos o nosso trabalho, queremos referir que, como foi apresentado na parte da Introdução, o presente trabalho feito numa determinada perspectiva contribui para o estudo da área da ASL. Estamos conscientes de que este estudo deixa aspectos por aperfeiçoar e aprofundar, por exemplo, se o traço Num é

fundamental para a escolha do AI e do AN, uma questão que não chegou a ser abordada devido à limitação causada pelos dados obtidos. Outro aspecto que pretendemos abordar em investigação futura é a influência que o conhecimento de uma outra língua estrangeira poderá exercer na aquisição do artigo por aprendentes chineses de português L2.



Referências Bibliográficas

- ABNEY, S. 1987. *The English Noun Phrase in its Sentential Aspect*. Dissertação de Doutorado. Massachusetts Institute of Technology (MIT).
- ALEXANDRE, N e HAGEMEIJER, T, 2007. Bare Nouns and the Nominal Domain in Santome, In Marlyse Baptista & Jacqueline Guéron (eds), *Noun Phrases in Creole Languages: a multi-faceted approach*, 37-59, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins
- ANDERSON, R. 1984. *Second Language: A Cross-Linguistic Perspective*. Rowley, Mass.: Newbury House.
- AREAL, A, 1992. *Curso de Português: Questões de Gramática. Noções de Latim*. 5ª edição. Portugal: Edições ASA.
- AVERY, P. e RADIŠIĆ, M. 2007. Accounting for Variability in the Acquisition of English Articles. *Proceedings of the 2nd Conference on Generative Approaches to Language Acquisition North America (GALANA)*, ed. Alyona Belikova *et al.*, 1-11. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project.
- AZEVEDO, M.M. 2005. *Portuguese: A Linguistic Introduction*. Cambridge University Press.
- BALDÉ, N. R. 2011. *A Aquisição do artigo em português L2 por falantes de L1 russo*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- BAXTER, A. N., *et al.* 1997. Gender Agreement as a “Decreolizing” Feature of an Afro-Brazilian Dialect. In *Journal of Pidgin & Creole Languages* 12:1, 1-57. John Benjamins.
- BAXTER, A. N. e LOPES, N, 2009. O Artigo Definido, In *O Português Afro-Brasileiro*, organizadores Dantes Lucchesi, Alan Baxter e Ilza Ribeiro, Salvador: EDUFBA.
- BAYLEY, R. e PRESTON, D. R. (eds.). 1996. *Second Language Acquisition and Linguistic Variation*. Amsterdam: John Benjamins.
- BERGERON-MATOBA, J. 2007. *Acquisition of the English Article System in SLA and the Missing Surface Inflection Hypothesis*. University of Queensland Working Papers in Linguistics, 1. Disponível em <http://www.library.uq.edu.au/ojs/index.php/uqwp/article/view/9>
- BERNSTEIN, J. 2001. The DP Hypothesis: Identifying Clausal Properties in the Nominal Domain. Mark Baltin & Chris Collins (ed.) *The Handbook of Contemporary Syntactic Theory*. Foreign Language Teaching and Research Press. Blackwell Publishers Ltd.

- BICKERTON, D. 1981. *Roots of Language*. Karoma Publishers, Inc.
- BICKERTON, D. 1988. Creole languages and the bioprogram, in Newmeyer, F.J., *Linguistics: The Cambridge survey*, 2, Cambridge: Cambridge University Press. (Cópia)
- BICKERTON, D. 2000. How to Acquire language without Positive Evidence: What Acquisitionists Can Learn from Creoles. In Michel DeGraff (ed.), *Language creation and language change*. Cambridge, MA: MIT Press.
- BLEY-VROMAN, R., FELIX, S e LOUP, G. 1988. The accessibility of Universal Grammar in adult language learning, in *Second Language Research* 4: 1-32.
- BOS, P., HOLLENRANDSE, B e SLEEMAN, P. 2004. The pragmatics-syntax and the semantics-syntax interface in acquisition. *IRAL*, 42, 101-10.
- BROWN, H. D. 1987. *Principles of Language Learning and Teaching*. E.U.A.:Prentice-hall, Inc.
- BUTLER, Y. G. 2002. Second Language Learners' Theories on the Use of English Articles. *SSLA*, 24, 451-480. Cambridge University Press.
- CALLOU, D. *et al.* 2002. Dinâmica do Específico e do Genérico: artigo definido e construções existenciais. Veredas - *Revista de Estudos Linguísticos*, Juiz de Fora, V. 4, nº 2, 81 - 88.
- CARNIE, A. 2007. *Syntax: A Generative Introduction*. Blackwell Publishing.
- CAROL, M e JANICE, L. JAKE. 2000. Four Types of Morpheme: Evidence From Aphasia, Code Switching, and Second-Language Acquisition. *Linguistics* 38-6, 1053-1100.
- CHAUDRON, C. e PARKER, K. 1990. Discourse markedness and structural markedness: The acquisition of English noun phrases. *Studies in Second Language Acquisition* 12: 43-64.
- CHEN, P. 2004. Identifiability and definiteness in Chinese. *Linguistic – an Interdisciplinary Journal of the Language Sciences*. Volume 42-6. Haia: Mouton.
- CHENG, Hsu-Te Johnny. 2011. On the DP/NP Analysis of Mandarin Chinese and its Implications. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*. Volume 17. Issue 1 Proceeding of the 34th Annual Penn Linguistics Colloquium, Article 8.
- CHENG, Lisa L.-S., e SYBESMA, Rint. 1998. Yiwan tang, yige tang: classifiers and massifiers. *Tsing Hua Journal of Chinese Studies*, New Series 28.3:385-412
- CHENG, Lisa L.-S., e SYBESMA, Rint. 1999. Bare and Not-So-Bare Nouns and the

- Structure of NP. *Linguistic Inquiry* 4, 509-542.
- CHIERCHIA, G.. 1998. Reference to kinds across languages, *Natural Language Semantics* 6: 339-405.
- CHOMSKY, N. 1972. *Language and Mind*. (Edição ampliada). New York: Harcourt Brace Jovanovich.
- CHOMSKY, N. 1981. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.
- CHOMSKY, N. 1986. *Knowledge of Language: Its Nature, Origin and Use*. New York: Praeger.
- CHOMSKY, N. 1995. *The Minimalist Program*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- CHOMSKY, N. 2000. *New Horizons in the Study of Language and Mind*. Cambridge: University Press.
- CHOMSKY, N e LASNIK, H. 1993. The theory of principles and parameters. In J. Jacobs, A. von Stechow, W. Sternefeld & T. Vennemann (orgs.), *Syntax: International Handbook of Contemporary Research*. Berlin: de Gruyter.
- CLAHSEN, H. 1988. Parameterized grammatical theory and language acquisition: a study of the acquisition of verb placement and inflection by children and adults, in Flynn, S. and W. O'Neil (ed.), *Linguistic Theory in Second Language Acquisition*. Dordrecht: Kluwer.
- CLAHSEN, H e MUYSKEN, P. 1986. The availability of Universal Grammar to adult and child learners: a study of the acquisition of German Word order. in *Second Language Research* 5: 1-29.
- CLAHSEN, H. e MUYSKEN, P. 1989. The UG paradox in L2 acquisition . *Second Language Research*, 5, 1-29.
- COOK, V. J. 1988. *Chomsky's Universal Grammar: an Introduction*. Oxford: Basil Blackwell.
- COOK, V. J. e NEWSON, M. 1996. *Chomsky's Universal Grammar: An Introduction*. Blackwell Publishers e Foreign Language Teaching and Research Press
- CORDER, S. Pit. 1973. *Introducing Applied Linguistics*. Inglaterra: Penguin Books.
- CORDER, S. Pit. 1980. "The Significance of Learners' Errors". In *Error Analysis – Perspectives on Second Language Acquisition*. Edição de Richards, Jack C.. 5ª impressão. Londres: Longman Group Limited.
- CORDER, S. Pit. 1981. *Error Analysis and Interlanguage*. Oxford University Press.

- CORDER, S. Pit. 1981. *The Study of Interlanguage*. Oxford University Press.
- DUARTE, I e BRITO, A. 1996. Sintaxe. In *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Isabel H. Faria et al. (org.). Lisboa: Editorial Caminho, SA
- DUŠKOVÁ, L. 1969. On sources of errors in foreign language learning. *International Review of Applied Linguistics in Language Teaching* 7:11 – 36.
- EKIERT, M. 2004. Acquisition of the English Article System by Speakers of Polish in ESL and EFL Settings. *Teachers College, Columbia University Working Papers in TESOL e Applied Linguistics*, Vol. 4, No. 1.
- EKIERT, M. 2007a. The Acquisition of Grammatical Marking of Indefiniteness with the Indefinite Articles *a* in L2 English. *Teachers College, Columbia University Working Papers in TESOL e Applied Linguistics*, Vol. 7, No.1.
- EKIERT, M. 2007b. Variability in Second Language Article Production: Beyond the Representational Deficit Vs. Processing Constraints Debate. *Second Language Research* 23(3).289-327.
- ELLIS, R. 2002. *The Study of Second Language Acquisition*. 9ª edição. Reino Unido: Oxford University Press.
- EUBANK, L. 1993/1994. On the transfer of parametric values in L2 development. *Language Acquisition* 3 (3): 183 – 208.
- FARIA, I. H. et al. (org.). 1996. *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, SA.
- FERNÁNDEZ, S. 1997. *Interlengua y Análisis de Errores – en el aprendizaje del español como lengua extranjera*. Espanha: Edelsa Grupo Didascalía, S.A..
- FLYNN, S. 1996. A parameter-setting approach to second language acquisition. In W. Ritchie e T. Bhatia (eds), *Handbook of Second Language Acquisition*, 121 – 158. San Diego, CA: Academic Press.
- FRANCESCHINA, F. 2002. Case and phi-feature agreement in advanced L2 Spanish grammars. *EUROSLA Yearbook*, 2:71-86. John Benjamins Publishing Company.
- FRANCESCHINA, F. 2003. Parameterized Functional Features and SLA. In Liceras, J. M. et al. (eds), *Proceedings of the 6th Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference* (GASLA 2002), 97 – 105. Somerville, MA: Cascadilla Proceeding Project.
- GAO, Lili. 2001: *Classificadores em Chinês e Quantificadores em Português – descrição, comparação, tradução e didáctica*. Dissertação de Mestrado em Língua e Cultura Portuguesas – Estudos Linguísticos, apresentada à Universidade de Macau.

- GELMAN, Susan A. e TARDIF, T. 1998. A Cross-linguistic Comparison of Generic Noun Phrases in English and Mandarin. Elsevier Science B.V., *Cognition* 66, 215-248.
- GOAD, H. e WHITE, L. 2004. Ultimate attainment of L2 inflections: Effects of L1 prosodic structure. In: Foster-Cohen, S., Ota, M., Sharwood Smith, M.A. e Sorace, A. (eds.), *EUROSLA Yearbook*, 119 – 145. Amsterdam: John Benjamins.
- GOAD, H e WHITE, L. 2009. Article in Turkish/English Interlanguage Revisited: Implications of Vowel Harmony. Ed. María D. P. Garcia Mayo e HAWKINS, Roger, Hawkins. *Second Language Acquisition of Articles*. John Benjamins B.V.
- GODINHO, Ana Paula Batista Marques Cleto de Oliveira. 2005. *A Aquisição da Concordância de Plural no Sintagma Nominal por Aprendentes Chineses de Português Língua Estrangeira*. Dissertação de Doutorado em Linguística Aplicada apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- GOTO, B. Y. 2002. Second language learners' theories on the use of English articles. *Studies in Second Language Acquisition* 24. 451-480.
- GROSSO, M. José. 1999. *O Discurso Metodológico do Ensino do Português em Macau a Falantes de Língua Materna Chinesa*. Dissertação de doutoramento em Linguística Aplicada apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- GUNDEL, J.K., HEDBERG, N., e ZACHARSKI, R. 1993. Cognitive status and the form of referring expressions in discourse. *Language*, 69 (2), 274-307.
- GUY, G.R e ZILLES, Ana. 2007. *Sociolinguística Quantitativa*. Parábola Editorial, São Paulo.
- HAWKINS, R. 1978. *Definiteness and Indefiniteness*. Londres. Croom Helm.
- HAWKINS, R. 1993. The Selective Availability of Universal Grammar in Second Language Acquisition: a specifier-head / head – complement developmental asymmetry. *Transactions of the Philological Society*, 91:215 – 245.
- HAWKINS, R. 1998. *Explaining the Difficulty of French Gender Attribution for Speakers of English*. Comunicação apresentada na 8ª Conferência Annual EUROSLA, Paris.
- HAWKINS, R. 2000. *Persistent Selective Fossilization in Second Language Acquisition and the Optimal Design of the Language Faculty* . Essex Research Reports in Linguistics, 34, 75-90
- HAWKINS, R. 2001. *Second Language Syntax*. Blackwell Publishing.

- HAWKINS, R. 2004. Explaining full and partial success in the acquisition of second language grammatical properties. Paper presented at *J-SLA* 2004, Gunma Prefectural Women's University, Gunma, Japan.
- HAWKINS, R. e CHAN, C. Y.H. 1997. The Partial Availability of Universal Grammar in Second Language Acquisition: The Failed Functional Features Hypothesis. *Second Language Research* 13(3). 187-226.
- HAWKINS, R. e LISZKA. 2003. Locating the source of defective past tense marking in advanced L2 English speakers. In R. van Hout, A. Hulk & Towel (eds.), In *The Lexical/syntax Interface in Second language Acquisition* (22-44). Amsterdam: John Benjamins.
- HAWKINS, R. e FRANCESCHINA, F. 2004. Explaining the Acquisition and non – Acquisition of Determiner – noun Gender Concord in French and Spanish. *Acquisition of French in Different Contexts: Focus on Functional Categories*. Preyost, Philippe. Philadelphia, PA, USA: John Benjamins Publishing Company. <http://site.ebrary.com/lib/umac/Doc?id=10052860&ppg=183>. (16 de Junho de 2009)
- HAWKINS, R. *et al.* 2005. Non-target-like article use in L2 English – implication for current UG-based theories of SLA. *EUROSLA 15*.
- HAWKINS, R., *et al.* 2006. Accounting for English article interpretation by L2 speakers, In Foster-Cohen, S. H. (ed.), *EUROSLA Yearbook*, 6, 7-25. Amsterdam: John Benjamins.
- HAZNEDAR, B e SCHWARTZ, B.D. 1997. Are there optional infinitives in child L2 acquisition? In E Hughes, M Hughes & A Greenhill (eds) *Proceedings of the 21st Annual Boston University Conference on Language Development*. Cascadia Press Somerville, MA. 257-268.
- HE, Y. 2008. *Xiandai Hanyu Ouhua Yufa Xianxiang Yanjiu (Estudo sobre o fenômeno gramatical de ocidentalização do chinês moderno)*. Beijing: The Commercial Press.
- HERSCHENSOHN, J. 2000. *The Second Time Around: Minimalism and L2 Acquisition*. Amsterdam: John Benjamins.
- HIKI, M. 1990. The judgement of noun countability by Japanese college students: Where is the difficulty? *JACET Bulletin*, 21, 19-38.
- HOPP, H. 2004. Syntactic and interface knowledge in advanced near-native interlanguage grammars. In Foster-Cohen, S, M.A. Sharwood Smith, A. Sorace e M. Ota, (eds.), *EUROSLA Yearbook*, 4, (67-94). Amsterdam: John Benjamins.
- HUA, D e LEE, T. 2005. *Chinese ESL Learners' Understanding of the English Count-Mass Distinction*. In Proceeding of the 7th Generative Approaches to

- Second Language Acquisition Conference (GASLA 2004). In L. Dekydtspotter, R. A. Sprouse e A. Liljestr nd (ed.), Somerville, MA. (pp. 138-49). Cascadilla Proceeding Project.
- HUEBNER, T. 1983. *A Longitudinal Analysis of the Acquisition of English*. Ann Arbor: Karoma.
- HUEBNER, T. 1985. System and variability in interlanguage syntax. *Language Learning* 35, 141 – 63.
- HUMPHREY, S. J. 2007. Acquisition of the English Article System: Some Preliminary Findings. *Journal of School of Foreign Languages, Nagoya University of Foreign Studies* 32, 301-325.
- IONIN, T. 2003. *Article Semantics in Second Language Acquisition*. Massachusetts Institute of Technology.
- IONIN, T. *et. al* 2003a. The certain use of *the* in L2-English in J M Liceras *et al.* (eds) *The 6th Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference* Cascadilla Somerville, MA. 150-160.
- IONIN, T *et. al* . 2003b. Specificity as a grammatical notion: Evidence from L2-English article use, In G. Garding and M. Tsujimura (eds.), *Proceedings of WCCFL 22*, Cascadilla Press, 245-258.
- IONIN, T., *et. al.* 2004. Article Semantics in L2-acquisition: the role of specificity. *Language Acquisition*, 12, (1), 3-69.
- IONIN, T., *et al.* 2008. Sources of Linguistic Knowledge in the Second Language Acquisition of English Articles. *Lingua* 118 (4). 554-576. Elsavier.
- IONIN, T e MONTRUL, S. 2009. Article Use and Generic Reference: Parallels Between L1 – and L2 – Acquisition. Ed. María D. P. Garcia Mayo e HAWKINS, Roger, Hawkins. *Second Language Acquisition of Articles*. John Benjamins B.V.
- JAENSCH, C. 2009 Article Choice and Article Omission in the L3 German of Native Speakers of Japanese eith L2 English. Ed. María D. P. Garcia Mayo e HAWKINS, Roger, Hawkins. *Second Language Acquisition of Articles*. John Benjamins B.V.
- JANCZURA, G. A *et al.* 2007. Normas de Concretude para 909 palavras da Língua Portuguesa. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Vol 23 n.2, 195-204. Universidade de Brasília.
- JARVIS, S. 2002. Topic Continuity in L2 English Article Use. *SSLA*, 24, 387-418. Cambridge University Press.
- JACKENDOFF, R. 1992. Parts and boundaries in B Levin e S Pinker (eds) *Lexical and Conceptual Semantics* Blackwell Oxford 9-47.

- JIN, F. *et al.* 2009. Variability in the L2 Acquisition of Norwegian DPs: An Evaluation of Some Current SLA Models. Ed. María D. P. Garcia Mayo e HAWKINS, Roger, Hawkins. *Second Language Acquisition of Articles*. John Benjamins B.V.
- KABU, K. 2006. Second Language Learners' Use of English Articles: A Case Study of Native Speakers of Japanese. *CLO/OPL* Janvier/January, Vol. 34. 63-74.
- KALUZA, H. 1963. Teaching the English articles to speakers of Slavic. *Language Learning* 13: 113-24.
- KIM, H. C. 2005. *Aquisição do Artigo Definido em Português como Segunda Língua por Aprendentes Coreanos*. Dissertação de Doutorado em Letras apresentada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- KIM, L.K. e LAKSHMANAN, U. 2009. The Processing Role of the Article Choice Parameter: Evidence from L2 Learners of English. Ed. María D. P. Garcia Mayo e HAWKINS, Roger, Hawkins. *Second Language Acquisition of Articles*. John Benjamins B.V.
- KRIFKA, M. 1995. Common nouns: a contrastive analysis of Chinese and English, in: G. Carlson and F. Pelletier (eds.), *The Generic Book*. The University of Chicago press, Chicago, p. 398-411.
- KURIBARA, C. 1999. Resettability of a syntactic parameter: Acquisition of category D in English by adult Japanese speakers. *Representation and Process: Proceedings of the 3rd Pacific Second Language Research Forum*, 13-22.
- LAN, Yu-Su *et al.* 2010. The Effect of Article on Chinese into English Translation Accuracy. *Boletim de Estudos de Tradução*, Vol.13, 91 – 130, Taiwan.
- LANG, Y. 2010. *Grammar and the Chinese ESL Learner – A Longitudinal Study on the Acquisition of the English Article System*. Cambria Press. EUA.
- LARDIERE, D. 1998. Case and Tense in the fossilized steady state. *Second Language Research* 14. 1-26
- LARDIERE, D. 2000. Mapping Features to Forms in Second Language Acquisition in J Archibald (ed). *Second Language Acquisition and Linguistic Theory*. Blackwell Malden, MA, Oxford. 102-129.
- LARDIERE, D. 2004. Knowledge of definiteness despite variable article omission in second language acquisition, in A Brugos, L Micciulla & C E Smith (eds) *BUCLD 28 Proceedings* Cascadilla Press Somerville, MA. 328-339.
- LARDIERE, D. 2005. On morphological competence, in L Dkydtpotter *et al.* (eds). *Proceedings of the 7th GASLA* Cascadilla Proceedings Project Somerville, MA. 178-192.

- LARSEN-FREEMAN, D. 1975. The acquisition of grammatical morphemes by adult ESL student. *TESOL Quarterly* 9:409-19.
- LEIRIA, I., 2001. *Léxico: Aquisição e Ensino do Português Europeu Língua não Materna*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- LENNEBERG, E. 1967. *Biological Foundations of Language*. John Wiley & Sons, Inc. EUA.
- LEUNG, Yan-kit Ingrid. 2007. Second Language (L2) English and Third Language (L3) French Article Acquisition by Native Speakers of Cantonese. *International Journal of Multilingualism*, Vol.4, No. 2, 117 – 149.
- LI, C. N. e THOMPSON, S.A.1989. *Mandarin Chinese*. E.U.A.: University of California Press.
- LICERAS, J. 1989. On some properties of the pro-drop parameter: looking for missing subjects in non-native Spanish, in Gass, S. & J. Schachter (eds), *Linguistic Perspectives on Second Language Acquisition*. Cambridge, CUP.
- LIU, D e GLEASON, J.L. 2002. Acquisition of the article the by non-native speakers of English: An Analysis of Four Nongeneric Uses. *Studies in Second Language Acquisition*, 24, 1-26. Cambridge University Press.
- LONG, M., 2003. Stabilization and Fossilization in Interlanguage Development. In *The Handbook of Second Language Acquisition*, ed. Doughty, C., e M. H. Long,. Oxford: Blackwell.
- LONGOBARDI, G. 2001. The Structure of DPs: Some Principles, Parameters, and Problems. Mark Baltin e Chris Collins (ed.) *The Handbook of Contemporary Syntactic Theory*. Foreign Language Teaching and Research Press. Blackwell Publishers Ltd.
- LU, Crystal Fen-Chuan. 2001. The Acquisition of English Articles by Chinese Learners. *Second Language Research* 20(1). 43-78.
- LUCCHESI, D e LOBO, T. 1996. Aspectos da sintaxe do Português Brasileiro. In *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Isabel H. Faria et al. (org.). Lisboa: Editorial Caminho, SA
- LYONS, C. 1999. *Definiteness*. Cambridge, Reino Unido: Cambridge University Press.
- MASTER, P. 1987. *A Cross-Linguistic Interlanguage Analysis of the Acquisition of the English Article System*. Unpublished doctoral dissertation, UCLA.
- MASTER, P. 1990. Teaching the English articles as a binary system. *TESOL Quarterly* 24, 2: 461 – 478.

- MASTER, P. 1994. The effect of systematic instruction on learning the English article system. In: T. Odlin (ed.), *Perspectives on Pedagogical Grammar* (229-252). New York: Cambridge University Press.
- MASTER, P. 1997. The English article system: Acquisition, function and pedagogy. *System*, 25(2), 215-232.
- MATEUS, M. H. M. *et al.* 2003. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, SA.
- MAYO, Maria D.P. Garcia. 2009. Article choice in L2 English by Spanish speakers. Ed. Maria D. P. Garcia Mayo e HAWKINS, Roger, Hawkins. *Second Language Acquisition of Articles*. John Benjamins B.V.
- MAYO, Maria D.P. Garcia e HAWKINS, R. 2009. *Second Language Acquisition of Articles*. John Benjamins B.V.
- MEISEL, J. 1991. Principles of Universal Grammar and strategies of language learning: some similarities and differences between first and second language acquisition. In Eubank, L. editor, *Point counterpoint: Universal Grammar in the second language*. Amsterdam: John Benjamins, 231-76.
- MEISEL, J. 1997. The acquisition of the syntax of negation in French and German: Contrasting first and second language development. *Second Language Research*, 13:227 - 263.
- MITCHELL, R. e MYLES, F. 2004. *Second Language Learning Theories*. Hodder Arnold.
- MONTRUL, S. 2004. *The Acquisition of Spanish: Morphosyntactic development in monolingual and bilingual L1 acquisition and adult L2 acquisition*. Amsterdam: John Benjamins.
- MURPHY, S. 1997. *Knowledge and Production of English Articles by Advanced Second Language Learners*. Tese de doutoramento apresentada à Universidade de Texas, Austin.
- MYERS-SCOTTON, C. e JAKE, J. 2000. Four Types of morpheme: evidence from aphasia, code switching, and second-language acquisition. *Linguistics*, 38 (6):1053-1100.
- NEVES, M. H. M. 2000. *Gramática de Usos do Português*. 4ª Reimpressão. São Paulo: Editora UNESP.
- NEWPORT, E.L. 2002. Critical periods in language development. In L. Nadel (Ed.), *Encyclopedia of Cognitive Science*. London: Macmillan Publishers Ltd./Nature Publishing Group.
- ODLIN, T., 2003. Cross-Linguistic Influence. In *The Handbook of Second Language Acquisition*, ed. Doughty, C., e M. H. Long. Oxford: Blackwell.

- OLIVEIRA, Fátima. 1996. Semântica. In *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Isabel H. Faria et al. (org.). Lisboa: Editorial Caminho, SA
- OUHALLA, J. 1991. *Functional Categories and Parametric Variation*. Nova Iorque: Routledge.
- PAOLILLO, J.C. 2002. *Analyzing Linguistic Variation. Statistical Models and Methods*. Leland Stanford Junior University: CSLI Publications.
- PARAGUASSU-MARTINS, N. e MULLER, A. 2007. A Distinção Contável-Massivo nas Línguas Naturais. *Revista Letras, Curitiba*, N. 73, p. 169-183, Set/Dez. 2007. Editora UFPR.
- PARK, K. J. *et al.* 2000. *Language Teaching*. Seoul: Bakyung.
- PARRISH, B. 1987. A new look at methodologies in the study of article acquisition for learners of ESL. *Language Learning* 37, 361-83.
- PARODI, T. *et al.* . 1997. On the L2 acquisition of the morphosyntax of German nominals. Essex Research Reports in *Linguistics* 15, 1-44.
- POLIO, C. G. 1992. *Nominal Reference in the Chinese Interlanguage of English and Japanese Speakers*. Dissertação de doutoramento , Universidade de Califórnia.
- PRESTON, D. R. 1996. Variationist Perspective on Second Language Acquisition. *Second Language Acquisition and Linguistic Variation*, ed. Bayley Robert & Preston, Dennis R., John Benjamins Publishing Company.
- PRÉVOST, P. 1997. *Truncation in Second Language Acquisition*. Doctoral dissertation, McGill University.
- PRÉVOST, P. e WHITE, L 1999. *Accounting for Morphological Variation in Second Language Acquisition: truncation or missing inflection?* In Friedemann, M-A. and Rizzi, L., editors, The acquisition of syntax. London: Longman, 202-35.
- PRÉVOST, P. e WHITE, L. 2000. Missing surface inflection or impairment in second language acquisition? Evidence from tense and agreement. *Second Language Research* 16. 103-133.
- RADFORD, A. 1997. *Syntax: A Minimalist Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press.
- RAPOSO, E. P. 1992. *Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem*. Lisboa: Editorial Caminho.
- RICHARDS, J. C. e SAMPSON, C. P. 1980. "The Study of Learner English". In *Error Analysis – Perspectives on Second Language Acquisition*, edição de

- Richards, Jack C., 5ª impressão. Londres: Longman Group Limited.
- RICHARDS, J. 1980. "A Non-Contrastive Approach to Error Analysis". In *Error Analysis – Perspectives on Second Language Acquisition*, edição de Richards, Jack C., 5ª impressão. Londres: Longman Group Limited.
- RINGBOM, H. 1985. The influence of Swedish on the English of Finnish learners. In Håkan Ringbom (ed.). *Foreign Language Learning and Bilingualism*. Åbo: Åbo Akademi, 39- 71.
- ROBERTSON, D. 2000. Variability in the Use of the English Article System by Chinese Learners of English. *Second Language Research* 16(2).135-172.
- ROMAINE, S. 2003. Variation. In Catherine J. Doughty e Michael H. Long (ed) *The Handbook of Second Language Acquisition*. Blackwell Publishing.
- RULLMANN, H. e A. You, 2006, General Number and the Semantics of Indefinite Bare Nouns in Mandarin Chinese. In *Where semantics meets pragmatics*, K. von Stechow and K. Turner (eds.):175-196. Amsterdam: Elsevier.
- RUTHERFORD, W. 1987. *Second Language Grammar: Learning and teaching*. Londres: Longman.
- SARKO, G. 2009. L2 English Article Production by Arabic and French Speakers. Ed. Maria D. P. Garcia Mayo e HAWKINS, Roger, Hawkins. *Second Language Acquisition of Articles*. John Benjamins B.V.
- SCHMIDT, R e FROTA, S. 1986. Developing basic conversational ability in a second language: a case study of an adult learners of Portuguese. In. DAY, R.R. (ed) *Talking to Learn: conversation in second language acquisition*. Rowley: Newbury House, 237-326.
- SCHWARTZ, B e SPROUSE, R. 1996. L2 cognitive states and the Full Transfer/Full Access model. *Second Language Research*, 12, (1), 40-72
- SELINKER, L. 1992. *Rediscovering Interlanguage*. Inglaterra: Longman Group UK Limited.
- SILVA, V. 2010. *A Aquisição da Flexão de Género e Número no Predicativo*. Dissertação de Mestrado em Linguística, apresentada à Universidade de Macau.
- SMITH, N.V. e TSIMPLI, I.M. 1995. *The Mind of a Savant: language learning and modularity*. Oxford. Blackwell.
- SNAPE, N. 2005. Article Use in L2 English: Missing Surface Inflection Hypothesis (MSIH) or Representational Deficit Hypothesis (RDH)?. *CamLing 2005 Proceeding*. 159-165.
- SNAPE, N. 2006. *The Acquisition of the English Determiner Phrase by Japanese*

and Spanish Learners of English. Dissertação de Doutoramento em Língua e Linguística apresentada ao Departamento de Língua e Linguística da Universidade de Essex.

- SNAPE, N. *et al.*. 2006. Comparing Chinese, Japanese and Spanish Speakers in L2 English Article Acquisition: Evidence Against the Fluctuation Hypothesis?. ***Proceedings of the 8th Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference (GASLA 2006)***, ed. Mary Grantham O'Brien, Christine Shea, e John Archibald, 132-139. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project.
- SUN, Y. A. 2008. Input Processing in Second Language Acquisition: A Discussion of Four Input Processing Models. ***Applied Linguistics***, Vol. 8. No. 1, <http://journals.tc-library.org/index.php/tesol/article/viewFile/359/260>.
- TANG, C-C Jane. 1990. ***Chinese Phrase Structure and the Extended X-bar Theory***. Ithaca: Cornell University dissertation.
- TANG, C-C Jane. 2007. Modifier Licensing and Chinese DP: A Feature Analysis. ***Language and Linguistics*** 8.4:967-1024.
- TARONE, E. e PARRISH, B. 1988. Task-related variation in interlanguage: The case of articles. ***Language Learning*** 38:21-44.
- THOMAS, M. 1989. The acquisition of English articles by first-and second-language learners. ***Applied Psycholinguistics***, 10, 335-355.
- TRENKIC, D. 2002. Form-meaning connections in the acquisition of English articles. In Foster-Cohen, S., Ruthenberg, T., Poschen, M., editors, ***EUROSLA Yearbook***. Volume 2. John Benjamins: Amsterdam, 115-33.
- TRENKIC, D. 2007. Variability in L2 Article Production – Beyond the Representational Deficit Vs. Processing Constraints Debate. ***Second Language Research*** 23 (3). 289-327
- TRENKIC, D. 2008. The Representation of English Articles in Second Language Grammars: Determiners or Adjectives? ***Bilingualism: Language and Cognition*** 11 (1). 1-18. Cambridge University Press.
- TRENKIC, D. 2009. Accounting for Patterns of Article Omissions and Substitutions in Second Language Production. Ed. María D. P. Garcia Mayo e HAWKINS, Roger, Hawkins. ***Second Language Acquisition of Articles***. John Benjamins B.V.
- TRYZNA, M. 2009. Questioning the Validity of the Article Choice Parameter and the Fluctuation Hypothesis: Evidence from L2 English Article Use by L1 Polish and L1 Mandarin Chinese Speakers. Ed. María D. P. Garcia Mayo e HAWKINS, Roger, Hawkins. ***Second Language Acquisition of Articles***. John Benjamins B.V.

- TSE, Y.K. 謝耀基. 1990. *現代漢語歐化語法概論 (Introdução à Gramática Ocidentalizada do Chinês Moderno)*. 光明圖書公司, Hong Kong 香港.
- TSIMPLI, I. e ROUSSOU, A. 1991. Parameter resetting in L2? *Linguistics* 3, 149-169.
- TSIMPLI, I. e SMITH, N. 1991. Second Language Learning: Evidence from a Polyglot Savant, in *UCL Working Papers in Linguistics*.
- VAINIKK, A e YOUNG-SCHOLTEN, M. 1994. Direct access to X'-theory: evidence from Korean and Turkish adults learning German. in Hoekstra T & Schwartz BD (ed.) *Language Acquisition Studies in Generative Grammar: Papers in Honor of Kenneth Wexler from the 1991 GLOW Workshops*. Amsterdam: John Benjamins.
- WAKABAYASHI, S. 1997. *The Acquisition of Functional Categories by Learners of English*. Dissertação de doutoramento não publicada, Universidade de Cambridge.
- WAKABAYASHI, S. 1998. *Systematicity in the Use of the Definite Article by Japanese Learners of English*. Gunma kenritsu joshi daigaku kiyo, 19.
- WHITE, L. 1985. The pro-drop parameter in adult second language acquisition. in *Language Learning* 35: 47-62.
- WHITE, L. 1989. *Universal Grammar and Second Language Acquisition*. Amsterdam: John Benjamins.
- WHITE, L. 1990. Subacency Violations and Empty Categories in Second Language Acquisition. in Goodluck. H. & M. Rochemont (eds) *Island Constraints: Theory, Processing and Acquisition*. Dordrecht: Kluwer.
- WHITE, L. 2003a. Fossilization in steady state L2 grammars: Persistent problems with inflectional morphology. *Bilingualism: Language and Cognition* 6. 129-141.
- WHITE, L. 2003b. *Second Language Acquisition and Universal Grammar*. Cambridge: Cambridge University Press.
- WHITE, L. 2008. *Different? Yes. Fundamentally? No. Definiteness Effects in the L2 English of Mandarin Speakers*. Proceeding of the 9th Generative Approaches to Second Language Acquisition Conference (GASLA2007), ed. Roumyana Slabakova *et al.*, 251-261. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project.
- WHITE, L *et al.* 2004. Gender and number agreement in non-native Spanish. *Applied Psycholinguistics* 25. Vol. 1, 105 – 133.
- WU, X-Z Zoe. 2004. *Grammaticalization and Language Change in Chinese*. RoutledgeCurzon Taylor & Francis Group. London, New York.

- YAMADA, J e MATSUURA, N. 1982. The use of the English article among Japanese students. *RELC Journal*, 13 (1), 50-63.
- YI, B-U, 2009. Chinese Classifiers and Count Nouns. *Journal of Cognitive Science*, 10 (2009): 209-225.
- YIP, C.L. 2009. *The Chinese DP*. Master Thesis. Department of Linguistics - University of Washington.
- YIP, V. 1995. *Interlanguage and Learnability From Chinese to English*. John Benjamins Publishing Company, Amsterdam/Philadelphia
- YOUNG, R. 1991. *Variation in Interlanguage Morphology*. New York: Peter Lang.
- YOUNG, R. 1996. Form-Function Relations in Articles in English Interlanguage. *Second Language Acquisition and Linguistic Variation*, ed. Bayley Robert & Preston, Dennis R., John Benjamins Publishing Company.
- ZHANG, J. 2009. *A Aquisição do Sistema de Artigos por Aprendentes Chineses de Português L2*. Comunicação apresentada no II SIMELP, Évora, Portugal
- ZHANG, J. 2011. *A Aquisição de Artigos por Aprendentes Chineses de Português L2 – Hipótese da Flutuação*. Comunicação apresentada no III SIMELP, Macau, China
- ZHANG, J. 2014. Comparação do Sistema de Determinação/Indeterminação entre a Língua Portuguesa e a Língua Chinesa. Co. Maria José Grosso e Ana Paula Cleto Godinho. *O Português na China*. Lisboa: Lidel.
- ZHANG, J. B. 2008. *Nomes Nus e Classificadores do Chinês Mandarim. Uma análise a partir da tipologia linguística sobre os sintagmas nominais*. Dissertação de Mestrado apresentado ao Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- ZHANG, N. N. 2009. *Syntactic Properties of Numeral Classifiers in Mandarin Chinese*. Lingbuzz/000854.
- ZOBL, H. 1982. A direction for contrastive analysis: the comparative study of developmental sequences. *TESOL quarterly* 16: 169-183.

Referências Enciclopédicas e Gramáticas

- ABBOTT, B. 2006. Definite and Indefinite. In Keith Browh, ed. *The Encyclopedia of Language and Linguistics*, 2a ed. Vol.3. Oxford: Elsevier, 392-399.

- ARRUDA, L. 2000. *Gramática de Português para Estrangeiros*. Portugal: Porto Editora.
- BECHARA, E. 1999. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª edição. Rio de Janeiro: Editora Lucerna.
- CASTELEIRO, J. M. *et al.* 1988. *Nível Limiar*. Conselho da Europa, ICALP. Lisboa
- CUNHA, C. e CINTRA, L. 2002. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 17ª edição. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- HUA, L. 2001. *A Grammar of Mandarin Chinese*. Lincom Europa.
- MATTHEWS, S. e YIP, V..1994. *Cantonese: A Comprehensive Grammar*. Londres: Routledge.
- VILELA, M. 1995. *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Almedina.
- 王 WANG, 锁瑛 Suoying e 鲁 LU, 晏宾 Yanbin. 1999. *葡萄牙语语法 Gramática da Língua Portuguesa*. 上海 Shanghai: 上海外语教育出版社 Publicações de Educação de Línguas Estrangeiras de Shanghai
- ZHAO, Y. X. 1996. *Gramática Concisa da Língua Chinesa*. Tradução de Maria Trigos. Macau: Instituto Politécnico de Macau.

Anexo I – Ficha Informativa

Informações Pessoais dos Informantes

1. Ano de estudo: ☐ 2º ano da universidade
☐ 4º ano da universidade
2. Nome: _____
3. Número de telefone: _____
4. Data de nascimento: _____
5. Lugar de nascimento: _____
6. Sexo: ☐ M ☐ F
7. Estado civil: _____
8. Nacionalidade: _____
9. Escola secundária: _____
10. Profissão: _____
11. Língua materna: ☐ cantonês ☐ mandarim
☐ outras (indique qual? _____ (região original da China)
12. Línguas estrangeiras: ☐ português ☐ inglês
☐ outras (indique quais? _____)
13. Estada em Portugal: ☐ sim ☐ não. Se sim, quanto tempo? _____

Anexo II – Tarefa - Recontar um Filme

**Recontar por escrito a parte inicial do filme de Chaplin
Intitulado “Limelight” - até 6m58seg**

Nome: _____ Ano: _____ Data: _____

1. Observe a cena do filme e descreva-a pormenorizadamente
2. Porque é que acha que a rapariga se tentou suicidar?
3. O que é que acha que aconteceu depois de o médico sair?
4. Finalmente, dê um fim a esta história.

Reúna todas as informações num só texto.

The logo of the University of Macau is a circular emblem. It features a central shield with a crown on top. The shield is divided into three horizontal sections: the top section shows a building, the middle section shows wavy lines representing water, and the bottom section shows a book. A banner below the shield contains the Chinese characters '仁義禮知信' (Benevolence, Righteousness, Propriety, Knowledge, Faith). The outer ring of the logo contains the text 'UNIVERSITY OF MACAU' at the top and '澳門大學' (University of Macau) at the bottom.

Anexo III - Tarefa - Entrevista Individual 1

(Alunos do 2º ano do Curso da Licenciatura em Estudos Portugueses)

1. O que é que acha de estudar aqui na Universidade. Quais foram as suas primeiras impressões? Que tipo de problemas é que teve no início?
2. Gosta dos seus colegas da Universidade? Como é que eles são?
3. O que é que o levou a começar a estudar português? Quais são os seus objectivos profissionais?
4. Qual é a importância para as pessoas de Macau falarem português?
5. Macau está a desenvolver-se muito na área do turismo e do jogo. De facto, o que pensa do futuro de Macau?
6. Quais são as vantagens e as desvantagens do desenvolvimento do jogo em Macau para o mercado de trabalho e para a sociedade em geral? O que é que pode dizer sobre isso?
7. O que acha que é preciso fazer em Macau para melhorar a qualidade de vida da população nos campos da saúde, trabalho, transportes, segurança, lazeres, educação, cultura, desporto, turismo.
8. Banda desenhada. Conte a história.

Anexo IV - Tarefa - Entrevista Individual 2

(Alunos do 4º ano do Curso da Licenciatura em Estudos Portugueses)

1. Conte a sua vida de estudo em Portugal? Fale das aulas, da universidade onde andou, da residência, dos amigos, dos tempos livres, dos passeios que fez...
2. O que pensa fazer no segundo semestre? Prefere um projecto de investigação ou um estágio profissional? Explique porquê?
3. Você tem projectos para o futuro? Quais?
4. O que vai fazer para continuar a falar português?
5. O que é que você pensa sobre:
 - o ensino em Macau
 - o emprego
 - a saúde e a assistência médica
 - a ocupação dos tempos livres e lazer
 - os transportes (questão do metro)
 - a segurança
 - a preservação do ambiente em Macau
 - e outras questões ligadas à vida dos residentes de Macau?
6. Banda desenhada. Importa-se de contar a história?

Anexo V – Tarefa - Elicitação Forçada

Leia os seguintes diálogos e complete com um artigo definido ou um artigo indefinido

1.

Paulo: A Carla foi à festa do Samuel.

Aida: Ela divertiu-se muito?

Paulo: Acho que sim e vê lá que conheceu _____ (o / um) homem que trabalha na minha escola.

2. Numa galeria

Sara: Está a ver aquela belíssima paisagem?

Maria: Sim. É um espanto!

Sara: Eu gostava de conhecer _____ (o / um) autor deste quadro. Infelizmente, nem faço ideia de quem ele é. O quadro não está assinado.

3.

Cátia: A minha filha Joana adora aquela série “Morangos com Açúcar”.

Lara: Então, ela está com sorte! Amanhã, vou almoçar com _____ (o / um) realizador da série. É meu amigo. Queres um autógrafo dele?

4.

Cristiano: Preciso de encontrar o teu colega de quarto João imediatamente.

Clara: Ele não está. Foi para os Açores.

Cristiano: Ah, é? Para os Açores para onde?

Clara: Não tenho a certeza. Vai estar com _____ (o / um) amigo, mas não me disse qual deles. E não me deixou nenhum contacto.

5. Conversa entre dois polícias

Polícia 1: Há muito tempo que não o via. Deve estar muito ocupado.

Polícia 2: Pois, estou. Ouviu falar sobre a Senhora Sara Andreia, uma famosa advogada que foi assassinada há algumas semanas? Nós estamos a tentar encontrar _____ (o / um) assassino da senhora. Chama-se Roberto Silva e é um criminoso muito conhecido.

6.

Paula: Não acredito mais na publicidade.

António: Passou-se alguma coisa contigo?

Paula: Comprei _____ (o / um) computador que vi anunciado no jornal. Isto foi na semana passada. E agora o computador está avariado.

7.

Miguel: Tenho uma novidade! Lembras-te da minha amiga Jéssica, aquela que é jornalista?

Ângela: Claro! O que é que ela tem?

Miguel: Ela conseguiu um excelente emprego num jornal. Hoje, ela vai entrevistar _____ (o / um) governador de Minas Gerais! Não sei quem é ... mas para a Jéssica esta entrevista é realmente importante!

8.

Filha: Mãe, estás livre à tarde?

Mãe: Porquê?

Filha: Vou comprar _____ (o / um) vestido que queria há muito tempo. Só que não tenho tanto dinheiro.

Mãe: Que esperta! Queres que vá contigo para te pagar o vestido.

9.

Alice: O que é que tu estavas a fazer ontem à noite?

Sónia: Fui à FNAC. Comprei dois CD's: um filme e um jogo. Depois, à noite, fiquei em casa a ver _____ (o / um) filme.

10. Conversa entre um polícia e um repórter

Repórter: Há uns dias, o Senhor José Pereira, um famoso polígrafo, foi assassinado! Estão a investigar o assassínio dele?

Polícia: Sim. Nós estamos a tentar encontrar _____ (o / um) assassino do Senhor Pereira, mas ainda não sabemos quem é

11.

Jorge: Ouvi dizer que estás numa turma nova. Estás a gostar?

Emília: Pois, estou. A minha turma é mesmo fixe.

Jorge: Ótimo! E o que fazes fora da escola?

Emília: Hoje, por exemplo, combinei um jantar com _____ (a / uma) colega da minha turma. Chama-se Ângela e ela é muito minha amiga.

12.

Verónica: Onde estiveste esta tarde? Tentei falar contigo, mas tu nunca estavas.

Raquel: Fui a uma livraria.

Verónica: Compraste alguma coisa?

Raquel: Muita coisa: revistas, canetas, cadernos e um livro muito interessante. Estou mesmo a adorar _____ (o / um) livro.

13. Num restaurante.

Empregado: O senhor já quer pedir ou ainda está à espera de alguém?

Cliente: Não se importa de voltar daqui alguns minutos? É que quero almoçar com _____ (a / uma) colega de trabalho. Ela deve aparecer daqui a pouco.

14. Na companhia de seguros

Funcionário 1: O chefe vai demitir _____ (o / um) colega que vendeu menos que a meta no mês passado.

Funcionário 2: Sabes quem é?!

Funcionário 1: Não faço nenhuma ideia.

15. Depois de uma corrida feminina

Repórter: Desculpe! Posso entrar?

Segurança: Precisa de alguma coisa?

Repórter: Sou repórter. Precisava de falar com _____ (a / uma) vencedora da corrida. Como não a conheço, pode ajudar-me?

16.

Joana: Maria, por acaso tu conheces _____ (o / um) homem que administra a empresa Royal?

Maria: Porquê?

Joana: A minha irmã concorreu para um lugar da empresa Royal. Se conhecesses o gerente, tudo era mais fácil.

17.

Paula: Tens tempo para o almoço?

Sandra: Não, estou muito ocupada. Tenho um encontro com _____ (o / um) reitor da nossa universidade, Senhor Doutor Ricardo Pinto. É um encontro importantíssimo.

18. Numa livraria para crianças

Criança: Gostava de levar alguma coisa para ler, mas não sei o quê

Vendedor: Bem, o que gostas mais? Temos livros das mais variadas temáticas.

Criança: Gosto das coisas que se movem: carros, comboios ... Já sei! Queria levar _____ (o / um) livro sobre aviação. Adoro ler sobre pilotagem!

19.

Mário: Estou à procura do Henrique. Ele está em casa?

Ricardo: Está mas está a falar ao telefone. Tem um assunto importante para tratar. Está a falar com _____ (o / um) patrão da empresa dele. Não o conheço, mas a conversa parece ser importante para o Henrique.

20. No final de um torneio de xadrez

Laura: Podemos ir embora?

Beta: Não, ainda não. Antes, queria falar com _____ (a / uma) vencedora do torneio. Ela é minha amiga. Quero dar-lhe os parabéns.

21. Nos “Perdidos e Achados”

Funcionário: Posso ajudar? Está à procura de alguma coisa que tenha perdido?

Homem: Sim... Sei que tem muitas coisas aqui, mas, talvez, tenha aquilo que eu procuro. Estou a tentar encontrar _____ (o / um) cachecol verde que perdi.

22.

Maria: Ouvi dizer que o seu filho fez anos este fim-de-semana? A festa correu bem?

Jorge: Pois, correu! Ele recebeu imensas prendas: livros, brinquedos e a melhor prenda de todas foi _____ (o / um) cachorro!

23. Num talho

Empregado: Posso ajudar?

Cliente: Se faz favor. Estou mesmo irritado! Comprei carne neste talho, mas está completamente estragada! Quero falar com _____ (o / um) responsável do estabelecimento. Não faço ideia de quem ele é mas quero vê-lo imediatamente!

24. Uma conversa telefónica

Maria: Olá Alex. O Luís está?

Alex: Ele foi ao Porto este fim de semana.

Maria: Estou a ver. Precisava realmente de falar com ele. Como poderia encontrá-lo no Porto?

Alex: Não sei. Ele combinou um encontro com _____ (a / uma) mãe do melhor amigo dele. Não a conheço, e nem o número dela tenho.

25. Numa livraria

Cristina: Bem. Já comprei tudo o que queria. Podemos ir embora?

Miguel: Podes esperar um pouco? Queria falar com _____ (o / um) gerente da livraria. É meu amigo.

26. Num aeroporto, na sala de chegada de passageiros.

Homem: Peço desculpa, o senhor trabalha aqui?

Segurança: Sim.

Homem: Então, provavelmente poderás ajudar-me. Estou a tentar encontrar _____ (a / uma) menina ruiva. Acho que ela chegou no voo nº239.

27. Numa escola.

Aluno: Sou novo nesta escola. Hoje é o meu primeiro dia.

Professor: Bem-vindo! Hoje organizámos uma festa na escola. Quer vir?

Aluno: Claro. Gostaria de conhecer os meus colegas de turma. Espero encontrar _____ (o / um) novo amigo. Não gosto de estar sozinho.

28.

Henrique: Gostei imenso daquele livro que me deste no meu aniversário. É muito interessante.

Laura: Obrigada! Também gosto. Gostava de conhecer _____ (a / uma) autora desse livro. Eu vi uma entrevista com ela na TV e realmente gostei dela.

29.

Tiago: Como foi a sua viagem ao Brasil?

Susana: Fabulosa! Visitei muitos museus e fui a imensos restaurantes. Também visitei muitos amigos. E ainda fui ver _____ (a / uma) peça de teatro.

30. Uma conversa telefónica

Cristina: Bom dia. Centro de Explicação *Pequeno Doutor*. Fala Cristina.

Ricardo: Olá Cristina. É o Ricardo. Tens tempo para falar?

Cristina: Agora, não. Desculpa, mas estou realmente muito ocupada. Tenho um encontro com _____ (a / uma) aluna da minha turma de Inglês. Ela precisa de ajuda.

31.

Rosa: Vamos jantar com o teu irmão Samuel à noite.

Pedro: Não, ele está ocupado. Ele já tem um compromisso com _____ (o / um) gerente da empresa dele. Não faço ideia de quem se trata, mas tenho a certeza de que o Samuel não poderá cancelar o jantar marcado.

32.

Sérgio: Tenho um problema. Não consigo adquirir a nacionalidade portuguesa.

Júlia: Então?

Sérgio: Preciso de um conselho. Estou à procura de _____ (o / um) advogado muito experiente. É o que devo fazer no meu caso, não é?

33.

Carina: Onde está a Beta? Ela vem jantar?

Ana: Não. Ela vai comer com _____ (o / um) colega. Mas não sei quem é

34.

Professor 1: Sabes que vieram entrevistar _____ (o / um) aluno que ganhou o primeiro prémio no Concurso de Eloquência de Macau na semana passada. Mas quem será o aluno?

Professor 2: Não sei de nada.

35. Ourivesaria. Uma conversa telefónica.

Vendedor: Bom dia, fala da Ourivesaria Matias. Posso fazer alguma coisa por si, minha senhora?

Cliente: Pois ... Ouvi dizer que o senhor também aceita as jóias antigas que as pessoas têm.

Vendedor: Exactamente.

Cliente: Neste caso, queria propor-lhe _____ (o / um) colar de prata. É muito valioso. Está na nossa família há 100 anos.

36.

Gilda: Imagina! A minha prima Cláudia está em Lisboa.

Roberto: Boa! O que é que ela está a fazer aqui?

Gilda: Está a fazer entrevistas para a revista dela. Vai entrevistar _____ (o / um) político. Não sei quem é Mas, pronto, leio depois o artigo dela.

37.

Sara: Ontem, levei a minha neta Mónica a passear no parque.

Maria: E ela gostou?

Sara: Divertiu-se um bocado. Ela viu uma menina pequena e dois rapazes no parque. Embora ela seja um pouco tímida, acabou por falar com _____ (a / uma) menina.

38.

Ana: No sábado passado, não pude sair, estava a chover.

Lúcia: Então, o que fizeste?

Ana: Primeiro, fiz as limpezas, depois lanchei e, mais tarde, li _____ (o / um) livro.

39.

Sofia: Já recebeste _____ (a / uma) prenda de anos que os teus pais mandaram de Portugal?

Pedro: Ainda não. Mandaram-na só ontem.

40. Encontro na rua.

Rita: Olá Mauro! É tão bom encontrar-te de novo. Não sabia que estavas em Lisboa.

Mauro: Vou estar aqui durante esta semana. Vim visitar _____ (o / um) amigo de infância. Chama-se Manuel Silva e agora mora na Baixa.

41. Encontro no parque

André: Olá Teresa! O que estás a fazer em Lisboa? Trabalha aqui?

Teresa: Não, estou aqui por motivos pessoais. Vou visitar _____ (o / um) pai do meu noivo. É muito boa pessoa, e ainda por cima vai pagar o nosso casamento!

42.

Jornalista 1: Olá Há tanto tempo! Tens tempo para um cafezinho?

Jornalista 2: Que pena, não tenho. Estou muito ocupado com uma reportagem sobre o sistema de saúde. Hoje, vou entrevistar _____ (o / um) médico do Hospital Pediátrico. É um pediatra muito famoso e não tem muito tempo para entrevistas. Tenho que mesmo ir!

43.

Aluno 1: Chegaste atrasado. O que te aconteceu?

Aluno 2: À entrada da escola, encontrei _____ (o / um) senhor que queria falar com o director de turma do filho. E ajudei-o a descobrir onde era o gabinete.

44.

Repórter 1: Imagina! Finalmente tenho um assunto importante!

Repórter 2: Boa! Qual é?

Repórter 1: Esta semana, vou fazer uma entrevista com _____ (o / um) presidente da Câmara Municipal do Porto, o Senhor Paulo Silva. Estou tão ansioso!

45. Numa universidade

Professor: Estou à procura da professora Sílvia Sousa.

Secretária: Acho que ela está muito ocupada. Está na hora de atendimento dela.

Professor: O que é que ela está a fazer?

Secretária: Está a falar com _____ (o / um) estudante, mas não sei quem ele é

46.

Eduardo: O meu amigo Tiago foi ao escritório hoje, mas realmente não estava com muita vontade de trabalhar.

Paulo: Então, o que é que ele estava a fazer?

Eduardo: Bem, andava a passear pelo departamento todo, foi tomar café e consultar a caixa de correio e falar com _____ (o / um) colega.

47.

Célia: Como estão as coisas na quinta do teu avô Manel?

André: Está tudo bem, obrigado. No verão passado, o avô precisava de animais novos, então veio a uma feira de animais.

Célia: E encontrou alguma coisa?

André: Sim, encontrou. Ele queria comprar uma grande vaca e um pequeno cavalo, mas como não tinha dinheiro suficiente, comprou só _____ (o / um) cavalo.

48. Numa loja.

Empregada: Posso ajudar?

Cliente: Agradecia. Revirei a loja toda e não encontro o que quero. Estou à procura de _____ (o / um) gorro de malha. Está muito frio lá fora.



Curriculum Vitae

Name: Zhang Jing

Department/Faculty: Department of Portuguese/Faculty of Arts and Humanities of University of Macau

Category: Senior Instructor

Academic qualifications:

2008- PhD student in Linguistics (University of Macau)

2007 M.A. in Portuguese Language and Culture – Linguistic Studies (University of Macau)

1999 B.A. in Portuguese Language and Culture (University of Macau)

1991 Advanced Level Diploma in Portuguese Language and Culture Course for Foreigners (University of Coimbra)

Investigation field:

Linguistics

Second language acquisition and teaching

Linguistic aspects of translation (Portuguese/Chinese)

Selected book chapter:

2014 *Compara ção do Sistema de Determina ção/Indetermina ção entre a Língua Portuguesa e a Língua Chinesa*, coord. Mari José Grosso e Ana Paula Cleto Godinho, *O Português na China – Ensino e Investiga ção*, Lidel, Lisboa (ISBN:978-972-757-709-5)

Selected conference papers:

- 2014 *Language and Culture – Forms of Address in Family Environment in Chinese and Portuguese*, IV International Congress of the International Association of Portuguese Linguistics (AILP), 3rd – 5th December, University of Macau, China.
- 2011 (with Ana Paula Cleto Godinho) *Acquisition of the article by Chinese learners of Portuguese language L2 – Fluctuation Hypothesis*, 3rd World Symposium of Portuguese Language Studies (SIMELP), 30th Aug - 2nd Sep, University of Macau, China
- 2009 *Acquisition of the article system by Chinese learners of Portuguese language L2*, 2nd World Symposium of Portuguese Language Studies (SIMELP), 6th-10th October, University of Évora, Portugal.

Selected book translations:

- 2007 (with Gao Lili, Ao Sio Heng), *RAEM – 5 Anos*. Cantão: Editora Popular da Província de Guang Dong (ISBN: 978-7-218-05633-3) (與高力力, 區少卿合譯), 《澳門特別行政區五周年》, 廣州: 廣東人民出版社.

Current/previous projects:

- 2008- Acquisition of the Portuguese Articles by Chinese Learners (PhD study)
- 2009-10 Project for the Specific Evaluation of the Teaching of Portuguese as a Second Language in the Luso-Chinese Schools of Macau: Recurrent Education – Primary and Secondary Levels, organized by University of Macau and Education and Youth Affairs Bureau (Interpreter)
- 2008-09 Project for the Specific Evaluation of the Teaching of Portuguese as a Second Language in the Luso-Chinese Schools of Macau: Secondary Education, organized by University of Macau and Education and Youth Affairs Bureau (Co-consultant and Interpreter)
- 2006-07 Project for the Specific Evaluation of the Teaching of Portuguese as a Second Language in the Luso-Chinese Schools of Macau: Kindergarten and Primary Education, organized by University of

Macau and Education and Youth Affairs Bureau (Co-consultant and Interpreter)

Teaching experiences:

- Bachelor Program of Portuguese Studies (University of Macau)
- Portuguese Strengthening Course for Students of Honours College (University of Macau)
- Portuguese Language and Culture Course for Chinese Instructors of Confucius Institute of Republic Popular of China
- Portuguese Language Course for Students of Faculty of Law (University of Macau)
- General Education (Portuguese language) (University of Macau)
- Summer Course of Portuguese Language and Culture (University of Macau)
- Summer Course of Portuguese Language for Students of Faculty of Law (University of Macau)
- Portuguese Language Course (Instituto Português do Oriente)
- Portuguese Language Course (Macau Polytechnic Institute)

Other experiences:

- 2014 Jury Member for 8th Macao-Wide College English and Portuguese Writing Competition organized by School of Languages and Translation Student Union of Macao Polytechnic Institute
- 2010 Member of the Assessment Committee for Global Educational Evaluation of Luso-Chinese Technical-Professional Secondary School (Education and Youth Affairs Bureau)
- 2010 Translation of Summary of Report about the Specific Evaluation of the Teaching of Portuguese as a Second Language in the Luso-Chinese Schools of Macau: Recurrent Education - Primary and Secondary Levels (Education and Youth Affairs Bureau)
- 2009 Translation of Summary of Report about the Specific Evaluation of the Teaching of Portuguese as a Second Language in the Luso-Chinese Schools of Macau: Secondary Education (Education and Youth Affairs Bureau)
- 2006 Jury Member for Selecting the Candidates for the Interpretation Training Course, organized by Public Administration and Civil Service Bureau in cooperation with General Direction of Interpretation of European Commission

2003- Participation in university-related activities (e.g. Translation and interpretation services; Direct entry scheme interview panel; Entry exam interview panel; Faculty Open Day for new students; New student orientation programme; School briefing sessions; Mentorship programme)

Prize:

1999 Best student award - B.A. in Portuguese Language and Culture, University of Macau

